

experiência pelos médicos. Quando
podem demonstrar sabedoria e,
principalmente, obter uma tra-
jetória profissional baseada pela
experiência, influem o país e de-
monstram uma fase madura: a
muita consistência...

Não nos deixemos enganar, vamos
ver o decurso. Neste Haver
por exemplo, sentença que este é
um termo que tem aplicações ve-
níveis de ética, de religião e
de teologia, o que nos faz sus-
ter que talvez os doutores e tepe-
rando a tal palavra sem as de-
das licenças. Assim, vejo a seguir
definição por "sua escopo prin-
cipal" exerce um uso de co-
mportamento e atitudes ^{em} que se
apresentam diversos nomes, mas não
de contraposição entre ~~os~~ refo-

Flávio A. de Andrade Goulart

Vaga, lembrança

(memórias não ortodoxas...)

VOLUME II

Brasília, 2021

Projeto gráfico: Fernanda Goulart e Vitória Costa
Diagramação: Vitória Costa
Capa: Vitória Costa

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goulart, Flavio A. de Andrade

Vaga lembrança: (memórias não ortodoxas--) /

Flavio A. de Andrade Goulart. -- Brasília, DF:

Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-19705-1

1. Goulart, Flavio Alberto de Andrade 2. Histórias
de vida 3. Homens - Autobiografia 4. Memórias
autobiográficas I. Título.

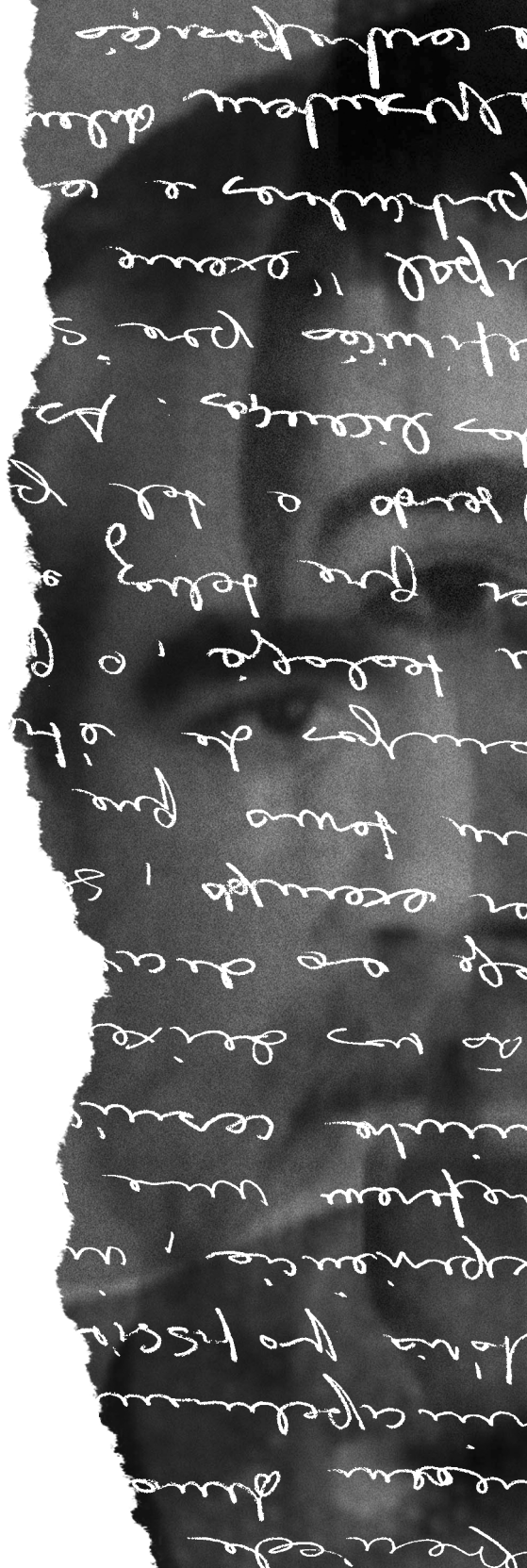
21-60456

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Memórias autobiográficas 920.71
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

*Para Sophia e Flavinho
e também para Francisco,
Martim e Gonçalo,
que me mostraram
que escrever sobre a vida
só faz sentido quando
a vida, ela mesma,
se torna repleta de sentido.*



VOLUME 2

5 PERSONAE

- O direito de ser diferente 14
- O jovem que conhecia ET's 19
- Isso não seria lepra? 22
- Ter saúde é ter projetos 25
- Bons alunos 27
- O morto que estava vivo 33
- Colegas 35
- Encontros com professores notáveis 39
- Um encontro muito especial 47
- Gente da saúde pública 48
- José Garcia Brandão 59
- Pequenos grandes homens 63
- Mais gente notável 68
- Meus tios 71
- Amigos pela vida 97
- Elas 134
- Filhos meus 152

6 TORRE DE VIGIA

- PANORAMA VISTO DA TORRE 171
- Gauche na vida 171
- Ideias bizarras 172

Vocês já sofreram bullying? 173
Da intolerância religiosa 175
Islamofóbico, eu? 176
O preço da vida 179
Testamento vital: me atendam por favor! 180
Deixem Drummond descansar 182
Cinquenta anos em cinco minutos 184
E a medicina, a que será que se destina? 188

E A GENTE ACHOU EU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...

A senhora Vana e seu amigo Miguel 191
A serpente e seu ovo 193
Tempos problemáticos e febris 196
Política e políticos: o triunfo de
Jerônimo Fogueteiro 200
Meu voto no PT 204
Perplexidades e incertezas 207
Ideologia: eu quero uma pra viver 213
Poesia? Numa hora dessas? 218
Mundo que não muda, só vai
ficando piorzinho... 230
Tempos partidos 234

O SUS E EU

Meu querido SUS 237
De como por que como cheguei ao sus 239
Abaixo (toda) a unanimidade 247

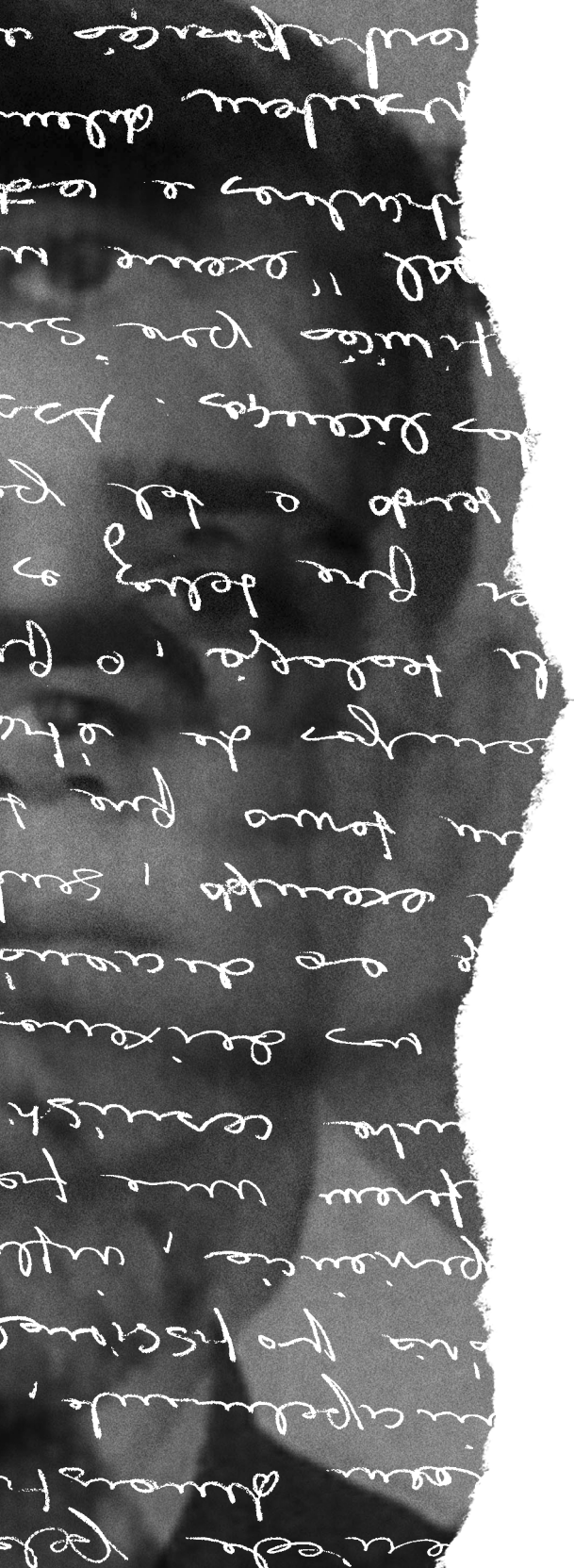
O SUS: entre o sonhado, o real e o possível 253
Um decálogo de apostasias sobre o SUS 257

VIAJANDO

Viajar é bom? 259
Entre a espada e a cruz 262
Do Planalto Central ao Sertão São Francisco 272
Outras (poucas e boas) jornadas 283
Pelo sertão 289
Viagens ao Brasil-real 291
De volta a Portugal 293
Voyage au Canada 300
Na velha Inglaterra 310
Conhecendo o mar 317
Apenas uma fotografia na parede 319
Me in USA 321
O dia em que conheci Brasília 325
Um garoto fora da província 328
Pequena história cubana 331

EPÍLOGO: É O FIM DA HISTÓRIA? 334

ÍNDICE REMISSIVO 339



Personae

5

Minha apelada, ex
tônia possivel

O direito de ser diferente
O jovem que conhecia ET's
Isso não seria lepra?
Ter saúde é ter projetos
Bons alunos
O morto que estava vivo
Colegas
Encontros com professores notáveis
Um encontro muito especial
Gente da saúde pública
José Garcia Brandão
Pequenos grandes homens
Mais gente notável
Meus tios
Amigos pela vida
Elas
Filhos meus

apresentar alguns nomes, as definições por "sua própria
de contraposição ante ~~esse~~ principal "exame minucioso de cada

De quem falo nas linhas que se seguem? Amigos talvez não seja a palavra mais adequada, banalizada que foi pelo seu uso vulgar nas chamadas "redes sociais". Amigo, com efeito, já dizia meu Rosa, é <<a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou — amigo — é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é...>> As pessoas que aqui trago podem ser até mais do que isso... Assim, por exemplo, há alguns a cuja casa nem cheguei a ser convidado; com outros, minha intimidade foi pequena; mas com quase todos tirei grande prazer de estar junto — embora nem sempre repetidamente — ou de tê-los apenas conhecido e com eles convivido. Tem até gente que talvez nunca se soube objeto de minha admiração. Este último sentimento talvez diga tudo: aqui comparecem pessoas a quem eu admiro ou admirei ao longo da vida. Mas mesmo os que já se foram continuo admirando, indivíduos encantados em que se transformaram. Trago aqui relações novas e antigas. Tios e outros parentes; ex-cunhados; colegas de escola; companheiros de profissão; parceiros de sonhos; ex-alunos, além de gente que a vida me trouxe por outras razões. Trago até mesmo pessoas genéricas ou um tanto abstratas, mas certamente palpáveis para mim, cujo perfil compus livremente, a partir de tipos inesquecíveis com quem eu tenha convivido. Nem sempre seria fácil reconhecê-las, por não terem

seus nomes citados explicitamente. Igualmente, deixo em aberto os nomes, embora por outros motivos (que todos compreenderão), de um rol distinto de personagens-mulheres especiais, que trouxeram para minha vida uma marca inapagável, que em uma simples palavra poderia chamar de amor. Anônimas só na aparência; não será difícil identificá-las. "Elas", de quem falo, foram as que realmente fizeram diferença em minha vida e que por isso mesmo se tornaram objeto de minha gratidão e de minha homenagem, sem deixar de mencionar que talvez lhes devesse um pedido formal de perdão pelos males que talvez tenha lhes causado, por sofreguidão ou imaturidade de minha parte. E para encerrar a seção, falo de meus Filhos — e nem poderia ser diferente.

O direito de ser diferente

Aquele garoto era a demonstração viva de que as coisas podem acontecer, na vida, exatamente ao contrário do que delas se esperaria. Nascera pobre, num fundão do vale do Mucuri ou Jequitinhonha, as regiões mais carentes de Minas. De uma pobreza irremediável, herança de muitas gerações; pais, avós e bisavós na enxada. Coisas como casa própria de telha e tijolos e consumo do tipo “cidadão”, nem pensar. Mas sempre fora bom aluno. Aprendeu a ler sozinho e ainda ajudou irmãos mais novos e mais velhos, além de primos e vizinhos, a trafegar nas primeiras letras. Ao lado disso, sua vida tinha a triste simplicidade daquela de um menino doente, franzino e raquítico. Qualquer gripe o derrubava. Não crescia e já desde pequeno a barriga d’água se lhe sobressaía, dando-lhe uma marcha característica, que lembrava a de um gordote, coisa que definitivamente não era, ou mesmo um pato, como lhe gracejavam impiedosos os colegas de escola. Vitima das insidiosas incursões de um verme perigoso e caprichoso, que para chegar ao corpo humano precisava passar, antes, por um caramujo.

Completadas as quatro séries oferecidas na escola rural, a professora, bondosa, quis levá-lo para prosseguir os estudos na cidade maior da região. Pai e mãe bem que queriam, mas com que recursos... A mestra fez o impossível e ele foi morar com familiares dela na cidade. Ali prosperou naquilo que sabia fazer de fato: estudar. Porque no futebol, nas brincadeiras de rua e em tudo mais que uma criança ou adolescente almeja, se fosse o caso de dispendir energia, ele estava fora. Não tinha fôlego para essas coisas. Mas na nova escola continuou sendo o verdadeiro campeão. Quando completou o curso médio, tinha apenas dezesseis anos e era admirável que tivesse conseguido saltar tantos obstáculos, tendo tão pouca saúde e sendo mesmo obrigado a se internar com frequência, para esvaziar a barriga do acúmulo de água. Os professores o consideravam candidato competitivo a um vestibular, mesmo que fosse um mais

rigoroso, em universidade pública da capital. E o garoto bem que queria, mas ao mesmo tempo tinha consciência de seus limites, talvez mais quanto aos econômicos do que aos físicos e intelectuais. Uma crise brava, um sangramento intestinal, quase o leva, fazendo com que se mobilizasse mundos e fundos para conseguir doadores de sangue para ele na cidade. Sangue de um tipo tão raro como só ele conseguia ser. Um médico da capital, renomado cirurgião e professor da Faculdade de Medicina, natural da terra, veio vê-lo no hospital, a pedido do médico que o acompanhava. Talvez tenha prestado atenção, em primeiro momento, mais nas suas varizes esofágicas do que no seu talento. E se propôs a conseguir para ele uma vaga no Hospital de Clínicas onde trabalhava. Dito e feito, o doente seguiu para Belo Horizonte em poucos dias. Um dos seus professores lhe aconselhou na despedida: aproveite e tente um vestibular, você tem chances! Naquele tempo, para um paciente pobre tudo era (ainda) mais difícil, mesmo em hospital universitário não era fácil se conseguir algo, e só depois de semanas ou meses de espera. E enquanto aguardava, o jovem fazia amizades, seja com os colegas dos leitos próximos na enfermaria ou com os estudantes de medicina e residentes que ali estagiavam. Sua curiosidade e conhecimentos logo chamaram a atenção de alguns destes, que passaram a lhe dar atenção especial, lhe fornecendo livros e acendendo, mais fortemente, a chama do vestibular. Faltava definir a carreira. Ele até que andava gostando da nova vida na cidade grande, naquele prédio enorme de muitos andares, onde se podia pegar o elevador, objeto que via pela primeira vez na sua vida. Às vezes ainda se assustava, pelas madrugadas, com o trânsito na avenida de frente. Ele decidiu: também queria ser médico. E foi em frente, passou no vestibular e começou a fazer faculdade ainda internado na enfermaria. Depois da cirurgia esofágica, com espera de seis meses, é que conseguiu mudar-se para uma república, graças aos préstimos e contatos que lhe vieram com a vida no hospital. Manteve-se fiel ao seu antigo hábito de, no final da tarde, prender os ouvidos aos programas de música sertaneja no radinho de pilha que agora possuía. Até onde sei de sua vida, voltou para sua cidade e ali clinicou, tendo se transforma-

do em doutor muito respeitado. Convivi com ele apenas de passagem nos corredores do Hospital da Clínicas da UFMG, eu estudante e ele em ano mais à frente. Mas foi o bastante para me marcar. João Virgilino, creio, era o seu nome; onde estará?



Ele era um daqueles sujeitos que parecia ter nascido para viver nas sombras. Muito pequeno, pouco alcançasse, talvez, aqueles meros sete palmos de altura que separam os anões das pessoas normais. Tímido. Como era tímido, meu Deus! A ele se aplicava, com perfeição, a frase de Guimarães Rosa, em um dos contos de Tutaméia: *tinha vergonha de frente e de perfil*. De frente nada que chamasse atenção em formosura, a começar do olhar, que fugia de encarar alguém e que só a custo revelava olhos claros, de água. Olhando bem, via-se que o corpo miúdo não era ajudado por qualquer equilíbrio de formas, como um andaime de criança encimado por ombros estreitos, mais do que seria de se prever. De perfil, mesmo aos dezoito anos, já se lhe apontava uma barriguinha um tanto desproporcional, apoiada em pernas finas e pés chatos, que lembravam Carlitos em sua marcha, os pés como ponteiros de um relógio que marcasse permanentemente dez para as duas. A voz talvez fosse o componente de maior impacto em sua figura, com um tom grave que faria dele, talvez, um bom membro de coro – barítono, sem dúvida. O problema era ele abrir a boca, tolhido por sem-graceza irremediável. Devia ser bom nos livros, pois se não fosse isso, não estaria cursando conosco o curso de medicina na UFMG. Mas como aluno também não se destacava em nada. Quando finalmente fomos examinar os primeiros pacientes, na disciplina de Semiologia, é que ele começou a ser notado, não por algum dote extraordinário, mas, ao contrário, pela penosa dificuldade em conduzir os interrogatórios e os exames físicos dos pacientes. Faltava-lhe, completa e radicalmente, *repertório*, como gostava de dizer minha avó, seja de gestos e principalmente de palavras. Se o objeto de seus cuidados fosse um mulher, então, a sensação que se tinha era a de que o pobre tímido preferisse sumir dali – ou nem ter nascido.

Um belo dia, malgrado seu, ele entra definitivamente no folclore estudantil. Estava examinando uma paciente, tendo sido solicitado pelo professor que auscultasse o coração da mesma. Ele deve ter pedido à moça a licença protocolar, mas talvez ela nem tenha ouvido o balbucio que saiu dele. Como ela não reagisse, talvez exatamente por não ter escutado o pedido, ele começou a introduzir o estetoscópio pelo que seria a nesga mais próxima do precórdio da camisola da moça: a altura dos joelhos. E assim foi subindo o instrumento, cautelosa e subrepticiamente, pelo corpo da moça acima. À altura do umbigo já não havia tubo suficiente, de tal forma com as aurículas do estetoscópio se despregaram de suas orelhas e as astes do aparelho lhe ficaram presas ao pescoço. E ele prosseguiu a investida em direção ao peito da paciente. Sua cabeça, agora, acompanhando o forçoso trajeto do instrumento, colocava-se em algum lugar próximo à virilha da moça. Nós, em volta, apreciando maliciosamente a cena. Até que o estetoscópio, sem quaisquer orelhas acopladas nele, chega a seu destino. E o professor, já agora com um pouco de maldade também: *e então, rapaz, consegue ouvir alguma coisa?* E o coitado, pálido, com a cabeça colada ao ventre da donzela, o tubo de latex esticado como se fosse um estilingue, mal consegue sussurrar: *sim, um sopro sistólico...* Celio, Celinho, uma espécie de homem invisível; talvez tenha sido por isso que nunca mais o vi.



Ela era outro tipo *diferente*, para dizer o mínimo. Magra, não muito alta, de seu corpo pouco poderia ser dito, escondido que o mesmo sempre estava dentro de roupas largas e um tanto fora de moda. Alguma beleza tinha, pois na faixa dos vinte anos, como a maioria ali, isso era quase regra geral. Devia ser muito friorenta, pois quase nunca dispensava um xale ou um suéter de lã, às vezes até mesmo um gorro. Era adepta de meias grossas, que lhe caíam pelas canelas finas, insistindo em se amontoar sobre os sapatos baixos e também no estilo vovó. E os cabelos lhe completavam o estilo, presos no alto da cabeça por grossas agulhas de tricô, mas não de forma muito composta, deixando-lhe cair sobre a testa uma ou outra me-

cha rebelde. E eram pretos os cabelos, não muito bem cuidados, guardando uma aparência fosca que, ao fim e ao cabo, também ajudavam a compor aquele *tipo inesquecível*. Óculos de míope, sempre escorregando nariz abaixo.

Foi minha aluna por um semestre na Universidade de Brasília e eu pouco lhe ouvi a voz, da mesma forma, me parece, que a maioria de seus colegas, pois ela era a descrição personificada. Nem seu nome guardei, mas sua bizarrice me encantava. Era boa aluna, com lugar fixo na primeira fileira, mais por miopia do que por ousadia, muito atenta às aulas e tudo anotando em um caderno grosso. Mesmo sem muitas palavras, contudo, eu percebia que ela se interessava pelo que era ensinado, ao contrário de muitos de seus colegas, e sua expressão atenta me confirmava que gostava dos temas que misturavam, naquela disciplina, sociologia, política e saúde, na contramão absoluta de tudo que se ensinava no curso de medicina. Não parecia ter muitos amigos, mas era respeitada pelos colegas como uma espécie de *persona* estranha, sem deixar de ser *grata*. Ela me conquistou de vez em um seminário regulamentar da disciplina, quando ela e mais alguns colegas foram designados para apresentar a Política Nacional de Saúde Mental, à época dominada pela estratégia de “quebra dos muros” dos nosocômios psiquiátricos. Os colegas apresentaram suas pesquisas primeiramente, de maneira burocrática e apenas repetindo o que haviam lido em documentos oficiais. Mas meu tipo inesquecível, não. Trouxe um longo cilindro de papelão e, meio desajeitadamente, o abriu e colou no quadro negro. Havia um desenho muito caprichado de um muro de pedras, aparentemente feito por ela mesmo e um texto em inglês, que ela pediu desculpas por trazê-lo assim, mas traduziria as partes mais importantes para nós. Tratava-se de um poema de Robert Frost, poeta americano do século XX, que assim começava: *Something there is that doesn't love a wall...* Assim, se detendo e comentando timidamente, mas com muita propriedade algumas partes que falavam de buracos que se podia vislumbrar em tal muro e de brechas que ninguém viu quem as fez. Um muro, enfim, através do qual o narrador vislumbra “um pomar de maçãs”, mesmo sem poder atravessar tal

barreira. E arrematou, interpretando o desfecho do poema: *pra quê um muro assim, se boas cercas é que fazem bons vizinhos?*

Recuperei tal poema na internet mais de vinte anos depois e nem posso repetir exatamente suas palavras. Mas o que sei é que aquela Senhorita Diferente foi aplaudida pelos colegas e por mim, que, aliás, já deixava escapar algumas lágrimas.



É isso aí: viva os diferentes. O que seria da vida sem eles?

Algumas décadas depois dessas histórias de que fui testemunha mais ou menos próxima, ainda me inspiro em tais casos, quase sempre de pessoas mal compreendidas ou de alguma assimilação não imediata, digamos assim. E foi assim que me inspirei a traduzir meu sentimento sob a forma de um haicai, gênero poético que aprecio muito, e que passou a representar um desiderato para minha existência: *Nem melhor, nem pior / que toda gente / mas apenas diferente.*

O jovem que conhecia ET's

Se eu algum dia, ao caminhar por algum lugar deserto, topasse com uma lâmpada mágica e dela surgisse um Gênio, a me oferecer a possibilidade de fazer apenas um pedido, que seria o de rever alguém do meu passado, eu não teria dúvidas em apontar Agenor. Se fossem aqueles três pedidos, conforme a versão clássica dessa história, eu poderia também me lembrar de outras pessoas daquela época. Mas o caso real é este e não admite exceções: um só pedido e nada mais...

Agenor de quê? Não me lembro ao certo. Fomos colegas de ginásio, no Colégio Estadual central, do qual trago muitas lembranças significativas. Mas este Agenor era especial. Um tanto taciturno à

primeira vista, cara de poucos amigos. De minha exata idade, mas figurando mais velho. De mim se aproximou e se tornou amigo e em pouco tempo, confidente.

Ele me falava de alguns amigos seus, que o impressionavam muito, e que um dia gostaria de me apresentar, mas que isso dependeria de tempo e de que ele ganhasse confiança em mim. Quando eu lhe cobrava tal contato apenas me dizia: *está cedo ainda*.

Como aquilo despertou minha curiosidade, como costuma acontecer com os adolescentes, sempre em busca de mistérios e emoções, ele aos poucos foi me revelando pequenos pormenores de tais amigos. Por exemplo, que eram muito inteligentes, que viviam em comunidade, que tinham uma rede pequena de contatos, à qual poucas pessoas tinham acesso, que andavam de Fusca e eram pessoas do bem. Generalidades desse tipo.

Um dia deixou escapar uma frase misteriosa, alguma coisa como *a vida deles aqui na Terra*. Aí, não deu para segurar: *aqui na terra? Como? Eles não são daqui?* Então, Agenor teve que abrir o jogo.

Primeiro me chamou para um recanto deserto do Colégio, um portão permanentemente fechado, situado num recôndito desnível, de frente para a rua Antonio de Albuquerque e ali me pediu reserva total a respeito do que iria me revelar. E arrematou: *isto lhe trará risco de vida se você o revelar para alguém, ouviu?* Isto posto, finalmente me revelou por inteiro o seu segredo.

Seus amigos vinham de fora, não de outra cidade, estado ou país, mas sim de Marte. Sim, do Planeta, também satélite do mesmo Sol que nós da Terra conhecíamos. Estavam aqui para ajudar a humanidade a enfrentar o sério perigo da guerra atômica (era época da famosa crise dos mísseis em Cuba). Entendiam e falavam a língua dos homens? Para eles não era problema, tinham uma forma de inteligência superior, que automaticamente os sintonizava com a fala e a escrita dos lugares onde estivessem. Como se locomoviam? Em carros iguais aos nossos, mas cuja mecânica era completamente

diferente por dentro, movidos que eram por algum tipo de combustível completamente desconhecido pelos terráqueos.

E haveria alguma coisa em que nós, da Terra, poderíamos ser melhores do que eles? Sim, apenas uma: *música*. Os marcianos apreciavam, particularmente, a obra de Beethoven. Mas na literatura eles nos achavam muito fracos.

Eu tinha tudo para não acreditar naquelas histórias, evidentemente malucas, mas fui dando corda ao meu amigo, talvez para ver onde ele poderia chegar com aquilo. Mas a verdade é que me divertia bastante com a criatividade dele e com a sua capacidade de não perder o fio da narrativa e nem cair em contradições, mesmo que passássemos uma semana inteira sem falar daquilo, já que ele só o fazia quando nos encontrávamos a sós, pois, coerentemente, ninguém mais poderia compartilhar aquilo.

E assim eu fui me fazendo de crédulo e acho mesmo tê-lo enganado a respeito disso, pois com o tempo as histórias iam se aprofundando e revelando inéditas facetas dos tais *marcianos*. Em dados momentos eu mesmo me via *acreditando* de verdade em tudo, pois chegava a debater com ele alguns temas digamos, mais *filosóficos*, relativos à presença de tal gente entre nós. Em outras palavras: eu fingindo que acreditava nele e ele fingindo que *eu* realmente acreditava no que ouvia.

Essa diversão séria, porém fantástica, em que o enganador e o enganado se confundiam, mas também se entretinham, durou alguns meses. No final do ano, com as férias, as conversas se interromperam e na volta à escola no ano seguinte, Agenor havia mudado de colégio. Desde então o procuro intensamente, apesar de o mundo não ter se acabado e nem terem aparecido os extraterrestres, como ele previa.

Um dia tive um lampejo de memória a respeito de seu possível nome completo: *Agenor Mascarenhas*! Corri ao Google e lá encontrei um patusco que ensinava, através de um vídeo didático, a transformar

velhas cuecas zorba em bustiês femininos, recortando o fundo dessas e invertendo seu modo de vestir, em parte oposta do corpo.

Não fui apresentado ao rosto de tal artesão, mas com a exibição de tanta criatividade, não sei não, talvez se tratasse da mesma pessoa...

Isso não seria lepra?

“Corridas de leito”, qual médico não as conhece? Há de todo tipo, desde aquelas do tipo Fórmula I, rápidas, exibidas e barulhentas, até algumas que lembram as procissões da semana santa, lentas, com ladainhas intermináveis e não poucas frases em alguma língua morta e incompreensível para o comum dos mortais.

Mas uma coisa é certa: as corridas são (ou foram um dia, não sei a quantas anda tal costume) instrumento essencial de aprendizado na medicina. Ali é o médico e o paciente; o texto e a realidade; o professor e o aprendiz – tudo frente a frente. É bem verdade que há os que exageram em exhibições pirotécnicas e palavrosas, que mal e mal disfarçam o fato de apenas fingir sabedoria, ou denunciar incorrigível vaidade. Já outros partícipes, sem dúvida mais sapientes, com poucas palavras dizem tudo. E há até mesmo aqueles que são capazes de confessar sua ignorância e convidar a todos os circunstantes a buscar os livros e aprofundar seu conhecimento. Creio que estes últimos devem ser realmente os melhores.

Já assisti de tudo em tais maratonas. Lembro-me, por exemplo, já nos meus tempos de preceptor em Uberlândia, de um aluno ou residente que apresentava à beira do leito um caso e que era insistentemente interrompido pelo paciente, que lhe dizia: *não é bem assim, doutor*. Até que o apresentador não se conteve e pediu que o insistente ficasse calado. Pode? Pois é...

De outra feita, um paciente, ao ver a chusma de doutores e estudantes em volta dele, pediu que alguém lhe arranjasse um copo d'água, pois tinha muita sede. Nenhuma reação no conjunto... Novo

pedido. Um dos alunos procurou, em volta – e debalde – a “enfermeira”, como se só ela pudesse resolver tão angustiante situação. Até que o condutor do séquito, no caso, eu mesmo, tomou a providência cabível. Foi assim que interrompi a cerimônia e me dirigi à copa vizinha, voltando de lá com o precioso líquido, que foi sorvido prazerosamente, entre muitos *muito obrigado*, por parte do infeliz sedento. Os membros da procissão certamente acharam aquilo bastante insólito e me olharam como se eu fosse um ET recém-chegado à Terra. Coisas do mundo médico...

Mas eu tenho uma história gloriosa para contar sobre as tais corridas de leito. E nesta eu fui apenas um observador. Quem de fato importa é o personagem principal.

Na ocasião eu era quintanista de medicina e já sapeava uma enfermaria do Hospital Carlos Chagas, a chamada clínica de “doenças tropicais” da nossa Faculdade de Medicina. Ali as corridas de leito eram levadas a sério e delas participavam a maioria dos docentes, inclusive luminares do porte de um Jayme Neves e de um Oscar Versiani Caldeira. O hospital era também campo de estágio da residência de Clínica Médica do vizinho Hospital de Clínicas da UFMG.

Um dos residentes notáveis naquela época era Antonio Cândido de Mello Carvalho, filho de Dr. Sylvio Carvalho, eminente cardiologista e também docente da faculdade e irmão de Tavito, que tinha sido meu colega no Colégio Estadual e até hoje é lembrado como músico, por ter participado da banda que acompanhou Milton Nascimento nos primeiros tempos, o *Som Imaginário*. Quem ainda se lembra daquele “sem querer tu me lembras, uma rua e seus ramalhetes”? Pois então, a letra e a voz são de Tavito...

Antônio Cândido, que todos conheciam pelo apelido familiar de Cancando, era definitivamente um cara brilhante. Simpático, bem relacionado, ótimo aluno, culto como quê, inclusive em termos médicos.

Pois bem, havia na enfermaria do Carlos Chagas uma paciente que estava desafiando os tais luminares. Uma mulher jovem que tinha

um quadro de febre alta e intermitente, inchaço no rosto, manchas na pele e grande mal-estar, que lhe apareciam em surtos. Já tinha sido pesquisado de tudo. As hemoculturas se sucediam, todas negativas. Os demais exames de sangue não levavam a nenhuma conclusão. Radiografias diversas mostravam um organismo sem manchas ou infiltrações. Enquanto isso ela se definhava sobre o leito, ardendo em febre devastadora, entra semana, sai semana, sem diagnóstico preciso e tratamento adequado.

Naquele tempo, havia uma linha de pesquisa forte no Carlos Chagas que se debruçava sobre uma tal salmonelose septicêmica prolongada, com direito até a sigla própria, SSP, quadro supostamente associado à esquistossomose mansônica, que provocava alguns sintomas semelhantes àqueles da pobre mulher. Mas para ser a tal SSP tinha que ter hemocultura positiva – e não era o caso. Por falar nisso, não sei que fim levou esta doença. Como estou fora da clínica há muitos anos, o fato de eu nunca mais ter ouvido falar nela pode não significar que a mesma tenha desaparecido, mas sinceramente acho que esta seria uma possibilidade, pois como todo mundo sabe, na medicina as coisas costumam aparecer e desaparecer a partir do nada – ou, na pior das hipóteses, serem desacreditadas.

Então se passaram algumas semanas com este diagnóstico pré-fixo na cabeça de todos, mas totalmente não corroborado pelas evidências. Os luminares já arrancavam os cabelos.

Aí entra nosso personagem principal – e eu assisti de perto o que aconteceu. Cancando estava recém-chegado ao Carlos Chagas, como residente, e me parece que ainda estava se familiarizando com os pacientes. Talvez ainda nem conhecesse profundamente o misterioso caso daquela mulher febril, manchada e depauperada, tão sofredora. E naquele dia, estavam todos os sábios ali, sérios, circunspectos. Os verborrágicos e os exibidos bem discretos neste dia – e nem era para menos. Dizer o quê?

Cancando saca do nada a sua cartada: *mas isso não é lepra, gente?!*

E era... Um surto leprótico, dito virchowiano, daquela lepra, depois hanseníase, tão manjada no Brasil. Mais “tropical” e mais típica, impossível... Coisa vulgar na clínica, verdadeira figura de livro. Só não via quem não quisesse ou estivesse a procura de chifres em cabeça de cavalo... Cultura médica e bom senso: combinação essencial!

Nota final: Cancando foi depois professor de Clínica Médica na Faculdade e mais tarde Pró (ou Vice) Reitor da UFMG. Morreu bestamente dentro de um avião, antes de fazer 40 anos, com uma coronária entupida. Mas deixou lembranças boas em muita gente. É uma das minhas influências médicas e pessoais mais fortes.

Ter saúde é ter projetos

A frase que serve de título a este texto foi proferida por René Dubos, um médico e cientista francês que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina na década de 60. Confesso que conheço poucas máximas mais acertadas do que essa. A este respeito, tenho uma bela história para contar sobre o assunto, referente a um grande amigo de Uberlândia, falecido há muitos anos: José Virgílio Mineiro. Antes de narrá-la, porém, creio que seria melhor apresentar o personagem, já que as novas gerações de Uberlândia, além de meus queridos leitores, pouco ou nada sabem dele.

Virgílio Mineiro era médico, formado na minha antiga faculdade de BH, natural de Ouro Preto e trabalhou em Uberlândia desde sua formatura na década de 30. Ali exerceu a especialidade de radiologista, destacando-se na investigação das doenças do esôfago, principalmente do chamado mal do engasgo (ou megaesôfago), um componente da doença de Chagas que matou ou inutilizou muitas pessoas nas regiões endêmicas. Depois de mais de duas décadas na radiologia, Virgílio foi trabalhar no controle da hanseníase (lepra), uma vez que os aparelhos de RX da época traziam grande perigo

aos que os manuseavam e já o estavam molestando com queimaduras por radiação.

Virgílio foi também militante político do antigo PCB e como tal foi eleito para uma cadeira na Câmara de Vereadores de Uberlândia nos anos 40, tendo sido um precursor da legislação sanitária municipal. Recebeu homenagem de Suas Excelências, mas só muito tempo depois de morto, sendo dado seu nome a um viaduto e a uma unidade de saúde, no bairro da Lagoinha, onde residia, à época, grande parte de seus pacientes hansenianos.

Vamos então à nossa história. Nos anos 70, Virgílio foi visitar um filho, também médico, que morava nos Estados Unidos e aproveitou para fazer um *check-up*. Na ocasião foi-lhe diagnosticado um câncer no intestino. Utilizando-se do proverbial pragmatismo norte-americano, o filho recomendou-lhe cirurgia radical, executada sem maiores delongas.

De volta a Uberlândia, portador de uma colostomia temporária e sem maiores garantias de cura do tumor maligno, resolveu tomar iniciativas em relação à vida, já suficientemente movimentada. Reformou sua casa, construiu um enorme viveiro para colibris, adquiriu equipamento fotográfico de última geração e começou a fotografar aves, paisagens, árvores e pessoas, ganhando inclusive sucessivos concursos de fotos artísticas.

O homem estava com câncer e tinha muitas incertezas sobre sua saúde. Mas uma coisa lhe era certa: seus projetos mais estimados precisavam ser iniciados ou continuados. Poderia ser chamado de “doente” alguém assim?

A história oferece muitos outros exemplos. De passagem, posso me lembrar de Betinho, Teotônio Vilela, João Paulo II, Darci Ribeiro, Mario Covas, José de Alencar, Cazuza e tantos outros. Gente de quem a doença não retirou a vontade de fazer as coisas acontecerem.

Isso me traz pelo menos uma reflexão, que compartilho com meus leitores. Os médicos precisam valorizar os *projetos* dos seus pacientes! Que tal se passassem a incluir em seus interrogatórios uma

simples pergunta: *que projetos você tem para sua vida?* A partir daí se poderia, quem sabe, levantar e programar como parte do tratamento dessas pessoas – com a ajuda de outros profissionais – o desenvolvimento de tais projetos pessoais, fossem artísticos, afetivos, intelectuais, militantes ou outros.

Um enorme benefício seria oferecido para tais pacientes, com certeza. O pressuposto é claro: quem tem projetos em vista possui, pelo menos potencialmente, muito mais saúde do que quem não os tem e disporá, por isso mesmo, de mais razões para continuar vivo e se cuidando, ajudando assim os médicos e suas balas milagrosas se tornarem de fato mais efetivos.

São coisas das quais deveria dar conta uma nova formação médica, que, infelizmente, ainda engatinha ou esbarra em preconceitos de uma cultura de imobilidade em nosso país.

Bons alunos

Tive muitos alunos na vida. Numa conta rápida, considerando os quase trinta anos que me dediquei às salas de aula, talvez tenham chegado a mais de três mil. É claro que não me lembro de todos, só de alguns: os muito bons e os muito ruins. Da vasta parcela intermediária não tenho quase nada a dizer. Mas não posso deixar de falar de alguns daqueles que se destacaram para o bem.

O que eu chamo de um “bom aluno”, que fique claro, não é apenas aquele que consegue notas altas ou se mostra esforçado. Isso também conta, mas esta categoria tem que incluir o quesito “empatia”, seja comigo ou com o entorno acadêmico. E incluo aí os curiosos e inquietos a respeito do que aprendem, também. Tenho uma pequena galeria para mostrar – e o faço com todo orgulho.

Antes de começar. Alguém assistiu o filme *Invasões Bárbaras*, do diretor canadense Denys Arcand? Há nele uma cena marcante, protagonizada por professor e alunos, que muito me emocionou e me

fez pensar; aliás, digo mais, ela me fez apressar os procedimentos para minha aposentadoria. Em tal cena, o personagem Remy, um professor universitário da área de Humanas, em seu leito de morte, relembra cena de uma aula. Ele procurando mostrar entusiasmo com o que ensinava, enquanto eles, os alunos, encaravam-no com um olhar gélido, que lhe atravessava o corpo e ia se perder pelas janelas. Nesta hora, para mim, não só os ditos “maus” alunos, como a vasta multidão dos “intermediários” compareceram. Mas a cena, é verdade, também me fez lembrar daqueles realmente bons, poucos, mas inesquecíveis. Falarei de alguns emblemáticos do que é ser *um bom aluno*, gente que acumulou predicados de seriedade, competência, solidariedade, simpatia pessoal e, principalmente, empatia com este velho professor.

Para começar, Lindioneza Adriano Ribeiro. Foi minha aluna no curso de Medicina de Uberlândia, na virada dos anos setenta para os oitenta. Vinha do norte de Goiás, depois Tocantins; Porto Nacional, se não me engano, era a sua cidade. Moça pobre, tinha tudo para não chegar a uma universidade pública, como chegou, de maneira brilhante. Trabalhou, na juventude, como doméstica e babá, enquanto estudava em escolas públicas. Estudiosa e esforçada como poucos. Conquistou-me, especialmente, pelo interesse que tinha naquilo que era a minha nova opção profissional, a saúde pública. Foi monitora da disciplina que eu ministrava, junto com Melicégenes Ambrósio e outros, a chamada Medicina Preventiva, embora seu real interesse estivesse em área próxima, a clínica dita “tropical”. Como se vê, carregava consigo este avatar, certamente relacionado com suas origens rurais. Na época em que um grupo de quase extraterrestres preparávamos o projeto comunitário do Jardim Brasília, em Uberlândia, ela era apenas terceiranista, mas participou daquilo tudo com afinco e dedicação, mesmo daquelas reuniões comunitárias intermináveis, como “gente grande”, que na verdade já era. Fez sua pós-graduação no Instituto Butantã, em São Paulo, se doutorando no tema dos acidentes ofídicos. Quando obtive minha transferência da UFU para a UnB, Lindioneza prestou concurso e assumiu a vaga deixada por mim, o que me honrou muito. Namorou,

durante todo o tempo do curso, e acabou se casando, com seu colega de turma, igualmente brilhante, Miguel Tannus Jorge, outro de meus orgulhos, embora eu não fosse tão próximo a ele quanto era da esposa. Na maturidade, Lindioneza revelou outra faceta de seu enorme talento: resolveu se dedicar à natação e não foram poucas as medalhas que recebeu na categoria sênior. Talvez tenha atravessado a braçadas, muitas vezes, o seu rio Tocantins atávico. Em sua vida acadêmica envolveu-se com atividades tão diversas como, ética em pesquisa, documentação e informática médica, informações hospitalares, atenção a pessoas vítimas de violência. Em 2009 a *indesejada das gentes* a levou, com poucos cinquenta anos de idade. Como dizia Brecht existem pessoas boas, ótimas e *imprescindíveis*. Lindioneza fazia parte deste último grupo, com certeza. Saudades.



Antonio Carlos Miziara. Estudou medicina também em Uberlândia, sendo de turma anterior a de Lindioneza. Uberabense, filho de família importante e bem aquinhoadada, primava pela discrição e elegância nos gestos e na aparência. Ele era capaz de estar em algum lugar, acompanhando seu mestre – e eu fui um deles – em um consultório, por exemplo, sem que sua presença fosse notada, a não ser quando solicitado a falar ou intervir, o que ele fazia com delicadeza e competência.

Um dia me apareceu de repente no ambulatório que eu atendia como parte de minhas atividades na Faculdade de Medicina da UFU. Eu já o conhecia da sala de aula, mas não me lembro de tê-lo convidado a atender comigo; ele simplesmente chegou ali e ficou, como se já fizesse parte daquilo tudo. Não almejava vínculos formais, do tipo estágio ou monitoria. Ele apenas me acompanhava no atendimento, demonstrando algo que assisti bem poucas vezes em minha vida universitária: o interesse em aprender, a curiosidade e o desafio provocados pelo novo. E, principalmente, a atitude respeitosa, sem ser subserviente, de saber aproveitar a oportunidade

que um docente e médico mais experiente lhe facultava. E chegava sempre antes de mim.

Acho que devo muito a ele, que me estimulou na atividade clínica, mas que também fez muito bem para a minha autoestima. Fez toda sua formação em Uberlândia, residência em Clínica Médica inclusive, período em que aprofundamos nossos laços, embora eu já estivesse com um pé do outro lado do muro. Aprofundou-se na Oncologia, uma especialidade sob medida para alguém tão responsável e compassivo como ele. O concurso – e a aprovação – para docente no Departamento de Clínica Médica foi um caminho natural que o mesmo seguiu.

Um dia, simplesmente, mudou radicalmente sua rota, indo trabalhar em outra cidade remota. Desgostos afetivos, ao que parece. Seus olhos azuis, bondosos e calmos, ainda lampejam em algum lugar. Mas eu nunca mais o vi.



Luiz Siqueira Filho, o *Luizinho*, um sujeito muito querido por todos ao seu redor, foi contemporâneo de Antonio Carlos. Uberlandense, miúdo, cabelinho cortado rente, olhos vivos e orelhas em abano, sempre preparadas, ao que parecia, para captar o mundo a sua volta. Filho de família modesta, via-se, por seus trajes, fala e hábitos. A vida universitária devia representar um sacrifício material razoável para ele e para os seus. Apareceu também, do nada, para me acompanhar no atendimento, independentemente de qualquer vínculo que não fosse o de colaborar e aprender. Não era um intelectual da medicina, mas o que realmente importasse ao diagnóstico e tratamento de doenças era com ele mesmo. Sabia de tudo! E tinha uma maneira especial de interagir com os pacientes, que viam nele mais do que um doutor, um igual, sem deixar de respeitá-lo e escolhê-lo, entre tantos. Assim como seu colega Miziara também fez concurso e se transformou em professor, na área de Semiologia, creio. Tão poucas palavras talvez não façam justiça a este pequeno grande homem. Mas ele vive na minha memória afetiva e certamente na de

muitos mais que com ele interagiram e usufruíram de seus conhecimentos, seja como pacientes ou como alunos.



Michele Lessa de Oliveira. Aluna do curso de Nutrição na Universidade de Brasília. Trabalhou comigo como monitora formal, concursada. Não será por acaso que a maioria dos meus monitores vinha de outra área, que não a Medicina, na qual a simpatia pelo que eu ensinava era um tanto escassa, para dizer pouco. Curiosa, atenta, dedicada, solidária – para resumir suas variadas qualidades em poucas palavras. E muito inteligente também. Tinha uma capacidade incrível de adivinhar meus pensamentos e muitas vezes quando lhe pedia alguma coisa, tinha a surpresa de já vê-la pronta. Tinha desde então um companheiro ideal, Jorge Oliveira, igualmente solidário e amigo, que ela não titubeava em envolver em suas atividades de monitora, com o que ele aquiescia prontamente, gente boa como quê. Em 1997 me ajudou a realizar a primeira pesquisa sobre a situação de saúde no Entorno do DF, com financiamento da OPAS. Algumas dessas viagens fizemos juntos, para ajustar o instrumento de investigação, mas a maioria foi ela mesmo quem fez, de ônibus ou com a ajuda inestimável do “seu” Jorge, seu motorista ocasional. Ajudou-me, também, em horas vagas a compor um livreto sobre as memórias registradas em papéis avulsos, entregues dentro de uma casa de camisa, a que chamei “Chamando o Juca”, pelo personagem das mesmas, um primo idoso de meu pai que vivia em Brasília. Mas não é só: Michele fez e ainda faz uma carreira brilhante como profissional de nutrição, exercendo cargos na OPAS, na Presidência da República, bem como nos Ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Social. Ela hoje (2017) é a coordenadora nacional dos programas nutricionais no MS. Michele é a prova viva das palavras de meu ídolo, Guimarães Rosa: *mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende*. E como eu aprendi com esta moça; salve ela!



Nina Fonseca é enfermeira. Sua história comigo é bem parecida com a de Michele. Filha de médico, tinha tudo para ser dondoca. Mas escolheu outro caminho. Um filho precoce, no meio do caminho de estudante, não lhe cortou a fibra. Foi mãe e aluna com igual competência. Ajudou-me muito no dia a dia das aulas, não só com as alunas de enfermagem como de outros cursos. Depois de formada passou algum tempo nas bordas de sistema de saúde do DF, como convém a um bom profissional de saúde. Só depois achegou-se ao centro da máquina. Hoje é professora no Curso de Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde, no DF. Tem um carinho especial pela minha pessoa, que é recíproca. O que mais me honra são seus convites para participar de atividades didáticas na faculdade onde leciona.



Simone Ardenghi Coelho, dentista. Foi minha aluna no curso de pós-graduação em Odontologia social coordenado pelo meu amigo Carlo Zanetti. Junta todas as qualidades dos citados acima e mais uma: a maturidade profissional que trazia desde o primeiro momento que nos conhecemos. Foi mais voluntária do que propriamente monitora, mas me ajudou, o mais das vezes desinteressadamente, em várias atividades de consultoria profissional com que estive envolvido. Sempre atenta e altamente especializada em captar rapidamente o que eu estava pensando. Era dentista do quadro de uma repartição pública federal em Brasília e, como fruto de sua formação em odontologia social, levou a cabo uma investigação sobre o *modus operandi* dos serviços odontológicos terceirizados que ali eram prestados. Revelou-se um caso clássico de roubalheira e mistura do interesse público com o privado. Sofreu ameaças diversas e acabou se mudando de Brasília, pedindo remanejamento para a cidade para onde o marido também estava sendo transferido. Perdi o contato com ela, até que, indiretamente, em procura na internet, descobri que Paulo, seu companheiro de vida, era agora credor de um auxílio funeral ou pensão, pois Simone havia falecido. Nunca soube o que aconteceu de verdade, embora tenha tentando des-

cobrir. Certa vez, em visita à casa de uma pessoa da família, no interior do Rio Grande do Sul, prestes a ser demolida, ela resgatou do porão da moradia um velho tratado de medicina familiar, ilustrado e muito bem conservado, que me deu de presente e o qual guardo comigo com todo cuidado. Assim era ela. Viva Simone!

O morto que estava vivo

Naquele tempo, anos setenta, eu me esfalfava para fazer coisas marcantes, naquele ímpeto de inovação, às vezes precipitação, de que já falei antes. Uma das manias era trazer a Uberlândia gente que pensasse e falasse algo realmente diferente ou, pelo menos, fora do padrão habitual da cidade e da faculdade. Foi assim que veio ter conosco, por exemplo, Carlos Gentile de Mello, do qual já falei antes. O personagem de agora é João Carlos Pinto Dias.

João Carlos, quem o conhece sabe, é um personagem e tanto. Eu o conheci alguns anos antes em BH, através de um acontecimento curioso. Eu saía de BH – pedindo demissão da UFMG – para ir trabalhar como médico no canteiro da obra da usina de São Simão. Ele veio fazer o concurso para minha vaga depois ter passado alguns anos exatamente em um emprego similar, na obra de Ilha Solteira, entre São Paulo e Mato Grosso.

João Carlos era um tropicalista de estirpe. Filho de Emanuel Dias, um dos precursores da pesquisa em Doença de Chagas em Minas, Neto de Ezequiel Dias, outro cientista famoso na área de doenças tropicais, que havia sido amigo e colaborador do próprio Carlos Chagas e de Oswaldo Cruz. O pai tinha trabalhado muito anos na região do Triângulo, muito endêmica para o *T. cruzi* e as diversas espécies de barbeiro, e deixara muito amigos na região. Aliás, falecera em um acidente de carro na rodovia entre Uberlândia e Araguari.

João Carlos havia se formado em Ribeirão Preto. Aliás, nem nasceram em Minas, mas sim no Rio de Janeiro, de onde era originária a

família do pai e do avô. Mas quem o visse ou conversasse com ele teria certeza de estar falando com um mineiro completo, de raízes seculares. Isso se explicaria facilmente, em primeiro lugar, pelo fato concreto de ele ter sido criado, em parte de sua vida, em Minas, inclusive na cidade de Bambuí, onde o pai fora montar uma sucursal do Instituto Oswaldo Cruz, mas também dada a versatilidade e capacidade de adaptação e empatia que eram naturais e espontâneas nele.

A escolha deste amigo para vir a Uberlândia tinha justificativas. Além de suas ligações afetivas com a cidade e com a região, João era portador de um discurso que caía como uma luva nos meus propósitos e dos colegas que o convidamos, pois sabia enunciar, de forma muito articulada e coerente, um discurso onde se juntavam – como se nunca tivessem sido separadas – ciência e política. Nessa ocasião, estávamos em plena ditadura, com Geisel no comando e o famigerado Decreto 477 em vigor. Um passo em falso e uma guilhotina poderia se despencar sobre o pescoço do incauto. Mas o nosso destemido professor e pesquisador não estava nem aí, dava seu recado e pronto! E não nos decepcionou.

O fato curioso que me dispus a narrar aqui foi o seguinte. Após ser apresentado por mim ao público, formado por estudantes e professores da UFU, João Carlos se estendeu nos agradecimentos e reverências aos antigos companheiros de seu pai ali presentes, particularmente Miron de Menezes, cardiologista ainda ativo na cidade e professor da Faculdade. Lembrou-se de outros nomes ausentes, alguns já falecidos, para homenageá-los também. E em tal leva de mortos incluiu José Virgílio Mineiro, que também tinha convivido com o pai e se tornado um grande amigo e colaborador dele.

O problema é que Virgílio não havia falecido... E mais do que isso: estava presente ali no auditório! E quem desfez o equívoco foi o próprio homenageado *in memoriam*. Gaiato e comunicativo que era, Virgílio levantou de sua poltrona e anunciou, em alto e bom som: *eu não morri, eu estou aqui!*

Risos gerais.

João Carlos se saiu muito bem: desceu imediatamente do palco, caminhou até Virgílio, na parte de trás do auditório, e o trouxe pelo braço até a mesa, convidando-o a ficar a seu lado durante a palestra, incluindo o convite a Miron também. Pediu muitas desculpas e tudo acabou em risos e confraternização, como convém a pessoas tão especiais.

Colegas

Entre meus colegas docentes universitários não foram poucas as pessoas boas ou mesmo exemplares que conheci. Ao lado de alguns outros nem tanto, mas estes, deixa pra lá...

Falarei aqui de dois exemplares apenas. Indivíduos que não precisam fazer força para serem bons. Eles o são, a partir de sua própria natureza; e ponto. Assim, como ponta de um iceberg de gente boa, eu me lembro dos nomes de Melicégenes Ambrósio e Pedro Tauil.

Melicégenes foi meu amigo e parceiro de projetos na Universidade Federal de Uberlândia. Sua formação, na USP de Ribeirão Preto, era em pediatria, mas chegando a Uberlândia, onde tinha raízes familiares, teve de se adaptar às necessidades da nova faculdade de medicina ali criada e foi dar aulas do que então se chamava de Medicina Preventiva. Eu o conheci logo na minha chegada, em 1975, e com pouco tempo de convívio ficamos amigos. Nossa proximidade se dava, sobretudo, em relação aos temas de que ministrávamos disciplinas, ele na Medicina Preventiva e eu nas Doenças Infecciosas e Parasitárias. Não chegamos a ser íntimos, pois ele era um sujeito mais introspectivo, mas acredito que sempre tivemos um pelo outro grande simpatia e confiança. Um belo dia, resolvi convidá-lo para fundir nossas disciplinas, formando uma nova matéria, em que se juntariam a prevenção e a cura. Ele, um tanto cauteloso, resistiu a princípio, mas acabou por aceitar a ideia e trazer muitos aportes. Criamos, assim, algo inédito, chamado PCDT (Profilaxia

e Clínica das Doenças Transmissíveis), nome que hoje me parece um tanto canhestro, mas que na época representou inovação, sem dúvida, dado o cenário de *cada qual no seu cercado* que imperava na faculdade (e nos demais cursos de medicina do país, diga-se de passagem). Acho que já falei disso aqui. Desculpem se repito, mas o personagem merece.

Pela primeira vez, também, pesquisamos juntos, com a ajuda de um monitor, Ricardo Borges, o cenário da mortalidade na cidade, publicando, em 1979 ou 80 um opúsculo que também se tornou referencial, além de ser completamente inédito, sobre tal tema. Já desde então demonstramos que o problema das doenças cardiovasculares, liderado até então pela alta incidência de doença de Chagas, estava cedendo vez, rapidamente, para as mortes violentas, principalmente no trânsito.

Melicégenes – “gerado no mel” – é uma doçura de pessoa. Sua passagem por Ribeirão Preto, ao contrário de outros egressos de lá que conhecíamos, não alterou em nada seu jeito simples, humano e gentilíssimo de tratar as pessoas, fossem colegas, alunos ou pacientes. Tive oportunidade de entregar aos cuidados dele um dos meus filhos, Flavinho, e era confortador assistir sua dedicação e sua parcimônia terapêutica, além de seu talento educativo em relação às famílias das crianças que atendia.

Uma rara unanimidade se criou em torno dele – da variedade do bem! Devo a ele uma fineza especial: quando me separei de Eliane, ele me procurou para saber o que se passava e me deu muitos conselhos (que não atendi...), mas demonstrou assim a intensidade do carinho que dedicava a mim. Para fazer justiça, apenas, outro colega também fez isso – e só ele mais – Samoel de Castro.

Melicégenes era sempre homenageado pelas turmas de medicina. De certa feita lhe deram a comenda de “Cruz de Mérito”, que certamente traduzia uma contradição, entre uma matéria que não era apreciada, em definitivo, pelos alunos, e o mestre encantador que a ministrava.



De Pedro Luiz Tauil já falei algumas palavras, quando me referi ao impacto que causou em mim a saga dos jovens médicos paulistas que, nos anos 60, se embrenharam nos sertões do Norte Goiano, em Porto Nacional. Pedro, assim como Melicégenes, são os exemplos mais concretos de pessoas em torno das quais existe total unanimidade, só que altamente positiva. De Porto Nacional, Pedro, abalado por um drama pessoal, veio para Brasília trabalhar na Sucam, autarquia federal de combate a doenças endêmicas. Ali ele se notabilizou como técnico de conhecimento profundo, principalmente nas doenças vectoriais, sempre respeitado e infenso às politicagens que cercavam o órgão.

Recentemente estive na Universidade de Brasília para fazer parte de um evento muito especial, quando este meu amigo recebeu o título de professor emérito da UnB, honraria concedida a poucos. Na ocasião, muitos elogios foram feitos a Pedro, principalmente pelo colega formalmente encarregado disso, Mauricio Pereira, também epidemiologista e amigo de Pedro há muitos anos. Aos encômios de Maurício não tive nada a acrescentar; só poderia fazer coro – e com muito prazer, além do sentimento de compartilhá-los inteiramente, “em gênero, número e grau”.

Entretanto, creio que ficou faltando dizer, na ocasião, alguma coisa mais. Os que o homenagearam – e ele próprio – foram econômicos em relação àquele fato da vida de meu amigo que eu sempre achei muito marcante e já comentei aqui nestas memórias. Volto à história: em 1967 ou 1968 eu cursava os primeiros anos de Medicina na UFMG e como todo estudante tinha grandes dúvidas sobre o que gostaria de fazer depois de formado. Não que fosse assunto premente, eu ainda tinha pelo menos cinco anos de faculdade pela frente. Mas de alguma forma aquilo me repercutia na mente. Foi assim que abri uma revista médica, creio que a famosa “O Hospital” (que já não mais existe) e me deparei com um artigo diferente

daqueles relatos de casos e provas terapêuticas tão comuns nas revistas médicas de então e de sempre.

No texto, assinado por quatro ou cinco autores, se narrava a epopeia daquele grupo de médicos, formados recentemente pela tradicional Faculdade de Medicina da avenida Doutor Arnaldo, ou seja, da USP, epíteto para quem está acostumado ao jargão médico. Esses moços e moças haviam optado por sair do grande centro onde se formaram para cair na realidade do Brasil profundo. E foram dar em Porto Nacional, então Goiás, hoje Tocantins. A cidade era pequena, remota e acima de tudo, pobre e inculta. Ali se incorporaram ao hospital já existente da extinta Fundação SESP e começaram a lida. Faziam de tudo, para todas as idades e condições. Algumas das esposas eram de outras áreas técnicas, mas logo se incorporaram ao trabalho em saúde. Tinham o apoio dos visitantes domiciliares da Fundação SESP.

Em pouco tempo já tinham se articulado com a comunidade, participando de reuniões, cursos, treinamentos, visitas domiciliares e atendimento, tanto na zona urbana como rural, até então não assistida. Mais do que uma articulação técnica aquilo passou a ser uma integração vivencial, um vínculo robusto. Certamente as dificuldades não foram poucas, entre elas as dificuldades de aceitação pelos próprios médicos que lá estavam, a desconfiança dos políticos, a cultura vigente em relação à saúde e ao trabalho em equipe etc. Mais tarde passaram também a receber alunos de medicina da Universidade Federal de Goiás. O estágio em Porto Nacional passou a ser um privilégio disputado pelos estudantes. Alguns foram, gostaram e acabaram ficando por lá.

Eu fiquei encantado, embasbacado com aquilo. Pensava: queria algo assim em minha vida profissional. Não consegui de imediato. Os compromissos de época de formatura – eu já era casado – acabaram me fazendo ficar em BH mesmo. Até que, dois anos depois, cumpri parte do que aquela influência especial me colocou na cabeça, partindo para o interior, para ser clínico. Mais dez anos e eu dei um novo passo adiante: fui fazer um curso de especialização

em Saúde Pública, na ENSP, Rio de Janeiro – e minha vida nunca mais foi a mesma. Só posso dizer o seguinte, para resumir a admiração que tenho por Pedro Tauil: muito obrigado ao cientista, ao pesquisador, ao professor, ao gestor e, principalmente ao meu grande amigo.

Encontros com professores notáveis

Esta minha lista não tem só aquela gente unanimemente simpática, embora isso não deixe de ser um bom requisito. Mas certamente representa uma combinação de sabedoria, tanto de conhecimentos específicos, técnicos e humanos, como *lições de vida*. Nela estão pessoas que foram capazes de ensinar e influenciar, positivamente, minhas opções profissionais e humanas na vida, e também as de outras pessoas. Vamos a eles.

Carlo Américo Fattini. Este merece encabeçar a lista. Fattini era professor de Anatomia. Devia ter, na época, trinta e poucos anos. Um grande carisma, mas não daquele tipo que faz força para conquistar os alunos, mas sim dos que apenas deixam fluir sua atenção e recebem com tranquilidade e paciência o gesto e a palavra do interlocutor. Tínhamos aula em pequeno grupo com ele e, ao lado daquelas conversas áridas sobre o nervo vago e a veia porta, nos falava coisas pouco habituais, tais como, das maneiras de evitar o mau hálito e dos modos corretos de tratar nossos afetos. Disso dava exemplos concretos, pois em algumas ocasiões era visitado por sua companheira, Natália, na sala de aula, que vinha lhe dar algum recado ou pegar um livro (ela era médica) e fazia questão de nos apresentar e falar dela sempre como “minha amada”, “mulher de minha vida” e coisas carinhosas assim. Grande Fattini! Demonstrava grande simpatia por mim e Eliane. Quando nos via conversando nos intervalos, ou dissecando o “nosso” cadáver até mais tarde, já a sós no grande anfiteatro do andar térreo, tinha sempre uma brincadeira conosco, que acabou se revelando profética: *isso vai acabar*

em casamento. Ele deve ter assistido em sua carreira na Faculdade inúmeros casos assim, inclusive o seu próprio, acredito. Foi convidado especial para as nossas bodas, que aconteceram quatro anos depois, em 1971.

Fattini é hoje muito conhecido por ser autor, com José Geraldo Dangel, outro de nossos notáveis professores da época, de um Tratado de Anatomia Humana muito recomendado nas escolas de medicina. Não precisei ter contatos permanentes com ele para continuar o admirando pela vida a fora.



Gladstone Rodrigues da Cunha Filho era pouco mais velho do que nós. Assistente da Cadeira de Histologia, na qual o titular era Nello Rangel, filho do escritor Godofredo Rangel e pai do famoso artista plástico mineiro, Nello Nuno. Gladstone era a sapiência em pessoa, sabia tudo (e mais alguma coisa) de sua matéria. Alguns diziam que ele até havia superado o Mestre, que o tratava com grande respeito, em que era correspondido, aliás. Gladstone tinha um modo teatral de dar suas aulas, sem perder a fleuma. Sua descrição do câncer era um primor: “mitoses loucas, atípicas, arquitetura tecidual subvertida...”. Por conta de seu carisma e dedicação, alguns de nós chegamos até a antecipar nossa opção de carreira, atraídos pelo que então se chamava “ciência básica” – vocações nem sempre confirmadas, entretanto. Algum tempo depois Gladstone se transferiu para Uberlândia, sua terra natal, sendo um dos fundadores da escola médica onde eu e Eliane viemos a trabalhar, por convite dele e por ele recebidos diretamente. Ele foi Reitor por duas vezes da Universidade Federal de Uberlândia e exerceu vários cargos no MEC e na OPAS, em Washington. Tive a honra de tê-lo como meu sucessor na Secretaria Municipal de Saúde, tempos depois.

Gladstone, filho tinha naturalmente um Gladstone, pai. Este foi uma das pessoas mais perspicazes e inteligentes que conheci, dono de uma simpatia fora do comum, que fazia a todos ansiarem por se tornarem íntimos dele. Acho que consegui. Recebi dele um dos con-

selhos mais preciosos de minha vida. Eu querendo comprar uma terra, levei-o para ver uma propriedade que estava à venda. Olhou tudo, conferiu cada detalhe, chegou até a cutucar com a ponta da botina a terra do pomar, para ver sua substância. Mas sem dar uma palavra. Eu ansioso... No final, olhou-me frente a frente e proferiu sua sentença: “vende as cuecas, doutor, mas compra a terra”. Assim o fiz. E não me arrependi.



João Amílcar Salgado, professor de Semiologia, sempre esteve longe de ser uma unanimidade, mas eu fui com a cara dele desde que o conheci. Alguns o criticavam pelo fato de se recusar a tocar nos pacientes, o que não creio ser a inteira verdade. Ele, simplesmente, era partidário radical do raciocínio clínico e das deduções baseadas em evidências. Tinha um conhecimento médico fora do comum, uma memória prodigiosa e enorme capacidade de contar e ilustrar com exemplos curiosos e inusitados suas histórias, fossem elas clínicas ou de vida. Formou-se mais tarde também em filosofia, opção que era de fato *a sua cara*. Minhas reflexões sobre os descaminhos da formação médica, já expostos antes aqui nestas memórias, são diretamente inspiradas neste sujeito iluminado.

Vai aí uma pequena amostra do pensamento dele, exposto em um texto denominado *Grandezas e Misérias do Pensamento Médico Ocidental*: “A vassalagem maior à indústria da saúde faz da grandeza do cânone científico excelente ficção para programas dominicais de televisão. Pois, mesmo no chamado Primeiro Mundo, há séculos virtuais separando o que diz e propõe a ciência efetiva, de um lado, e, de outro, a miséria do marketing criminoso, a embasbacar multidões com inesgotáveis inutilidades”. Preciso e profundo, não é? Entre muitos escritos, João Amílcar tem um livro inspirador, que talvez tenha sido o maior estímulo para eu estar escrevendo essas coisas presentes. Chama-se *O riso dourado da Vila* e nele fala, com foco antropológico e sociológico profundo, além da forma muito

bem-humorada, de sua infância em Nepomuceno, no Sul de Minas, bem como de sua trajetória com estudante de medicina e professor na UFMG.

Não bastasse tantas coisas que fez, *esse um chamado João* ainda foi o idealizador e primeiro coordenador do Museu da História da Medicina Mineira, instalado no prédio da nossa velha Faculdade de Medicina. Ele foi seguido de perto por outro cara notável, o meu colega Ajax Ferreira, o “Homem de Lagoa Santa”, infelizmente já falecido, que deu sua vida e seu sangue pelo referido Museu. Nota dez para estes sujeitos!



O próximo de minha lista é José de Oliveira Campos, nosso professor de Clínica Médica, no quarto ano. Eu na verdade já havia prestado atenção nele bem antes, quando ia almoçar na casa de minha avó Dodora e o tinha como co-passageiro no ônibus Serra. Um sujeito dez anos mais velho do que eu, muito sério e mesmo sisudo, sempre de paletó e gravata. Mas viajando de ônibus... Dele, o que se dizia é que era um dos caras mais brilhantes de sua área, egresso de uma formação pós-graduada em universidade do Estados Unidos e talvez pouco à vontade com o ambiente meio frouxo que imperava em seu entorno no HC. Quando fui seu aluno não só confirmei como expandi meu bom conceito sobre ele, como um dos professores mais brilhantes que tive e, ao mesmo tempo, mais dedicados e responsáveis. Sob sua tutela, na residência médica, esta visão só cresceu.

J. O. Campos tem como particularidade o fato de ser capaz de discutir a última descoberta de medicina molecular divulgada pelo *New England Journal of Medicine* e com igual ênfase e propriedade o *Livro dos Espíritos*, de Alan Kardek.

No início dos anos oitenta, eu e alguns companheiros da UFU, como Hélio Teixeira e Renato Sologuren, que também haviam sido alunos dele na UFMG, soubemos que havia se transferido para a Universidade de Brasília e que não estaria satisfeito com as coisas por lá.

Bateu-nos a esperança de que, quem sabe, conseguiríamos cooptá-lo para vir trabalhar na UFU. E não é que conseguimos trazê-lo, junto com a família? Sua esposa Shilene é uma grande médium e líder espírita em Uberlândia e o casal criou e fez prosperar uma obra social de amparo a crianças e gestantes, de primeira grandeza na cidade. Conheci um pouco mais e confirmei tudo que pensava deste grande médico, professor e colega quando solicitei que ele acompanhasse, ainda nos anos 70, o tratamento de minha avó Dodora, que estava com um linfoma de natureza muito grave. Ali, na beira do leito dela, eu conheci uma das melhores figuras médicas e humanas com quem já privei.



Oswaldo Costa merece uma categoria especial. À primeira vista ele era carismático, mas se fazia de pândego, sem pudor de parecer descuidado, com a aparência e os gestos. Suas aulas de Dermatologia, imperdíveis e impagáveis, só encontraram um correspondente, para mim, nas famosas “aulas-espetáculo” de Ariano Suassuna. Contava histórias incríveis sobre a medicina e tudo mais, em uma verve inesgotável. Não há adjetivos que sobrem para ele. Havia sido goleiro do Atlético Mineiro, nos anos 30, quando recebeu o apelido de *Perigoso*. E explicava o motivo: era reserva e teve que assumir o posto, de forma inesperada, contra o Flamengo, em um jogo no Rio. Neste momento, fechou o gol. No segundo jogo, no qual se decidiria o título, simplesmente aconteceu-lhe algo estranho e inexplicável: ele simplesmente deixou passar dez bolas. Como goleiro, ele era de fato um grande perigo, a ser evitado. E assim abandonou a carreira futebolística, para sempre, dedicando-se à Dermatologia. Contava também que seu pai, que tinha muitos filhos e era pobre, quando algum deles despencava de alguma árvore ou sofria uma queda de cavalo, sua primeira pergunta ao acidentado era: “rasgou a roupa”?

Fiz parte da plateia do que ele chamava de “show dermatológico”, evento anual em que ele, acompanhado de alunos fascinados, nos dois ou três quarteirões que separavam o prédio da Faculdade de

Medicina, da Santa Casa, se propunha e alcançava o desafio de diagnosticar algumas dezenas de condições dermatológicas entre os transeuntes no percurso. Nele a pândega era apenas um jeito de ser, que o divertia também. Foi um médico notável e fez descobertas importantes em sua área de conhecimento, emprestando mesmo seu nome a uma síndrome, o que, no meio acadêmico médico, é a maior glória que alguém pode alcançar.



Cid Veloso. Eu o conheci desde muito jovem, pois frequentava a casa de seus pais, na rua Monsenhor Horta, bairro do Prado, Belo Horizonte, nos anos 60. Seu irmão, Tiago, era meu colega de Colégio Estadual e Cid, na época, já havia se formado em medicina e era tratado por nós com o devido respeito. Mas acima de tudo era um cara bonachão e muito atencioso com os adolescentes que frequentavam a casa de seus pais, onde ele, já casado e pai de família, não raramente aparecia.

Falar de Cid Veloso me remete a Geraldo Veloso, seu pai. Éramos mais ou menos conterrâneos, ou melhor, a família de meu pai o era. Os Veloso eram de Piumhy e meu pai de Pains, poucas léguas perto. Geraldo era irmão de meu Tio Lécio, casado com Aurea Goulart, irmã de meu avô Zezé. Assim tínhamos também essa aproximação pelo lado da família.

Mas não foi o sangue que me aproximou dos Veloso. Foi muito mais do que isso. Geraldo era um autodidata perfeito, dominava o inglês e talvez outras línguas e tinha uma cultura vastíssima. Era contabilista, mas deixara um bom emprego na iniciativa privada para lidar com o comércio de nada menos do que ... livros. Estar na casa da Monsenhor Horta era um prazer, sempre, cheio de surpresas. Ali conheci livros de arte, grandes romances universais, a obra de Marx, discos de jazz e muito mais. Pela primeira vez ouvi falar de Marx & Engels, que eram cultuados naquela casa. Mas sem pro-

selitismo e radicalismo, pois aquilo ali era um território de livre pensamento, acima de tudo.

Cid era cardiologista e lecionava na disciplina de Semiologia. Ele havia criado uma tradição de ministrar, dentro dos conteúdos da “cadeira”, um curso de eletrocardiografia, que era famoso. Muito bem montado do ponto de vista pedagógico, em uma era em que não havia PowerPoint, mas sim projetores de slides, ele intercalava, em meios aos traçados que logo aprendíamos a interpretar, figuras retiradas da arte clássica. Quando surgia uma Pietà, uma Mona Lisa, uma Banhista ele parava a parte formal para nos inquirir sobre a autoria, o nome do artista, o período em que foi pintada – coisas assim. E às vezes colocava uma montagem, com corpo de miss e cabeça de um político ou general da ocasião. Magalhães Pinto, por exemplo, totalmente careca, era impagável de maiô. Mas no final, além de informações sobre aqueles *complexos QRS* e *segmentos ST*, saíamos de lá repletos de cultura.

Neste tempo ele era apenas um cardiologista e professor de Semiologia. Era famoso apenas naquele último quarteirão da Avenida Alfredo Balena, onde ficava o Hospital de Clínicas da UFMG. Mas grandes acontecimentos ainda estavam para acontecer em sua vida. Cid foi o primeiro reitor eleito por voto direto na UFMG. Sua gestão se caracterizou pela inovação, amplitude cultural e interdisciplinar da ação da reitoria e democratização da gestão. Eu já não morava mais em BH, mas acompanhei algumas de suas peripécias na gestão universitária, por exemplo, a negociação pacienciosa com os invasores do antigo Hospital Borges da Costa. O desfecho foi a transformação do velho prédio abandonado em residência universitária. Sem tiros, sem bombas, sem prisões. Além disso, ele trouxe à UFMG, para uma homenagem, ninguém menos do que o Bispo Desmond Tutu, paladino, junto com Mandela, da luta contra o apartheid na África do Sul. Cid, de fato, enxergava longe, muito longe...

Cid ficou viúvo e casou de novo, com a enfermeira Roseni Chompré, uma companheira de sua exata estatura moral e humana. Certa vez, Roseni, com quem trabalhei no Ministério da Saúde, me contou

como foi a aproximação dele com ela, apenas colegas de trabalho até então: “você permitira que eu lhe cortejasse?” Assim era Cid. Roseli faleceu poucos dias depois de Cid, em 2016.

Sobre este cara maiúsculo só posso dizer, para não me perder em redundâncias: ele viveu além de seu tempo e fez da vida um exemplo de militância, de tolerância, de responsabilidade civil. Eu tenho muito orgulho de ter sido seu amigo e de ter frequentado sua família.



Será que não havia também mulheres notáveis na Faculdade de Medicina da UFMG? A primeira conclusão que se pode ter é que a faculdade talvez fosse ainda mais machista que a medicina, naquela época. De fato, eram poucas mulheres médicas e menos ainda docentes universitárias na área. Mas para não ser injusto, quero registrar a presença de pelo menos uma delas: Lucia Foscarini. Ela se tornou nossa amiga, vindo a ser madrinha de minha filha Daniela, algum tempo depois. Lucia era uma pessoa tímida e discreta. Estudiosa como quê! Os amigos brincávamos com ela que a única coisa em que ela não se destacara foi no exame de motorista, tendo tentado o mesmo diversas vezes, sem sucesso. Seu conhecimento clínico era fabuloso. Nossos contatos ocorreram na residência médica, mais precisamente na UTI do quarto andar do HC, onde ela sempre nos surpreendia e encantava com seu conhecimento. Tudo sem alarde, dando sempre ao residente a impressão de que era ele – e não ela – que havia dado a resposta certa ao dilema clínico do momento.

Um encontro muito especial

Falar de tanta gente notável me obriga a incluir na lista o mais notável dos personagens entre todos que encontrei na vida e na faculdade...

Um dia, no final de 1971, quando já nos preparávamos para encerrar as atividades acadêmicas, estávamos um grupo de colegas na porta da Faculdade de Medicina. Lembro-me, especialmente, de dois deles, que não me deixarão mentir sobre o ocorrido de então: João Luiz Monteiro e Leonardo Diniz. Um grupo de senhores sai pela porta principal, em animada conversa. Alguns deles, velhos professores da faculdade. De repente, um desses homens se adianta aos demais e nos abarca com um abraço imenso, alcançando três ou quatro de nós de uma só vez. E nos dirige a palavra, mostrando no rosto um sorriso que de algum lugar já conhecíamos: *então, moçada, será que esta faculdade é tão boa como era no meu tempo?* Percebemos, encantados, que quem estava ali era uma pessoa muito especial: Juscelino Kubitscheck de Oliveira, que visitava a velha escola onde se formara, mais de 40 anos antes. Custamos a encontrar o que dizer. Eu e Leonardo nos antecipamos aos demais, mas a surpresa e a emoção não nos permitiram formular frases muito inteligentes. Era ele, em pessoa! Estava totalmente fora de circulação agora, constrangido pelos militares, mas quando aparecia em público, era consagrado com todas as honras. Não foi um grande momento?

Neste momento, nós caminhávamos para o final, não só do curso de medicina, como da década. Para o Brasil começar a mudar ainda havia muito chão pela frente. Anos trepidantes: entrei neles menino; saí médico.

Gente da saúde pública

David Capistrano se foi. Foi a mensagem que recebi numa manhã de domingo, no início dos anos dois mil. Não pude ver seu corpo levado ao túmulo naquela cidade de Santos, que não foi justa com ele. Compreender este cara deveria ser ofício reservado aos amigos, mesmo quando o víamos em grandes cenários e não apenas na moldura de nossa amizade, como personagem da cena sanitária e política do país, na sua maneira quixotesca ou, quem sabe, brechtiana, de quem formulou projetos que foram seguidos por nós e por muitos outros - *epitáfio que nos honraria a todos*.

Mas como podia ter morrido este sujeito imprescindível, eu me inquiria. Será que morreria, de verdade, quem fez tantas coisas, pensou com tal potência e ainda esteve em tantos lugares? Seja no Recife, no Rio, em Bauru, em Santos, em São Paulo, em Brasília. Trajetória que, por si só, diz bem da dimensão de um lutador notável. Morria, então, um indivíduo que marcou presença no cenário do SUS e da Reforma Sanitária, incomodando a alguns; parindo tantas ideias; dedicando sua vida à causa de todos.

Como acreditar que pode ter morrido quem não sucumbiu nem nos cárceres da ditadura, nem do câncer? Não seria uma insuficiência hepática que iria derrotá-lo...

E no entanto, David ainda vive! Não será difícil dar com ele por aí, nas quebradas desse grande Brasil. Vamos procurá-lo nas ruas de Recife e do Rio, no movimento estudantil, nos embates das esquerdas, nas docas santistas, na administração pública e no debate político de sempre, na gestão do SUS, no Conasems, no Projeto Qualis, nas Casas de Parto e nos tantos projetos que este andarilho encarou e levou à frente, sem arroubos, talvez sem ilusões, mas sempre com a visão larga e o compromisso de quem plantou jequitibás, não pés de couve.

É por este caminho que seguimos com você, pequeno-grande companheiro!



Conheci Gilson Carvalho, de perto, um tanto tardiamente, cerca de 1990, quando eu já havia deixado meu posto de Secretário de Saúde em Uberlândia. Dessa época, minhas lembranças são mais vagas, mas certamente detentoras de afinidade com aquele sujeito gordinho, com cara de personagem, ou de autor, parecido com Tolstoi como era. Presente aqui e ali nos encontros da saúde; repleto de energia, entusiasmo e graça; didático e convivente como ninguém; mostrando suas ideias em transparências coloridas, carregando uma eterna e surrada pasta marrom. Era impossível não prestar atenção no seu tipo e mesmo deixar de gostar dele.

Em 1993 estávamos no Ministério da Saúde, na transição INAMPS - SAS. Ele não me conhecia – ou conhecia pouco – mas teve a gentileza de me confirmar em sua equipe. Ali, durante três anos agitados, levamos muita pancada, mas fizemos alguns gols também. A hoje esquecida, embora muito apreciada no seu tempo, Norma Operacional Básica do SUS de 1993 (NOB 93) é apenas a ponta do iceberg. Mas na sua esteira vieram a regulamentação do repasse fundo a fundo, o desenvolvimento do programa de Saúde da Família, a dimensão nacional do PACS. E o mais importante: tínhamos alguém *dos municípios*, finalmente, pilotando a imensa nave que antes nos esmagava.

Em uma dessas pancadarias, talvez naquela tentativa de intervenção que o Ministério do Planejamento promoveu no MS no início da década, a lembrança dele é forte: cansado, com olheiras, o peso aumentando, mas nem assim perdia a confiança histórica no SUS. Uma dessas malvadezas foi a “brittada”, que Antonio Britto, então ministro da Previdência Social, numa canetada suprimiu quase trinta por cento dos recursos da Seguridade Social que iam para a saúde, sob o argumento de que “era preciso salvar os velhinhos”.

Britto prejudicou a saúde, com certeza, mas até hoje há controvérsias se isso teria feito bem para os tais velhinhos.

Neste momento o coração já lhe falhava e, preocupados, o acompanhamos em um internamento de alguns dias em um hospital de Brasília. Saiu logo do recolhimento, constrangido de estar em um serviço privado, e ato contínuo já estava em sua sala na SAS, até altas horas e até praticamente pernoitando ali. Curiosidade de sua breve estadia hospitalar foi o fato de que sua esposa, Emília, alguém do mesmo estofo que ele, finalmente conseguiu trazer-lhe uma profissional para lhe cortar as unhas do pé. Ele simplesmente não conseguia tempo para fazer algo assim no seu cotidiano.

A partida de Gilson em 2013 era a notícia que eu não queria (mas temia...) receber. Acho que partiu o melhor entre todos nós, o que não esmorecia, o que possuía a fé que movia montanhas, o que não se dava nunca por vencido, o que enxergava luz onde os outros se perdiam em trevas... Gilson das madrugadas insones, Gilson, o homem inquieto na quietude apenas aparente de sua mesa de trabalho, enquanto a mente perseverava em encontrar soluções para o seu SUS, para o nosso SUS. Gilson das Domingueiras, das segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras; das noites e dos dias. Gilson que escolheu descansar só depois de partir. Uma pessoa verdadeiramente imprescindível!

Nós, que aqui ficamos, tivemos pelo menos o consolo de ter conhecido este sujeito sem par, de compartilhar um tanto de sua alegria e energia. Saudades, teremos muitas de Gilson. Mas ao mesmo tempo, nos consolamos em saber que ele continuará vivendo em nosso coração e em nossa ação. Gilsão, apressado, foi ao encontro de sua Emília, que havia partido antes e assim, nesta ocasião, escrevi em honra dele: *a gente não aceita, mas compreende, esta partida assim tão fora de hora.*



Espero que consiga, com este texto, homenagear Nelson Rodrigues dos Santos, o querido *Nelsão*, já que me senti suficientemente homenageado com o convite do Conasems para redigi-lo.

Quando escrevi “Municipalização: Veredas”, em 1998, mandei os originais para uma revisão profissional e ao receber o texto corrigido notei várias observações sobre o fato de estar chamando alguém pela sua alcunha, não pelo nome completo e verdadeiro, de maneira supostamente informal e pouco condizente com um texto como aquele, que viraria livro editado pela Abrasco.

Minha primeira reação, confesso, foi de recuar e substituir cada “Nelsão” daqueles marcados em vermelho, por “Nelson Rodrigues dos Santos” ou, na melhor das hipóteses, “Nelson”. Felizmente, entretanto, logo cheguei à conclusão que aquela revisora poderia entender muito de língua portuguesa, ou de normas editoriais, mas não entendia nada de SUS. Assim, ficou Nelsão mesmo. E seriam muitas as tais correções que eu teria de fazer, pois não havia como citar de maneira mais escassa o referido personagem, se o assunto em pauta era o movimento municipalista de saúde no Brasil.

Ser conhecido por um apelido carinhoso, não pelo nome pelo qual se é conhecido no banco ou no cartório, não deixa de ser um atributo que poucas pessoas obtêm como privilégio ao longo da vida. Exemplos notáveis que me vêm à mente: Pelé, Lula, Betinho, Nonô...

Conheço Nelsão desde os tumultuados e generosos anos 70. Conheci-o muito antes do que ele me conhecesse, aliás. Eu era um jovem médico (ele é apenas um pouquinho menos jovem do que eu) e já sabia da saga daqueles outros moços que haviam embarcado numa canoa que parecia promissora, a criação do curso de medicina e, quase simultaneamente, da secretaria municipal de saúde de Londrina. E acompanhara passo a passo, pela “Saúde em Debate” e pelo correio informal (que naqueles tempos bicudos substituíam a imprensa amordaçada) a briga daquela moçada contra um coronel de plantão – ou algum preposto do mesmo.

Embarcar em canoas que pareciam promissoras e depois fizeram água... Eis uma boa imagem para definir a história de toda uma geração que se envolveu com as coisas da saúde neste País.

Porém algumas embarcações, sem dúvida, nos levaram a portos mais seguros. Em 1984, por exemplo, em plena euforia da redemocratização e, particularmente, em tempos muito promissores para a saúde, o jovem de Londrina estava agora em Campinas, como secretário municipal de saúde e resolveu organizar uma reunião de seus pares paulistas. Foi gentil comigo, recém secretário em Uberlândia e praticamente desconhecido no meio: convidou-me para a tal reunião. Tudo isso poderia parecer coisa simples e até banal, mas foram eventos como aquele, inéditos até então, que começam a delinear o que viria a ser um pouco mais tarde os conselhos de secretários municipais de saúde, Cosems e Conasems.

Não se passaram dois anos e estávamos todos, ainda jovens e cheios de ilusões – benfazejas ilusões! – na oitava Conferência Nacional de Saúde, em Brasília. Ali nosso personagem estava como em sua própria casa, circulando ativamente no seu traje cotidiano, camisa branca para fora das calças e sandálias, nos salões e arquibancadas do Ginásio de Esportes de Brasília, à procura de secretários de todo o Brasil. Naquele tempo essa gente ainda não se conhecia, como agora. O resultado foi uma reunião informal, realizada em uma das arquibancadas, com algumas dezenas de pessoas presentes, todas ligadas à gestão municipal.

Apesar de sua singeleza e informalidade, é essa reunião que representa um marco inaugural do movimento municipalista de saúde no Brasil. Fizemos um pacto de organizarmos ao máximo à nossa base para levarmos no ano seguinte, em Londrina, linda cidade que tem presença marcante nos movimentos da saúde, a proposta da criação de um organismo nacional de SMS. Dito e feito!

Entre tantas qualidades que me saltam à mente para me referir a Nelsão, prefiro um termo que mais parece mais preciso, mas também mais abrangente: *generosidade*. Uso aqui esta palavra em todos

os sentidos possíveis: generosidade política, intelectual, moral, pessoal. Enquanto muitos naqueles anos pesados se refugiaram na crítica necessária, mas cômoda, no seio das academias, Nelsão não. Ele foi à luta. Aceitou cargos em Campinas, no governo estadual de São Paulo e no Ministério da Saúde. Não o fez em nome de projetos pessoais ou de grupos políticos, mas sim como prática de sua generosidade intrínseca. Era preciso, afinal de contas, transformar aquelas ideias acalentadas em Londrina, em Campinas e em tantos lugares do mundo e do Brasil, em ação concreta, em fazer político, em estratégia de argumentação e convencimento para tantos que esperavam uma boa nova na saúde.

Naqueles tempos sombrios isso era ousadia em grau máximo. O sujeito apanhava dos dois lados. Do lado “de lá”, até compreensivelmente. Mas do lado “de cá” a pancadaria era grossa, também, porque as esquerdas praticavam uma crítica mais acerba ao que chamavam de “cooptação” do que propriamente à omissão frente a responsabilidades públicas, optando claramente pelo “quanto pior, melhor”. Mas com Nelsão, não! Isso não colava.

O movimento municipalista de saúde no Brasil, do qual o Conasems é a expressão material e concreta, deve muito a Nelsão. Mesmo sem ter participado diretamente de nenhuma diretoria da entidade ele faz parte de sua história e de seu espírito. Mas Nelsão tem deixado também suas marcas em outras áreas da saúde, na história das conferências nacionais, por exemplo, e no Conselho Nacional de Saúde, do qual foi secretário executivo. Sua produção escrita é abundante e coerente com sua generosidade. Elabora textos curiosamente pontuados de forma precisa, pormenorizada, quase cartesiana, às vezes até redigidos em tópicos numerados, que já fazem parte da história do conhecimento acumulado do SUS nas últimas décadas. Como se sabe, não permitiriam a seu autor somar um único ponto nos *rankings* na carreira acadêmica (que ele insiste em cultivar paralelamente). Mas não importa: quem está envolvido com a construção do SUS os conhece de cor e salteado. Os critérios acadêmicos que se reciclem!

Que o pó de nossos sonhos não realizados e de nossas viagens abortadas no percurso não nos sepulte a esperança. Essa é a grande lição que sempre nos trouxe Nelson Rodrigues dos Santos – Nelsão para todos – generoso ser humano, grande amigo, homem que faz história, eterno batalhador da saúde!



Conheci Sonia Terra por volta de 1985. Eu era secretário municipal de saúde em Uberlândia e estava em Brasília, no Ministério da Saúde, para um pequeno giro, de pires na mão, buscando não tanto dinheiro, mas apoio técnico e simbólico. E me dei com aquela Dama, ao mesmo tempo, técnica e afetuosa, disposta a colaborar! Ela fazia parte de uma pequena equipe voltada para o que se chamava formalmente “apoio a serviços de saúde” – ou algo assim. Assuntos que hoje teriam uma secretaria inteira do Ministério só para eles...

Considerem, todavia, que “serviços de saúde”, naquele tempo, eram coisas que pertenciam à esfera do próprio MS ou, no máximo, dos estados. Municípios, nem pensar. Mas Sonia foi com a minha cara e eu com a dela. Convidei-a para uma ida a Uberlândia, onde ela se reuniu com a minha equipe e deixou um montão de ideias, algumas bem pragmáticas, outras que apenas nos fizeram sonhar com tempos futuros (que nem sabíamos que acabariam chegando).

Deste então passei a vê-la com alguma constância, fosse em Brasília, ou em eventos fora. Particularmente, na série de reuniões, realizadas entre 1985 (em Montes Claros) e 1988 (em Olinda), que marcaram tempos importantes para todos nós da saúde: Assembleia Nacional Constituinte, Oitava Conferência Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Reforma Sanitária, fundação do Conasems. Tive o privilégio de estar nestes eventos e também de ter convivido com gente como Sonia.

Em 1988 Sonia Terra busca novos horizontes. Em um tempo que para nós da saúde o Canadá era apenas um país distante e meio “encoberto” pelos Estados Unidos, ela abre caminho, faz contatos

e ganha respeito entre os de lá. E eu a visitei lá, ficando hospedado em sua casa no bairro judaico de Outremont, no *banlieu* de Montreal. Sonia fez seu mestrado em Saúde Pública na Universidade de Montreal. Hoje sabemos de sobra que a experiência do Quebec é modelo e referência para o SUS. Mas, naquele tempo, isso era território ignoto. O intercâmbio prossegue, com canadenses que continuam a vir ao Brasil e brasileiros já lá estiveram, como é o meu caso também, ou ainda lá estão. Creio que, sem nenhum favor, podemos colocar Sonia Terra como precursora e agente deste movimento que tem sido tão produtivo para nós e para os canadenses também.

Ainda tive muitos outros aprendizados com ela. No Ministério da Saúde, no Conasems, na OPAS e, principalmente, na vida. Seis meses por ano ela estava no Quebec, mas ao chegar aqui sempre tinha uma palavra de amizade, confiança e transmissão de conhecimento para os muitos amigos, como eu, que com ela conviveram.

Sua passagem por nós me traz, mais uma vez, recordações carinhosas e expressivas. Procurando uma palavra, um termo que a pudesse definir, encontrei a seguinte imagem. Sonia Terra, em meados dos anos noventa, trabalhando na OPAS, ao ser solicitada para apoiar a SAS/MS, onde eu estava naquela ocasião, em um tema bem corriqueiro da época, creio que a implementação daquilo que um dia se chamou NOB 93, nos disse: “que tal se vocês pudessem pensar no futuro? Acho que no futuro do SUS isso não mais existirá...”. Dito e feito!

É isso aí: Sonia vivia no futuro! Nem sempre foi possível acompanhá-la em sua máquina do tempo. Mas como disse Brecht: “ela formulou projetos, nós os seguimos (ou tentamos, digo eu); um epítáfio assim, nos honra a todos”.

Beijos, Sonia, boa viagem dentro do Futuro!



Eu a conheci numa época que eu viajava por todo o Brasil, graças ao cargo que tinha no Ministério da Saúde. Corriam os anos 90 e a saga do SUS já estava iniciada, em tempos sem dúvida mais promissores do que os atuais. E o tema, na ocasião, era a descentralização, fazer chegar aos municípios as novas responsabilidades previstas na Constituição, com a transferência de financiamento e das redes de serviços federal e estaduais – não necessariamente nesta ordem. Em alguns estados isso era uma verdadeira via crucis, com confrontos múltiplos, seja do poder estadual contra o municipal, dos municípios pequenos contra os grandes, dos partidários versus os opositoristas do governo de plantão, quando não de todos contra todos. E lá ia eu, assim como outros técnicos do MS, seja para garantir as determinações constitucionais, na melhor das hipóteses, ou apenas para apartar brigas.

Mas eu falava de alguém que conheci nessas lidas...

O estado era Minas Gerais e lá as coisas corriam até suavemente. Era o governo de Itamar Franco e apesar das permanentes dificuldades na saúde as coisas caminhavam bem. Aliás, até muito bem. A rede estadual estava sendo toda repassada aos municípios, mediante um processo de apoio técnico e compartilhamento de responsabilidades. E a equipe da Secretaria de Saúde do estado era um primor: um monte de gente jovem, animada, verdadeiros apóstolos das ideias descentralizadoras. Entre elas estava aquela moça pequena, de voz calma e quase inaudível em alguns momentos, sempre com longas saias ou vestidos à moda hippie.

Lembro que meus primeiros contatos com ela foram um pouco decepcionantes, pois sempre ocorriam em cenários movimentados ou barulhentos e com aquela voz que mais parecia um murmúrio eu simplesmente não conseguia entender o que ela dizia. Mas quando a equipe da SES pegava um microfone para explicar às plateias municipalistas os desígnios da política estadual de saúde, a coisa mudava de figura. Aquela moça, especialmente, bem se fazia entender e era capaz de perder horas inteiras respondendo perguntas do

auditório, algumas bastante simplórias, outras beirando a agressividade.

No final deu certo. Creio mesmo que Minas deu um verdadeiro show de competência, num cenário nacional em que havia até esposas de governadores, sem cargo efetivo nos respectivos governos, mas que cuidavam de assuntos estratégicos da saúde, com repercussões clientelistas, por exemplo a distribuição de cotas de internação aos prefeitos e secretários municipais da área. Meu estado tomou um caminho sem dúvida mais republicano.

Mas o meu assunto aqui é a Moça.

Foram feitos seminários nas várias cidades polo de MG: BH, Uberaba, Uberlândia, Montes Claros, Teófilo Ottoni, Governador Valadares, Juiz de Fora, entre outras. Eu como um dos poucos (ou único) mineiro na equipe da Secretaria de Assistência à Saúde do Ministério fui designado para acompanhar aquela movimentação e o fiz de muito gosto. Na ocasião, depois de um dia inteiro de discussões e esclarecimentos, o costume era nos reunirmos em algum restaurante ou boteco, para comentar as coisas do dia e nos confraternizarmos. Lembro-me que a Moça esteve ao meu lado algumas vezes, mas se durante o dia eu não a ouvia, naquelas mesas em que a cerveja e a cachaça escorriam à solta, isso era mais difícil ainda. Mas acabaram surgindo oportunidades para conversas em ambientes mais calmos e aí eu a conheci de perto – e finalmente puder saber direito quem era ela.

Rosani Evangelista da Cunha era mineira de Montes Claros, terapeuta ocupacional de profissão e membro do corpo docente da Escola de Saúde de MG, que dava apoio ao processo de descentralização do qual eu também participava, como agente federal.

Tempos depois, numa iniciativa que coordenei, as diversas escolas de saúde existentes no país foram chamadas a cooperar com o MS, mediante processo seletivo. Minas logo se fez presente e Rosani veio até minha sala no Ministério com o projeto deles, uma série de seminários para capacitar gestores. Tal projeto teve que entrar

em uma fila, mas eu já movido por simpatia com o grupo, que tinha também outras pessoas bacanas, como Lucia Sarappo, a diretora da Instituição, resolvi convidá-los para algo que pertencia à minha governabilidade, ou seja, a elaboração de uma série educativa de cartilhas para que os gestores municipais compreendessem o processo de descentralização em curso.

Como aceitaram e produziram os dois primeiros textos da série, passamos a ter contatos mais frequentes. Nessa ocasião eu já havia aprendido a conversar com ela, procurando ambientes mais calmos onde eu lhe pudesse ouvir o fio de voz. Passamos a nos ver, também, quando eu ia a BH, em encontros sociais, entre amigos diversos. Da Escola de Saúde ela passou para o Conselho de Secretários Municipais de Saúde de MG, daí para Gabinete do Prefeito de BH, Célio de Castro e depois para a Frente Nacional de Prefeitos.

Na virada do século ela veio se instalar em Brasília, aprovada que fora no curso de formação de gestores da ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) e mantivemos nossos contatos, com alguma frequência, agora contando com a presença de seu novo parceiro de vida, Nilson Figueiredo, que logo se tornou meu amigo também.

Daí para frente, quando ela terminou o curso na ENAP, seu sucesso evoluiu como um míssil – do bem! Esteve no Palácio do Planalto durante algum tempo e logo depois foi para o Ministério de Desenvolvimento Social, em posição de assessoria. Onde aquela moça de voz baixa chegava, contudo, as coisas logo mudavam, seja no seu entorno, seja diretamente para ela. E assim, no Governo Lula foi criado o programa Bolsa Família e ela lá chegou como assessora. Sempre em movimento aquela moça, mas sempre a convite de suas chefias, que logo reconheciam nela as qualidades que nós, seus amigos, já conhecíamos de sobra: uma pessoa cortês, suave, articulada, inteligente, sumamente concentrada no que fazia e que se desempenhava bem nas missões mais difíceis. Em pouco tempo ela chegou à chefia do programa e o dirigiu na fase mais expansiva do mesmo, quando ele se transformou na grande revolução que mudou o panorama da pobreza no Brasil. Todos falam muito de Lula e

de Patrus Ananias, o Ministro da ocasião. Mas que não se esqueçam que não fosse aquela mineirinha montesclarensense de voz murmurante, o sucesso talvez não tivesse sido o que de fato foi.

Em 2009, no auge de sua atuação no MDS, já como uma das Secretárias Nacionais da pasta, ela que nunca descansava, aproveitou uma viagem de representação na Argentina para fazer uma *tour* de lazer pelo interior do país. E ali, num fim de tarde fatídico, talvez pela ofuscação pelo sol que se punha no Pampa, o carro onde estava, com Nilson e amigos portenhos, se desgoverna e Rosani, atirada para fora do veículo, nos deixa para sempre, para tristeza minha e de muitos mais.

Pequena grande mulher! Tivéssemos meia dúzia como ela, seria possível mudar não um gabinete, uma repartição ou um programa, mas todo um país.

José Garcia Brandão

Em meus anos de atuação na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia tive oportunidade de conhecer muitas pessoas que militavam na área, como colegas de trabalho ou, especificamente, como pessoas supervisionadas por mim em seu trabalho nas Unidades de Saúde da SES-MG espalhadas pela região.

Conheci de fato muita gente. Alguns verdadeiros missionários; outros, nem tanto. Certos indivíduos fariam boa figura atrás de alguma grade... Gente lamentavelmente pouco consciente de seu papel na assistência ou na gestão da saúde dentro de um sistema público. O certo é que ainda não havia SUS e eu mesmo não poderia me jactar de já possuir consciência tão apurada.

Há um desses, porém, que poderia ser o patrono dos demais: José Garcia Bandão. Era mais do que o médico chefe do Centro de Saúde em Patrocínio. Era uma figura emblemática, no melhor sentido que esta palavra pode ter, na cidade. Ex-Prefeito, ex-Provedor da Santa

Casa, presidente do Lions Clube, vicentino militante – tudo o que faz de um homem em comunidade personalidade prestante e imprescindível, embora sejam coisas às vezes valorizadas (ou mesmo autovalorizadas) de maneira equivocada.

Nossa primeira conversa, ele respeitoso comigo, afinal seu supervisor, novidade que ele recebia pela primeira vez depois de décadas de trabalho, já foi marcada pela simpatia mútua. Nossa diferença de idade talvez ultrapassasse os trinta anos. Difícil foi manter a conversa nos trâmites burocráticos. Ali mesmo descobrimos que tínhamos origens familiares comuns, no Oeste de Minas; ele de Iguatama, meu pai e meus avós paternos de Pains e Formiga. Sobre sua filha, Maria Helena, me avisou: *você deveria conhecê-la, vai gostar dela, pensa do mesmo jeito que você*. Dito e feito, ela e eu nos tornamos grande amigos e também lhe presto homenagem em outra seção destas memórias.

Anos depois...

Do portãozinho do jardim da casa de sua fazenda, em Patrocínio, ainda o ouvi repetir: *que você seja feliz, que Deus lhe abençoe...* Entrei no carro depressa, com certo pudor de que ele me visse os olhos molhados. E vim pela estradinha de terra, depois pela rodovia, gozando o privilégio de ter encontrado, em plena maturidade, aquela especial figura de pai e amigo.

Havia, então, seis meses que não nos víamos. Ele estava doente, de câncer, com um prazo de vida indefinido pelos médicos, provavelmente curto. Acompanhava-o, entretanto, à distância, sabendo-o machucado pela moléstia, com o rosto alterado pela brutalidade da quimioterapia. Eu não queria vê-lo naquele estado.

Outra coisa, ainda, me mantinha distante. Eu rompera um casamento de muitos anos e tinha medo de que o afeto que ele sempre dedicara ao casal, não sobrasse para mim, que trilhava agora outros caminhos. Ou que me recriminasse, por partir vínculos tão sagrados. Aquela visita me deixava um tanto angustiado, com medo da reação que ele pudesse ter. Fui então encontrá-lo na fazenda, onde

poderíamos usufruir da privacidade que a casa da cidade, na qual a família, numerosa e comunicativa, com certeza não nos permitiria.

Nada porém foi como eu temia. Recebeu-me com as honrarias de sempre. Mostrou-me as novidades no curral e os chiqueiros reformados, o novo trator, o viveiro para o qual havia adquirido um punhado de novos habitantes, desde porquinhos da Índia, para alegria dos netos, a uma rara cacatua, além de galos e galinhas exóticos, de polainas e crista caída sobre os olhos.

Era daquele tipo de pessoa que, mesmo condenado por uma doença maligna, mandava plantar mais dez mil pés de café, reformar a casa e povoar um novo viveiro. Além disso, trocara o carro por um mais novo e mais veloz.

Notei, naquele dia, que apesar da disposição em me exibir as benfeitorias, ele ofegava ao caminhar. Suava, talvez, um pouco mais que o costume. Ao transpor o rego d'água, não armou o costumeiro pulo, majestoso, que apesar dos setenta e sete anos, ainda lhe permitiam as longas pernas. Antes, preferiu passar pela prosaica pinguela, destinada, naqueles passeios, apenas às mulheres.

Chamavam-nos para o café, preparado ritualmente pelas empregadas, uma tradição nas casas da cidade e da fazenda, desde o tempo em que ainda era viva a esposa. Na mesa grande, três ou quatro quitandas diferentes, queijo de Minas feito em casa, além de, é claro, bom café plantado, torrado e moído ali mesmo. Na mesa, a sós comigo, dirigiu-me o olhar azul profundo, inquiridor, sem deixar de ser carinhoso: *e você, então...* Falou de um modo que me deixava livre, para interpretar e responder a pergunta como quisesse. Resolvi encarar pelo lado que, até então, evitara.

Abri-me, como nunca pensei ser capaz. Eu tinha com ele uma relação afetuosa e franca, mas, nunca antes me sentira capaz de confissões tão pessoais e íntimas.

Escutou-me calado, paciente. Creio que nem me fez perguntas. Apenas me deixou falar, sem qualquer gesto intempestivo. Quando percebeu minha loquacidade diminuída, atalhou, bondoso: *vamos,*

ainda preciso mostrar muita coisa a você; aqui na fazenda não se para nunca, tem sempre novidades.

Fomos aos cafezais e à nova gleba recém incorporada. Depois ao pomar de laranjeiras que começavam a ser substituídas por enxertos novos, por estarem caducas muitas delas. Mais uma vez estivemos no curral, para assistir à tirada vespertina do leite. E, principalmente, continuamos a conversa longa e macia que, entre ele e eu, mesmo com tantos anos de diferença na idade, parecia nunca ter tido começo ou fim.

Era um final da tarde, de um mês de junho. O céu vermelho fazia como que um lençol contínuo com os morros recobertos de capim gordura. Esfriava. Eu tinha pela frente quase duas horas de estrada que me separavam de casa. Na soleira da varanda, abraçamo-nos, com um contato físico breve e um tanto duro, como era de seu feitio. Por um momento, ficamos silenciosos e melancólicos, mas, principalmente, lembro-me bem, emocionados. Os olhos azuis tornaram a me fitar, com surpreendente profundidade e clareza. Disse-me, então: *ninguém pode julgá-lo, muito menos eu. O importante, na vida é ser feliz. Siga seu rumo, se você já sabe que a felicidade lhe espera. Isso é o que importa, não o julgamento de alguém, seja lá quem for. Deus há de te abençoar.*

E me fui, no rumo de casa, enxugando com as costas das mãos, repetidas vezes, as grossas lágrimas, já misturadas com a poeira vermelha da estrada. Havia no ar um prenúncio de que talvez não tivéssemos outro encontro. Aquele pai, que escolhi ou pelo qual fora escolhido, não sei bem ao certo, me abençoara. E com isso eu seguia aliviado, em busca da felicidade que merecia. E ela me pareceu, naquela hora mágica, uma busca que justificaria toda uma existência.

Não mais nos vimos. Três ou quatro meses após minha visita, veio a falecer durante uma pescaria com amigos, no pantanal mato-grossense. Vi-o no funeral, com a face serena de quem confiara a alma ao espírito das matas, dos rios e dos peixes. Alegrei-me por ter meu

amigo encontrado, daquela forma feliz, a libertação da doença e do sofrimento.

Pequenos grandes homens

Gurinhata quase ninguém sabe onde fica. É uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, mais pobre do que rica, sem maiores atrativos que não sejam pastagens e as plantações de feijão e milho. E muita desigualdade social. Foi lá que conheci Pedro Donati do Prado, recém-chegado de Belo Horizonte para se converter no primeiro médico a residir na cidadezinha.

Pedro, em si, já era a novidade personificada. Um médico em Gurinhata, afinal de contas era algo inesperado. Doutores havia muitos, em Ituiutaba, distante sessenta ou setenta km, mas só pareciam ali para conferir a boiada ou fazer uma caridadezinha... E ele de médico quase não tinha nada; simples como ninguém, andando de sandálias para todo lado, nem usava a farda branca.

Formara-se na UFMG, mas vinha de família apenas remediada, de ascendência italiana, do Sul de Minas, quase São Paulo. Sua cidade era Jacutinga, se não me engano. Fora criado na roça e conhecia bem os costumes e o linguajar que também vigoravam em Gurinhata. Além de atender no “postinho” passou a participar de todas as reuniões que lhe convidavam – outra novidade para os locais, ainda mais partindo de um médico, como ele. Era de família muito católica e havia sido seminarista, sem abandonar a fé, apesar de ter renunciado aos votos. Quando não era convidado para tais eventos, era ele quem os convocava, por variados motivos: organizar o grupo de mães, o calendário de vacinações, o controle do lixo, das criações de porcos, etc. e como Gurinhata não tinha padre residente, ele passou a fazer às vezes de sacerdote também, no que lhe era facultado canonicamente, incluindo em seu ofício o ecumenismo e

a aproximação com os evangélicos, sempre em benefício da saúde geral.

Pedro passou a se dedicar especialmente à causa da hanseníase. Não só na cidade, como no restante do Triângulo Mineiro, antigo refúgio para os pobres leprosos perseguidos em outras partes do estado, os pacientes e suas famílias se recolhiam a lamentáveis guetos, sofrendo abertamente o preconceito dos demais cidadãos, às vezes tão ou mais pobres do que eles. E Pedro, como se não lhe faltassem outros desafios, passou a se dedicar de corpo e alma à luta contra o estigma e ao controle da doença.

Certo dia conseguiu que um grupo de usuários, associado a pessoas que participavam de uma das Comunidades Eclesiais, acedesse em participar de reunião em que também estariam presentes hansenianos e respectivas famílias. Então, aceitando correr os riscos culturais, mas não os biológicos, por inexistentes, tomou um dos pacientes pelas mãos e o conduziu à linha de frente da reunião. Ali, à maneira de um Cristo, beijou-lhe as faces e as mãos, sabendo que isso poderia, finalmente, desfazer perante as pessoas presentes e através delas ao restante da comunidade, o equívoco das crenças sobre o contágio da lepra. Assim era Pedro.

Pedro ficou em Gurinhatã por muitos anos. Virou prefeito, como seria de se esperar – nada mais natural. Foi depois educar os filhos em Ituiutaba, o que também seria algo bastante legítimo, porém sem perder seu vínculo com a cidade, já em condições de abrigar outros médicos permanentes.

Eis uma frase que resume bem sua personalidade, embora proferida por um adversário, um laboratorista que antes de sua chegada mandava e desmandava no Posto de Saúde, fazendo, entre outros papéis, o de médico: *doutor, eu não sei se o senhor é santo, subversivo ou louco*. Acredito que meu amigo Pedro Donati do Prado tivesse, de fato, um pouco de cada um desses ingredientes em sua personalidade.



Conheci aquele sujeito calmo, mas bastante comunicativo, em uma reunião de Secretários Municipais de Saúde, em Belo Horizonte, meados da década de 80. Ali era tudo novidade, até mesmo nós próprios. Eu, por exemplo, era o primeiro secretário de fato e de direito em Uberlândia, já uma das maiores cidades de MG, mas que até então não tinha sua estrutura própria municipal na saúde.

Eu em Uberlândia, ele em Manhuaçu, no outro extremo do estado; ele também inaugurando a carreira de gestor da saúde em sua cidade. Nosso primeiro contato foi protocolar, empenhados que estávamos, junto ao um grupo ainda muito reduzido, de organizar o movimento de SMS em Minas. Mas estreitamos os laços nas semanas seguintes, em frequente ligações interurbanas, com foco no nosso objetivo comum.

Luiz Carlos Lemos Prata é o seu nome.

A partir daí, passamos a nos encontrar com mais frequência, inclusive com tempo para colóquios mais pessoais, o que me permitiu conhecer um pouco mais da história desse sujeito notável. Tínhamos sido quase contemporâneos na Faculdade de Medicina da UFMG, eu formado em 1971 e ele em 1968, mas não nos conhecíamos daqueles salões e corredores da Avenida Alfredo Balena. Logo que formou, Luiz Prata voltou para sua cidade natal, Manhuaçu, lugar montanhoso, na divisa entre MG e ES, famosa nos anos 60 por ter abrigado uma tentativa de guerrilha no estilo cubano, dado sua proximidade com as montanhas do Caparaó. Cidade, como tantas outras no Brasil, rica e pobre ao mesmo tempo, marcada pela (quase) monocultura do café, com seu cortejo de associações menos desejáveis: migrações desordenadas, pobreza, tráfico, ocupações mal planejadas de morros etc, além de uma rodovia assassina, a BR-262, cortando seu território.

Luiz especializou-se em pediatria. Junto com a esposa, Beatriz Lourenço, agitou a cidade com um forte trabalho social, seja no hospital e na sede da LBA local, tendo como foco a saúde das mães e das crianças. Eram daquelas pessoas que praticamente renunciaram à

vida individual, em total disponibilidade para a vida em comunidade, cotidianamente. Enquanto isso, vieram os filhos, seis no total.

Luiz Prata, muito mais do que eu em Uberlândia, enfrentou o forte conservadorismo e os péssimos costumes políticos de sua cidade. Foi secretário de saúde em três ou quatro ocasiões, com prefeitos de partidos diferentes. Com efeito, naquele homem estava presente a marca do respeito e da responsabilidade, não do partido político. E ele, que após cada mandato julgava ter cumprido sua cota, via-se assediado por mais um convite, que era incapaz de negar – não por vaidade ou ganância – mas por ver ali oportunidade de fazer prosperar suas ideias igualitárias e democratizantes na saúde e na política social, tendo a seu lado a marcante e querida companheira Bia.

De certa feita, por questões típicas da baixa política que se pratica no Brasil, foi removido da saúde em troca de uma função menos importante, que ele aceitou de bom grado, movido pelo espírito de que seria sempre possível servir à cidade. *Me mandaram para o lixo*, comentou comigo na ocasião. Mas sem deixar de se empenhar na implantação inédita, para a cidade de Manhuaçu e também para a região, da coleta seletiva e da educação para a reciclagem do lixo.

Luiz era um entusiasta da participação social. Tive a oportunidade de ser convidado para pelo menos duas conferências municipais de saúde em Manhuaçu, onde falei sobre o SUS e suas vantagens para a população. Tarefa difícil, não pelo conteúdo da argumentação em si, que eu trazia na ponta da língua e no âmago da alma, mas pela necessidade de tentar trazer algo ainda mais interessante do que a realidade que aquelas pessoas já viviam em seu dia a dia. Tínhamos, nesse campo, nossas divergências. Se dependesse dele, cada cheque que o gestor assinasse devia ter a chancela do Conselho Municipal de Saúde. Já eu procurava ser mais cauteloso, pois sempre questioneei aquele “poder deliberativo” que a Lei 8142 conferira aos conselhos, por considerá-lo demagógico e impraticável. Mas nem por isso abrimos mão de nossa admiração e amizade.

Eis um fato que demonstra e confirma a estatura moral deste homem. Nos anos noventa, quando já tinha criado e praticamente feito a vida seus seis filhos, adotou mais três. É que perdera um irmão e sua mulher, tragicamente, num acidente na famigerada BR-262. Eram crianças adotadas pelo casal falecido, que tinham problemas de infertilidade, o que por si só houvera sido um gesto generoso, por se tratarem de filhos de pessoas muito pobres e, além do mais, já assumidas com certa idade. Luiz e Bia poderiam ter transferido o caso para a Justiça, mas não o fizeram. Na ocasião da adoção passei por Manhuaçu e os visitei. O quarto dos recém-chegados mais parecia aquele de Branca de Neve e seus amigos anões: caminhas enfileiradas para abrigar os três adotados e mais uma para a babá.

Quando lhe comuniquei que estava separando de minha mulher, que ele mal conhecia, ele me interrompeu para dizer: *não importa, continuo gostando de você mesmo assim*. Ditoso o homem que tem amigos de tal naipe...



Dr. Brandão, Pedro Donatti e Luiz Prata são apenas três exemplos de gente séria que conheci em meus anos de exercício na saúde pública. Encontrei muitos outros em meu caminho, gente de estofo moral superior ao daquele médico que vendia a talidomida que vinha da SES-MG para tratar os hansenianos em crise e ainda por cima exigia um anteparo de vidro para atender os pobres pacientes sob sua responsabilidade. Ou daquele que um dia me disse candidamente: *quando um pai tem muitos filhos, destina o mais inteligente à medicina ou à engenharia; o mais piedoso ao sacerdócio e o que não tem boa cabeça ao serviço público*. Não preciso dizer que o doutor, vaidoso membro da oligarquia triangulina, era campeão de faltas ao trabalho e de arrogância no trato com os pacientes na unidade em que atendia. De toda forma não se considerava servidor público.

Mas de relance, quero fechar esta crônica trazendo mais alguns nomes. José Pereira de Rezende, médico em Monte Carmelo, de dedicação quase sectária ao seu ofício de médico e chefe de Centro

de Saúde; este era capaz de adoecer quando uma criança pegava sarampo por não ter sido vacinada. Renato Patrão, de Ituiutaba, homem sério, verdadeiro líder na cidade e nas suas atividades como médico de Centro de Saúde. Amaury e Haroldo Ferreira, tio e sobrinho, no circuito de Estrela do Sul – Grupiara; neles o ofício da saúde parecia ser hereditário, a dedicação uma constante, sem abrir mão de um profundo senso de pertencimento à comunidade onde tinham berço. Salim Tannus, de Uberlândia, homem simples, vida dedicada aos pacientes tuberculosos. Domingos Rade, de Araguari, curioso personagem que não jogava fora os calendários, que abarrotavam as paredes de seu modesto consultório; nota dez em dedicação aos pacientes e à coisa pública. Virgílio Mineiro, de Uberlândia, de quem já falei em outra crônica, o homem que nem o câncer fez abandonar projetos políticos e humanos.

E por último, Calil Porto, que não conheci pessoalmente, mas que clinicou em Abadia dos Dourados e Araguari, com dedicação, se não total, pelo menos exemplar, ao serviço público. Nos anos 30 estudou uma epidemia de febre amarela que grassava na região e com isso ganhou um prêmio internacional conferido pela Fundação Rockefeller. Pai de Celmo Porto, notável clínico e professor da Universidade Federal de Goiás, de quem fiquei amigo e que inclusive escreveu um belo livro sobre a vida e obra de seu pai.

Grandes homens, grandes médicos, grandes cidadãos, nunca abafados pelos limites estreitos de suas aldeias.

Mais gente notável

Em uma obra tão despretensiosa como notável, “Livro Aberto”, que li há alguns anos atrás, Fernando Sabino fala de uma reunião ocorrida em certo restaurante da orla carioca, não sei se no Flamengo ou em Copacabana. Iam anos 50 em seus meados e raiavam grandes

tensões, mas também luzidias esperanças, no horizonte do Brasil. Naquela mesa de bar estavam, simplesmente, adivinhem quem?

Além do próprio Sabino, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jayme Ovalle, Oto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos. É pouco? É que ainda não falei do personagem central, em torno do qual toda essa turma estava reunida: Pablo Neruda... Já basta, não é?

Mais ou menos na mesma época, li outro livro marcante, o memorialístico “Viver para Contar”, do igualmente notável Gabriel Garcia Márquez. Nesta obra ele exercita sua costumeira arte de capturar irremediavelmente o leitor logo nas primeiras páginas. Devo dizer, aliás, que a mim ele capturou logo na primeira, ao narrar seu reencontro com a mãe, que viera a Bogotá à sua procura, após ter saído de casa em sua pequena Aracataca, pouco mais que um adolescente, e desaparecido nos meandros da capital colombiana. Mas isso é outra história e não é apenas ela que une, para mim, Sabino e Márquez. Já explico.

Recordando e contando o que viveu, Gabo fala de sua vida de estudante na agitada Bogotá dos anos 40 e 50, com multidões na rua por dá cá aquela palha e milicos golpistas sempre à espreita – creio que, pelo menos, não existia ainda o narcotráfico, seja em sua face cartelistas ou guerrilheira. Uma das lembranças contadas, daquela época, foram os colegas que com ele conviveram em um colégio público da capital colombiana: nada mais que dois ou três que chegaram a ser presidentes da república, outros tantos que se destacaram no jornalismo, na literatura e em outras artes. E, de quebra, um Prêmio Nobel...

Fato parecido é a coexistência, dentro dos mesmos muros da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, nos últimos anos da década de 20, de ninguém menos que Juscelino Kubitschek, Pedro Nava e João Guimarães Rosa. Quem sabe tomaram algumas boas cervejas em

torno de uma mesa de bar na ocasião? Bom tema para historiadores ou romancistas...

Tanta gente especial reunida, na mesma época, na mesma escola e até numa simples mesa de bar... Coisas assim me fazem pensar se isso ainda seria possível nos dias atuais. Não sei se meus leitores concordariam, mas tenho a impressão de que fatos deste tipo só poderiam ter acontecido em tempos e lugares que não existem mais. Somos tantos hoje, espalhados por tantas paragens, com interesses tão diversos e de significado que mal ultrapassam as nossas fronteiras individuais, que só nos cabe compartilhar nossas irrelevâncias. Só mesmo através das famigeradas *redes sociais* é que podemos descobrir a presença de gente que estudou com a gente, que um dia esteve conosco na mesma festa ou que participou daquela excursão a alguma praia, coisas de que nem nos lembramos mais. E ainda aparecem aqueles que nos chamam de “amigo” ou até “membro da família” e em torno dos quais somos convidados a eventos festivos, só por termos um mesmo sobrenome (até “Silva” vale nestes casos).

Fico com o sentimento de Chico Buarque, na Roda Viva: *a gente estancou de repente ou foi o mundo então que cresceu?* Isso certamente não deve ser algo sobrenatural, derivado das mudanças do eixo ou da expansão do campo magnético da terra, ou coisa assim. Talvez seja apenas uma relíquia pequeno-burguesa, de um tempo que um grupo afluente – de bem poucos, na verdade – frequentava as mesmas escolas, os mesmos bares, os mesmos ambientes de gente privilegiada. O resto era o resto, uma massa amorfa e anônima perdida nas quebradas da vida.

Com foco nisso, me pus a pensar sobre os famosos com quem tive a honra de compartilhar bancos escolares e botecos. Eita, aí fiquei “estancado” mesmo... Lembrei-me, por exemplo, de um que virou político, mas que cujo feito mais notável foi o de ter inventado o mensalão, versão mineira, muito antes dos que levaram a culpa toda. Outra, era filha do Governador de Minas, naquela boa época em que a elite e a classe média frequentavam a mesma escola. Mas, pelo que ouvi dizer, casou-se com o filho de um Presidente da Re-

pública – e não sei o que mais tenha feito de notável. O outro matou a mulher numa crise de ciúmes, um crime que horripilou a BH dos anos setenta. Nem cadeia pegou... Esqueçamo-lo. O outro virou artesão de calçados, ficou famoso no bairro em que morava, depois em toda a cidade, depois simplesmente sumiu. Mais irrelevante, impossível. Teve um que virou cineasta, mas, sinceramente nunca vi um filme seu e desconheço qualquer um que tenha assistido.

Minhas buscas se encerrariam por aí e eu me recolheria à minha notável irrelevância, quando algo se anunciou, abruptamente. Na campanha eleitoral para Presidente da República, a candidata que hoje dirige os destinos da Nação (estávamos em 2013), divulgou em seu currículo o fato de ter estudado em escola pública, em Belo Horizonte, nos anos 60, mais exatamente no Colégio Estadual de Minas Gerais (o antigo “Central”, hoje Milton Campos). Como Dilma e eu temos a mesma idade e eu também estudei ali na mesma época, concluí que tive ao meu lado, nos meus bancos escolares, uma personalidade de naipe exclusivo. O detalhe é que, juro, eu realmente não me lembro dela. Como disse um amigo meu; “deixa de ser fiel à pura verdade e espalhe por aí que foram amigos, que tiveram até um namorico, ninguém vai contestar”. Qual nada... Mas de certa forma, foi ela quem me trouxe à cena principal, ao publicar sua biografia escolar. Não fui eu quem o fiz, portanto... Assim é que fiquei empatado com Fernando Sabino e Gabo Márquez, passando também a tomar parte no seletto clube do *very importante people*, colega de escola que fui de uma Presidente da República.

Meus tios

Um móvel de respeito, este, feito de sucupira-preta, possivelmente originária do Mato Dentro, ou de outra mata do Rio Doce – madeira que nem existe mais, em sua forma viva pelo menos. Foi usada na casa de minha avó Dodora por muitos anos, até que veio parar em minhas mãos, em 1973, quando ela faleceu. A velha cadeira-de

-armar, na ocasião, ainda estava prestante e me acompanhou nas moradas que tive em variadas cidades. Tenho da cadeira duas recordações que, por si só, a fazem merecedora de homenagens: foi refestelado nela que o li, em uma das vezes que o fiz, *Grande Sertão: Veredas*, livro que me marcou para sempre. Foi sobre ela, também, que meus dois filhos gêmeos, já com mais de 40 anos hoje, posaram para sua primeira foto, com poucos dias de idade, no colo de um pai orgulhoso e ainda assustado.

A história da cadeira é mais antiga. Foi fabricada em Itabira por meu tio materno Virgílio Andrade, nos anos 50, quando este resolveu se transferir das lides da política e da administração pública para a indústria de móveis e marcenaria em geral.

Ainda me lembro da “Virma”, nome que meu tio deu a seu pequeno empreendimento, cuja origem ele explicava, orgulhosamente, significava a combinação de “Virgílio-Marita”, carinhosa referência a Marita Guerra de Andrade, sua mulher, ou “Virgílio-Madeiras”, em versão mais pragmática. Virma, a firma, ficava na esquina de Água-Santa com João Pinheiro, num tempo que ainda se podia pescar gordos bagres no corguinho ainda não submisso a manilhas e poluído, como hoje se vê. Em sua casa, logo adiante da marcenaria, do outro lado da rua, havia também criação de rãs e produção de mel, num quintal pequeno, porém repleto de surpresas, como um olho d’água e certa galinha que abandonava seu ninho para botar ovos cotidianos na cama de Rosângela, minha prima. Itabira não era ainda um doloroso retrato na parede, mas sim um lugar de férias, de primos e primas, de alegrias, de descobertas, de primeiros namoros, etc. Mas isso são outras histórias...

Virgílio Santos Andrade, meu tio. Sujeito pra lá de interessante. Como ele me identificava e me identifico até hoje. Em comum tínhamos a altura, acima da média da família, o fato de sermos primogênitos, além de algo que apenas mais tarde descobri: ter-me transformado, também, em compulsivo guardião de coisas e lembranças relativas à família e à mineiridade em geral. Mas nisso, certamente, conside-

ro-me bem acompanhado por outros primos, entre os quais Mariza Guerra de Andrade, filha mais velha de meu personagem.

Entre tantas lembranças de Virgílio, algumas ainda ecoam em mim. A importância que ele dava aos mais jovens, ou, pelo menos, a mim. Perto dele sempre me sentia adulto, valorizado, sem que isto significasse perda de ternura com a criança que eu era. Virgílio era um homem culto. Se meu avô, Altivo Drummond de Andrade, tinha um “ar letrado de camponês”, como dele falou o irmão Carlos, Virgílio, não: ele era letrado na essência e na aparência. Aliás, se parecia com um príncipe Romanov. Um humanista e um polemista, acima de tudo, mas ao mesmo tempo uma pessoa simples. Uma marca de seu espírito: ainda nos anos 60, já residindo em BH, lembro-me de vê-lo deblaterar contra a “mordida” que as mineradoras produziam na Serra do Curral, como já o fizera antes com relação à Cia. Vale do Rio Doce, em sua Itabira natal. Contestava, na família e também fora dela, algo que o senso-comum da época acreditava ser apenas parte da paisagem e preço razoável para o progresso. Quando meu irmão João Mauricio foi preso pela ditadura, Virgílio levantou-se contra o perigo e nos acudiu de pronto, movimentando influências para apurar a situação do preso e dar-lhe o apoio necessário.

Mas eu falava era de uma cadeira-de-armar, feita de sucupira-preta...

Pois bem, após quase quarenta anos de uso, o móvel, dotado de um complicado mecanismo de abrir e fechar *deu de si*, perdendo feragens e parafusos. Esteve encostado por mais de dez anos e até mesmo chegou a ser atirado ao lixo por uma faxineira descuidada, dado o estado de espandongamento em que se encontrava. Até que decidi recuperá-lo.

Foi assim: eu havia terminado minha tese de doutorado e comecei a fazer coisas que a longa jornada acadêmica tinha banido de minha vida, por exemplo, a literatura e o trabalho com as mãos. O velho móvel, que naquele momento era pouco mais que um feixe de pedaços de madeira empoeirada empilhado em um canto, entrou na

minha agenda. Realizar a tarefa foi trabalho para três ou quatro finais de semana, nos quais aconteceu sua desconstrução e remontagem. Tive que abandonar seu antigo mecanismo de armar, por falta de algumas peças essenciais. Optei por montá-la agora de forma fixa, aproveitando os pedaços de madeira que ainda restavam, o que me obrigou a alterar as dimensões originais, ficando com o assento um pouco mais estreito, impraticável para *bundões*, mas ainda confortável para pessoas normais. Retoquei com cera tingida todos os buracos dos antigos parafusos, alguns remontando à época de fabricação; coloquei novos parafusos e um novo extensor para o tecido do assento, que mandei fazer de “encerado locomotiva”. Ato contínuo, lixei, apliquei duas demãos de selador, depois cera e pronto! Se a velha cadeira itabirana fabricada por Virgílio Andrade não chegou ao estatuto de se converter em móvel de grife, um *hobjeto*, ou coisa que o valha, ainda assim ficou bonita, simpática e, principalmente, acolhedora como poucas.

Está agora novinha em folha a cadeira, pronta para repetir sua história. Eu que me preparava, na época de sua reforma, para me aposentar, saboreando o retorno às leituras mais intensivas, inclusive uma há muito planejada, embora fosse pela sexta ou sétima vez, do *Grande Sertão: Veredas*. Minhas ilusões de lazer e fruição da vida durariam pouco, pois de repente me vi convocado para novos compromissos. A aposentadoria teve que esperar e espera até hoje. Mas minha cadeira está lá, na sala de minha casa na Chapada dos Veadeiros, aguardando para novamente me acolher, em viagens intelectuais e afetivas, embora eu continue ainda sem saber do futuro, se ele me trará – e quando – *ócio* ou *negócio*.

Mas, perguntariam os leitores: que importância, afinal, teria essa bendita cadeira? Nenhuma grande solução para o mundo foi concebida em cima dela; nenhum livro foi escrito; nenhuma ideia original foi pensada; não houve nenhum diálogo fenomenal que a tivesse por testemunha. Minha cadeira, como o *Elefante* do poema de Drummond, apenas existe, nada mais, em sua história modesta, que atravessou gerações, despertou recordações e uniu pessoas em

torno dela. Mas uma coisa é certa: as lembranças que esta singela peça já foi capaz de me despertar com sua reforma, sejam de pessoas, de paragens ou de momentos da vida de uma família, já me foram um prêmio suficiente. São essas pequenas (grandes) coisas que a tornam tão importante e que compartilho com vocês agora, sendo a mais significativa delas a lembrança que trago de meu tio Virgílio Andrade..



Anos 50. O homem louro e alto, para nós crianças, simplesmente enorme como uma torre, nos trazia o cheiro de currais e as histórias de lugares de nomes sugestivos: Uberaba, Barretos, Areias. A cada ano éramos apresentados a um novo primo, quatro evangelistas, depois meninas com os nomes começados por “B”.

Anos 60. Os encontros na Fazenda das Areias. Festas regadas a conversas, brincadeiras e a comida inigualável de Dona Teresa. Mas as tragédias nos espreitavam no meio da alegria: vovô Altivo, para começar. Depois José Marcos e Mateus; vovó Terezinha e Dr. Cathoud. Nós meninos, começamos a sentir que a vida não era só brincadeiras. Mas acima, bem acima, pairava nosso Tio, que trazia vida e alegria ao nosso cenário infantil. O cheiro dos currais e as histórias de lugares longes agora mudaram. Ele agora abria estradas e rodava por toda parte em sua camionete amarela. Sempre personagem de nossa infância.

Anos 70. Nuvens negras no céu... O jovem universitário buscava fugir da cidade nos finais de semana, pegar um ônibus na rodoviária de BH, rumo ao Povoado de Areias para encontrá-lo na Fazenda, sempre receptivo. Primeiro, o jantar copioso da Tia e o doce de leite de “bufa” com queijo idem. Depois a varanda, onde a conversa escorria mansa, às vezes enfática e até agitada. E íamos da literatura à agricultura, da medicina à política. No meio de tudo o ingrediente da Poesia que nunca lhe faltou. Entre um golinho e outro, no que eu me iniciava – uma récita de *O Padre e a Moça*. Nunca ninguém traduziu pela palavra falada este poema de Drummond, com tanta

verve e com tanta emoção. E o sol nos alcançava ali na varanda, com a certeza de que aquelas conversas eram a essência da vida. Conversar é que era preciso; já viver, que fosse da maneira possível, nada mais.

Anos 90. Ele, agora, Patriarca, em seu refúgio nos altiplanos do Fama, entre o Jequitinhonha e o Mucuri. Lá estive por quatro vezes. Sua vitalidade custava a ceder, parecia não se abalar com o fumo e as muitas cachacinhas. Ali, uma *Nova Fonte* delas se descobria nos alambiques de Novo Cruzeiro. Um cafezal a perder de vista. Toda a tecnologia da agroindústria capitalista presente. Dava gosto vê-lo discorrer sobre os micronutrientes e as tecnologias israelenses de irrigação minimalista. Parecia até que já nascera naquele meio. À noite, as conversas iniciadas na minha juventude, nas confortáveis cadeiras de espaldar alto, na varanda da Fazenda das Areias, ainda mostravam inesgotável fôlego. Só que eu, aos cinquenta, já não encontrava disposição para encarar o sol chegar; mas ele, vinte e cinco anos mais velho, sim. Para dormir usava apenas um banco de madeira. E mesmo assim já amanhecia com profunda disposição para retomar a conversa, tivesse como temas *O Padre e a Moça* ou a flutuação dos preços dos insumos agrícolas, com a devida ressalva sobre suas discordâncias relativas às tecnologias médicas. Sujeito opinioso!

Frase sua, dedicada a alguns amigos, que guardei: *não lhe devo obrigações, apenas finezas*. De meu Tio Roberto Andrade o que posso dizer é algo semelhante. Cumulou-me de *finezas* por toda a vida. Pela atenção que deu à criança e ao jovem estudante de medicina. Pelo convite para que eu batizasse a caçulinha Betânia e assim nos tornássemos compadres. Pelo exemplo permanente de saber dizer o que pensava, de forma tão desabrida, mas ao mesmo tempo atenciosa. Pela sua coragem em enfrentar os desafios que a vida lhe trouxe: perdas de filhos, irmãos, mudanças de lugar e a sistemática destruição das coisas que produziu. Pela sua inteligência criadora e abrangente. Pela sua capacidade de carregar o Mundo dentro de si.

Pela generosidade em se colocar abertamente para todos. Por não ser sovina em suas emoções e lembranças.

Para mim, sem medo do lugar-comum, ele ainda vive. Sua passagem por nós é apenas um dos fatos de sua existência luminosa, que prossegue, apesar da dor e da decadência física. Meu e nosso amigo Roberto, obrigado pelas finezas e pelos privilégios que a convivência com você trouxe a mim e a todos que com você estiveram!



Partiu meu compadre Roberto, mas me deixou uma herança especial: seu filho João de Queiroz Andrade, que nos anos 90 veio morar em Brasília. Fui procurado por ele e sua mulher mesmo antes de chegarem com a mudança, tive imenso prazer em servir-lhes de referência aqui e deles me tornei amigo pela vida a fora, com muita honra. Com carinho e saudade conversamos muitas vezes sobre os casos de meu tio, a quem nós nos referimos mutuamente, sem outros designativos, com “*O Véio*”.

João, o quarto evangelista da família, depois de Mateus, Marcos e Lucas (os dois primeiros, infelizmente, falecidos precoce e tragicamente) sempre me conta uma história da qual eu teria sido personagem, embora já não me lembre disso. Diz ele que certa vez, na Fazenda das Areias, eu o salvei de um afogamento. Fico feliz por tê-lo feito realmente, mas nunca perco a oportunidade de fazer onda com ele, de uma maneira que nos é peculiar e com a qual quem não nos conhece às vezes se assusta: *então, só por isso, tenho que aguentar você a vida toda?* Ele me devolve alguma gozação no mesmo tom e fica tudo bem.

Ainda dentro do capítulo das brincadeiras, digamos, *indecorosas*, costume brindá-lo com a afirmativa que o que ele tem de melhor – e o que salva nossa amizade – é a companheira que a vida lhe trouxe, Cristina.

Cristina Moori Andrade, com quem tenho outro tipo de afinidade, que não abriga esses chistes de machos brancos, é uma pessoa espe-

cial. A mãe, gaúcha e separada, casou-se depois que ela nasceu com um japonês legítimo e com ele teve outros filhos. É curioso ver seus retratos de infância, nos quais ela comparece como a única ocidental, bem branquinha, dentro de um mar de olhinhos puxados. Mas de toda forma, a delicadeza, a sensibilidade, o pendor artístico de Cristina tem um DNA “japa”, não tenho dúvidas.

João e Cristina compõem, junto com meus filhos, neto e genro que moram aqui em Brasília, meu núcleo familiar legítimo e querido, que eu valorizo muito.



Roberto Andrade teve um concorrente, em minha mente infantil, em sua aura de homem audaz, que fazia coisas titânicas e marcantes: Duílio de Oliveira Santos, meu tio avô e padrinho *de* crisma.

Tio Duílio era agrimensor de profissão, mas seu olhar peculiar para os vales e montanhas da natureza, fizeram dele um exímio projetista de estradas, sendo muitíssimo respeitado no DER de Minas, onde trabalhou a vida toda. Ali logo lhe deram o título de *Doutor Duílio*, e mesmo os engenheiros formados se curvavam frente à sua experiência estradeira. Quando falo em estradas aqui, não custa lembrar que naquele tempo elas consistiam em vias que acompanhavam o relevo natural por onde passavam, sem recorrer às gigantescas terraplanagens niveladoras, origens de muito rio entupido por aí.

Durante boa parte de minha infância acompanhei, maravilhado, seus relatos de trabalho em lugar que me parecia um verdadeiro paraíso de aventuras desafiadoras e emocionantes, a *Ravena*. Eu sempre recebia dele a promessa que um dia me levaria ali, para ver aquelas coisas sensacionais acontecerem, tais como a remoção de pedreiras inteiras por máquinas poderosas, as cargas de dinamite, a vida aventureira em acampamento provisório, o contato direto com o mato, onde havia bichos silvestres. Isso nunca aconteceu, mas anos depois quando conheci de perto o lugar com a estrada já pronta, um distrito de Sabará ao lado da BR 381, que liga BH a

Vitória, pude perceber de que não teria perdido grande coisa, pelo contrário, certamente teria me entediado logo com um dia inteiro imerso num ambiente que definitivamente não servia para a criança que eu era.

Duílio era um homem à frente de seu tempo. Sua casa, na rua Carlos Gomes, bairro de Santo Antônio, em BH, era um primor de arquitetura modernista, projetada por ele mesmo. Ali, ao invés da combinação de alpendre, sala de visitas, sala de jantar e quartos, dispostos de forma tradicional, havia separação entre área íntima, moradia e serviços; suítes nos quartos; garagem de desembocava direto na cozinha e até mesmo uma rampa de acesso interno, ao invés de escada, pois o terreno tinha algum desnível, além de jardim de inverno e claraboias de iluminação. Em tal moradia passei dias felizes, em companhia de meus primos Chico (ou *Xico*, como gosta de ser chamado), que era da minha idade exata, e de suas irmãs Maní, Elisa e Cristina. Aliás, ali era o único lugar, além da casa de meus avós, em que eu tinha permissão de dormir fora da minha própria casa.

A modernidade da família não se verificava apenas no espaço que habitavam. Meus primos foram criados em um ambiente de grande liberdade cultural e material, de forma impensável para nós-outros. Lembro-me, por exemplo, que foram ver, com amigos, um show da popstar (versão primitiva) americana Brenda Lee (*Jambalayo*, lembram-se?). Quando veio a febre Beatles, as garotas assistiram *A Hard Day Night* seis ou sete vezes. Uau! Se inveja matasse...

Meu Tio era um homem alegre, dado a festas em família. As passagens de ano em sua casa eram inesquecíveis e em uma delas ele conseguiu fazer com que meu avô Altivo, um homem tímido e meio casmurro, dançasse uma valsa com seu cunhado, Arnaldo Cathoud, este de natureza mais pândega. Ali se bebia e se comia à farta, sendo objeto de especial luxúria e cobiça do resto da família, as cestas de natal que os amigos lhe presenteavam. Ele tinha também penhores artísticos, tocando de forma exímia uma harmônica de boca, coisa que era capaz de fazer “até com o nariz”, segundo o folclore

familiar. Mas de toda forma não seria por acaso que Xico Marcos fosse um excelente percussionista e que Cristina tenha sido durante anos uma das bailarinas de maior destaque no Grupo Corpo, de BH.

Tio Duílio encontrou em Adelaide, a *Nina*, a companheira ideal. Ela não era tão exuberante como o marido, mas era uma pessoa de convivência muito agradável, excelente contadora de histórias e dada à música também, com voz excelente e ampla memória musical, por onde passavam desde árias de ópera até marchinhas antigas de carnaval.

Em 1971, ao chegar à Faculdade, vi que alguém me chamava do outro lado da rua. Era meu tio Virgílio e seu modo compungido e até certa palidez em seu rosto já me fizeram perceber que havia uma notícia terrível no ar: Duílio acabara de morrer de um infarto fulminante.



Todos têm tios. Jacques Tati tinha o dele, Tchekov curti a seu Tio Vanya; Guimarães Rosa imortalizou certo Tio Iauaretê.

Mas o meu – ou melhor, o nosso (divido a honra com vocês) – modéstia a parte, é melhor e diferente desses todos. Um tio como poucos... Meu Tio, o Heraldo, o único – o dos Santos e dos Andrade...

Para dar conta da multidão que nele habita, me aventuro nos dicionários. Vejo que seu nome pode indicar o oficial que na Idade Média tinha a seu encargo transmitir mensagens importantes, além de organizar as festas de cavalaria e cuidar dos registros da nobreza. Ah, sim, é um nome masculino de origem germânico, significando o mesmo que “Rei de Armas”. Como sinônimo, poderia ser simplesmente mensageiro, pessoa que leva uma mensagem, ou aquele que anuncia algo que ainda vai acontecer.

Fico também sabendo que nas cortes da Idade Média, o Heraldo (*Araut* em francês e *Herald* em inglês e alemão) era aquele cavaleiro habilitado a transmitir mensagens de importância e comandar

as grandes cerimônias, além de (nas horas vagas, possivelmente) exercer cargo e ofício de conhecer e ordenar os brasões das famílias nobres.

Um Heraldo não pode ser pouca coisa, realmente. De onde provém seu nome? Pode ser que seja do alemão *herald*, que equivale a soldado veterano, mas pode ser também do latim, *heros*, daí derivando *herói*, *heroísmo*, *heróico*. Mas acho que podemos dar a pesquisa por finda, pois estes caminhos de armas, cavalos, guerras, tropelias, brasões, ambientes cortesãos, militarismo etc não nos conduzirão, definitivamente, ao verdadeiro Heraldo que conhecemos.

Falo, então, de como o vejo. Em 1995, nos seu setenta anos e cem de seu pai e meu avô Altivo, escrevi sobre ele, em poema dedicado a meu avô: *Este outro é tal qual ver-te / se não no corpo, no gesto, / fez teu percurso ao contrário / envelhecendo no berço / da terra que o viu nascer. / Fazendeiro das ideias, / suas lavouras aéreas / fazem grande latifúndio.*

Heraldo, das histórias tantas. Por exemplo, aquela que me foi contada por José Marcos, o irmão precocemente falecido. Dizia ele que, estando em Nova Era, onde na ocasião residia o nosso personagem, recebeu dele, emprestada, uma mula para facilitar sua locomoção pelas ruas da cidade. Ótima montaria, mansa e educada, de bom trote. Só tinha um problema, parava a toda hora nas ruas, bastava que alguém a pé ou montado viesse na direção contrária. Era, então, uma besta empacadeira? Nada disso! Apenas, em sua rara inteligência mular, agia conforme os hábitos de seu ginete habitual, que dedicava um dedo de prosa para todos que passavam – e que conhecia todo mundo em Nova Era. Assim, a missão montada que deveria durar no máximo uma hora, demorava três vezes mais para se concretizar.

Esta é uma história minha... Cerca de 1997 ou 98 fui matar saudades dele, em Itabira, junto com Maurício, meu filho. Peguei meu carro e rumei para lá; com muito custo o encontrei, apesar de ter combinado a ida, pois não estava nos altos do Campestre e sim em

novo endereço, numa barafunda de ruas, pra lá da Estação Ferroviária. Impressionou-me o cômodo modesto que agora lhe servia de escritório, cozinha e, muitas vezes, também de dormitório. Tudo isso dentro de um terreno de uma serraria desativada. Coisas dele... No tal quartinho, me mostrou uma pasta cheia de escritos, poemas, crônicas, textos filosóficos, utopias – coisas assim, a amostra foi rápida, não deu para identificar o teor. De repente me deu um daqueles papéis (que procuro agora e não encontro...). Nele estava escrito um poema, sobre terras compradas por ele, defendidas com muito orgulho e tenacidade, até que, na segunda parte, na finalização, conclui: *a terra não era minha, era da onça*. Texto forte e sensível, de fazer orgulhosos os numerosos ecologistas da família.

Era bom de conselhos, também. Certa vez me disse que se um dia em comprasse terras, devia preferir aquelas que estivessem em mãos de herdeiros, melhor ainda se brigados entre si. É só ter paciência, se você souber esperar, vai comprar por menos da metade do preço, negociando com cada um. Bom, pelo menos aprendi duas virtudes que nele eram abundantes como em ninguém: paciência e habilidade para conversar, negociar e, acima de tudo – e nisso ele atinge a perfeição – fazer amigos.

Tia Angelita certa vez me contou outra. Como ele se hospedava em sua casa, quando ainda vivia em Itabira, já em anos mais recentes, um dia resolveu usar suas prerrogativas de irmão e lhe deu uma bronca pelo fato de viajar entre Itabira e BH levando seus pertences em uma reles sacolinha de supermercado. E ato contínuo lhe presenteou com algo bem melhor e mais digno de respeito. Não adiantou nada. Eis que quando ele aparece de novo traz nas mãos outra sacolinha, justificando: *que nada, assim é melhor, tem muito ladrão por aí; assim passo mais despercebido*.

Uma imagem dele me marcou profundamente. Na viagem já citada a Itabira, fomos dar uma volta por lá, à antiga Fazenda Pontal (agora um “vale sinistro”) e a uma propriedade dele, no município, onde havia uma bela cachoeira que lhe tinha despertado a ideia de ali construir um “clubes da família”. E viajou nisso, durante longo tem-

po. Já voltando para a madeireira extinta, em seu Fusca renitente, ao cair da tarde, eu apressado para pegar meu carro e enfrentar a BR 381 na volta para BH, noto que ele praticamente não mais acelerava o carrinho, antes o deixava descer livremente as eventuais ladeiras e depois, tal qual a proverbial mula de Nova Era, simplesmente deixava o mesmo estacar, sem mais nem por quê. Eu, com a pressa que estava, confesso que cheguei a ficar um pouco impaciente. Mas logo vi o que o movia (ou melhor, o que *não* o movia...): a vontade de estender minha companhia e a de Maurício por mais tempo. Voltei já com a noite fechada e não me arrependi.

Assim é este sujeito: meio fazendeiro, meio poeta; muito Andrade, mas Drummond na medida; fazendeiro do ar e da terra; um tanto de monge zen, outro tanto de empresário; um contador de histórias que conta o que viveu, mas se por acaso vier a inventar, fará dessas histórias algo ainda mais acreditável; homem portador das armas da palavra fácil e abridora de caminhos; cavaleiro de mulas que não sabem o que é pressa e param a cada esquina.

E isso tudo sem esquecer uma porção romântica e ousada que certamente ainda vive nele. A do jovem elegante e bem-querido na BH dos anos 40 e 50, que não titubeia em organizar uma fuga rocambolesca, junto com seu Amor, a bordo de uma perua Peugeot cinquenta e um, pelas malévolas estradas do Brasil, até dar em terras paraguaias!

A vida lhe foi ingrata. Um acidente vascular, ainda nos anos 90, emudeceu o contador de histórias e paralisou o ativo empreendedor, mas a ele Heraldo já sobrevive por mais de 20 anos.

Meu Tio, o Heraldo-etê! Viva ele!



O Juca, boticário aposentado, não era exatamente meu tio, mas é como se fosse. Primo em primeiro grau de meu avô Ieieca, faleceu com quase 100 anos, mas ainda prenhe de lucidez e muita sabedoria. Era mineiro de Pains e chegou em Brasília naquela fase da

vida em que as pessoas já estão se aposentando, depois de décadas de trabalho, quando vem um certo enfado dos compromissos e dos horários. É que raiou no Planalto Central a luz da nova capital e ele não resistiu a tal novidade.

Chamar o Juca, em minha infância, não tinha nenhuma conotação fisiológica. O Juca sempre acorria, com seu jeito calmo e bondoso, trazendo seu apoio, um afago para nós, pequenos, além das apreciadas *caixinhas* de sua farmácia, naquele tempo feitas de papelão grosso e armado, muito jeitosas. A nossa fantasia transformava aquelas caixinhas em automóveis, caminhõezinhos, casas, currais, edifícios. Ai de nós, não fosse o Juca, que morava um quarteirão adiante de nossa casa, no velho bairro do Prado, na pacata BH dos anos 50.

A Farmácia do Juca era uma botica pequena e de porta única na antiga rua Hypodromo, grafia da época, hoje Cura D'Ars, no alto do Prado. Junto ao balcão, dois bancos largos, onde se sentavam as pessoas que vinham para um dedo de prosa. Dentro, o dono, de avental branco, aviava receitas e proseava, uma coisa de cada vez.

Falar no Juca é falar na Maria-do-Juca... Certa vez, Claudia, minha irmã mais nova, quando bem pequena, contava algo para a outra irmã, Myriam, sobre tal personagem. E esta perguntava: *mas que Juca?* E ela, sem pestanejar: *o Juca, da Maria-do-Juca, uai....* Para tal Maria, de sobrenome Machado, prima do marido, era Deus no céu e JK na terra. E, assim, no início dos 60, veio o casal para Brasília, comer poeira, enfrentar a solidão, morar em casa de madeira, viver vida de pioneiros. Instalaram-se na Vila Planalto, depois na L2 Norte, que ainda era cerrado e, desde os anos 70, na 713 Sul. Sempre os mesmos Juca e Maria de minha infância. Casa cheia de amigos, parentes, conterrâneos: uma embaixada de Aldeia, assim como tantas outras em Brasília, trazendo suas histórias universais a uma metrópole feita, na verdade, de pequenas aldeias. Volta e meia chegava novo morador, encaminhado por algum compadre ou ami-

go, de Pains, para aqui estudar e se arrumar na vida – e a casinha da 713 virava pensão.

O que bem definia o Juca, na força das suas nove décadas e tanto de vida, eram seus aniversários, quando a pequena rua da 713 se movimentava com visitas, unidas pelo desejo comum de abraçar e festejar o patriarca. Ou, então, sua advertência a um parente, que se queixava de mazelas diversas: *eu já lhe falei, Fulano, você está muito jovem para estar sentindo estas coisas todas...* Só que o Fulano, no caso, tinha 86 anos, bem completados.

Durante os anos noventa, pratiquei com constância o hábito de *chamar o Juca*, visitando-o e tomando com ele um dedinho de cachaça de Pains, além de usufruir da boa prosa que ele cultivava, com simpatia e sabedoria. Ainda hoje, passados tantos anos, convoco-o, sempre que posso, a me servir de modelo para a velhice e me passar sua lição de beirar um século de existência sem perder a dignidade de um cidadão que ao mesmo tempo é de Pains, de Brasília e do Mundo



A cena ficou famosa na BH do final dos anos 50: durante um clássico Cruzeiro x Atlético, no velho estádio Independência (na época também conhecido como *Campo do Sete*, em referência ao time que ali tinha sua sede, o Sete de Setembro Futebol Clube), um sujeito baixinho e troncudo, carregando a bandeira azul-celeste, se dirige intrépido à torcida alvinegra vizinha, e desafia a quem se habilitasse a *cair no braço* com ele. A cena foi mostrada ao vivo pela TV Itacolomi e recontada de muitas maneiras nas rodas da cidade. Por sorte, a polícia chegou antes e afastou dali o valentão e dispersou seus inimigos, que certamente lhe teriam dado uma surra memorável. Naquele tempo não era costume as pessoas se matarem nos estádios.

Este era meu tio Lauro Goulart. Tinha um coração de tamanho diretamente proporcional à sua intemperividade. Certo dia, por

exemplo, ao presenciar um carro de um estranho se incendiando à sua frente, desceu imediatamente do seu veículo, tirou o paletó e abafou as chamas. E ele ia para um casamento.

Devo a ele, entre outras finuras – e alguns *espalhos* também – o empréstimo semanal compulsório de um velho Pontiac dos anos cinquenta, semiautomático, carinhosamente apelidado de *boi-velho*, pelo seu tamanho e lerdeza. Com tal bólido íamos eu e minha namorada vagar *ad hoc*, durante o final de semana belorizontino – melhor impossível! E quando por acaso eu não aparecia para buscar a viatura ele me instava para que o fizesse sempre.

Era do ramo dos transportes, assim como meu pai e meu avô também foram um dia, mas persistiu no ramo e chegou a se tornar, junto com seu irmão Agnelo, empresário de relativo sucesso já nos anos setenta, com sua Viação Cruzeiro, que atendia os bairros do Cruzeiro e do Anchieta, na Zona Sul de BH. Mas antes disso, ainda nos tempos das linhas mais pobres da Nova Granada e do Prado-Esmeraldas, malhou muito, pessoalmente, nos volantes dos velhos torpedinhos (*lotações*) Mercedes-Benz.

Tive o desprazer de estar em BH, creio que em 1985, justamente no dia em que ele foi acometido por uma enorme e súbita dor no peito, falecendo poucas horas depois, vítima da ruptura de um aneurisma. Não cheguei a vê-lo com vida, então; apenas o acompanhei pesaroso à morada final.

Lauro Goulart: este viveu e morreu da mesma coisa – do *coração*.



Marcos Goulart, o *Seu Marcos*, era o irmão mais novo do meu avô Ieieca. Baixinho, risonho, boa praça, tinha como marca especial um pescoço torto, derivado talvez de uma fratura de clavícula mal curada. Mas longe de dificultar sua vida, a tal falta de prumo o tornava mais engraçado e comunicativo, até porque era mestre em visagens e caretas inesquecíveis. Em suma, foi uma das pessoas mais hilárias que já conheci, capaz de criar situações cômicas a partir do nada.

Não foi um homem rico. A vida toda de trabalho duro, na roça, lhe deu apenas uma casa na cidade, onde ele e sua companheira Zica tocavam uma modesta pensão. Meu pai me contou que um de seus hóspedes, funcionário da Previdência Social que viera a Pains justamente para regularizar as inúmeras tramoias de que a mesma era vítima, se afeiçoou tanto aos senhorios que conseguiu para eles nada mais do que uma aposentadoria – e dupla! Naquele tempo ainda não havia sido inventado o benefício da “prestação continuada”.

Ti’Marcos tinha, além de sua casa, um pequeno lote na cidade, que ele chamava de *fazenda*. O nome até que se justificava, pois ele ali colhia quantidades impressionantes de milho, abóbora, feijão, abacates, bananas. E não teria mais do que trezentos metros quadrados a área de tal “fazenda”.

Certa vez que eu o visitei, ao me ver de barba, quis saber: *uai, você fez promessa pra quê, meu filho?* De outra feita, ao nos visitar em BH, diante da escultura de bronze de uma mulher nua, voluptuosa, enorme, frente ao antigo Cassino da Pampulha, exclamou espantado: *mas parece a muié do Aniba...* A Zica o fulminou com um o olhar que parecia indagar de onde vinha tanta intimidade. E nós rimos a valer com a cena, tanto com seu brilho nos olhos ao dizê-lo como pela cara marota que fez quando foi reprimido pela companheira.

Morreu pobre como viveu, mas levando a vida com muita graça. Sobraram, depois dele, em Pains, mais uns três ou quatro parentes do ramo Goulart, que desapareceram, um após o outro, nos anos seguintes. Se há um lugar que merece, também, o epíteto drummondiano relativo a um doloroso *retrato na parede*, este lugar, para mim, é Pains, o berço dos Paim-Goulart.



E agora José? Quem é que não conhece este verso? Alguns pensam que Drummond se inspirou em seu irmão José para compô-lo, mas posso garantir que isso não é verdade. Melhor recordarmos dele a

partir de um retrato, este verdadeiro, que lhe foi preparado pelo irmão, no poema *A Mesa*:

*Mais adiante vês aquele
que de ti herdou a, dura
vontade, o duro estoicismo.
Mas, não quis te repetir.
Achou não valer a pena
reproduzir sobre a terra
o que a terra engolirá.
Amou. E ama. E amará.
Só não quer que seu amor
seja uma prisão de dois,
um contrato, entre bocejos
e quatro pés de chinelo.
Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,
à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano.
Dir-se-ia que ele tem raiva,
mas que mel transcende a raiva,
e que sábios, ardilosos
recursos de se enganar
quanto a si mesmo: exercita
uma força que não sabe
chamar-se, apenas, bondade.*

Pois conheci tal personagem pessoalmente e posso dar meu depoimento sobre ele.

José Drummond de Andrade viveu solteiro e (aparentemente) morreu solteiro. Na minha infância eu o via raramente, pois ele morava em um quarto de hotel em BH. Cerimonioso, raramente procurava

a família. De tão ermitão que era, ofereceu a meus pais o próprio telefone de que era proprietário, o que representava um verdadeiro tesouro naquela época. *Quatro zero cinco nove três* – ainda me lembro no número.

Ele vivia da renda de ações de banco, que recebera de herança, já que meu bisavô Carlos de Paula Andrade tinha sido um dos sócios fundadores do antigo Banco da Lavoura. Mas aquele meio de vida acabou se escasseando e ele, do Brasil Palace, ainda glorioso, foi cair em outro hotel bem mais humilde, na Praça da Estação. Foi em tal situação que meu avô Altivo, no final dos anos cinquenta, por ter a casa da rua do Ouro já quase vazia na ocasião, convido de ver a solidão e a provável penúria do irmão, o convidou para ir morar lá.

E assim, as tardes de domingo dos netos, invariavelmente passadas na casa avoenga, foram abrilhantadas pelo novo personagem. A primeira impressão, de casmurrice e incomunicabilidade, foi logo desfeita. O tio Zezé era dono de um formidável repertório de piadas e joguinhos de adivinha, muitos dos quais me recordo até hoje. Por exemplo, aquela história do sujeito que fez cocô na meia, por não dispor de uma privada no quarto de hotel onde se hospedava e enquanto decidia o que fazer com o pacote que lhe pesava nas mãos, resolveu rodá-lo a esmo – só que a meia estava furada. Coisas assim, meio escatológicas, sem deixar de ser ingênuas. E nós nos divertíamos – acho que posso falar em meu nome, no de meus irmãos Eugenio e João Maurício e de minha tia-irmã Teresa Julieta, testemunhas dessas histórias.

Tinha histórias secretas por trás dele. Por exemplo, aquela da noiva em Itabira, que ele deixava penar por longos meses, ausente, perdido na lonjura de suas terras. Um dia, eis que ele chega na cidade, a cavalo, e recebe a notícia também galopante: a moça estava de noivado com outro. Esporeia, incontinentemente, o animal e se dirige para o sobrado da família da ingrata, onde adentra montado, subindo pela escada principal até que a besta refuga e recua. Sai de Itabira para nunca mais voltar. Não sei se é a total verdade, mas sem dúvida é uma boa história.

Tive a desventura de estar a seu lado quando ele morreu. Ele havia saído da casa de meu avô imediatamente depois da morte deste, em 1961. Voltou à vida de ermitão e pouco o víamos, com exceção de meu tio Virgílio, a quem eu chamo honrosamente de o *guardião da família*, que sempre o procurava. Um dia, em 1968, fui solicitado por nosso guardião a participar de um mutirão familiar de acompanhamento ao tio Zezé, que sofrera um infarto e estava internado. Pude passar algumas noites ao lado dele, mas então, o sujeito comunicativo que eu conhecera já não era o mesmo, inteiramente dominado pela dor ou dopado pelos medicamentos. Uma noite, na cama ao lado, ouvi seu grito e me levantei imediatamente, a tempo de amparar seu corpo, que se erguera penosamente do leito. Ele tinha as mãos contraídas no lado esquerdo do peito e seu olhar já anunciava o pior. Com um grito de dor encerrou sua existência – em minhas pobres mãos de segundanista de medicina...

Nos seus dias de internação um dos mistérios de sua vida se esclareceu, graças às visitas frequentes de uma dama, de nome Aída Portugal, digna, nobre, perfumada, bem vestida, majestosa até – bem à altura daquele sujeito extraordinário, um homem que recusou seu amor transformado em mera *prisão de dois, contrato entre bocejos e dois pares de chinelo*.



Meu tio, Ricardo Santos Andrade, repetiu a saga de José Drummond. Por alguma razão, talvez por não desejar *repetir sobre a terra o que a terra engolirá*, também não se casou, sem que isso significasse castidade ou celibato definitivos – aspectos todavia não declarados ao público em geral.

Viveu uma vida de funcionário público modesto, depois de uma carreira interrompida no Banco do Brasil, morando sempre em quartos de hotéis. Esteve em muitos lugares, do interior de Minas à Amazônia, com muitas experiências de vida e de trabalho. Superou um alcoolismo extremo e disso se orgulhou, nos mais de trinta anos

que sobreviveu longe do vício, disso dizia, como a arrematar suas desventuras com o álcool: *agora só bebo guaraná*.

Depois de aposentado na Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, retornou a Itabira, de onde esteve ausente por muitas décadas, lá encontrando velhos amigos, que inclusive voltaram a chamá-lo pelo apelido de infância: *Bizodô*, ao que consta o nome de um xarope da época... Tentei encontrar o exato significado disso, mas não houve Google ou Yahoo que me ajudasse...

Morreu em 1995, com uma úlcera rompida na cavidade abdominal, por possível negligência médica. Estivemos muitos da família em seu velório, em Itabira. Como se sabe, velórios fazem parte da vida e neste, em particular, houve uma cena memorável, com o perdão da palavra talvez imprópria: *hilária*. Éramos mais ou menos umas doze ou quinze pessoas, entre irmãos e sobrinhos, que deixamos o velório por algum tempo para almoçarmos juntos. Eis que chega um amigo itabirano, se aproxima de meu tio Heraldo e se depara com aquela mesa tão cheia e também animada – por que não? E é apresentado a uns e outros. Só que o pobre homem não sabia do motivo de estarmos todos ali juntos e foi impossível barrar a pergunta: *então só falta o Ricardo, onde está ele?* Meu tio Heraldo, com a graça e a bonomia de sempre se encarregou da resposta, inescapável: *morreu. – Quaaaaando? – Ontem...*

A cara do homem mereceria ser filmada e certamente se tornaria um clássico da mudança súbita de expressão de uma pessoa.

Na ocasião escrevi para ele uns versos...

Chegada

Pelo chão espalhavam-se as peles de lontras, onças e jacarés (naquele tempo ainda não era pecado matar um bicho aqui, outro ali).

Na gaiola um casal de papagaios meio glabros gritava e assobiava ininteligivelmente como se acabasse o mundo.

Um dos louros, às vezes, chamava: “Carlos!”. Quem seria?

Dois alegres e onipresentes saguis, buliçosos, perigosos, malcheirosos, aos saltos e cabriolas, como pequenos mestres de cerimônia, a nos apresentar os segredos amazônicos.

Da canastra saíam variadas coisas e a sala se fartava de seus cheiros desconhecidos: mantas de pirarucu, pacotes de farinha puba, frutas em á, em í, em ú, dourada farinha de peixe.

De entremeio, uma babel de objetos de todo tipo e tamanho: escamas de peixe para lixar unhas; olhos-de-boi a nos espiar nos quatro cantos da mesa; arcos, flechas e, um imenso tacape emplumado, capaz de afundar cabeças; cocares e enfeites de penas em cores nem sonhadas; bastões de guaraná com sabor a serragem e terra molhada; malévolos pentes de espinhos de palmeiras; macacos de látex mostrando o que não devia, logo subtraídos à curiosidade das crianças; um remo de canoa; um mole chapéu de palha; leques que pareciam secas palmeiras aplastadas; vidrinhos com estranhos óleos perfumados; um pote de barro com banha de capivara; cabeleiras de raízes olorosas.

De tudo se contava uma história, casos cheios de aventura e mistério: ataques de malária brava, nuvens de vorazes muriçocas, chuvas que duravam meses, perigosos peixes elétricos, botos que roubavam moças, pescarias memoráveis, macacos churrasqueados, cachaças com raízes, índios flechando brancos, sete dias em canoa, noites passadas na rede, e uma baita caganeira que quase matou todo mundo.

A alma infantil descabia de si mesma e espantadamente percebia que a maior de todas as maravilhas, maior ain-

da do que aquele mostruário de cores, formas, perfumes e ação, que botava a selva dentro de nossa sala, era o fato de privarmos da intimidade de tão extraordinário personagem, de longe chegado com tal carregamento:

Nosso Tio.



Certo dia, em agosto de 1963, eu estava na casa de um amigo quando chegou um telefonema para mim. Era minha mãe. Meu estranhamento logo se mostrou plausível, dado que ela não faria isso em circunstâncias normais. E dessa vez a anormalidade era grande: meu primo Mateus, filho de Roberto e Terezinha, havia morrido afogado. Mas isso, por ainda maior infelicidade minha, logo se revelou como apenas uma parte da verdade: meu tio Zé Marcos também perdera a vida, ao que parece, ao tentar salvá-lo.

Perdas, para mim, até então, eram só de gente mais velha. Ou de outras pessoas, de outras famílias. Como isso poderia estar acontecendo comigo, que mal tinha completado quinze anos, que perdia de uma só vez um primo quase da minha idade e além dele, um tio muito especial, que nem havia completado trinta anos de idade, em uma família que ainda chorava a perda de seu patriarca Altivo, ocorrida apenas dois anos antes?

José Marcos, irmão mais novo de minha mãe (depois dele ainda nasceram duas mulheres, Maria Aparecida e Teresa) era um desses tios inesquecíveis. Como era mais jovem, sempre tivemos com ele, nós sobrinhos, uma intimidade especial, bem correspondida. O apelido familiar que lhe demos era *Sô Zé*, e ele parecia se deliciar em ser chamado assim. Era o rei das piadas e dos chistes, que repetíamos sem parar, encantados com o privilégio de ter alguém como ele na família.

José Marcos não quis estudar muito, talvez tenha feito só o antigo ginásio, para desgosto de meu avô. Com isso teve que cair na vida cedo, sendo amparado por seus irmãos mais velhos, como Heraldo

e Roberto, além de meu pai, mas que nunca o pouparam de trabalhar duro. E fosse como ajudante de caminhão ou trabalhador e gerente em fazenda, ele nunca negou fogo.

Do ímpeto piadista de *Sô Zé*, lembro-me de uma história insólita. Corria o ano de 1956 (ou 57) e houve a famosa invasão da Hungria pelas tropas soviéticas. Zé Marcos nesta época servia o Exército e nós adorávamos vê-lo fardado, contando lorotas a respeito de uma guerra da qual ele iria participar. Um dia ele nos revelou onde seria a tal guerra: *na Hungria*. E nos pediu segredo sobre isso, porque por enquanto ainda era uma decisão que só os generais sabiam e ele havia descoberto, não se sabe como. E nós, que por influência de família temíamos o comunismo, já tínhamos tomado partido na contenda, a favor dos húngaros, claro. E fomos indagar dele ao lado de quem o Brasil entraria na guerra. E a resposta que deu para nós foi terrível: *ao lado dos russos, claro; precisamos dar uma surra naqueles húngarianos...* A brincadeira não tinha fundo ideológico, certamente, mas fazia parte de seu eterno espírito de nos armar peças. Vovô Altivo, que escutou a conversa, logo veio nos acalmar a respeito daquilo.

Aliás, neste quesito de tios jovens, acho que não posso me queixar, pois do lado de meu pai tinha também dois deles, pouco mais velhos do que eu, Willer e Edgar, de quem era amigo e de cuja companhia usufruí bastante, como conto em outra parte desta memória. Além de Cicida e Teresa, claro – esta última, mais irmã do que propriamente tia.

Ele estaria hoje com mais de oitenta anos. Mas ainda permanece em minhas lembranças. É bom viver sobre tal estofo familiar.



<<As pessoas não morrem, fica encantadas>>. Mas o que acontece com quem já tinha e fazia acontecer o encantamento como parte inseparável de sua vida? Bruno Carlos de Almeida Cunha, marido de minha tia Angelita, era assim e não mudou de estado. Sua mudança,

num treze de agosto, foi apenas para produzir o encanto em outras paragens. Mas continua vivo entre nós, herdeiros que somos de sua alegria e de sua arte de costurar gerações.

Para lembrá-lo melhor, volto aos anos 50-60, quando o vi pela primeira vez – um rapaz tímido – em namoro de portão com minha tia, na rua do Ouro. Depois na rua Chefe Pereira, também na Serra, onde viveu nos primeiros anos de casado. Em seguida, em Tula-ne (EUA) e em Sampa, tantos anos. E então, novamente, BH. Acho que neste périplo encontrei um pouco da essência bruniana: uma enorme mistura de coisas amáveis. Assim foi que escrevi os versos abaixo:

Dia de mudança

No olhar de Mariana

verde-azul, tantas lágrimas,

toda tristeza do mundo.



E todos ali reunidos

para velar nosso Bruno

face ao vale profundo

que de repente se abriu.

E tantos amigos, tantos

Andrades e Almeida-Cunhas

vieram acompanhar

tão querido companheiro

em seu dia de mudança.

Mas, para além da tristeza,

todos trouxeram lembrança

de sua muita alegria

por tantos multiplicada:

sua verve, seu humor,
seu talento prosador,
seus casos, suas charadas.
Trafegando entre todos
de diversas gerações,
netos, filhos e sobrinhos
cunhados, irmãos e outros mais
(ele nunca era demais).
Para todos tinha estórias
ou caso bem singular
e sempre com muita graça
- ou mesmo sem ela - um mago
que graça sabia criar.
Nosso Bruno, um grande mestre
da arte do bom conversar.
E assim era de todos
convidado, muito amado,
do que houvesse a festejar.
Em tal dia de mudança
- não que caiba fazer festa -
mas, se bem, vamos pensar,
procurar causa e efeito:
o que fazer da lembrança
deste mágico sujeito
que nos legou tal herança?
Com certeza damos conta

*Este é um caso pra alegria
Que se faça jus a ele
em bem homenagear.
Trazer à mesa a matéria
de que foi bom professor:
Alegria sim, não tristeza!
Eis o que se ajusta ao Bruno
é de sua vida a riqueza
o bem mais puro, e uno.*

Amigos pela vida

No remotíssimo ano de 1960 cheguei ao Colégio Estadual de Minas Gerais, nos altos de Lourdes, em BH, para assistir minha primeira aula no ginásio. Eu senti que haveria muitas novidades pela frente, a mais marcante delas, naquele momento de adolescência, pelo menos, era o de poder frequentar aulas de calças compridas. No Grupo Escolar elas eram curtas.

Pois bem, devo ter chegado meio tímido, afinal eu não conhecia ninguém ali. Meus colegas do “exame de admissão” haviam tomado outro rumo. Lembro que me sentei num canto da sala, tentando não chamar muita atenção e assim fui parar ao lado de um cara que parecia tão deslocado como eu. Logo puxamos conversa. Era um menino meio sisudo, com um cabelo que parecia começar logo acima dos olhos, mas que me pareceu ter um olhar cúmplice para mim.

Com pouca conversa fiquei sabendo que ele vinha de Curvelo, que tinha perdido o pai, que tinha vários irmãos, morava com mãe, avós e tias na via que então era conhecida apenas como “BR-3”, hoje avenida Nossa Senhora do Carmo.

Em pouco tempo ficamos íntimos e nos agregamos numa mesma patota, ilustrada nas artes de gazetear e atormentar professores.

Logo nos primeiros meses de colégio entramos, primeiro eu e depois ele, para o grupo de escoteiros que ali existia, pelo qual passaram várias gerações. Mesmo com os olhos críticos de hoje, acho, sinceramente, que não éramos apenas aqueles *meninos vestidos de imbecis chefiados por um imbecil vestido de menino*, como dizia Juca Chaves. O escotismo foi fonte de muito aprendizado e de novas amizades para mim. Ali já pude perceber uma característica de meu amigo, permanente em toda a nossa convivência, a de levar extremamente a sério as coisas que fazia. Eu não dispunha de disciplina nem de habilidades para os rituais do “sempre alerta”, ao contrário dele que, por assim dizer, seguiu carreira. Acho que ele continuou como escoteiro até mesmo depois que as pernas começaram a ficar cabeludas...

Meu amigo era uma das pessoas mais habilidosas que já conheci. Dominava de alto a baixo toda a sequência de nós especiais que aprendíamos nas reuniões de escoteiros, com a diferença que ele logo se tornava habilitado em todas as categorias da arte, enquanto eu – e outros – só faltávamos amarrar nossos próprios dedos aos cordões, de forma inextricável.

Tínhamos um ponto em comum. Aos quinze ou dezesseis anos (pois permanecemos colegas por todo o ginásio e colegial, mesmo na Faculdade de Medicina), éramos dos poucos que trabalhávamos formalmente, no horário da tarde, quando não tínhamos aula no Estadual. Eu em uma construtora e ele em um cartório onde um tio era tabelião. E era trabalho duro, que certamente lhe exigia muita atenção, aquela coisa de lidar com escrituras, testamentos, certidões. Apesar disso, era bom aluno (melhor do que eu) e um sujeito popular, mostrando que sua sisudez era apenas aparente, sempre disposto a uma brincadeira e dotado de notável senso de humor, às vezes um tanto cáustico, mas sempre muito divertido.

Adorava botar apelidos nas pessoas e foi assim que ganhei dele um apelido que me acompanhou até a faculdade, mesmo que nesta época ele fosse o único a me tratar assim. A alcunha era *Bossa Nova* e dizia respeito a uma frase de uma modinha de Juca Chaves, na qual o personagem JK, o *Presidente Bossa Nova*, não fazia outra coisa senão “voar, voar, voar”. Eu já era, na ocasião, um distraído crônico, um daqueles garotos que hoje seriam taxados como portadores de “déficit de atenção”.

Com seus vencimentos de escriturário de cartório fazia compras para si que então me pareciam exorbitantes, embora invejáveis. Por exemplo, adquiriu certa vez um jogo completo de lapiseiras Pentel (que na época eram objetos de desejo), de todos os calibres e cores correspondentes. Mais tarde foi a vez de um gravador de fita, no qual passou a ser um ouvinte musical sofisticado, indo de Mozart ao jazz. E democratizando totalmente o seu conhecimento e o seu domínio tecnológico, inusitado para nós, colecionava também ferramentas elétricas e manuais, todas de marca excelente. E com elas fazia delicadas peças de marcenaria, como peças de xadrez, aí incluído um rolo de pastel que ele ofereceu a Eliane às vésperas de nosso casamento, com instruções para o bom uso da peça, não exatamente na cozinha, mas na minha cabeça, caso eu andasse em falta com os deveres de companheiro.

Separamo-nos no derradeiro ano do colégio. Eu fui para o Colégio Universitário da UFMG, recém-inaugurado; ele resolveu não encarar a novidade, permanecendo no velho Estadual. Um ano depois, entretanto, estávamos juntos de novo, na velha Faculdade de Medicina da Avenida Alfredo Balena.

Retomamos alguns hábitos do escotismo nesses anos. Acampamos algumas vezes, por exemplo, na Serra da Piedade, em pleno mês de junho, num frio de lascar. Fomos salvos parcialmente pela bondade de Frei Rosário, um dominicano que alia vivia como ermitão e que nos ofereceu uma sopa quente à noite, além de um lugar para dormirmos, pois a ventania a 1800 m de altitude não nos permitia

armar a barraca. Menos mal, mas que noite aquela, num velho galinheiro abandonado, no porão da Ermida da Piedade. Abandonado apenas pelas galinhas, é bom que se diga, pois os quase invisíveis *piolhos-de-galinha* por lá abundavam, provocando-nos uma urticária que durou semanas a fio! Mas a aventura foi, sem dúvida, foi inesquecível, para o bem e para o mal.

Uma dessas excursões foi especial. Corria o ano de 1968 e fomos os dois amigos e mais dois colegas passar uns dias de férias no sítio da família de um destes, em Caeté. Nossos papos iam pelo dia a fora e pela noite a dentro, variando de histórias escabrosas, em cujo conhecimento éramos mestres, até altos papos-cabeça sobre literatura e filosofia. Para situar os leitores: a trilha sonora da época estava todo naquele *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles – e seu conteúdo também nos provocava discussões intensas, seja favoráveis ou contrárias, e também intermináveis, embora sem muito aprofundamento, dado o parco conhecimento do idioma inglês de que dispúnhamos na ocasião. *Obladi-obladá!*

Mas o tom mais marcante da temporada foi dado por meu amigo e eu, leitores recém adentrados nos sertões e veredas de Guimarães Rosa. Nisso fazíamos bonito frente aos outros companheiros e até os humilhávamos um pouco, pois sabíamos de cor trechos inteiros da obra. Com o tempo começaram a se encher e implicar conosco, pois passamos a conversar num “sertanês” riobaldiano quase incompreensível para os outros dois, não iniciados.

De outra feita fomos a Marataízes, ficando hospedados em uma casa de sua família lá. O sujeito também conhecia todas as manhas dos peixes e pela primeira vez na vida pude pescar no mar, é bem verdade que postado na praia, mas com grande proveito, levando para casa fiadas de bagres que ele, bom cozinheiro que era, preparava de diferentes maneiras.

Meu amigo quase virou meu parente, por namorar minha prima Rosângela Guerra de Andrade, filha de Virgílio, durante algum tem-

po. Mas talvez fosse uma daquelas coisas que não eram para dar certo mesmo.

Tínhamos planos ousados, para depois de formados, quando sonhávamos comprar uma Rural Wyllis (o supra sumo *off-road* da época) para fazermos uma espécie de rali pela Belém-Brasília e Região Amazônica. Eram anos pós JK e de “milagre”: o Brasil estava sendo redescoberto. Isso ficou só no sonho, pois a vida acabaria por colocar distância, pelo menos física, entre nós, com o término da faculdade. Mas valeu pelos momentos de fantasia e conversas sem paradeiro que tal sonho nos proporcionava.

E foi assim que formamos em medicina, já tendo escolhido caminhos diferentes para a vida profissional. Meu amigo, com seu espírito organizado e perscrutador optou pela ciência básica, tendo feito uma sólida formação em Bioquímica, na meca paulistana, USP ou Butantã, não sei bem. Virou cientista. Eu fiquei em BH mais algum tempo, me casei (ele foi meu padrinho de casamento), fiz residência e fui ser médico clínico, me mudando logo para o interior.

O resumo da história é: devo tê-lo visto pela última vez logo depois de nossa formatura, em 1971 ou 1972, em escassas ocasiões. Depois nunca mais. Hoje recebi a notícia de sua morte, ocorrida há menos de 24 horas...

Tudo isso que acabo de escrever pode parecer uma memória pouco significativa, recheada de histórias de interesse restrito a mim, que começo a perceber que o passado vai tomando conta de minha vida cada vez mais. Talvez seja isso mesmo. Mas pelo menos quero registrar aqui que me foi dada a honra de ter conhecido, convivido e aprendido com alguém assim: Dalton Luiz Ferreira Alves.



Foi assim que conheci Mauro Marcio de Oliveira e Erix Mafra, meus amigos de mais longa data.

Aos 16 anos de idade eu vivia um permanente “éramos três” em matéria de amigos e isso começou a dar sinais de cansaço. Eu até que gostava das conversas com aqueles caras tão mais instruídos do que eu, Tiago Veloso e Mario Coutinho, mas eu mesmo tempo percebia que eu tinha um cabedal a que eles não alcançavam, e que passava por certa boemia, pelos carnavais dos clubes Orion e Tremedal, para não falar nas aprazíveis praias de Água Limpa, um conhecido balneário próximo a BH onde se refugiavam caras de família, como eu, na companhia de garotas nem tanto.

E foi assim que certo dia, graças a um colega do Colégio Estadual que morava perto de minha casa, Paulus Cicero Horta Pessoa, fui apresentado a um cara da mesma idade que nós, que eu conhecia – e respeitava – de longe – por sentir nele um sujeito importante, um verdadeiro líder, no ambiente de uma das turmas de jovens da redondeza. Eu que ansiava por ampliar meu círculo de amigos, ainda saudoso da rua Chapecó, no Bairro do Prado de minha infância, mas querendo mais em termos de vivências e sintonia com um modo de vida mais mundano, senti que por ali passava o meu caminho.

Este outro cara, personagem importante de minha história, chama-se Erix Curi Mafra e residia bem perto de mim. Ele me tratou, desde o início, com condescendência e simpatia e isso logo abriu caminho para uma grande amizade, das maiores que já tive – e que não está perdida. Descobri que ele já havia prestado atenção em mim, por me ver sempre com livros debaixo do braço e em companhia quase permanente daqueles tipos notórios de intelectuais que eram Tiago e Mario. Um dia me disse que também gostava de ler e que se aproximara de mim por me considerar um cara intelectualizado. Não era bem assim, mas eu ia negar?

Erix um dia me apresentou a um seu colega do Colégio Marconi, também intelectualizado (mais do que nós dois juntos, na verdade) e um tanto solitário, como eu, até pouco tempo antes. Surge aí outro grande amigo que trago comigo há 50 anos, como um vinho

que envelhece e melhora a cada ano: Mauro Marcio de Oliveira. E assim eu troquei uma dupla por outra dupla, mas esta agora numa encruzilhada aberta a novas amizades e experiências.

Foi assim que ampliei e renovei meu círculo de amigos de maneira assombrosa, em termos de número, qualidade e fração de tempo. Eu poucas semanas eu já alcançara o direito de ter um posto de observação, associado a uma penca de jovens da minha idade, junto à porta da Padaria Cinelândia, na esquina da Avenida Amazonas com a rua Aristóteles Caldeira.

O fato é que em torno de uma suposta “intelectualização”, valorizada especialmente por Erix, nos unimos e nos tornamos amigos. Mas acho que o fator que realmente nos aproximou foi aquela velha sintonia, difícil de explicar, mas muito palpável, que une os seres humanos, seja para a amizade ou para o amor, desde o início dos tempos. Ficamos amigos – e pronto.

E ponto! E foram alguns anos de celebração, em dezenas de botequins, em mil conversas, na chácara de minha família em Contagem, numa fazenda remota no Oeste de Minas, onde passamos alguns dias de esbórnica, em 1966. Havia álcool em nossas tertúlias, quase sempre, com Erix nos ganhando na prova de resistência, eu e Mauro sucumbindo cedo. Mas nem sempre eram papos etílicos e, justiça seja feita, nunca precisamos de outro motor para o exercício de uma “profunda” filosofia, derivada de nossas vivências e pequenas angústias, de nossa cara de pau e também de algumas leituras, questão em que Erix e eu éramos amplamente superados por Mauro.

Mauro começou a estudar engenharia em Belo Horizonte, na velha faculdade da UFMG na rua dos Guaicurus, mas logo viu que sua praia era outra. Parou com aquilo com menos de um ano de estudo e foi prestar vestibular de agronomia em Viçosa, ele que de roça quase não conhecia nada. Mas aí já demonstrava um pouco de sua ousadia intelectual e existencial.

Passamos a morar em cidades diferentes, o que se manteve após sua formatura, quando ele foi trabalhar na Bahia – mas nunca dei-

xamos de ser amigos, mantendo, aliás, uma frequente e produtiva correspondência. Sim, cartas! Não é demais lembrar que não existia internet.

Mais tarde, mas bem antes de mim, Mauro mudou-se para Brasília, onde eu passei a visitá-lo com frequência, retomando o antigo fluxo da amizade. Entrementes, casou-se com Maria de Nazaré, dama de notável baianidade, de quem me fiz amigo desde o princípio.

Não é pouca coisa: amizades de mais de cinquenta anos! Erix continua em BH e nos vemos mais esporadicamente. Mas quando nos encontramos, os três, é bem fácil retomarmos papos interrompidos em alguma noite e em algum botequim do circuito da Barroca – Nova Suíça.



Este meu amigo Erix tinha o que ainda hoje se poderia chamar de um “pai legal”, ou, para usar palavras datadas, “barra limpa”. O Coronel da PM Agenor Mafra tinha tudo para fazer dele o que ele não era na realidade. Militar, formado no combate a meliantes e subversivos, fisionomia dura de quem não estava para brincadeiras. Mas isso era só aparência. Sendo meu amigo Erix seu único filho homem, Mafra, já reformado, dedicava a ele e amigos boa parte de seu tempo. E tome pescarias, passeios, conversas intermináveis, piadas sobre tudo e narrativas curiosas. Na inauguração do Mineirão o Coronel não estava a fim de comparecer, mas nos levou gentilmente no seu Simca Chambord até as proximidades, em distância facilmente alcançável a pé. E foi nos buscar depois do jogo, também. Enfrentavam-se Seleção Mineira e Riverplate, da Argentina; nós mineiros ganhamos o jogo.

Quando retornávamos ao ponto combinado de encontro, no chamado Engenho Nogueira, onde hoje fica (ou ficava?) a sede da Usiminas, recebemos do Coronel Mafra o aviso que tínhamos que fazer força, pois um pneu do Simca tinha furado e ele havia perdido ou esquecido o macaco. Nos entreolhamos incrédulos, mas logo vimos que era

real o que ouvíamos. Fazer o quê? Força... E assim carregamos com galhardia aquele bólido por minutos intermináveis, enquanto Mafra, utilizando a gíria de caserna destinada a recrutas e subalternos, nos dava ordens seguidas. Como era comum naquele tempo – e com tais personagens – tudo terminou em bricadeira e paz.

O Coronel Agenor foi também personagem de outra curiosa história. Em uma das pescarias que organizávamos periodicamente, nas quais ele comparecia talvez mais para usufruir da companhia do filho e de seus amigos do que por diversão própria, como não havia destino certo, me ofereci para levá-los até a Fazenda das Areias, pra lá de Venda Nova, coisa de 40 quilômetros de BH, onde meu tio Roberto morava na ocasião. Havia ali três açudes e um corguinho promissor.

Mafra era de Ferros ou alguma cidade vizinha, na mesma região do Mato Dentro onde ficava Itabira, terra de minha família. Quando chegamos, fiz logo as apresentações e os dois senhores começaram a conversar, meio formalmente. Mas como acontece nos encontros entre mineiros, em breves minutos já estavam trocando informações geográficas e genealógicas, descobrindo rapidamente a origem comum regional. O próximo passo foi a revelação que haviam estudado na mesma escola, em Itabira. E o seguinte veio, depois de fração de segundo, quando meu tio Roberto exclamou, com a ênfase que lhe era peculiar: *mas você é o Cueca!* Ato contínuo: e *você o Borracho!* Foi assim que Cueca e Borracho, que nunca mais tinham se visto, se reencontraram meio século depois de sua convivência no Ginásio de Itabira.



Conheci Vitor Machado em 1982, quando era professor na UFU. Eu fazia parte de um projeto de extensão universitária, sobre o qual já falei aqui, e naquele momento era membro de uma banca de seleção de coordenador de uma das Unidades de Saúde integradas ao projeto do Jardim Brasília. Os candidatos eram, de maneira geral,

revestidos da maior previsibilidade: médicos já atuantes na rede que desejavam, mais do que uma posição de poder, o adicional de salário que tal função lhes conferiria.

E foi então que surgiu aquele sujeito que viera de fora, um pouco sisudo, mas muito bem articulado. Uma daquelas pessoas que te olham de frente – e ele o fazia com leveza e confiabilidade, seus olhos cinza-esverdeados pareciam demonstrar isso. Foi aprovado para a única vaga existente e pouco depois conseguiu outra função, para o que teve que reduzir sua carga horária na tal unidade. E, mais uma vez, honra-me muito dizê-lo, ele foi preencher a vaga que eu havia deixado na Diretoria Regional de Saúde, por ter sido, naquele momento, nomeado Secretário Municipal de Saúde.

Vitor Machado, mineiro de Araguari, médico formado em Brasília – *ecce homo*. Vivíamos ali em Uberlândia, naqueles anos agitados de começo de construção do novo sistema de saúde no Brasil, algumas aventuras e desventuras, que vale a pena transmitir aos de hoje, que acham que vivemos no Brasil atual o pior em matéria de política. Fiquem tranquilos meus amigos que alguma coisa mudou para melhor! Pelo menos antes das eras Dilma, Temer e, principalmente, do ignóbil Bolsonaro. Mas aconteceu, na ocasião, que as lideranças políticas do PMDB na cidade, partido do meu prefeito Zaire Rezende, e que estava com o mando de jogo na ocasião, resolveram implicar com Vitor, alegando ser ele ligado ao PT. Isso até podia ser – e era – verdade, mas o que movia aqueles políticos de aldeia era o fato de que a nomeação que tradicionalmente era deles lhes escapava das mãos. E o autor de tal façanha foi Ricardo de Freitas Scotti, técnico de carreira da SES-MG, naquele momento Diretor Regional de Saúde. Scotti teve que se explicar penosamente aos tais políticos e não muito tempo depois entregou, não sua cabeça, já que era funcionário de carreira, mas o cargo em Uberlândia.

Vitor estava vindo de fora, do interior de Goiás, onde trabalhava com um grupo médico ligado à Igreja Católica, sob a proteção de D. Tomaz Balduino. Numa atitude natural, decorrente da posição militante do mentor do grupo, bem como da maioria de seus membros,

aceitou o sacrifício de se candidatar a prefeito da pequena Itapuranga. Não ganhou e ainda foi perseguido. Estava em Uberlândia praticamente como um exilado, com a vantagem de estar próximo da família e ter conseguido dois empregos. Depois da estrada em Uberlândia ele retornou a Goiás, desta vez com destino a Ceres, ainda integrado no mesmo grupo balduinista.

No início do século XXI nos reencontramos, eu na UnB e ele em Ceres. Já nas primeiras conversas levantei com ele a possibilidade de que nossos alunos do sexto ano de medicina fossem estagiar na cidade goiana. Daí à ação transcorreram poucos meses. Sucesso absoluto, com Vitor na liderança, muito bem acompanhado por pessoas notáveis, tais como o casal Evando Queiroz e Esther Albuquerque, a médica Mila Cintra e outros. O apoio da UnB sempre foi mais simbólico do que prático, de maneira que os elogios devem ir, de fato e de direito, para este grupo de abnegados. Atualmente, quase duas décadas depois desses acontecimentos, Vitor persiste no acompanhamento desses alunos, sendo muito querido entre eles. Em 2014 foi um dos homenageados principais dos formandos, fato inédito na história do curso de Medicina, no qual a regra sempre foi a de homenagear professores do quadro.

Voltando a mim, devo dizer que essa história de Ceres me é muito marcante e me abastece, mesmo passados tantos anos, a autoestima. Aliás, posso dizer que foi a melhor coisa – quase a única! – em que logrei obter real sucesso nos oito anos que passei como docente nas faculdades de Ciências da Saúde e Medicina da UnB.



Já relatei aqui meus inéditos momentos de “queridinho” quando cheguei em Uberlândia, para ser o professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias, em 1975, na recém-nascida e de nome redundante *Escola de Medicina e Cirurgia*.

O fato é que agradei tanto, que no final do ano, tendo sido professor de duas turmas sucessivamente, uma “da vez” e a outra em atraso

com a matéria, fui lembrado pela representação dos alunos no colegiado da faculdade como eventual indicado do corpo discente para a direção da instituição. Era demais para mim, bem o sei, mas devo dizer que me fez muito bem para a autoestima. Mas felizmente tais proponentes tiveram a sabedoria de se dobrar a outro nome, no caso, Arnaldo Godoy de Souza, um dos fundadores da faculdade e velha raposa política, mas portador de um grande e benfazejo carisma, perfeitamente talhado para uma missão assim.

Chegou aos meus ouvidos, dias depois, que outro dos fundadores, José Olympio de Freitas Azevedo, que havia se afastado do dia a dia acadêmico por desavenças grupais internas, compareceu à tal reunião em que meu nome foi apresentado. Eu nem o conhecia pessoalmente, mas apenas pelo nome que ainda ecoava nos corredores. E ele não deixou por menos: *quem é esse sujeito que eu nem conheço que vocês já querem indicar para diretor, assim sem mais nem menos?* Um de seus adversários, presente, não perdeu a oportunidade de ironizar, criticando-o por ter se afastado das atividades docentes e que, por isso mesmo, nem mesmo saber quem era o jovem professor que os alunos tanto apreciavam ao ponto de recomendar seu nome para o cargo máximo da instituição. Tudo teria ficado por isso mesmo, até que um dia...

Creio que era um domingo. Eu estava em casa distraído as crianças. O telefone toca. Era José Olympio, pigarreando nervosamente, coisa que mais tarde descobri ser um tique de ansiedade nele. Queria porque queria conversar comigo. Urgente. Na sua ansiedade acabou dizendo o motivo: queria me pedir desculpas. E eu não conseguia saber exatamente por que. Afinal haviam se passado meses desde que proferiu aquela frase infeliz.

E ele veio, com cortesia e humildade, agora mais calmo. Disse que realmente cometera um erro, mas que logo tivera outras informações sobre a minha pessoa e que julgava agora que eu era totalmente merecedor do cargo. Aliás, completou, a faculdade estaria em muito melhores mãos se fosse eu o diretor (não nos esqueçamos: ele

pertencia ao grupo rival a Arnaldo Godoy). Ri muito, agradei e lhe reiterei que não precisava se preocupar, por não houver derrota para mim, que nem pleiteara aquilo e, muito antes pelo contrário, a sensação que tinha era de alívio em não ter sido escolhido na ocasião.

Ato contínuo me convidou e a Eliane para uma festa de sua família e me apresentou a muita gente graúda em Uberlândia, inclusive ao futuro prefeito Zaire Rezende, que tinha com ele relações de família, com quem acabei indo trabalhar como Secretário Municipal de Saúde em seus dois mandatos.

Nem sempre tivemos sintonia ideológica. J. O. era simpatizante do velho Partidão, honrando a memória do pai, Afrânio de Azevedo, deputado federal pelo mesmo na Constituinte de 1946. Tinha como lógica política aquela história de se abrir a alianças heterodoxas, mesmo com os inimigos de ontem, se a causa fosse justa. Eu, nem tanto. Mas perdoemos, o que se viu mais tarde, com a esquerda no poder, foi exatamente isso. Mas o fato é que entre nós sempre prevaleceu uma relação de amizade e muito respeito.

Lamento muito as últimas notícias que tive de José Olympio, preso ao mundo escuro e sem comunicação da Doença de Alzheimer ou alguma síndrome assemelhada. Mas ele deixou sua marca na história da Faculdade de Medicina da UFU e da própria cidade de Uberlândia, sem dúvida.



Fomos colegas no Mestrado da ENSP, entre 1989 e 1990. Eu parecia meio deslocado diante daquela turma de pessoas bem mais jovens do que eu, alguns com praticamente a metade dos anos de vida que eu acumulava. Era o caso dele, Carlo Henrique Goretti Zanetti, um dentista de Juiz de Fora. Se eu me sentia deslocado com o resto da turma, com ele a simpatia foi mútua e imediata. Em pouco tempo já nos procurávamos ao final da jornada para juntos irmos pegar o ônibus ou o metrô, na Estação Del Castilho, ali perto.

Logo percebi que o meu novo amigo tinha uma inteligência acima da média. Lia aqueles textos áridos, de Marx e cia, com voracidade e sempre tinha algo a dizer sobre eles – é bem verdade que nem sempre de forma que alguém bem entendesse. Mas nisso se equiparava aos respectivos pensadores. Bem no início da era da informática ele já entendia tudo dos *devices* e *gadgets* disponíveis no mercado e, para meu pasmo e admiração, sabia operar múltiplos programas em um computador, como se convivesse com tal máquina desde seu nascimento.

Frente à minha argumentação de que certas coisas eu sabia, não de leituras como as dele, mas de minha prática como médico, como gestor de saúde, dos meus anos de estrada, enfim, saiu-se com esta: *parece que esta sua prática está lhe obnubilando...* Meu primeiro impulso foi o de mostrar-lhe qual era seu lugar, e que me respeitasse. Mas deixei passar, e fiz bem. Aquele era o jeito Carlo Zanetti de ser e se lhe sobrava, algumas vezes, certa arrogância ingênua, mais fartura havia no que lhe vinha do coração. Mais prestativo e companheiro, impossível.

Quis o destino que nos revíssemos em Brasília, alguns anos depois, ele agora concursado na Faculdade de Odontologia da UnB. A amizade que nos unia contagiou, de imediato, sua companheira de então, a linda e doce Raquel Assad, que se tornou mãe, na ocasião, da não menos linda e doce Hannah, já agora uma advogada.

E por falar em mulheres fui testemunha ocular de seu afastamento de Raquel, acompanhado por enorme sofrimento, simultâneo ao agudo e apaixonado enamoramento por Marina, também uma moça lindíssima. Eis que meu amigo, além de tantas qualidades, tem enorme bom gosto para mulheres.

Fizemos algumas coisas juntos, como consultorias pontuais e participação minha em cursos de especialização coordenados por ele. Às vezes ficamos meses sem nos ver, principalmente depois que deixei de frequentar os corredores da UnB, mas quando nos encontramos é como se nos tivéssemos despedido na véspera. Cortês como pou-

cos, não deixa de deplorar o fato de que ele bem gostaria de ser como eu, que valoriza e procura os amigos, ao contrário dele, que se sente um bicho do mato. Bobagem... Nossa amizade não precisa disso.

Meu amigo é um ser curioso, ao associar, de forma profunda, militância política; conhecimento teórico; raciocínio e argumentação poderosos; domínio tecnológico; espiritualidade e grande capacidade (ou *inteligência*, se quiserem) afetiva.

Em um passo em falso, em 2016, aceitou ser superintendente de uma das regionais de saúde do Distrito Federal. Durou bem pouco no cargo, não por falta de habilitação e qualidades, mas certamente por tê-las em excesso.

Zanetti é tão profundo que, ao resolver começar a construir uma casa junto com sua amada Marina, fez vestibular para engenharia e chegou mesmo a começar a frequentar a faculdade, onde creio ter trancado a matrícula, por compromissos profissionais diversos, sempre em regime de voluntariado e cortesia, dos quais tem enorme dificuldade em escapar.



Eu tentava, de maneira muito desajeitada, consertar um pedaço de cerca de arame farpado, junto com meu filho Mauricio, então adolescente, quase ou tão mais desajeitado do que o pai, mas carregado de boa vontade. Eu havia comprado recentemente aquele terreno no Povoado do Moinho, na Chapada dos Veadeiros, Goiás e encontrara ali um lugar muito agradável, mas com milhões de coisas para fazer, a começar da casa, uma tapera inacabada, prestes a ser invadida pelo mato, mas já habitada pelas galinhas da vizinhança. A cerca, na verdade, nem merecia este nome; em muitas partes era formada apenas por um ou dois fios de arame, se arrastando pelo chão, entre paus carcomidos pelo cupim ou pela podridão da madeira velha e de má qualidade.

Eis que se aproxima alguém dando vista de quem queria ajudar. Pequeno, mulato claro, magrinho como ele só, idade indefinida, mas certamente passando dos sessenta, bem sertanejo, foi logo dizendo aquele *'tarde moço*, típico da nossa zona rural.

– *Boa tarde, tudo bem? Acho que estamos levando uma surra dessa cerca...*

– *Mas vocês não estão fazendo a coisa direito... Não tenho nada com isso, mas posso ensinar...*

Sua casa era bem em frente, descobrimos. Foi lá dentro e veio armado com um simples martelo e alguns pregos. Com uma pequena acha de pau, firme, jogada pelo chão, improvisou uma alavanca. E agora munido de tal ferramenta, esticou os fios bambos do arame, dando-lhes logo a tensão de cordas de viola, com cuidado para não romperem, pois estavam também bem marcados pelo tempo, com ferrugem evidente. Com os fios esticados, no jeito, ficou fácil utilizar aquele martelo e alguns grampos, para fixá-los nos postes remanescentes.

Pegamos de papo, agradecidos e ali mesmo nos apresentamos e fomos apresentados a uma figura que considero marcante em minha vida: José Osmânio, dito *Zé Lapicho*, ou *Seu Zé*, meu vizinho, meu amigo, com quem convivi e aprendi muitas coisas, durante mais de 20 anos de convivência afetuosa e respeitosa. Ele morava ali no Moinho havia bem uns quarenta anos, vindo da Bahia. Sua história merece parágrafos próprios.

Nascera e fora criado no sertão de Barreiras, beira do Rio Grande, afluente importante do Velho Chico. Nunca conheceu pai e sua mãe era muito pobre, trabalhando como agregada na propriedade de uma família de posses da região. Ele, criança ainda, vivia como aderente de uma família de posses, sujeito a trabalhos pesados. Escola, nem pensar. De repente, a mãe morre e ele agora vai trabalhar junto à matrona da família, como uma espécie de criado doméstico, em uma situação que certamente se parecia muito com o que Monteiro Lobato narrou no seu pungente conto *Negrinha*. Aos quinze anos,

revoltado com os castigos físicos que recebia, faz uma promessa a si mesmo: da próxima vez que apanhasse daquele jeito, iria embora, da fazenda, de Barreiras, da Bahia; fosse o que Deus quisesse.

E caiu no mundo com um grupo de garimpeiros, que vinha para o remoto Goiás em busca das pedras valiosas de cristal de rocha. Foram muitos anos na dura luta, entre pás e picaretas, muita lama e cascalho e carregar, jornadas de doze horas ao dia, abrigos e comida muito precários. Desta época ele me relatou ter ouvido falar de uma *tropelia de gente* que andava por aquele mundo perdido, tomando animais e mantimentos das pessoas. Suponho que tenham sido notícias da famosa Coluna Prestes e isso dá bem um registro da época em que nosso personagem já rolava por este mundão de Deus.

Depois de muitas andanças, vem parar no sertão dos Veadeiros e ali conhece a cabocla Inês, a nossa *Dona Inês*, com quem se casou e teve três filhos. Agora não mais garimpava cristais, mas lavrava terra alheia para sustento da família, onde, suponho, nunca obteve excedentes para venda ou qualquer forma de acumulação. Assim chegou à Vila do Moinho, mais próxima da atual cidade de Alto Paraíso, sede de escola, igreja e posto de saúde, ali construindo casa e criando os filhos.

Nossos encontros eram mensais, às vezes nem isso. Quando ele não vinha até a minha casa, era eu que o visitava. Disse-me um dia que tinha algum pudor em vir, porque sabia que eu estava ali para descansar e não para receber visitas. Na verdade, depois fiquei sabendo, ele tinha sido mal recebido por um dos brasilienses que lá também tinha casa, porque o energúmeno achou que ele queria lhe roubar alguma coisa. Mas o tranquilizei a respeito disso e suas visitas então se amiudaram.

Um dia, sabendo do meu interesse pela cultura sertaneja e também devido a acolhida que eu lhe dedicava, me disse que preparara uma surpresa para me dar de presente, embora demonstrasse certa timidez em oferecê-la. Estimulei-o a trazer, imediatamente, o tal regalo.

E assim fui apresentado ao *artifício*, uma ferramenta produtora de fogo, um verdadeiro isqueiro caipira, formado por um tipo especial de pedra, o *figado de galinha*; uma pequena barra de aço de facão, devidamente temperada no fogo; um recipiente feito de chifre (ou eventualmente vagem de jatobá), que ele denominou *cornimboque*. E assim, ao se bater na pedra com o aço, saltavam pequenas fagulhas que iam incendiar, depois de algumas assopradas, o algodão que estava inserido no cornimboque. Simples assim.

E ele me assegurou que o fogo gerado pelo tal artifício era dos mais difíceis de apagar. Pode ser, mas difícil de extinguir mesmo, apesar de tudo, eram os restos de uma cultura centenária que algumas pessoas, nos dias de hoje, ainda conseguem carregar consigo. Não seria mais fácil comprar um isqueiro Bic, destes que se vendem em qualquer vendinha de beira de estrada?

Um dia me contou de seus planos de rever a sua Barreiras natal. Graças ao Pastor de sua Igreja (e de todos os habitantes do Moinho, por sinal), conseguiu um contato com outro estabelecimento neopentecostal de lá e, ato contínuo, foi possível localizar vários descendentes da família com a qual vivera. A megera, felizmente, já tinha morrido. Era gente bem situada, que fez questão de convidar o remoto quase parente a visitá-los. E ele ficou completamente entusiasmado com a ideia – nem era para menos. Dei-lhe a força necessária, com meus argumentos favoráveis e também ajudei com algum dinheirinho. E lá se foi ele, no carro do filho Expedito, viagem que se repetiu mais uma ou duas vezes, inclusive com a vinda dos baianos para visitá-lo no Moinho. E foi uma alegria ver as fotos da roda de jovens em torno dele, nas praias do belo rio Grande que banha a cidade de Barreiras. Turismo de verdade é isso!

Faleceu em 2013, com idade ignorada, mas certamente passando bem dos noventa. Não pude levá-lo ao pequeno e tosco cemitério do Moinho e lamentei por isso. Mas Zé Lapicho, mesmo depois de morto, continuou presente: não posso me esquecer da cena, um mês depois de sua morte, em que eu e seu filho Dito nos abraçamos e choramos, juntos, copiosamente aquela perda tão sentida.

É isso aí: as perdas às vezes trazem ganhos dentro de si...



Eu estava recém chegado em Brasília, em 1991, e trabalhava em um convênio da Fundação Nacional de Saúde com o IBAM, uma ONG do Rio de Janeiro. Uma reunião de apresentação de nosso trabalho foi marcada com a recém nomeada presidente da Funasa, Isabel Stéfano, uma enfermeira jovem e charmosa, carregada de boas intenções, mas maltratada e expelida do cargo em pouco tempo pela tropa de choque collorida. Eu me apresentei formalmente e de maneira sucinta, como achei que convinha à formalidade da ocasião, me identificando como médico, ex-gestor municipal de saúde, professor universitário e mestrando na Fiocruz.

O que eu não esperava é que aquele homem alto, calvo, negro, também presente na mesa, na condição de assessor da presidência, ao terminar a rodada das apresentações, disse algo absolutamente surpreendente, ou seja, que iria fazer o que eu deveria ter feito e não fiz, ou seja, uma apresentação sem as omissões que eu cometera. Naquele momento, eu pensei, de fato, que havia feito ou falado algo errado.

Mas não foi o caso. O homem desfiou todos os meus títulos e feitos, principalmente aqueles relativos a minha participação na fundação do Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde e ao reconhecimento amplo, segundo ele, que a administração municipal de saúde em Uberlândia tinha granjeado, sob o meu comando direto.

Eu só o conhecia de vista e fiquei surpreso com o fato de ele deter tantas informações sobre a minha pessoa. Só depois descobri que profundidade e certo ímpeto metuculoso e de buscar o âmago das coisas faziam parte da personalidade deste sujeito notável, que mais tarde se transformou em um grande amigo meu: Amaro Luiz Alves.

Aos poucos nos aproximamos. Logo descobrimos uma amizade comum, Mauro Marcio de Oliveira, que havia sido seu colega na

consultoria parlamentar do Senado. Uma reunião de trabalho em seu bem cuidado sítio, nos altos chapadões a Leste de Brasília logo me mostrou e fez comungar com seu lado “natureza”. Quando se aposentou, definitivamente, passei a admirá-lo mais ainda, ao ver que ele tornara concreto e palpável um dito que venho repetindo há anos: *ter saúde é ter projetos*. E o seu projeto, no caso, foi desenvolver seus dotes de fotógrafo de aves e de natureza em geral. Amaro é hoje um dos maiores deles, em termos nacionais, com livros publicados e exposições em toda parte. Para tanto, viaja como um *possesso* (do bem), o que infelizmente lhe rouba do convívio mais direto com os amigos.

Tem bagagem este homem. Filho de família pobre do subúrbio carioca, estudou no Colégio Pedro II, que apesar de público costumava ser frequentado pela elite. Frequentou também a Academia da Força Aérea em Barbacena, onde teve como colega ninguém menos do Ronnie Von, mas logo viu que a carreira de piloto e oficial era para os *outros*, mais *arianos* do que ele. O cantor também acabou desistindo, mas certamente por outros motivos. Fez concurso para a Petrobrás e durante alguns anos virou petroleiro. Trabalhando em refinaria, em Betim, cursou Administração na UFMG. Ato contínuo foi aprovado em concurso para o Ministério da Saúde, em Brasília. Era membro da carreira delfiniana dos *planejadores*, voltados à perpetuação daquele milagre que não houve, mas nem por isso eivou-se de arrogância ou deixou de considerar as outras interpretações dos processos de planejamento e gestão de saúde presentes no cenário. Como se não bastasse, coordenou a edição de textos memoráveis, na condição de técnico do MS, um sobre Acidentes Ofídicos e outro sobre Doenças da População Afrodescendente.

Tive a honra de receber sua visita em Uberlândia, em minha segunda passagem por lá, quando do nascimento de Flavinho. Na ocasião, ele pôde oferecer aos jovens membros de um setor da Prefeitura voltado para a igualdade racial, sábios conselhos, totalmente distantes da lógica negativa e revanchista que ali até então fazia ponto.

Em seu sítio nas Mansões Itaipu, agora transformado em condomínio familiar, passei bons momentos. Comemorei os três anos de Flavinho lá, em uma grande festa de família e amigos, na qual a grande estrela, além do aniversariante, foi a pequena Sophia, com apenas dois meses de vida. Ali o capricho no trato com a mãe natura e mesmo com as construções foi sempre proverbial. Na época, tinha mandado datar, por uma equipe de botânicos da UnB, uma portentosa sucupira branca lá existente. Sabem quantos anos? Quinhentos! Aquela Majestade já estava ali quando o Brasil foi descoberto. A árvore é a cara dele, no seu traço rústico e refinado ao mesmo tempo, acolhedor de tanta gente e tantos projetos vivos, debaixo de sua sombra.

Amaro tem um lado que ainda não consegui explorar melhor, por modéstia dele. É dado também ao registro escrito de memórias e já pude conhecer pelo menos dois saborosos textos dele, sobre passagens de sua infância em Jacarepaguá, em um dos quais um personagem é Pixinguinha, em pessoa.

Como todo homem de bem, forte e realizado, Amaro tem a seu lado uma companheira de sua estatura moral e afetiva – embora seja uma mulher pequena, diante dos quase um metro e noventa de altura do Príncipe Etíope que a acompanha. Ela é Dona Márcia, a quem muito admiro também.

As eleições de 2018 nos separaram. É pena...



Já falei aqui da minha amizade e devoção á uma figura verdadeiramente paterna para mim, Dr. José Garcia Brandão, de Patrocínio. E também do que ele me dizia de sua filha, que morava na época em BH: *você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você...*

Algum tempo depois de fato a conheci, Maria Helena Brandão Oliveira, mais precisamente em 1980, quando ela e seu marido Luiz Felipe vieram morar e trabalhar em Uberlândia. Ela me veio recomendada, também, por minha cunhada Lucia Horta Figueiredo, de

quem já era amiga e parceira de trabalho em uma unidade de saúde na periferia da Capital. Mesmo sem tais recomendações, tenho certeza, nossa empatia teria sido imediata e irreversível. E ela acabou por trabalhar junto comigo na Diretoria Regional de Saúde, o que me abriu novos horizontes, pois eu estava recém-chegado de um curso de especialização em planejamento de saúde, na Fiocruz, e já percebia que minha vida de burocrata não seria a mesma, depois de ter sido apresentado a tantas novidades no Rio de Janeiro.

E foi assim que começamos freneticamente a pensar coisas novas, muitas delas, realmente impraticáveis, pois estávamos dentro de uma estrutura muito conservadora e rígida. Mas se *ter saúde é ter projetos*, nós dois estávamos, ambos, quase que *adoecidos* de tantos projetos. Realizamos, talvez, menos da metade deles, mas valeu a pena.

A amizade e a admiração por Maria Helena logo se estendeu a Eliane e a meus filhos pequenos, que até hoje a têm, mais do que uma pessoa da família, como um anjo benfazejo, a quem se recorre nas horas boas e más da vida. Tudo isso foi consolidado e eternizado, anos depois, quando ela adotou uma criança – com muito orgulho, meu afilhado Pedro! – a quem Eliane e eu fomos buscar, numa manhã de um domingo em 1985, nos Sertões de Goiás.

Para resumir o que me une a esta pessoa admirável, posso dizer que devo a ela grande parte do que hoje constitui a minha capacidade técnica. Eu era apenas um médico clínico quando fui cursar a ENSP/Fiocruz, no Rio. E não voltei de lá muito diferente disso. De tudo que aprendi, depois, a respeito de planejamento, gestão, participação, modelo assistencial, direitos de usuários, educação em saúde, devo muito a ela. Mas não é só isso. Devo dizer também que ela é a pessoa mais coerente que conheço, mesmo que isso às vezes incomode a quem lhe está próximo, e também a mais generosa e disposta a *fazer junto*, que é uma expressão que ela muito aprecia.

Dr. Brandão estava certo: *você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você...* Mas eu acrescentaria: pude também *pensar com* ela muitas coisas.



Lembro, na minha infância, que minha avó Dodora e outras pessoas da família frequentemente faziam menção a um verdadeiro *surto* de nascimentos ocorridos, na família ou entre gente amiga, no ano em que eu nasci, 1948. Sempre penei com o fato de não ter conhecido quase nenhum representante de tal evento, com exceção de dois primos queridos: Francisco Marcos Castilho Santos e Euridice Goulart Naves, por parte de mãe e de pai, respectivamente.

Entre os mais falados dos nascidos em 1948 estava um Eduardo, sobrinho de minha tia Marita, que nascera e vivia em Acesita, no atual Vale do Aço, lugar em que seu pai, Pedro Guerra era médico. Este era dos mais citados, dada a proximidade familiar, sendo sobrinho “torto” também de meu tio Virgílio, de quem eu era muito próximo.

Nas férias de 1961 ou 62, fui passar uns dias em Acesita, a convite de Sãozinha, irmã de Marita, e pude finalmente conhecer a tal figura coetânea. E fomos de imediato com a cara um do outro. Ele era o único filho homem do casal Pedro e Jenny, tendo duas irmãs mais velhas. Minha ligação afetiva, aliás, se deu com toda a família, sendo tratado ali como se fosse um antigo conhecido. *Careca* era o nome familiar pelo qual era conhecido desde a infância, devido a sua testa longa, e a justificativa para tal apelido, dado pelo seu próprio pai, só fez aumentar com a idade.

Dos primeiros pileques e dos primeiros namoricos é difícil esquecer... E naquelas férias, e também nas que vieram na sequência, ali em Acesita, este foi um exercício contumaz nosso. Houve também a história de um carro roubado, de seu tio Alfredo, para uma épica volta no quarteirão apenas, mas ele hoje jura que não participou disso. Há controvérsias, contudo. Nos namoricos, talvez não fôs-

semos tão solidários, pois as garotas disponíveis eram todas suas primas – e ele talvez preferisse algo menos consanguíneo.

Apesar de ele ter feito o ginásio e o curso colegial em Belo Horizonte, na mesma época do que eu, mas em colégios separados, neste período raramente nos encontramos. Aliás, nos perdemos de vista durante mais de vinte anos. Quando vim morar em Brasília, em 1991, pude reencontrá-lo, agora anestesista e liderança médica no DF.

Em rápidas palavras, Eduardo Pinheiro Guerra é um tipo bonachão de quem é uma delícia ser amigo. Tem histórias e piadas para todas as situações, seja de forma presencial ou pela internet. Entre outras coisas, me impressiona muito sua capacidade empreendedora e voltada para coisas coletivas, o que associa com uma vida pessoal plena do afeto da família e dos amigos. Além de presidente do Conselho Regional de Medicina, foi também diretor de um setor do Ministério da Saúde e Subsecretário de Saúde do DF. Como se não bastasse, formou-se também em Direito e, depois de aposentado, ainda arranjou tempo para assumir um cargo de assessoria no Ministério Público, além da presidência da Associação dos Produtores do Lago Oeste, onde tem sítio e casa.

No Ministério Público, para mim, ele representa a possibilidade, confirmada, aliás, de que Suas Excelências não cometam os equívocos que volta e meia se vê por aí. Como disse outro Promotor que conheci, este mais lúcido: *gente que levanta à noite para beber água na cozinha e dá uma entrevista, a esmo, quando a luz da geladeira se acende*.

Mas acima de tudo, Careca é um amigo fiel e presente. Tenho com ele muito mais proximidade do que tenho com meus primos Guerra Andrade, tão chegados a ele quanto a mim. Temos uma canjiquinha marcada há mais de um ano, a ser feita por mim. Ela ainda não conseguiu acontecer, mas sinceramente acho que isso é apenas uma boa desculpa para nos mantermos *in touch*.

Em janeiro de 2019 tive oportunidade de não só ficar hospedado em sua casa, como também passear com ele por recantos adoráveis, em sua nova moradia: Braga, Portugal. Acho que ele não voltará mais ao Brasil. É pena, por um lado, mas por outro, cria motivo para estar com ele e Célia em tais longitudes.



Já relatei, naquela *Lição de Anatomia* que abre minha vida de *noviço*, o convite que uma colega me fez para fazer parte de seu grupo de dissecação. Ela era Beth Borges, que cedo e tragicamente nos deixou e um dos convidados, que eu também não conhecia até então, era seu namorado Caio Moreira. Neste grupo eu conheci Eliane, com quem vim a me casar. Beth era linda, seguramente a mais bela das colegas, mas Caio não fazia má figura perto dela, não tanto por sua aparência, apenas mediana, mas pela sua presença e personalidades cativantes.

Ele era um pouco mais velho – coisa de um ou dois anos – do que a média dos calouros da época, mas sem dúvida se impunha pela experiência de vida que demonstrava ter. Tinha nascido em Santa Luzia, bem perto de BH, mas passara sua juventude em São Paulo, onde levava uma vida bastante puxada, entre estudo e trabalho. Já tinha tentado vestibular na USP, sem sucesso, quando veio parar na UFMG.

Caio e Beth faziam o típico *Casal Vinte*. Bonitos, inteligentes, cultos, articulados e, sobretudo, bem relacionados. Possuíam uma liderança verdadeiramente natural entre os colegas. Logo eu e Eliane passamos a fazer parte daquele círculo que eles capitaneavam. Graças a tal proximidade, Caio fez parte do convite que recebi, em 1969, para compor com ele e outros dois colegas o time que ia *revolucionar* (assim nós achávamos) o ensino da biologia em um tradicional colégio católico de BH. Conteí isso aqui sob o título *Confesso que fui professor aos 21 anos*. Isso fez aprofundar ainda mais nossa amizade, já que passamos a conviver e trabalhar juntos pelos quatro anos seguintes.

Neste meio tempo, o casal vinte se fendeu. E eu sabia da verdade, havia aparecido alguém no pedaço e Caio se rendera. Era uma mulher mais velha, longe de ser tão bonita como Beth, mas de forte presença e simpatia também. Inês de Castro, era este o significativo nome da recém-chegada. Mas assim como era antes, continuamos amigos do novo casal. Sem abandonar a antiga namorada, Beth, de quem fomos, Eliane e eu, padrinhos de casamento algum tempo depois.

Caio Moreira teve uma carreira médica insólita. Durante todo o curso mostrou forte inclinação pela ciência básica, tendo renunciado à clínica, na qual se destacava, para fazer um mestrado em Parasitologia. E não é que, de repente, dois anos depois, ao defender uma profunda dissertação sobre toxoplasmose, buscou uma nova mudança repentina e inesperada em sua vida, passando a estudar e em seguida clinicar na reumatologia? E foi muito bem-sucedido nisso, chegando mesmo a ocupar postos de direção na sociedade nacional da especialidade, tendo se tornado, inclusive, amigo e colaborador direto de ninguém menos do que Pedro Nava.

Perdemos o contato por várias vezes ao longo dos cinquenta anos que nos conhecemos. Mas o reencontro sempre aconteceu e acontecerá. E nossas conversas são retomadas como se tivessem sido interrompidas ainda ontem.

Admiro em Caio Moreira a inteligência, a capacidade clínica, a visão larga da vida, a *bizarrice* de quem nunca aprendeu a dirigir carro nem usar telefone celular. Admiro, principalmente, neste cara notável, a quem sempre e ineditamente beijo quando encontro (e sou correspondido), para dizer em palavras simples, a generosidade que faz par com a amizade.



Posso dizer que fui apresentado a Karsten e Sylvia Montag, um casal de alemães, por intermédio de nossos cachorros. Creio que isso deve ser uma coisa comum, em qualquer lugar do mundo, dado

o fato de que os cães não têm os preconceitos nem as convenções sociais que regem a vida dos seres humanos. E além do mais não têm barreiras linguísticas, pois latem da mesma forma em todas as latitudes e longitudes. Sei até de casamentos – humanos – que começaram assim.

O caso presente se deu em 2015, quando eu fazia a habitual caminhada com Bolt e Princesa, pelo cerrado das Taboquinhas, próximo ao Condomínio Verde, onde moro desde 2011. No caminho havia um casal, e com eles um cachorro, de nome humano e comportamento exemplar, Lucas. No primeiro encontro foram apenas cumprimentos formais, dificultados pela dificuldade de Karsten, menos tímido do que Sylvia, sem dúvida, mas ainda iniciante no português. Os três cães, parece que se deram bem. Mas como o encontro se repetiu, agora só com o marido, já que ele tinha a responsabilidade cotidiana de levar Lucas a passeio, enquanto a esposa ia trabalhar, os papos começaram a fluir, facilitados ainda mais quando me dispus a conversar em inglês, língua que ele domina muito bem, embora eu apenas em regime *half-mouth*...

O casal veio ao Brasil devido a um contrato de cooperação técnica, na área de Meio Ambiente, tendo Sylvia como consultora. Antes ela trabalhara em algo semelhante em Portugal e ali aprendeu bom português, desenvolvendo um gracioso sotaque luso-alemão. Karsten veio como marido e acompanhante, o que para um alemão, definitivamente, não é nenhum problema. Antes ele trabalhou na Alemanha com consultor na área de tecnologia de frios, tendo abandonado, pela metade, um curso de engenharia mecânica. Mas a mecânica reside nele, hábil consertador de veículos e de tudo mais que combine metal e eletricidade e que porventura venha a se estragar. No Brasil ele passou a se dedicar a atividades físicas, como natação e caminhadas, destas últimas tendo me transformado em companheiro constante. Nossa cumplicidade cresceu ao ponto de nos frequentarmos a domicílio e também de esporadicamente fazermos viagens juntos, a quatro.

Ele resolveu a levar seriamente no Brasil, também, sua carreira de escritor, estando já no segundo romance, tendo como tema *science fiction*. Pena que ele escreve em alemão e assim eu não pude ter acesso a sua obra.

Nossas caminhadas, que passaram a alternar a comunicação em português e em inglês, dada sua melhoria rápida e impressionante no domínio do nosso idioma, primam, em primeiro lugar pela constância e pela abundância de assunto. Com efeito, temos percorrido temas que variam desde as curiosidades linguísticas e culturais de nossos países à questão indígena; da mecânica dos motores a explosão à política brasileira, alemã e europeia; do comportamento canino ao estabelecimento de um governo mundial e da economia solidária. Uma pauta realmente ampla, ambiciosa e inesgotável, da qual frequentemente achamos graça, ao constatar que será impossível chegar a qualquer conclusão sólida e realmente eficaz para todas as situações.

Karsten e Sylvia amam o Brasil como poucos de nós brasileiros sabemos fazê-lo. Eu às vezes falo com ele que isso pode ser um problema, pois os impede de serem mais críticos. *Você pensa como um alemão; eu como um brasileiro*, às vezes lhe digo, para justificar meu pessimismo com este país infeliz em que vivo.

No momento em que escrevo, os desígnios do casal são os mais promissores e ainda os fazem mais queridos. Estão se preparando formalmente para adotar um brasileirinho, com preferência para a cor negra ou parda e idade em torno de oito anos. Sylvia conseguiu um prolongamento de seu contrato por mais dois ou três anos. Estão também querendo comprar um terreno na Chapada dos Veadeiros para ali montar uma pousada, no futuro. Karsten exulta visivelmente cada vez que se dá conta que seus laços com o Brasil estão se estreitando. Já me disse mesmo que, se depender somente de si, pretende morar aqui para sempre

Tudo bem, admito: pensar como um alemão também pode ser boa coisa. Mas *brasileiramente*, acima de tudo, devo admitir que esta

amizade tem me enriquecido muito, me tornando cada dia mais culto e informado, sabendo até mesmo apreciar com menos preconceito este pobre país em que nos é dado viver.

Mas como a vida dá voltas, *Herr und Frau Montag* cancelaram os planos de adoção, de aquisição de bens e mesmo de permanência no Brasil. Voltaram para a Europa em 2018. Um ano depois pude visitá-lo, naquele momento em solidão completa, já que Sylvia havia retornado à Alemanha, em um camping totalmente selvagem na Praia do Amado, Vila do Bispo, Algarve, Portugal. A sensação é a de que dificilmente nos encontraremos novamente. Mas, e daí? Depois disso tive a triste notícia de que ele e Sylvia já não formam um casal. Quem sou eu para reprovar ou mesmo discutir isso?



Eu o conheci através de uma apresentação formal, feita por um primo dele que já era meu amigo. Logo pude saber que era médico, como eu, embora mais velho; natural da terra e de família tradicional de Uberlândia; formado no Rio de Janeiro e que passara mais de vinte anos fora da cidade, trabalhando no interior de São Paulo, e que agora voltava, para continuar a clinicar, como gineco-obstetra em um dos hospitais da cidade, onde já tinha amigos e parentes médicos. O que eu não fiquei sabendo naquele momento é que ele tinha aspirações políticas, ainda não totalmente reveladas na ocasião, mas confirmadas para mim algum tempo depois.

Eu o revi apenas dois anos depois em reunião que já mencionei aqui, na sede do Bispado da cidade, tendo como anfitrião D. Estêvão Avelar, um dominicano atrevido, visado como inimigo pela ditadura, que corria solta na época. Preparava-se, então a campanha da Fraternidade de 1980, cujo tema era a saúde. Éramos dois médicos apenas no evento: ele e eu. E, ao final das conversas com o Bispo, ele veio conversar comigo, se dizendo bem impressionado com as coisas que eu tinha dito pouco antes e então me revelou que seria candidato a prefeito nas próximas eleições, daí a dois anos e que, se ganhasse, ele gostaria que eu fosse seu secretário de saúde.

Isso me deixou, não sei se lisonjeado ou curioso, dada tanta ousadia e até mesmo, eu diria, certa presunção, daquele sujeito, até então um ilustre *outsider* na política local. A ele eu me ligaria política e afetivamente mais tarde, pois de fato ganhou aquela eleição que parecia completamente impossível dois anos antes, fazendo de mim um interlocutor até certo privilegiado. Pela primeira vez na minha vida eu me aproximava de um político.

Zaire Rezende é o nome de tal homem. Ganhou a eleição de 1982, disparado, na frente dos demais candidatos, em uma campanha que ocorreu de casa em casa, de ouvido em ouvido, como pouca grana, como nunca antes acontecera na cidade. Teve o apoio da Igreja Católica, pois era um praticante fiel, ligado aos movimentos mais liberais da Santa Madre, mas pôde contar também com os sindicatos, os mais pobres, além da comunidade universitária. Os uberlandenses tradicionais, não apenas os mais ricos, torciam o nariz, claro, mas o homem empolgou de verdade o eleitorado. Seu segredo era um grande carisma e, mais importante, a quantidade de gente que ele conseguiu acessar na base de “olhos nos olhos”. O dito comum era o de que, quem conversasse com ele sairia convencido. Eu mesmo, apesar da desconfiança anterior, já fora inteiramente magnetizado.

Ele era um Rezende, família importante na cidade, com muita gente rica e outros nem tanto. Seu pai era um fazendeiro tradicional, que lhe deixou terras de herança, que a política cuidou de dispersar mais tarde – mas isso é outra história. Sua passagem pelo interior de São Paulo se deu no contexto da formação de grupos médicos progressistas e sintonizados com o ideal cristão das Comunidades Eclesiais de Base. Foi médico em duas cidades, a última delas São Sebastião, onde tinha sido vereador, ligado ao grupo democrata-cristão de Franco Montoro.

Teve sete ou oito filhos, com a esposa, Neusa, companheira solidária de suas andanças e aventuras. Vi nele desde o início um homem atencioso, calmo, portador de um olhar realmente diferenciado e dedicado a seus interlocutores. Assim ele era não só em família,

como também com eleitores, servidores da Prefeitura, colaboradores, membros do partido. Muitas vezes creio que pagou duramente por isso, pela incompreensão que um homem público sofre, até mesmo (ou principalmente?) quando é honesto e justo. Em sua primeira visita a minha casa, meus gêmeos Mauricio e Fernanda, que tinham quatro anos de idade, o rodearam curiosos e em poucos minutos já tinham se instalado, sem nenhuma cerimônia, em seu colo. Acho que isso ilustra bem a matéria de que Zaire é feito.

Ele procurou fazer um governo ambicioso, instilando na política da cidade muitas coisas novas, sob um lema que ele respeitava e acreditava com sinceridade – *democracia participativa* – resistindo brava, ou melhor, suavemente, às investidas críticas de gente que queria pulso mais forte com a população, dentro e fora do governo – às vezes mais dentro do que fora. Foi a primeira vez que a cidade teve secretarias destinadas à saúde e ao meio ambiente, por exemplo. Na saúde colocou um sanitarista; na educação, um educador; no meio ambiente, um ambientalista; na cultura, uma professora de literatura. É claro que na vala comum dos maus governos também há exemplos assim, mas naquele momento, principalmente nos primeiros quatro anos de gestão, acho que fizemos mais do que em todo um século anterior.

A eleição para o sucessor foi perdida, em parte porque a figura escolhida tinha a cintura e a simpatia pessoal dignas de um poste. E forçosamente o contraste como prefeito que saía (não havia segundo turno na época) era inevitável. Mas aspectos culturais também pesaram certamente, por exemplo, aquilo que me disse um frentista de posto de gasolina para justificar seu voto “nos outros”, a oligarquia da cidade: *uai, eles fizeram o Camaru...* Tal obra era um centro de exposições de gado e máquinas agrícolas, construído na administração anterior à nossa, com grande consumo de recursos. Mas para aquele gasolineheiro era “a obra”.

Seu segundo mandato, entre 2001 e 2004, do qual participei novamente, foi malsucedido por inteiro, já dentro de um quadro político

muito adverso, marcado por uma estratégia de *coalizão* e de verdadeira obsessão precoce com a sucessão, já em regime de dois turnos. Foram criadas secretarias em excesso, a crise fiscal mordeu fundo na carne, os aliados se mostraram pouco confiáveis e já na metade do mandato não se pensava em outra coisa a não ser nas eleições vindouras. Zaire se candidatou, contra a minha opinião e de outros secretários e assessores, acabando colocado em posição totalmente desonrosa naquele pleito.

Na época eu fiz ver a ele já ter tido realizações perfeitas na vida: dois mandatos de prefeito, dois de deputado federal, duas décadas de carreira médica bem-sucedida, uma geração inteira de família bem-criada. E forcei a barra: *por que não deixa a política e vai curtir a vida e criar sua filhinha mais nova?* Não adiantou nada. Ainda insistiu em ser candidato a vice-governador em chapa do PT (ele sempre foi PMDB, ninguém é perfeito) e mais uma vez foi derrotado, tendo sido antes abandonado pela própria *companheirada*, que certamente o tinha como estranho no ninho.

Como herança da prefeitura, carregou uma série de processos judiciais por *improbidade administrativa*, aos quais respondeu penosamente por uma década inteira, tendo perdido grande parte do patrimônio que recebeu do pai. Isso é o de menos... No Brasil de hoje os tais processos abertos sofregamente pelos luminares do Ministério Público às vezes servem apenas para comprovar que o gestor acusado tentou fazer as coisas acontecerem. Se servir de consolo, a mim ou a ele, também fui alvo de um dos tais processos, e faço narrativa disso em outro capítulo destas memórias.

Zaire resumido em uma única frase: *um homem que não precisa de fazer força para ser bom*. Ele foi sempre naturalmente *bom*, sem qualquer esforço ou demagogia, valendo isso para a família, para a política, para administração, para os amigos.



Nas férias de final de ano de 1967 fui conhecer a família de Eliane, que eu namorava desde o mês de outubro anterior, em Volta Redonda, onde moravam. Fui bem recebido, embora com a cautela e a reserva que uma boa família meio mineira, meio fluminense, mas totalmente conservadora, deveria exercer para receber um candidato a genro. Lá estive por três ou quatro dias, fizemos passeios, proseamos um bocado e tudo teria ficado sem maiores marcas, para mim, não fosse um dos irmãos, Jorge, que não passava de seus 10 anos na época, ter me contemplado com grande atenção, me acompanhando e puxando conversa a todo momento.

Algum tempo depois, com a família já residindo em Belo Horizonte, eu já casado com a irmã, a proximidade com ele só aumentou e acho que tive a oportunidade de ser carinhoso e compreensivo com um garoto que primava por comportamento considerado fora do padrão, embora nunca tenha cometido faltas exorbitantes. Jorge era pura emoção, tudo nele contentava ou machucava mais do que aos outros. Numa família de seis irmãos, como se sabe, a regra é manter a regra – e nisso Jorge realmente era um tanto insubordinado.

Mais tarde ele foi morar comigo em Uberlândia. O juízo já tinha chegado, mas ele sempre acrescentava umas pitadas diferenciadas ao seu peculiar modo de levar a vida. Não posso dizer que ele fosse um mulherengo vulgar, mas tinha um visgo ao qual aderiam, rendidas sem apelação, quase todas as garotas que lhe passassem por perto. Bonito, ele? Quase... Belos cabelos pretos, olhos um tanto amendoados, estatura alta. Porém, quando abria a boca logo se fazia notar uma fileira dentes bastante desalinhados, que ele exibia sem pudor em risadas homéricas e fáceis, mas de repente até isso compunha seu charme. Numa de suas paqueras, logo que chegou a Uberlândia, pediu-me emprestado o carro para um rolê com a gata (a qual, aliás, era minha secretária na Prefeitura). Eliane, do alto de seu juízo impecável, foi contra, mas eu, que já era inteiramente seduzido pelo sujeito, não fui capaz de negar. E não deu outra: no dia seguinte ele veio me mostrar, bastante constrangido, um belo amarrotado na lataria da camionete, resultado de um atropelamento por

ele cometido. Nada de muito trágico: a vítima (que aliás escapou aos pinotes) era uma vaca. Até aí nada de mais; a questão é que isso tinha acontecido em uma rua central da cidade, pela qual talvez há décadas não houvesse mais trânsito vacuum. Como assim? Não sei... Coisas que só acontecem com um cara como ele, que tem a manha de ficar ainda mais querido depois de um incidente como este.

São incontáveis suas histórias hilárias, mesmo quando se armam como verdadeiras trapalhadas. Mas é nisso que se revela outra face especial de Jorge: ninguém sabe rir de si mesmo como ele. Aliás, para ser justo: ninguém conta piadas como ele, mesmo quando, como faz habitualmente, ele seja o primeiro a rir das mesmas e o faz, como se diz, “de orelha a orelha”, com os dentes mal perfilados e tudo.

Separei-me de Eliane em 1987. Aliás, “separar” é modo de dizer, porque é impossível separar verdadeiramente de alguém que nos deu três filhos. A convivência mais distante com ela não se estendeu aos nossos filhos, claro, e de certa forma também a Jorge. Já nos visitamos diversas vezes, seja em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e mesmo no Moinho, reencontros abrilhantados, nos últimos anos pela presença de Fafá, pessoa lindamente especial e altamente sintonizada com tal companheiro. E a cada vez a conversa é retomada como se tivesse sido interrompida apenas na véspera.

Jorge, para mim, tem o valor de um grande amigo, mas acima de tudo de pessoa que dispõe – e empresta – um astral extraordinário, estratosférico por onde anda ou se detém. Falo por mim e por meus três filhos, seus sobrinhos: Daniela, Mauricio e Fernanda, todos eles fãs incondicionais daquele a que chamam carinhosamente de *Tibas* – apelido que, aliás, fui eu quem inventei para ele. Salve Jorge!



Mas há outro Machado Guimarães em meu acervo de grandes e inesquecíveis amizades: Sérgio, o irmão mais novo de Eliane e Jorge. Caçulíssimo, aliás, nascido mais de 20 anos depois da irmã mais

velha e pelo menos 10 depois de Jorge. Tive contato com ele mais amiúde do que com os demais irmãos, pois além de dia a dia em BH, enquanto morávamos lá, ele era companheiro inseparável nas idas anuais a Guarapari e mesmo em visitas em Uberlândia.

Menino vivo e curioso, daqueles que, sem perder o viço da infância, gostam de se aproximar dos adultos e com eles interagir ativamente, seja para fazer perguntas, dar palpites ou simplesmente para estar por perto. Seus palpites, mesmo marcados pela ingenuidade infantil, creio que eu os recebia muito bem, pois via naquele garoto, desde o começo, uma graça e uma inteligência insuperáveis. Sempre gostei dele, de verdade.

O auge da interação com tal personagem se dava na Praia do Peirão, em Guarapari, onde Eliane e eu tínhamos casa e fazíamos excursões anuais. Aliás, diga-se de passagem, como fomos felizes ali, apesar das muriçocas, das rotinas de manutenção da casa sempre exigentes e negativamente surpreendentes, dos furtos ocasionais. Mas ali vi Daniela, Fernanda e Mauricio, além do tio Sérgio, um pouco mais velho, crescerem e, mais do que isso, formarem personalidade própria a cada ano que passava. Depois findou, para nunca mais, mais deixou lembranças – *coisas findas, muito mais que lindas, aquelas que ficarão*, como disse CDA.

Sérgio já era na infância e na adolescência e, aliás, continua sendo, o que poderia ser chamado de um curioso profissional. Ele se interessava por tudo, da psicologia individual aos grandes problemas do mundo. Tinha desde a infância ideias de esquerda, sendo radical nos seus conceitos de igualdade e de democracia, e eu via que ficava incomodado quando eu falava da União Soviética como mais uma ditadura no mundo. Estávamos na ditadura brasileira e ele certamente pensava que nada poderia ser pior do que o que via em seu país. Mas mesmo me contestando nisso e também em outros assuntos, nossa conversa sempre rolava em regime de total sintonia e respeito. Aliás, se há uma lembrança preciosa daqueles tempos era a do respeito que ele tinha pelo meu conhecimento, coisa que nem

sempre tive dos meus alunos nos muitos anos em que fui professor, salvo exceções.

Para traduzir em poucas palavras a minha admiração por este Tiradentes querido, formado dentista, avesso a dirigir automóvel, mas que sabe tudo sobre História e creio que tem até carteirinha de especialista, frequentando congressos da área mesmo fora do Brasil – para dizer dele, de maneira curta: pude vislumbrar nele (e com ele aprender) sobre os filhos adolescentes que vim a ter mais tarde.

Antes que me esqueça, sou responsável, também, assim como no caso do Jorge, pelo apelido carinhoso com que meus filhos o tratam até hoje: *Tussas*. Surgiu assim: quando pequenos eles o chamavam de algo que me soava como *Tu'Sérgio*. Daí ao apelido definitivo foi um pulo.



Quando vejo as fotos feitas por um fotógrafo itinerante, que atendia pelo curioso nome de Pantaleão Alcaraz, e visitava o Colégio Estadual (e talvez muitas outras escolas também) para documentar as turmas, a cada ano, surpreendo-me com o fato de que apenas me lembro do nome daqueles adolescentes, perfilados junto a suas carteiras escolares, em poses ora circunspectas, ora apalhaçadas.

Mas pelo menos de um ou dois sempre me lembro, e entre eles Saulo da Matta Viana Barbosa, que fez comigo a quarta série e mais algum outro ano, qual, exatamente, não me lembro mais. E há uma razão muito simples para tanto: ficamos amigos na ocasião e, mais do que isso, voltamos a nos encontrar em Brasília, muito tempo depois, reatando a velha amizade da juventude.

Além disso, éramos relativamente vizinhos, ambos habitando o vasto e emblemático território da Barroca, em BH. Eu na rua Selênio, já na vertente para a Nova Suíça e ele nos altos da Cura D'Ars, próximo à antiga caixa d'água. Isso nos possibilitava voltarmos juntos das aulas, caminhando, apesar da longa distância e em pleno sol de

meio dia, bem uns 4 km entre o Santo Antônio, onde ficava o Colégio Estadual e a nossa Barroca.

E nem é preciso dizer que naqueles périplos peripatéticos bem que nos esforçamos em resolver os problemas, seja do colégio, da Barroca, da cidade ou mesmo do mundo. Saulo era mais lido do que eu, de modo que eu apreciava, de fato, sua companhia, entre outras razões para me ilustrar. Mas a verdade é que possuíamos forte sintonia um com o outro, daquele tipo que há como explicar muito.

E tanto a sintonia era grande que em certa ocasião, passados quase trinta anos de nossas últimas caminhadas pelo trajeto costumeiro nas avenidas do Contorno e Amazonas, eu recém-chegado a Brasília, encontrei Saulo, por acaso, em um desfile do Bloco Pacotão, que marcou época na cidade com sua crítica política. E tal como dois gambás nos farejamos e retomamos imediatamente aqueles conciliábulos pretéritos.

Saulo, que os íntimos, como eu, sempre chamaram de *Saleba*, formou-se em Sociologia na UFMG e veio para Brasília bem antes de mim, para trabalhar no IPEA, onde fez carreira. Como tantos outros servidores da instituição, prestou serviços através de cessão a outras instâncias, principalmente na Câmara Federal, onde se tornou assessor qualificado de políticos importantes. Do ponto de vista profissional tínhamos pouca coisa a intercambiar, eu no Ministério da Saúde ou na Universidade, ele no Legislativo. No início os encontros eram esporádicos e meio formais, lembrando-me, especialmente, de uma festinha para a qual ele me convidou, onde eu fiquei constrangido diante de uma bancada de alagoanos *colloridos*, figuras aliás abundantes no DF no início dos anos 90, que lá faziam presença. Tal ambiente, confesso, não me agradou muito e eu logo dei um jeito de cair fora. Mas esta fase da vida dele passou, até porque Collor acabou sendo expelido e assim pudemos retomar, com mais afinidade, alguns anos depois, nossos papos dos anos 60.

Mais tarde, já no final da década, em um de nossos encontros, agora almoços mensais, ele me apresentou um colega de Câmara, ao qual

de início eu encaminhei um “muito prazer” convencional, para logo verificar que eu já conhecia aquela figura de outros tempos. Falo disso aqui porque tal pessoa, com quem eu perdera o contato há tempos, acabou se transformando em um dos melhores amigos que tenho hoje. Seu nome é Eduardo Fernandez, e ele associa raízes mineiras sertanejas montesclarenses com a tradição culta de um avô de extração europeia, o compositor erudito, um dos mais notáveis do Brasil, aliás, Lorenzo Fernandez.

Mas retornei aquela bela amizade antiga com Saleba, que trouxe para mim uma compensação para o sentimento de falta que eu sentia, relativo a ter pedido de vista quase todos os meus amigos de juventude. Aproveitamos bem nossas tertúlias, nos tais almoços mensais no Beirute, agora junto com Eduardo Fernandez, David Lima, Nicolas Behr. Até que começamos a perceber sua dificuldade cada vez maior em se locomover, mesmo em pequenas distâncias, mostrar dificuldade crescente em lidar com os talheres, além de ter a fala gradualmente se tornado arrastada e quase inaudível. Ele recebera a visita inesperada e indesejada da doença de Parkinson e nossos contatos se tornaram novamente rarefeitos.

É a vida.

Elas

Março de 1987. Para o movimento de Secretários Municipais de Saúde, time do qual eu fazia parte desde 1983, grandes coisas se anunciavam. Já havia uma acumulação de vontades, formada ao longo dos anos anteriores, conforme eu descrevi em meu livro *Municipalização: Veredas* (do qual não tenho mais um exemplar sequer...) e agora íamos nos encontrar em Londrina, cidade que sempre teve um papel importante no desenvolvimento das ideias em saúde, pelos nomes de destaque que se abrigavam na Universidade Estadual que tinha a cidade como sede. Bela cidade, aliás.

Algumas semanas antes do encontro, dentro do clima de articulações políticas que já se aviaava no horizonte, recebi a visita, na SMS de Uberlândia, do meu colega Secretário em Cuiabá, Julio Muller, figura que já se mostrava notável no panorama de então. Coisas daquela era primitiva: Julio tinha ido pessoalmente a Brasília buscar um veículo destinado às atividades sanitárias de sua cidade. Ele preferiu ir assim, de corpo presente, ao invés de mandar um emissário, talvez porque temesse ser enganado pelos burocratas da Saúde. Mas o mais curioso era a natureza de tal viatura: um furgão para apreensão de cães, ou seja, a famigerada carrocinha. Julio gentilmente me disse que queria conhecer o meu trabalho, do qual ele já tinha ouvido falar em sua cidade. Dupla honra, receber alguém que já tinha ouvido falar do que fazíamos e, além do mais, ser esta pessoa um gestor de saúde em uma capital.

Trocamos então muitas ideias sobre o dia a dia da gestão municipal de saúde, mas de Londrina, ou do movimento político municipalista que se esboçava aqui e ali, conversamos bem pouco.

Mas o melhor ainda estava por vir. Ao final, meu novo amigo me disse que uma pessoa de sua assessoria iria me ligar, para que eu lhe passasse diretamente algumas informações e documentos. Tudo via telefone e ECT – naquele tempo não havia internet, não é demais lembrar.

Os dias se passaram e eu já havia até esquecido de que haveria um contato quando ele aconteceu. Do outro lado da linha alguém me falava de Julio e das informações que eu havia prometido providenciar. Aquela voz feminina, educada, pausada, sem deixar de ser calorosa, me deixou mobilizado (à falta de outra palavra...). Dediquei-me, por algumas horas (ou foram dias?) a tentar imaginar como seria a dona da voz: alta, baixa, loura, morena, feia, bonita... Ela me deu um indicativo que me foi marcante, ao dizer que também estaria em Londrina daí a alguns dias e que eu poderia levar tais documentos que eram tão desejados em Cuiabá para serem entregues pessoalmente a ela ou Julio.

E fui para Londrina. Depois de algumas horas circulando no salão onde ocorreria a abertura do congresso de SMS à noite, pude ver Julio de novo e com ele a dona da voz. E ela era uma pessoa das mais significativas. Uma mulher morena e alta; cabelos curtos; expressão doce; afável; nada tímida, sem deixar de ser recatada; uma daquelas pessoas que conversam com você olhando nos olhos. Em uma única palavra: eu achei aquela mulher magneticamente linda! E ainda possuía aquela voz, grave e calorosa, meu Deus...

Pausa necessária: eu era casado – e bem casado – naquele momento, embora o casamento passasse por algumas turbulências naturais para quem estava junto havia quase vinte anos e que, além do mais, estava em meio a uma penosa construção de uma casa monumental, que consumia nossas energias durante nada menos do que três anos. Enfim, um daqueles momentos em que o diabo espreita, do meio do redemoinho. Mais tarde, ainda no mesmo dia, descobri que a dona da voz tinha também um matrimônio sólido. E mais, que o seu marido era, simplesmente, uma altíssima autoridade no estado de Mato Grosso.

Mas a verdade é que, nem em sonhos delirantes eu poderia imaginar o desfecho daquilo tudo.

E já naquele preâmbulo da reunião, entabulamos conversação, primeiro sobre as questões oficiais que nos haviam mobilizado nos dias anteriores. Depois, a vida, aí incluído filhos, famílias, sonhos, aspirações, posições políticas, gostos musicais e literários. Tudo sem qualquer esforço, como se um vasto menu de temas de conversa se desenrolasse para nós diretamente de uma outra esfera, misteriosa e benfazeja. O desfecho de tal tarde foi apenas o previsível, o de nos encontrarmos daí a algumas horas, uma vez encerradas as atividades preliminares do encontro, para retomarmos a conversa interrompida. E tal ajuste aconteceu durante uma pequena caminhada, junto com outras pessoas, todas abrigadas no mesmo hotel. Éramos uma dúzia ou mais naquele passeio, mas quem contava de fato era apenas ela e eu; eu e ela. O resto parecia não existir.

E isso foi apenas preâmbulo da noite, mas inteiramente superado por esta.

Depois do bla-bla-bla da abertura solene fomos, em grande penca, para uma casa noturna, com comida, música ao vivo e principalmente bebida. Para mim e para ela o que ocorreu de substantivo foi a conversa que sobreveio; o resto, beber, comer, ouvir, foi apenas pano de fundo. E conversamos desbragadamente, noite a dentro. Acho que uma ou duas vezes dançamos, separados, olhos que procuravam olhos, mas sem fixar. Pois quem mandava ainda era o pudor.

Procuramos um canto mais afastado, uma espécie de jardim interno, para que a conversa não fosse perturbada pelo ambiente ruidoso. Não havia qualquer intenção de pecado nisso. O maravilhamento era total e nossos olhos estavam postos uns nos outros, sem outra querência que não fosse a de captar cada palavra, cada gesto, cada piscadela ou arregalo, cada sorriso. Encantamento! Eis que encontro a palavra que descreve aquela mágica da qual éramos personagens felizes e assustados.

O fim da noite não foi aquele corriqueiro e previsível, mas talvez tenha sido ainda melhor. Já amanhecia o dia quando finalmente saímos, em turma, como ali chegamos, todos ou quase todos se dirigindo ao mesmo hotel. A logística nos era impiedosa: ela tinha companhia no quarto e eu idem. Um café da manhã no próprio hotel foi o que pensamos para encerrar a noitada, já que agora o dia era feito. Mas o restaurante ainda não estava aberto e nos foi oferecida, como compensação, a possibilidade de mandarem o café no quarto. E assim foi feito. A situação era prosaica: sentados na cama, frente a frente, quatro pessoas, os dois personagens centrais desta história e seus respectivos acompanhantes de quarto, sorvendo um mísero cafezinho. E só.

Eu empolgado lhe falei de uma música de que eu gostava intensamente, cuja letra dizia: *clareia manhã, o sol vem apagar a clara estrela*, a qual trauteei desajeitadamente, tudo bem, mas sem es-

quecer que os desafinados trazem também no peito um coração. Quando chegou a hora do verso que dizia *loucos de paixão*, creio que tive consciência – talvez ela também – que a brincadeira parecia estar indo longe demais...

E nos despedimos logo em seguida. Para sempre ou apenas por algum tempo mais? Naquele momento era impossível saber.

O destino quis que o desfecho dessa história se desse apenas dez anos depois. Mas seus ecos ainda se fazem sentir no momento em que escrevo estas linhas, passados exatos trinta anos daquela jornada em Londrina.



Falo de acontecimentos que não tiveram como ser totalmente vividos, pelo menos da maneira que as histórias de amor devem sê-lo. Nossos encontros, com efeito, eram furtivos e o mundo ao nosso redor jamais pôde saber de nada do que se passava entre nós. Mas foi tudo muito profundo e avassalador.

Um dia, anos depois de tudo ter começado, por alguma razão, talvez por estar com a saúde um pouco abalada, pus-me a refletir sobre as coisas que me haviam marcado a vida. Assim, concluí que no capítulo das pessoas, havia uma especial, que me influenciou existencialmente, além de exercer um papel até então exclusivo: o de ser alguém a quem amei de verdade e de forma continuada, ilusões a parte.

E eu pensava se teria sido capaz de ser sempre inteiro e atento por onde andei e com quem me relacionei, já que me sentia a vida marcada pelo ímpeto e pela inquietação. Via assim, quando olhava para trás, que nem sempre me fora possível estar consciente de tudo o que me acontecia e seus desdobramentos, ou de assumir condutas adequadas, do ponto de vista afetivo, profissional, ético etc.

E prossegui, de forma autocrítica, pensando especificamente no campo profissional, onde se por um lado havia acumulado muita

experiência, por outro não deixava de me sentir como um médico, professor, gestor, técnico que pulava de um galho a outro, antes que encerrassem os ciclos das experiências que vivenciava. E arrestando: na vida afetiva, então, nem se fala...

E me ative a um aspecto particular dessa minha inquietude crônica, relativo a algo de que não me curara e que me causava forte arrependimento, um sentimento que, eu pressentia, talvez me acompanhasse pelo resto de meus dias. Eu pensava, então, nela, aquele especial e verdadeiro privilégio que a vida me oferecera e do qual eu nunca pudera ou não conseguira desfrutar de forma inteira. Pensava em coisas que foram marcadas por circunstâncias terríveis, frente às quais, assumia a culpa de ter faltado a mim a coragem necessária, principalmente quando me lembrava que a pessoa que representava a materialização de tal privilégio fora repetida vezes afastada por mim.

E esta pessoa, em sua generosidade peculiar, mas certamente dotada da percepção consciente (que eu próprio não tivera de forma tão intensa) de que o que vivíamos era realmente algo inédito, raro e profundamente iluminador, sempre me acolheu de volta. E mesmo que se passassem meses ou até anos entre um momento de aproximação e outro, cada encontro ou reencontro sempre se fazia como se fosse o da primeira vez, ou, pelo menos, como uma conversa que tivesse sido interrompida em sua melhor parte, mas apenas no dia da véspera.



Sempre tivemos encontros e desencontros. Cada retorno talvez representasse o risco de revolvimento de cinzas, que seria mais lógico estarem apagadas. Ou, quem sabe, de se abrir certas caixinhas de conteúdo já conhecido, mas cujo vazamento seria, como sempre foi, imprevisto, para o bem ou para o mal. Mas o que seria, de fato, o bem e o mal nessa história toda?

E eu lhe escrevi, um dia, para dizer de tudo que andava pulsante em mim, ou, poeticamente, *com a tinta das lembranças mais doces*

que a vida me ofereceu – e olha que não posso me queixar das muitas benfeitorias que recebi em toda a minha existência. Sinto pulsar ainda em mim, como antes, os disparos do coração, tantas e tantas vezes, sendo nós dois aquelas pessoas certas em lugares idem, quem sabe em um tempo errado?

Ter estado com ela representou sempre para mim uma sucessão de imagens gratificantes, às vezes ternas, às vezes abrasadoras, às vezes assustadoras. Mãos frias, lágrimas, coração a galope, toques de cotovelo, olhares, dedos entre dedos, pele, cheiros, procuras, comedimentos que se abriam em torvelinhos – tudo isso e mais alguma coisa. Nós dois, raramente a sós, em tantos e diferentes lugares. Uma cena particular, forte: a gente se amando em minha casa e lá fora caindo a primeira chuva do ano. Um bom vinho e sua música predileta no som da cabeceira. Ou então, daquele banho quente, juntos em espumante banheira, à luz de velas...

O que sempre lhe pedi e fui correspondido, sem limites, foi que me dedicasse o carinho e a generosidade de sempre, me acolhendo para conversas a sós, sem hora de acabar, mesmo quando não nos víamos meses ou mais de ano. Não seria supérfluo lhe pedir isso, pois ela jamais o faria reciprocamente, mas insistindo que não seria necessária uma resposta às minhas mensagens escritas, mas que ela não me negasse o privilégio que lhe pedia para conceder. E, principalmente, que me recebesse e me ouvisse, com o afeto de sempre, para entender melhor as coisas que me passavam pelo coração. Quando não fosse para fazer, mais uma vez, aquilo em que éramos dois mestres consumados: a arte da boa conversa, o fluir da inesgotável luz que sabíamos despertar, o sentimento que todo o Universo se resumia e se concentrava em duas pessoas únicas e especiais, pelo menos na curta duração daqueles momentos extraordinários.

Quanto amor, quanta paixão e, por incrível que pareça, tanta certeza em todos esses momentos que estivemos juntos! Não poderia me queixar das coisas que a vida me deu, com efeito. E eu me perguntava o que fazer disso tudo, dessa bagagem, desse patrimônio

amoroso e afetivo tão raramente acumulado entre as pessoas? Carregá-lo apenas na gavetinha mais escondida das minhas e das nossas lembranças? Cada um cuidando do seu pedaço? Assumir, de uma vez por todas que, como dizia o poeta, “as coisas findas, muito mais que lindas, que ficarão”? Ou então perseguir, de alguma forma, a utopia da permanência de tais coisas lindas?

Não tenho e nunca tive resposta para tantas perguntas... E mais esta ficou sem ser respondida: foi justo sufocar sentimentos sendo a vida tão curta e tão dura?

“Com todo o meu Amor por você e pela nossa história” assim encerrava minhas mensagens escritas.

Recebi dela, em todo tempo que nos relacionamos, uma única mensagem escrita. Sua leitura me dispensa de dizer qualquer coisa mais.

Nem anjo nem demônio, você mesmo. Muitas vezes doce, outras severo. Sempre com opinião sobre tudo. Sabe dizer a vida em versos sempre que alguma coisa desata em seu coração. Recebe com coração e comidinha quente. Tem a casa iluminada na medida certa, nem mais nem menos do que o necessário para se ver o essencial. Sabe guardar as relíquias da vida na memória, que pode ser reativada sempre que a saudade traz lembranças gratificantes. Enfrenta o desafio de “resignificar” a rotina e os pequenos detalhes da vida. É este homem que gosto. Beijos.

Mas a vida real falou mais alto.

Não podendo nomeá-la de forma frontal – dado um compromisso que assumi com ela – dou-lhe um nome apropriado, de deusa grega: Atheneia.



Quem não se lembra do Cine Academia em Brasília? Ali era possível ver bons filmes, ouvir boa música ao vivo, tomar um café ou um drink honesto, encontrar pessoas. Como nada é perfeito, o proprietário era um conhecido trambiqueiro, devedor do fisco e da previdência e seu estabelecimento acabou sendo fechado para pagar dívidas com o Estado, mas mesmo assim deixou saudades em muita gente – o lugar, não seu dono. Eu próprio me senti na orfanidade.

Sempre gostei dos vários itens ali oferecidos, particularmente dos filmes, mas no quesito “pessoas” ali colhi também ótimas lembranças, uma delas muito especial.

Uma noite de maio de 2008 eu fui ao Academia pegar um cineminha. Sozinho, pois este era o meu estado assumido prazerosamente na ocasião. Comprei meu ingresso e aproveitei o tempo que ainda faltava para o começo da sessão para folhear a esmo alguns livros na livraria que lá existia. Eis que ela apareceu...

Como eu manuseava um exemplar qualquer, já chegou e me perguntou, sem maiores preâmbulos: *você já leu?* Não eu não tinha lido, mas aquilo era uma ótima deixa para prosseguir a conversa com aquela mulher de uns cinquenta anos, bonitona, bem vestida e comunicativa, aspecto este que logo se confirmou, aliás. Pegamos uma conversa sobre literatura de imediato e fiquei bem impressionado com o leque de referências que ela tinha, em termos de leituras, mas amplas do que as minhas, diga-se de passagem. Mas mesmo assim me ouvia com atenção.

Ato contínuo, ela me perguntou que filme eu iria ver. Ou fui eu que indaguei a ela, não me lembro mais. O fato é que o “meu” filme não era o mesmo dela o qual, aliás, eu já tinha visto. O passo seguinte, dado por ela, me encantou: *espere que vou tentar trocar meu ingresso para ver este filme que você vai ver também.* Em poucos minutos estávamos sentados, lado a lado no escurinho, sem que eu ainda soubesse sequer o nome dela ou qualquer outro tipo de informação. Mas sem dúvida, era uma companhia agradável e havia

reciprocidade, pelo que eu percebia, de tal maneira que deixamos rolar a aquela insólita proximidade, sem perder a oportunidade de comentar passagens da fita com os rostos quase colados, em sussurros, para não perturbar os demais espectadores. Boa química interpessoal ali se anunciava, mas naquele momento não passou disso, eu juro.

No final da sessão, cumpriu-se um ritual previsível: *que tal se fôssemos beber algo e conversar mais sobre o filme?* Não era só isso, claro, que nos interessava já naquele momento. E fomos a um recém-inaugurado café da Asa Norte, onde, naquele momento, éramos os únicos fregueses, e por ali fomos ficando até que deu hora de fechar a casa. É claro que, na despedida, novo encontro foi marcado, em breves dias, de forma totalmente espontânea e recíproca. E afinal não haveria, absolutamente, alternativa diferente para os dois recém conhecidos.

Daí ao enamoramento, ao primeiro beijo, às carícias ainda tímidas, mas promissoras, foi um passo bem curto. No final da primeira semana já estávamos íntimos. Um passeio na Livraria Cultura, com compras duplas em profusão de livros e CD, selou, simbolicamente o novo estatuto que entre nós se estabelecia. E só havia certeza e felicidade naquilo tudo.

Viver momentos tão felizes, logo vimos, era apenas uma parte de um todo. Nós dois éramos criaturas desgastadas por relacionamentos mal escolhidos e malsucedidos e aquele encontro parecia nos trazer, realmente, as chaves do Paraíso.

Nas semanas seguintes acabei de conhecer a médica famosa, a empreendedora, a mulher de espírito indomável, a criadora de um método de trabalho, a líder social. Cidadã honorária de Brasília, um título nunca me parecera tão justificado e isento de cargas políticas como no caso dela. Respeitadíssima em toda parte que íamos, onde eu era apresentado sem maiores rodeios como o companheiro, com todo carinho e certeza.

Certezas, certezas, certezas...

Logo me incluiu no seu círculo de amizades. A um almoço semanal em sua casa, reservado às pessoas com quem realmente privava intimidade, fui logo incorporado, com importantes companhias, inclusive do ex-marido, sujeito notável, que logo se tornou meu amigo. O que mais eu poderia querer?

E foi ainda com uma frase como esta na mente – *o que mais poderia querer?* – que vi meu sonho começar a ruir. Participar do cortejo daquela Deusa era coisa para fiéis iniciados. E eu era um tanto gentio, ou profano, pouco afeito a rituais laudatórios em torno de alguém. Comecei a perceber que aquela espécie de divindade não tinha apenas amigos, tinha seguidores, fiéis, escudeiros. E foi assim que um dia a cobrança me chegou, taxativa, por parte dela, de eu não estar demonstrando de forma suficiente e acreditável que Sua Divindade fosse realmente um símbolo forte e significativo para mim.

Ela queria uma definição cabal. Eu me calei. E quando me dei conta, *de repente, não mais que de repente, fez-se de triste o que se fez amante e de sozinho o que se fez contente; fez-se da vida uma aventura errante*, como já tinha dito Vinicius de Moraes.

Tudo durou apenas dez meses, mas valeu a pena.



Primeira semana de aulas na Faculdade de Medicina da UFMG. O ritual era de que os calouros doassem sangue. Eu lá fui e vi, na maca ao lado, a linda figura de uma moça de cabelos longos e escorridos, óculos de míope, meio no estilo gatinho e um narizinho levantado, que de outra forma me teria passado como defeito, mas que naquele caso específico, definitivamente não. Ela também recém aprovada no vestibular, tal como eu, mas eu a via pela primeira vez.

Mas em breve nos encontraríamos novamente. Fui convidado por uma colega a participar do grupo de dissecação que estava sendo formado para a disciplina de anatomia, no qual já estavam dois ou três colegas meus de colégio e mais uma quarta pessoa, que até então eu só conhecia de vista – a citada doadora de sangue. Chuva na horta!

Foi assim que a conheci, recém-chegada de uma cidade do interior e admitida no primeiro vestibular que tentou. *Gênia* verdadeira, nem precisou de passar pelo Colégio Universitário, como eu! Conversa vai, conversa vem, bisturi pra cá, tesoura e pinça pra lá – em poucos meses estávamos namorando.

Assim, de forma um tanto macabra, nos demorávamos à beira daquele corpo morto, aparentemente preparando o terreno dissecado para a jornada seguinte, mas na verdade pelo simples gosto de ficarmos até mais tarde em singular colóquio, tendo a morte como testemunha. Nessas ocasiões, o professor responsável pelo anfiteatro, ao nos ver, brincava: *isso ainda vai dar em casamento*. Falava com a voz da experiência, pois nos dizia ter visto muitos matrimônios terem por testemunha inicial exatamente um cadáver, como no nosso caso. E deu em casamento mesmo, quatro anos depois.

Mas antes disso vivemos o que a juventude dos anos sessenta viveu, embora considere que estávamos um pouco atrasados. Revolução sexual, por exemplo, não rolou para nós. Casamos virgens, ela totalmente e eu mais ou menos... Drogas não era a nossa praia. Eu tinha conhecido a marijuana em uma viagem aos EUA, mas ela sempre resistiu, alegando não saber tragar. Um lança-perfume, vez ou outra, era permitido. Papos cabeça, como era moda na época, não nos pegaram muito, pois padecíamos de certa objetividade – nosso negócio era formar logo, sair para a vida. Ah, sim – e casar. Afinal era preciso nos libertar dos grilhões familiares, embora isso para ela não trouxesse a carga negativa que tanto me afetava. Mas era terrível não poder viajar juntos, sair sem destino e sem ter hora de voltar, experimentar umas substâncias diferentes, contrapor à ditadura, *make love*, coisas que naquela ocasião todo mundo de nossa geração fazia.

Com vinte e dois anos já éramos independentes de nossas famílias, eu dando aula em cursinho; ela com bolsas de estágio que conquistava num piscar de olhos. Era competente a danada... Daí a casar foi um pulo. Com vinte e três fomos ao altar e começamos uma vida de muita tranquilidade e amorosidade, que durou vinte anos no total.

Uma história exemplar que tinha tudo para ter um final feliz.

Compartilhamos o gesto corajoso de mudar de cidade, abandonando a BH que já nos oferecia tantas oportunidades. Fomos para o interior e disso, eu pelo menos, nunca me arrependi. E as demais coisas vieram na sequência previsível, um filho, três filhos; construção de uma casa, outra casa; um sítio, uma fazenda; viagens pelas três Américas; um patrimônio material e simbólico sendo erguido com prudência e solidez. Casal mais bem-sucedido, impossível!

O final feliz tão augurado não veio. Mas no lugar dele, vinte anos de somas. Como disse Guimarães Rosa, *fomos felizes e infelizes, misturadamente*.

Passados tantos anos reafirmo o que para mim nunca deixou de ser clara certeza: mulher extraordinária esta que comigo esteve! Não sei se a perdi de fato, pois minha admiração por ela nunca se arrefeceu (embora saiba que a recíproca não seja verdadeira). Em todo caso, temos três filhos em comum – e agora três netinhos.

É a vida...



Era uma moça interiorana, tímida e de conversação restrita ao essencial. Mas tinha uma beleza misteriosa, meio que mediterrânea, misturando, quem sabe, linhas árabes e italianas. A solidão sempre foi má conselheira para mim e quando eu vi já estava armando o laço para ela, minha coleguinha de disciplina de doutorado na UnB. Bem que ela tentou me evitar. Foram alguns meses de labuta para convencê-la. Até que usei a arma fatal: que ela me procurasse quando – e se – estivesse interessada em se relacionar comigo. Era justamente o que faltava: em quinze dias ela cedeu, me ligou, foi para minha casa e aí “rolou”, como se diz. E começou tudo muito bem. Mas de minha parte, pelo menos, faltava algo, como em outras histórias que eu tinha vivido: uma real inclinação, um *drive*, algo que me atingisse de maneira mais profunda e, por que não dizer, avassaladora. Sempre fui apaixonado pelas paixões...

Mas ainda assim aproveitamos a vida, em viagens, sessões de cinema, jantares, caminhadas. Papos repletos de lugares comuns, de minha parte e da dela. Ideologicamente divergíamos, como era meu costume, ela acreditando em chavões partidários, eu na minha habitual postura *gauche*, desconfiando das ideologias, dos partidos e, principalmente, dos militantes.

Ela, a caminho dos quarenta, queria um filho; eu, com mais de cinquenta e três filhos criados, não. Creio que agiu por conta própria e fez a sua parte: engravidou. Eu não aceitei. Foi grande o sacrifício que se seguiu. Não foi fácil, para ela principalmente.

Nisso me atravessa no caminho mais alguém. E vinha com tudo. Até um avião pegou, certo dia, para estar comigo uma simples tarde de domingo. E a recém-chegada era uma intelectual, doutora, diretora, escritora, o escambau. Como resistir? Eu fui, eu vi, eu experimentei. Mas em pouco tempo recuei e afinal voltei para a morena dos olhos fundos mediterrâneos...

Mas continuava a faltar algo...

Foram dois anos de encontros e desencontros. No meio deles, uma nova gravidez, agora aceita por mim, com entusiasmo, por sinal. Um convite para trabalhar e morar em outra cidade acabou por nos aproximar, pois experimentamos coabitar, perto da morada de sua família, com maiores facilidades para acompanhamento da gravidez que já ia avançada.

Não foi um amor exemplar, mas o resto não interessa. O que sei é que estou ligado a ela pelo resto de minha vida, por ter me dado o grande presente que ilumina minha velhice, dois filhos que tanto amo!



Saguão de aeroporto, a espera regulamentar da chamada do voo indica um café. Bandeja na mão, procuro uma mesa para ficar. Mesma intenção daquela dama que se aproximava. Bom cavalheiro que

sempre fui, cedi-lhe a vez. E ela: *podemos sentar juntos, para mim não tem problema...* Gostei da ideia. Mas cumpre conversar, em tais casos. Tipo: *mora aqui, viaja pra onde, o que faz?* Banalidades assim. Mas a nossa conversa engrenou, logo descobrimos pessoas, histórias e interesses em comum. Dentro do avião, meia hora mais tarde, o fato de estarmos com assentos diferentes não impediu que viajássemos lado a lado, encompridando a conversa. E partiu dela o convite: *hei, tem lugar aqui, venha!* – já me chamando pelo nome.

Eu saindo de uma rebordosa danada, com oficiais de justiça batendo à minha porta e contrariedades mil, a me fazer *mudar de calçada* em determinadas circunstâncias, deveria ter resistido, assim mandava o bom senso. Mas felizmente não obedeci.

Trocamos telefones e marcamos nova conversa para a volta, dez ou quinze dias depois. E aí já sabíamos que nossa história interessava um & outro, um ao outro. Marcelo Mastroiani e Sophia Loren, naquela *Giornata Particolare* de Ettore Scola, que vimos juntos, nos forneceram a deixa para o que já queríamos de sobra – e nem era só nos conhecermos melhor, era namorar mesmo. E aconteceu.

Para resumir, sem mais, nem menos, nem talvez, abriram-se as portas da *poesia-em-mim*. Ela que já andava tão sumida de minha vida.

Assim:

Mergulho?

Sim, mas devagar.

Espanto?

Talvez, mas vai passar.

Sedução?

Sim e não. Só começar...

Espelho?

Normal. Corre a espiar.



Destino?

É caso de comprovar.

E então?

Deixa fluir, sem estancar.



Seu gozo, seu delírio

Eu quero

Mas faço melhor:

Espero



<A nudez longínqua de uma pérola>

Para quê?

Se o sonho e a espera

Valem mais...

Despido de verdade está quem ignora

O pudor

De parecer e querer ser como os demais



<Para que tanto corpo?>

Para que tantas palavras

Tanta contenção?

Tudo não passa de um estorvo

Para quem fez do corpo, apenas nuvem

*E já não se importa com o vento
Ou se faz inverno ou já é verão*



*Se a viagem é com os pés fora do chão
E o melhor dela está na travessia
O roteiro justo é o que nos faria
Fazer do corpo nuvem, sem freio ou direção.*



*Vamos resolver a equação da vida?
Comece você...
A fórmula – se é que tem fórmula
Não possui volta, nem ida.*



<Eu não te quero aqui por muitos anos>

*Eu não te quero vestida ou despida
Eu não te quero aqui e nem ali
Acordada ou desfalecida
Toda palavras ou emudecida
Sem sabor ou sabendo a sapoti...
Eu apenas desejo
A essência atemporal e abstrata
Que evola de ti.*



*Eu quero, entende?
Intransitivamente.
Que nome posso dar
À espera vespertina
De seu sms
No meu celular?*



*Passeio
domingo
vinho
entardecer.
causos.
afagos
querer mais?
Pra quê?*



<Celebração de Eros>

*Basta de poesia!
pelo menos esta
encarcerada em folhas de papel, livros
e telas de computador
eu quero agora poemas libertos
épicos libertinos, nada parnasianos
que subam pelas paredes*

*preencham as alcovas
escorram pelo chão
ou mais abaixo
(por que não?)
odes do céu e do inferno
elegias ao verão e ao inverno
poesia concreta; nem precisa ser discreta
escrita com suor e movimento
que seja feita com muito ou pouco invento
mas tenha gritos, gozo e tesão
cheia de si e recheada de beleza
e prenhe de nenhuma certeza
que se cumpre e é escrita fora do papel
em jogos e alfaías de cama e mesa
deixando marcas em algum colchão*

Até que um dia, bem assim como chegou, a Poesia bateu em retirada, sem grandes avisos.

Filhos: melhor tê-los

Filhos, melhor não tê-los. Mas se não os temos, como sabê-lo? Se valeu para Vinicius, para mim muito mais.

Tive cinco no total, os três primeiros, planejados, os outros dois, nem tanto. Mas isso não muda nem um pouco o amor que tenho por todos – e por cada um também.



Daniela veio por encomenda certa. Três anos de casados, vida material ajustada, era hora de constituir família. Daqueles dias especiais de dezembro-janeiro de 1974-75 guardo a especial lembrança da emoção que senti no momento e depois, já distante, já em Uberlândia a procurar casa para iniciarmos uma nova etapa de vida. E embevecido contemplava a todo momento a única imagem disponível eu levei comigo: um simples slide dela, com poucas horas de vida, rostinho ainda marcado pelo fórceps a que lhe sujeitaram na Maternidade.

E naquele rosto rechonchudo de bebê eu me via, via Eliane e mais toda uma ancestralidade de Itabira, de Pains, de Sabará. Nenhuma precisão ou coerência naquilo que eu enxergava. Além e acima da foto o que imperava era a emoção inédita de ser pai.

E dia após dia isso se repetiu, às mil vezes. Coisas intensificadas por eventos mínimos, que só quem já foi pai – e pela primeira vez – sabe o que é e como é. Aquele choro escutado ao longe, em outro cômodo, durante um telefonema para Eliane, por exemplo. Malgrado meu, estive distante dela por um longo mês, com encontros apenas ocasionais em dois ou três finais de semana, que me pareciam escassos e curtíssimos.

Depois, uma sequência de lembranças de nunca acabar. A ida maluca a Marataízes, aos dois meses da criatura, ela e a mãe no banco de trás de um Fusca (como se assim pudéssemos melhor protegê-la...). E mais três rapagões, dois irmãos de Eliane e um amigo, na mesma viatura. A gente quando é jovem faz cada coisa! Mas loucura, de verdade, era a de sermos pai e mãe. O resto tirávamos de letra.

E teve mais emoções, muitas. A primeira noite na casa que alugamos em Uberlândia. As viagens de ida e volta entre Uberlândia e Belo Horizonte, com o terror de uma tempestade enfrentada na BR 262 no meio da noite. Mas a gente era jovem! Aquela vez que ela saltou do berço pela manhã, caindo com a cabeça no chão, chorando até pouco perto da gravidade da situação. Os ruídos significativos

que fazia, também de manhãzinha, para exonerar suas tripinhas de bebê. A agitação dos banhos que a faziam aspergir água por todo o cômodo. As primeiras palavrinhas: *pitiuô*, para passarinho; *peio*, para peixe. E diante da figura de um peixe voador num livro ilustrado sobre animais comprado especialmente para ela: *pitiu-peio*! A primeira ida ao Zoológico de Belô, atração inexistente em Uberlândia, com seu êxtase diante da Girafa, do Elefante e dos Macacos.

E as horas dolorosas das doenças infantis, raras com ela, ao contrário dos irmãos que viriam depois. O mais grave foi a queimadura que sofreu com o cano de descarga do Fusca, que a deixou com um “C” gravado a ferro quente na coxa por muitos anos, talvez tenha tal cicatriz até hoje, vou indagar dela. Naquele dia eu chorei, achando talvez que minha dor fosse maior do que a dela...

A primeira amiga, Juliana, que ela nunca mais deve ter visto, assim como outras de Uberlândia, cidade por ela abandonada física e espiritualmente, sem remissão mesmo quando retorna para visitar a mãe – e ninguém mais, aliás. A cidade para ela, hoje, mal e mal não passa de um retrato (indolor) em alguma parede. A ida inaugural à escolinha ESEBA da UFU, que ela chamava de “sacolinha”, por alusão a uma merendeira improvisada que teve nos primeiros dias em que lá esteve. Recebia, então, o carinho especial da Tia “Carne” (Carmen), tão bonita e acolhedora com seus olhos azuis.

Rebelde e crítica, como ninguém, porém sensível e capaz de se derreter por algo tocante – ou por nada de mais. Aliás, chorar é com ela mesma. Aos 45 não perdeu a qualidade de ser crítica – e chorona. Frase dela já adolescente que mereceria entrar numa enciclopédia de “Melhor do Mau Humor”, como aquela que Ruy Castro produziu: *eu não gosto de praia porque tem muita areia, vento, água fria e salgada, além de gente inibida...*

Demorou a começar a namorar e até fez algumas tentativas, não muitas, mas apenas o bastante para esperar e encontrar o amor de sua vida, o filho de Édipo, que atende por Etéocles. Mas isso não se deu na Grécia, tratando-se apenas de encontro guiado pelo Rio São

Francisco, unindo sertões e veredas de Minas Gerais à Mata e às areias de Pernambuco. De tal confluência veio o Chico, que alegra nossa existência hoje.

E por tais caminhos a (ex) mal-humorada criatura se tornou carnavalesca, desfilando anualmente no bloco da Sala da Justiça de Olinda, vestida de Princesa Lea, de Olivia Palito e de sei lá o quê mais. Sem se transformar em *gente inibida...*

Quem acha que as pessoas não mudam, precisa conhecer Daniela.



Nunca desejei ser pai de um filho único...

Em novembro de 1976, fui para Brasília melhorar um pouco a minha bagagem acadêmica, até então muito restrita, no Núcleo de Medicina Tropical da UnB. Deixei em Uberlândia, sozinha, a valente Eliane, grávida no penúltimo mês, além de Daniela, prestes a completar dois aninhos.

Eram tempos pré-históricos em matéria de tecnologias médicas; a gente só ficava sabendo do sexo de um filho dentro da sala de parto, junto com o primeiro choro. O máximo que se podia fazer era um arriscado RX nos últimos meses da gestação, para saber se havia alguma anormalidade e se naquela barriga tinha mais de um. E foi exatamente assim que aconteceu: eu em Brasília, Eliane me liga um dia para saber o que eu tinha decidido sobre o nome do ser que estava a caminho. Tínhamos pensado em Fernanda ou Mauricio, na suposição que fosse uma coisa ou outra – não as duas ao mesmo tempo, como de fato se deu. Bem que aquela barriga enorme (embora recolhida à sua dimensão normal poucas semanas depois do parto) já parecia anunciar alguma coisa.

Foi assim que um dia, eu chegando das atividades na UnB, hospedado na casa de meus amigos Mauro e Nazaré (também presentes no dia em que Daniela nasceu), recebi o recado de que Eliane precisava falar comigo. E era urgente! Meu estado de susto durou apenas

até eu falar com ela, alguns minutos depois. Ou, pensando bem, aumentou. Antes que eu respondesse à pergunta dela, a respeito do nome escolhido, que na verdade eu ainda estava incubando, por não se tratar de evento muito imediato o esperado nascimento, Eliane me trouxe, ansiosa como estava, a segunda parte da indagação: *se não escolheu um, agora vai ter que escolher dois!*

Dois!

E foi pensando nisso, pouco tempo depois, que peguei meu brioso Chevette no estacionamento do prédio da 116 Norte e toquei rumo a Uberlândia, para enfrentar a monotonia de mais de 400 km de paisagem dominada, na ocasião, por uma infinita coisa-nenhuma. Saí de Brasília aos primeiros toques da Protofonia do Guarany, na Voz do Brasil. *Dezenove horas na Capital Federal!* Pouco depois das 23 adentrava ao prédio do Hospital Escola da UFU, que por sorte fica na beira da rodovia BR 040, via de chegada obrigatória em Uberlândia, para quem vem de Brasília. Viagem normal de seis horas que eu fiz em quatro. Por pouco nasceriam órfãos de pai, pobres gêmeos...

E então conheci aqueles dois perfeitos ratinhos, recém vindos ao mundo agreste, nascidos algumas semanas antes da hora, a me esperar embrulhados tal qual dois charutos. Na verdade, um dos ratinhos me lembrou Ramsés, o Faraó, miúdo e enrugado como uma pequena múmia. O outro, ou melhor, a outra, era mais rechonchudo e seus olhinhos mal se abriam por cima de bochechas expressivas.

Naqueles primeiros meses cunhei uma expressão que me acompanhou por quase dois anos pela frente: ter filhos gêmeos não dá o dobro do trabalho, mas muito mais do que isso!

Mas sobrevivemos. Para as dúzias de fraldas que ainda não eram descartáveis os varais da casa recém construída não eram suficientes – foi preciso estendê-los muitos metros mais. Já próximo a completarem um ano acordamos Eliane e eu, certa amanhã, terrivelmente assustados: eles tinham passado toda a noite sem nos demandar! Corremos ao quarto, esperando pelo pior. Eles apenas

dormiam, ainda, o sono dos justos. Mas haviam enxugado as quatro mamadeiras colocadas à disposição aos pés dos berços.

Mas sem dúvida nos traziam momentos gloriosos, ao sairmos às ruas em penca. A mais velha com dois anos, linda em seus cabelos encaracolados e os dois pequenos, não menos, cada qual em seu carrinho de bebê. Glória para nós, pai & mãe, claro; para Daniela talvez não fosse tão glorioso assim... Como éramos dois e eles três, um dia, por pequeno descuido meu, um dos carrinhos, puxado pela força de gravidade, pegou um declive na praça principal da cidade, passeio obrigatório de domingo à tarde, em era pré Shopping. E lá se foi um bebê ejetado sobre uma touceira de buxinho, planta felizmente sem espinhos e sem veneno. Passado o susto e enxugadas algumas lágrimas, deu-se andamento ao ritual domingueiro: banda de música e pipoca, sem maiores traumas e contratempos.

Para mostrar a que vieram, rebatizaram a irmã mais velha, que passou a se chamar Lela, desde então. Sempre juntos, os gêmeos raramente brigavam entre si. Já com a irmã... Mesmo nas divergências comuns da infância e da adolescência a prova dos nove da forte união entre os dois era a de tomarem partido a favor, de imediato, se por acaso o outro fosse castigado ou ofendido. Começou no primeiro ano do jardim da infância, quando eles tiveram de ser separados de sala, dado o cuidado que ela tinha com ele, como uma mãe que protegesse o filho. Ele não deixava por menos, imitava a irmã nos gestos e nos comportamentos, mas isso foi só no começo, depois, cada um formou ramo próprio e autônomo.

- *Nanda, o que você quer ser quando crescer?* – *Professora! E você, Maurício?* – *Professora também...*

Almas gêmeas? Definitivamente, não. Cada um com seu estilo.

Objetividade foi o traço dominante do que virou arquiteto. Na outra, sensibilidade da artista que quase foi psicóloga, mas abandonou o curso quando concluiu que seus problemas já tinham sido resolvidos. Um e outro: pragmatismo e sublimação; rotina e experi-

mentação; números e nuances. Mil amigos de uma; poucos e bons do outro lado. Quando nasceram, o tio Drummond, que festejava cada neto da Vó Favita com um verso, ofereceu a eles um primor, que aliás é o único que constou em livro, Farewell, se não me engano. Ali ele falava de um “ramo de lucidez” e de um outro “ramo de carinho”. Nada mais apropriado para falar de Mauricio e Fernanda, mesmo hoje, mais de quatro décadas depois. Este pai, inspirado mais pelas figuras destes filhos do que pelos versos do tio, anos depois, diante de cartas recebidas simultaneamente dos dois, naquele momento vivendo distante, fazendo faculdade em BH, foi capaz de produzir o seguinte:

*Com lucidez e carinho
como falou o poeta
me chegam quase juntinho
duas cartas diferentes
uma triste e emocionada
outra bem calma e contente.
Em uma leio: “escrevo mal
não sei contar o que sinto.”
Mas logo se contradiz
ao pôr tudo claro e limpo.
É carta fácil de ler,
mas não vem de aprendiz,
seu autor conhece a lida
de bem dispor das palavras,
tem tino de lucidez
mostra sapiência de vida.*

*Na segunda, outro estilo
não se desculpa, escreve,
e despeja em borbotão,
sentimentos, impressões.
Bem se vê imensa verve
a mente não lhe é avara,
mas mais forte é o coração.
Ao escrever bem maneja
remédio que tudo sara,
formulado com carinho.
E com a força benfazeja,
do amor, ergue seu ninho.*



*Não sei o que mais me toca
se a lucidez ou o carinho,
se a certeza ou a poesia,
são ramos bem diferentes,
na mesma fronde gerados,
cobrindo de graça a vida,
de um pai emocionado.*

E não posso deixar de falar dos desdobramentos que estes dois me trouxeram: nora, genro e netos. Gigliola e Alexandre, além de Martin e Gonçalo, produziram em minha vida um novo milagre, além daquele da paternidade propriamente dita: o da multiplicação dos afetos.



Três é bom, mas certamente quatro (e depois cinco) não foram demais...

Aos 55 anos pude experimentar, de novo, a paternidade. E veio num momento muito especial de minha vida, agora morando em Uberlândia e tendo me transformado, outra vez, em algo que poderia chamar, com todo respeito pela metrópole do Triângulo Mineiro, de um *Peixão no Lagozinho* – que nem assim escapou dos predadores.

Especial tal momento por poder experimentar uma dupla sensação, por um lado, de ter aceitado um desafio para o qual eu não me sentia apto e forte o bastante e que naturalmente me provocava muito stress, embora fosse alto o reconhecimento social e político de tal função – fazendo emergir da lagoa o tal “peixão”. Por outro, por usufruir cotidianamente da compensação de ter um filho pequeno, que eu ninava e carregava no colo nos intervalos de trabalho e nas noites, com total entrega. Porque Flavinho e depois, sua irmã Sophia, foram e continuam sendo a melhor coisa que pude conquistar na velhice, me fazendo antecipar a alegria da chegada de netos em quase uma década.

Não deixava de me sentir um pouco culpado, também, porque ao mesmo tempo sentia que com menos de trinta anos – quando fui pai pela primeira vez – eu talvez não estivesse tão preparado como naquela hora. E assim, com décadas de intervalo, eu me sentia um pai melhor para Flavinho do que para Daniela, Maurício e Fernanda.

E me vinha, então, uma sensação que não tive com os primeiros, que me provocava grande orgulho, na verdade, beirando vaidade meio cabotina. Era o que acontecia quando as pessoas me viam na rua, ou em qualquer lugar, carregando um bebê ou o levando no carrinho. – É seu neto? – Não, é meu filho! E eu, já de cabeça quase toda branca, justificando totalmente tal confusão, me derretia por dentro e mais ainda me divertia quando as pessoas pediam desculpas.

E teve especial sabor ter por perto avô e avó, no caso, Totô e Lucy, que moravam “logo ali”, em Frutal, outro privilégio que os mais

velhos não tiveram. Mas mesmo os avós de BH, ainda ativos na época, não deixaram de prestigiar aquele rebento tardio da família, na qual já uma dezena de netos florescia, todos chegados à adolescência, mas ainda sem produzir nenhum bisneto. Assim, eu me transformei em um avô extemporâneo (e meus pais em bisavós), mesmo sem o sermos de fato.



Depois de Uberlândia, voltei a ser apenas um pequeno peixe, agora num lago enorme: Brasília. Mas era isso mesmo que queria. E aí meu cardume mais ainda aumentou, com a chegada de Sophia.

Cada um de meus filhos trouxe uma marca especial, traduzida pelo olhar. Daniela com seus olhinhos espertos, como duas jabuticabas maduras. Nanda com seus olhos apertadinhos, suas bochechas, em sorriso permanente; olhinhos de quem estivesse sempre prestes a cochilar. Mauricio meio vesguinho, com a vista corrigida aos dois anos por um par de óculos que lhe aumentavam o encanto do rostinho delicado. Flavinho e seus enormes cílios, olhar atento, que lembravam o da irmã mais velha. E Sophia?

Sophia tinha um pouco de tudo isso e mais um charme muito especial: seu jeito de olhar, manifesto desde os primeiros dias de vida. Tentando definir o indefinível, diria que era um olhar profundo, produzido por olhos cor de mel, que se fixava em quem lhe estivesse próximo (ou, pelo menos, em quem lhe interessasse) e como que inquirisse aquele interlocutor com um jeito de quem queria interagir e saber o que se passava com aquela pessoa. Há uma foto dela comigo, aos seis meses, que demonstra isso perfeitamente: eu sentado no sofá, com ela no colo, tendo espetados em mim aqueles olhos vivos e penetrantes. Isso foi uma constante em seus primeiros anos de vida, tendo arrefecido um pouco, mas não totalmente, quando ela passou a ter outras formas de comunicação com o mundo exterior, principalmente a fala, além da consciência e a compreensão do ambiente. Mas ainda hoje não deixo de perceber este traço presente em seu olhar.

Mas tal inquirição era, acima de tudo, doce e calorosa, não a julgemos apenas curiosa e especuladeira...

Talvez como aspecto derivado de tal modo de olhar, creio que por assim dizer “puxou” da irmã Nanda uma preocupação com o cuidado e o bem-estar de quem porventura lhe estivesse por perto, tendo como alvo principal, à falta de um irmão mais novo, como no caso da outra, seu irmãozinho, no caso mais velho do que ela. Com efeito, aquele que um dia ela chamou de *Babinho* era o motivo principal de seus cuidados e até mesmo de suas preocupações.

- *Quando eu crescer eu quero ser igual ao Babinho*, disse ela um dia.

Variação sobre o mesmo tema: *quando eu ficar grande eu quero ser menino*.

Carinhosa como quê. Sempre gostou de contato físico, de pele, de mãos dadas. Quando menorzinha, ao andar comigo na rua, não aceitava que eu lhe pegasse a mão de forma mais relaxada, com os dedos moles e pensos. Com frequência, juntava meus dedos em torno dos seus, apertava o conjunto e me olhava nos olhos para ver se eu obedeceria a tal comando manual. Eu não só lhe obedecia como de todo me derretia. Tinha outro jeito?

Uma potência imunológica! Sempre passou incólume pelos resfriados e amigdalites do irmão, ou mesmo da mãe ou minhas, totalmente vitoriosa. Piripaco, mesmo, só teve um: quando se cortou em um escorregador no parquinho detonado da 409 Norte. Quase teve decepado o dedo mindinho do pé, foi parar no hospital e teve até que ser anestesiada geral para fazer a sutura, ficando internada por dois dias. Pouco choro, na hora; sequelas zero. Depois disso, por muito tempo, ao passar na porta do lugar onde esteve internada, dizia: este é o *meu* hospital, com a devida ênfase no pronome possessivo.

Podem ser coisas de criança que teve um irmão a lhe anteceder, mas surpreendeu na precocidade em controlar os esfíncteres, andar de bicicleta, falar e depois mesmo aprender a ler. Mas como

ninguém é perfeito, teve medo de dormir sozinha até os dez anos de idade.

Entre suas raras imperfeições está também uma glândula tiroide rebelde, que teve de ser suprimida à custa do poder atômico do iodo radioativo. Mas mais uma vez, venceu a batalha.

Era e é ainda uma Princesa verdadeira.

Apelidos dados por mim nunca lhe faltaram: o primeiro, Xuxu, assim com “X” mesmo, ainda é o nome pelo qual ela é conhecida na família Goulart. Mas eu mesmo fui alterando a prosódia do mesmo, até transformá-lo em Suzuka, Tuzuka, Tuzuzu ou algo assim, sempre pensando em engendrar um novo.



Mas tem mais, aqueles produtos da “multiplicação de afetos” de que falei acima.

Assim, em ordem de entrada em cena...

Gigliola começa ímpar já no nome. Curiosamente, não diretamente derivado da cantora romântica italiana dos anos 60 e 70, a homônima Cinquetti. Antes derivado da amizade da mãe, Sônia, com a padraia de Uberlândia, no caso o reverenciado, quase santo e milagroso franciscano, Frei Egidio Parisi, que sugeriu a ela tal nome, então quase exótico no Brasil. Mas para nós todos e muitos outros ela é apenas Dili ou, se quiserem, Gigli – mas quem presta atenção nisso? Ímpar no nome, idem na trajetória. Deve ter aprendido a ser a pessoa especial que é, entre outras razões, por ter vindo ao mundo através da sobredita Sônia, que por si só mereceria páginas inteiras. Única mulher entre três irmãos homens certamente deve ter moldado sua personalidade, que a faz, longe de ser dominada, aprendiz de saber o que quer. E ela bem sabe disso! Mas não domina pela força, senão pela doçura e pelo jeito amável e sedutor, no melhor sentido da palavra. *Encantadora*, talvez seja o termo mais exato para defini-la. Entre outras sínteses existenciais, juntou a dança

clássica e a popular com nada menos do que a filosofia, sendo mestra e quase doutora, agora, em tais profundezas. De entremeio, uma professora querida por seus muitos alunos em São Sebastião, que com ela entraram dançando no mundo dos filósofos. Largou o balé, mas seus gestos não foram abandonados pela dança. E além de tudo isso, já deixou de ser cidadã de Uberlândia ou mesmo de Brasília; agora pertence ao Vasto Mundo. Ela que já estudou dança em Moscou e Havana agora mergulha na boa filosofia de Gramsci na Itália. Vai ser ímpar assim na minha família!



Alexandre, também muito considerado e querido na família, é mais um representante dos que não se sujeitam a trafegar em estradinhas acanhadas. Jornalista, fotógrafo, artista plástico: já chega? Ainda não! Ele é também um bamba musical, ganhando até prêmio de sambista em plena Lapa, no Rio de Janeiro. E é difícil saber em qual dessas vias ele circula com mais competência. Às vezes penso que é na música, pois me encanto muito não só com seu vozeirão como com sua cultura musical e mesmo sua inclinação de pesquisador de ritmos rurais e brasílicos de maneira geral. Mas isso me faz confundido quando vejo a qualidade de seu trabalho também como fotógrafo, seja para a imprensa ou mesmo no cotidiano familiar, ou quando por acaso surgem esboços e garatujas gráficas que ele produz aqui e ali, despretensiosamente. Não bastasse tudo isso, ainda emprestou sua carga genética para a invenção de Martim e Gonçalo, além de trazer para um bloco ao qual tenho muito orgulho de pertencer, a figura notável de seu pai Roberto, meu coetâneo, em relação ao qual fico às vezes me indagando se não o teria conhecido, décadas atrás, dadas as nossas idades quase iguais e nossos trajetos paralelos no polígono que abriga as nossas escolas de Medicina e Arquitetura, na BH dos anos 60 e 70.



Eteocles, o filho de Édipo, embora não seja grego nem trágico, é um outro caso de sedutor incorrigível, embora finja não sê-lo, no seu rascante estilo *mangue-beat*. Olhem só: de saída, insistiu com Daniela, logo nos primeiros dias de namoro, que queria lhe conhecer os pais – no caso, eu primeiro, pela proximidade geográfica. Mas acontece que quando eu próprio fiquei sabendo dele, fiz logo saber a minha filha minha vontade de conhecê-lo logo, ao que ela me respondeu: *mas é tudo que ele quer!* Não precisou de mais nada: me rendi, sem chance de resistir. Não bastando isso, presenteou-me, tempos depois (talvez tenha se acautelado em não fazê-lo logo em seguida – coisas de seu método de conquista de sogro) com um DVD contendo a gravação da obra completa de ninguém menos de que meu ídolo Bob Dylan. Mas aí eu já estava entregue e rendido. Como Dili e Alexandre, é pessoa que circula em pistas largas. Artista gráfico, trafega com desenvoltura também no mundo dos ritmos, sendo o maior especialista que conheço (o que no meu caso não é muita vantagem, mas mesmo assim devo reconhecer) em Maracatu, seja na variedade “raiz” ou na “atômica”. Verdadeira enciclopédia em tal campo! E como se não bastasse é cidadão atuante, seja na formação voluntária de crianças e outras pessoas em percussão, seja na difusão do folclore a grupos diversos da comunidade, inclusive em sessões dominicais no Eixão, como também através de sua participação na gestão deste belo empreendimento comunitário que é a Escola Vivendo & Aprendendo. Eteocles, o nosso Teo, traz com sua presença lucro afetivo não só para mim, mas mais ainda para minha filha e sem dúvida, e forma ainda mais significativa, para Francisco, que teve a imensa sorte de nascer em um lar tão culto e generoso. E de quebra ainda nos empresta sua família, representada por Edipo e Neidinha, com seus outros filhos e netos, com a qual já formamos um todo.



O que mais poderia querer da vida?

Não é demais repetir: foi melhor, muito melhor, ter filhos, não deixar de tê-los. Ter tais filhos! E os filhos destes filhos, além das famílias às quais eu me incorporei e me abraçaram. É um privilégio que se mantêm no tempo. Não consigo, definitivamente, imaginar minha vida sem tais benefícios.

Torre de Vigia

6 *meu lado pelo
meu destino*

PANORAMA VISTO DA TORRE

Gauche na vida
Ideias bizarras
Vocês já sofreram bullying?
Da intolerância religiosa
Islamofóbico, eu?
O preço da vida
Testamento vital: me atendam por favor!
Deixem Drummond descansar
Cinquenta anos em cinco minutos
E a medicina, a que será que se destina?

E A GENTE ACHOU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...

A senhora Vana e seu amigo Miguel
A serpente e seu ovo
Tempos problemáticos e febris
Política e políticos: o triunfo de Jerônimo Fogueteiro
Meu voto no PT
Perplexidades e incertezas
Ideologia: eu quero uma pra viver
Poesia? Numa hora dessas?
Mundo que não muda, só vai ficando piorzinho...
Tempos partidos

principalmente, exibir uma boa experiência, inflar o peito e dar
história profissional mercede pelo que fizeram uma frase manjada: 1

O SUS E EU

Meu querido SUS

De como por que como cheguei ao SUS

Abaixo (toda) a unanimidade

O SUS: entre o sonhado, o real e o possível

Um decálogo de apostasias sobre o SUS

VIAJANDO

Viajar é bom?

Entre a espada e a cruz

Do Planalto Central ao Sertão São Francisco

Outras (poucas e boas) jornadas

Pelo sertão

Viagens ao Brasil-real

De volta a Portugal

Voyage au Canadá

Na velha Inglaterra

Conhecendo o mar

Apenas uma fotografia na parede

Me in USA

O dia em que conheci Brasília

Um garoto fora da província

Pequena história cubana

A gente vai ficando velho, mas tem a compensação de ficar mais sábio. Será? Já dizia Cícero em 'De Senectute' que os velhos, no teatro da vida, se sentam nas últimas fileiras de um teatro e assim podem apreciar melhor a apresentação que acontece no palco, com a vantagem adicional de se divertirem também com a plateia à sua frente. Ou algo assim. A tal apresentação, admito, às vezes pode trazer enfado, por vulgar e repetitiva. O público, iludido ou confundido pela peça de qualidade muitas vezes duvidosa, não lhe ficaria atrás. Então, sem nenhuma pretensão de adicionar conteúdo de filosofia ao que disse o velho escriba romano, eu diria que o melhor mesmo da velhice é a gente poder contar com certo beneplácito dos circunstantes ao proferir o que nos vem à cabeça, sem maiores restrições ou censura. Mas mesmo isso pode ser perigoso nos dias de hoje, em que 'homens partidos' se estraçalham até pela posição das vírgulas nas frases e pelas palavras mal interpretadas de quem se dedica a ter opiniões próprias. Aqui vai, apesar de tudo, a expressão de algumas liberdades que resolvi tomar, amparado pelos meus mais de setenta anos de idade, em relação a alguns fatos da vida social e política no panorama brasileiro e mundial. Coisas que poderiam ser categorizadas em uma simples frase de minha especial preferência: a unanimidade faz mal à saúde (e ao resto, diga-se de passagem). É assim que seguem, do alto de uma espécie de Torre de Vigia (obrigado Dylan), algumas opiniões minhas sobre temas tão diversos quanto a política, a sociedade, a saúde, a medicina, a educação, os costumes, as religiões, todos eles constituindo territórios de mudanças profundas nos últimos anos, principalmente na década que vai de 2010 a 2020. Foco especial nos dois últimos anos, quando o nosso país virou de pon-

Gauche na vida ...

ta-cabeça, mudando para pior, sem dúvida. Encerro com um tópico sobre Viagens, além de um pequeno epílogo. Por que viagens? É que sempre as considereei como oportunidades de refletir sobre o cotidiano, operação facilitada justamente por se estar afastado do mesmo, seja por comparação com a realidade de ambiente diferente do nosso, seja por permitir um aclaramento de ideias que, quem sabe, a distância da rotina pode trazer. Sendo assim, acho que as viagens cabem bem neste capítulo de fecho. É claro que me meter em tantos assuntos poderá me trazer a pecha de pretensioso, mas afirmo que, mesmo assim, minha maior verdade é a de saber que nada sei. Faço isso assumindo também o risco em analisar os fatos tão a quente. Ser mais cauteloso, entretanto, poderia implicar que diante do esfriamento de tais acontecimentos, eu próprio venha a lhes fazer companhia, em termos termodinâmicos. Sendo assim, prefiro me antecipar. Mas de toda forma, ‘em cima do muro’ é lugar que não conheço...

Um dia pretendo traçar uma síntese do que tem sido minha vida, em termos das minhas posições ideológicas ou práticas, bem como sobre os desafios e as contradições a que cotidianamente ela nos submete.

Mas, pensando bem, pode ser hoje mesmo... O fato é que eu gostaria de encontrar uma definição simples que me coubesse. É que às vezes tenho a sensação de ser diferente de todo mundo – mas quem não tem? Sobre isso, escrevi certa vez este pretenso haikai:

*Nem melhor, nem pior
que toda gente.
Apenas quero ser
diferente.*

Mas será que é isso mesmo?

Pois bem: *diferente, contestador, do-contrário, excêntrico, incorreto politicamente, esquípático* – algo assim. Seria talvez um sujeito *gauche*, à moda de Drummond. Podem me chamar de iconoclasta e exagerado, também. Ou ainda, de alguém que mete a colher de pau em panelas não são de sua cozinha. Não me importo. Como diria Brecht, um epitáfio com tal conteúdo muito me honraria.

Como procurarei demonstrar em seguida, minha bizarrice se conforma através de escritos meus dos últimos anos, nos quais minha colher de pau revira uma mistura de vida, política, esporte, infância, educação, religião, saúde, morte, Drummond, medicina.

Livre pensar é só começar, como dizia Millor Fernandes.

E vão desculpando aí qualquer coisinha.

Ideias bizarras

Ah, a política! Quem um dia votou no PT – como eu – corre sério risco de fazer como o bêbado da anedota: esperar sua casa passar, já que o mundo todo está rodando, para então introduzir a chave na fechadura e abri-la de vez. Disso, pelo menos, acho que desisti, há muito tempo. Prefiro correr atrás da tal casa, ou do prejuízo, digo, dos fatos. Mas a lógica atual parece questionar o que valem os fatos – eles que se danem, na versão do pateta Donald, copiada por seu concorrente tropical.

Concordo com Frei Betto, petista de carteirinha e quase de nascença, que diz ter sido o PT apenas um inquilino no governo, até que tomou um pé na bunda do verdadeiro dono da casa. Para ele, independente das qualidades dos governos da sigla, há que se reconhecer que cometeram equívocos fatais, particularmente em relação a princípios primordiais da esquerda, pelo menos o de ser um modo de organização da classe trabalhadora, bem como da promoção da ética e da construção do socialismo, por meio de reformas, não de violência e luta armada. Enfim, o partido foi vítima de algo que não conseguiu fazer, ou seja, uma bela reforma política. Chegou apenas ao governo; não ao poder.

Aliás, acho que a aventura do PT no poder da República pode compará-lo àquele aprendiz de feiticeiro que um dia abriu a porta que lhe era vedada, tomando uma surra de vassouras mágicas lá guardadas. Já vimos isso com Mickey no papel principal.

Mas será que a tal Esquerda, agora com Maiúscula, tem cura – ou futuro? Ando refletindo sobre isso. Que tal se os dogmas fossem rejeitados em troca das evidências? “Dogmas são as pedras com que se constrói a sepultura da liberdade”, como disse Juan Arias, brilhante jornalista espanhol. E que as composições escusas, em nome

da vaca sagrada da “governabilidade”, sejam sempre denunciadas e neutralizadas. E vamos combinar: dilapidar patrimônio público não é coisa de direita nem de esquerda, mas apenas sintoma de marginalidade, a ser corrigida com os rigores das leis (embora, na prática, entre a intenção de quem as aplique e a justificativa factual para tanto vá uma distância muito grande).

Fico pensando, também, no peso e na importância que teriam, no mundo de hoje, aqueles prolíficos sindicatos de esquerda, supostos defensores dos direitos dos trabalhadores, com os “novos pobres” pululando em toda parte, sendo eles justamente os sem-emprego e os grupos muitas vezes perseguidos, que nunca tiveram acesso à cultura? Quem se preocupa com eles?

Vocês já sofreram bullying?

Eu já, mas de uma variedade muito particular. Aliás, isso nem era, nos meus tempos, uma palavra conhecida. É claro que os gordinhos, os muito tímidos ou os afeminados pagavam seu preço. Adolescentes costumam ser cruéis... Mas não creio que isso, embora condenável, não deixasse de ser um abuso, porém devidamente corrigidos pelos professores ou pelas famílias. Porque naquele tempo as famílias cuidavam de maneira mais direta da educação dos filhos.

Mas vou relatar algo que me afetou diretamente: a variedade, digamos *esportiva*, de tal modalidade de assédio. Sabem aquilo que acontece com as crianças que não se destacam ou pelo menos que carecem de maiores habilidades no trato com as bolas e outras ferramentas utilizadas na prática de esportes? Eu bem que tentei, juro! Joguei todas as peladas (também denominadas na ocasião de *arranca-tocos*) que estiveram ao meu alcance. Em vão. Meu irmão Eugênio, pouco mais novo do que eu, já se destacava, mas o meu caso era incurável. O resultado é que eu nunca fui convidado para compor o time de alguém e quando por acaso jogava, pela falta

de jogadores disponíveis em campo, sofria horrores com as críticas maldosas dos demais jogadores. *Perna de pau* – era o mínimo que ouvia nessas ocasiões. O fato é que acabei desistindo do futebol. E o mesmo se deu quando tentei o vôlei e o basquete. Na bolinha de gude até que me dei bem, mas sempre em patamar abaixo de alguns craques que sempre apareciam para humilhar os menos dotados.

Pude aprofundar minha reflexão sobre isso, recentemente, em reunião do colégio do Flavinho, um professor de educação física apresentava sua proposta de escolinha de futebol, com grande entusiasmo por parte dos possíveis pupilos. Ali, o que mais ouvi foram palavras como *campeonato*, *competições*, *atletas*, *penalidades*, *disciplina*. Nada, mas nada mesmo como: *cooperação*, *diversão*, *brincadeira*. Banquei o advogado do Diabo e perguntei, então, ao entusiasmado apresentador, que proposta teria ele para aqueles garotos que não fossem efetivamente bons de bola, ou, quem sabe, preferissem o companheirismo à disciplina; as brincadeiras às penalidades; mas que mesmo assim insistissem no futebol. Eles não acabariam marginalizados pelos mais craques em tais disputas e campeonatos? O moço ficou sem ter o que dizer. E os demais pais ali presentes fizeram cara de quem me achavam um verdadeiro marciano.

Não é que seja contra o ensino ou a prática do futebol nas escolas. Mas é preciso ter em mente alguns princípios, por exemplo, o de que a prática de tal esporte pode ser um baita processo educativo, a estimular o comportamento solidário e o respeito mútuo entre seus operadores. E ainda: que se apresentem opções menos competitivas para os que querem jogar, mas não são dotados das habilidades de tal ofício. O fato é que minhas experiências na infância, aliás confirmadas ao longo da vida, me mostraram que para os menos dotados no esporte, que possivelmente são maioria, o caminho é o do afastamento e mesmo da marginalização por parte dos ditos “bons de bola”. É realmente preciso incluí-los ao invés de excluí-los, como parece ser o caminho natural dentro deste esquema de *campeonatos*, *competições*, *atletas*, *penalidades*, *disciplina*.

Não chego ao ponto de repetir, como Churchill, quando lhe perguntaram sobre o segredo de sua longevidade, a despeito de não levar uma vida propriamente saudável. *No sports*, sentenciou o velho inglês, sem tirar o charuto da boca e nem disfarçar o hálito de uísque, provavelmente. Mas acho que o esporte, do jeito que é levado no Brasil, representa elemento de desagregação mais do que de união entre pessoas. As cidades brasileiras, é bom lembrar, estão cheias de quadras de esportes pouco utilizadas, quando não detonadas, além de dominadas por verdadeiras gangs de jovens e mesmo adultos que são (ou apenas se consideram) melhores esportistas que os demais, os excluídos. Em outras palavras, não adianta fazer obras esportivas deste tipo se não há estrutura adequada para mantê-las. E como parte de tal estrutura a inserção pessoas capazes de falar uma linguagem que não inclua só palavras como competição e rivalidade, mas fundamentalmente cooperação e aceitação do outro.

Da intolerância religiosa

Existiria intolerância religiosa no Brasil de hoje? Assunto que parecia morto nas dobras da História de repente volta à tona. Não sem motivos, pois aqui e ali eclodem casos concretos. Isso, forçosamente, nos leva a tentar fazer comparações com o racismo. No Brasil, até mesmo por interpretações apressadas e equivocadas da obra de Sérgio Buarque de Holanda, muito se fala daquela suposta “cordialidade” inata ao brasileiro. Na questão racial, entretanto, nada mais falso. É nossa maneira de dizer que não somos exatamente racistas, mas preferimos que os não brancos reconheçam e permaneçam cientes e zelosos daquela especial posição que a cor da pele lhes impõe, ou seja, no andar de baixo.

Na questão religiosa a questão, a meu ver, é bem outra. Essencialmente, somos um país tolerante no quesito das crenças. Nossa formação miscigenada luso-negra-índia algum benefício nos terá trazido. É claro que ao longo de nossa história, judeus, maçons,

protestantes e praticantes do candomblé, sentiram o peso do catolicismo ibérico e inquisitório. Mas isso foi no passado, já remoto.

Hoje, contudo, intolerância religiosa tem nome, cpf, fator rh e endereço... Seu objeto são as religiões afro e seus agentes são, quase sem exceção, membros da miríade de igrejas-negócio neopentecostais que se espalham pelo Brasil a fora. Poderosíssimas, por sinal, detentoras até mesmo de redes de TV e de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional. Gente que prega, além da prosperidade (para quem contribui com o dízimo), teses tão arcaicas como a negação do casamento homoafetivo, a proibição do aborto, o cerceamento da liberdade de crença, a rejeição aos cultos Afro, ao mesmo tempo que aderem ao governo – qualquer governo – desde que lhes sejam contempladas as crenças e ideologias, além das facilidades fiscais, é claro. Principalmente no que diz respeito à manutenção do *status quo* e ao culto da prosperidade – dos pastores e de seus representantes.

E o pior, nem é só Bolsonaro que baba para esta gente. É bom lembrar que Dilma, Alckmin e outros não só participaram de tais cultos “neo” e inclusive compareceram alegremente à inauguração salomônica do grande templo da Igreja Universal em São Paulo, monumento erigido a uma suposta “teologia da prosperidade”, mas a meu ver, principalmente ao mau gosto.

Bem fazem os portugueses que parecem ter proibido à seita de Edir Macedo utilizar o nome de “Igreja” no país. Pelo que vi por lá seus locais de reunião da IURD são denominados apenas “centros de apoio”, ou algo assim.

Que Deus (não o deles) nos ajude!

Islamofóbico, eu?

E por falar em religião, tenho visto pessoas, digamos progressistas, como alguns amigos meus (por suposto, de esquerda, mas cabe lembrar que este termo está muito desgastado), tentarem justificar

os atos de terror perpetrados por fiéis do islamismo como resposta compreensível, dadas as muitas perversidades que as chamadas potências ocidentais, Israel incluído, fizeram e fazem contra os mesmos ao longo dos séculos. Divirjo: acho que não tem nada de compreensível nem de justificável nesses atentados. Não creio ser necessário ter parentes mortos no Bataclan de Paris, na Universidade do Kenia, nas areias do Sinai, nos cafundós da Nigéria ou sei lá onde mais para não aceitar tal raciocínio.

Os atos violentos do autoproclamado “Estado Islâmico”, hoje em decadência, felizmente, já foram muitas vezes classificados apenas como gestos de seguidores mais radicais de certas passagens do Corão, de fundo milenarista, que anteveem o fim do mundo para breve, sentindo-se assim na obrigação moral e religiosa de antecipá-lo. Na minha opinião, longe de serem radicais sinceros, eles não passam de fanáticos, delinquentes, psicopatas, assassinos. Dar nome correto às coisas é um bom começo para contestá-las. Eu sinceramente penso que o terrorismo islâmico é de fundo cultural, está impregnado nas civilizações que cresceram e frutificaram à sombra do Corão. Em toda parte e em toda a história deles o que se vê é: xiitas x sunitas; clericais x seculares; *baath* x monarquias; persas x árabes; “nós” x “os outros”; “fiéis” x “infiéis”. Eles se constroem no combate, na perseguição aos inimigos da fé, na desconfiança em relação a quem lhes é diferente. E como matam em nome disso!

Não nego que o mundo ocidental já cometeu e continua cometendo muitas barbaridades. Não o defendo, absolutamente! Mas o terrorismo islâmico é muito mais fruto de uma cultura religiosa perversa do que das intervenções colonialistas. O EI não precisou de bombardeios americanos ou russos para exercer seu especial primado de violência delinquente. Neste ponto, seria interessante indagar quem matou mais até hoje: as lutas tribais islâmicas ou as invasões e intervenções ocidentais?

Cabe ainda indagar: em que nação islâmica, onde fé e política são inseparáveis, se respeitam os direitos humanos? Onde as mulheres são tratadas como seres portadores de direitos? Onde a liberdade

O preço da vida

Todo paciente tem seu preço. Tal frase me assusta um pouco, mas parece susceptível de racionalização. Afinal fui educado, como cidadão e como médico, dentro da noção de que nem a saúde, nem nada que com ela se relacione pode ter preço. Deriva daí a crença de que o sistema de saúde de um país tem a obrigação de oferecer “tudo para todos”. É bem verdade que nenhum país do mundo, da Suécia ao Burundi; do Canadá ao Butão; não é e nem foi capaz de realizar tal façanha até hoje. Na verdade, devo dizer, minha crença foi essa durante algum tempo, mas já há muito vejo que uma dúvida balança pra lá e pra cá num trapézio em minha mente, conforme a imagem de Brás Cubas, no romance homônimo de Machado de Assis. Tudo para todos, a qualquer custo, sem levar em conta que as necessidades dos demais cidadãos também podem ser diferenciadas e que os recursos não são feitos de látex? Difícil, se não impossível, realizar algo assim.

É bom lembrar que estou velho e sou diabético há quase 50 anos. Tenho que me preocupar com coisas assim, não é?

No Brasil (e também em outros países) a questão fica ainda mais complicada diante da escalada das intervenções do Poder Judiciário na saúde – a chamada judicialização – com juízes facultando aos pacientes uma aproximação com o mundo irreal do “tudo para todos”. O que acontece, porém, sem que isso cause algum pudor a suas excelências e advogados, é um “muito para poucos”, ou seja, cada vez mais para cada vez menos pessoas. A Justiça é cega, diriam seus defensores, mas vejo que ela é míope ou estrábica ao enxergar alguns (poucos) sem perceber as necessidades de muitos outros. Convenhamos: os melhores sistemas de saúde do mundo – e às vezes principalmente eles – também se ressentem da escassez de recursos para realizar todos os sonhos dos pacientes, dos médicos, dos juízes.

de expressão e crença é respeitada? E mais: em quais dos países islâmicos, entre os quais estão os mais ricos do mundo, houve distribuição de riqueza, mesmo mínima? O Irã é considerado o mais democrático dos países islâmicos – dá para imaginar o resto?

Aqui entre nós, a civilização ocidental tão odiada por eles, ainda é mais aceitável do que aquela que se desenvolveu debaixo das barbas do Profeta. Mesmo que lado de cá tenha produzido um Hitler, um Stalin, um Milosevic, toda uma corja de trumps & orbans & bolso-ignaros, além da inquisição e do consumismo desenfreado, foi debaixo da cultura do Ocidente que foi possível amealhar para a Humanidade uma série de conquistas, como os direitos femininos; a separação entre Religião e Estado; o estado de bem estar social; os direitos humanos e coletivos; a música de Bach, Mozart e Beethoven; os Beatles; o respeito às crenças e a liberdade de expressão. Os nossos tiranos, pelo menos podem ser considerados exceções; os deles (Saddam, Al Assad, Mubarak, Gadafi, Khomeini, Ibn Saud, Ahmadinejad, Erdogan e outros), são regra.

Se há uma lição que o Ocidente já devia ter aprendido, em sua faina de “consertar” o Oriente Médio, é a seguinte: o *santo remédio* da democracia não funciona ali. Com efeito, é no caos quase permanente das lutas tribais que eles encontram seu equilíbrio. Assim, melhor deixá-los entregues ao seu destino, no qual tiranos nada esclarecidos fazem parte da vida social normal e representam mais do que um problema, a solução para o tribalismo que carece de tais despotismos para não se fragmentar e se danar de vez.

Nada de diplomacia, negociação ou relativismo cultural. Que se dane o politicamente correto, tão ao gosto do Ocidente (porque lá isso nunca vigorou...). Nada disso funciona para eles. Infelizmente a melhor solução para os fanáticos psicopatas do EI é facilitar-lhes o encontro com aquelas 40 virgens que lhes prometeu o Profeta. E que façam bom proveito! *Maktub!*

Um farmacologista de renome, Diego Rosselli, presidente de uma sociedade internacional de especialistas em farmacoeconomia afirma que é preciso reconhecer que os recursos são limitados e que cabe, aos políticos, aos tomadores de decisão e mesmo aos cidadãos avaliar e ponderar uma questão simples: “quanto podemos pagar por isso”. Palavras dele: “temos que colocar como objetivo é que cada um dos agentes que participam das decisões em saúde tenha conhecimento para negociar. E o paciente tem que conhecer as informações dos custos da enfermidade, os custos de não tratar a doença, os conceitos de custo efetividade para comparar uma doença à outra”. Rosselli lembra ainda que além dos custos diretos (de medicamentos, de honorários, de diárias, por exemplo), que podem até ser comparáveis para ricos e pobres, existem os custos indiretos (falta ao trabalho, incapacidade), que seguramente são mais injustos quando a pessoa é pobre.

É claro que levar tal discussão para o âmbito da formulação de políticas públicas é algo complicado, não havendo, de fato, nenhum país do mundo que tenha conseguido isso, ou seja, modos de tratar as pessoas como se não valessem o mesmo, em termos de uma relação de custo versus benefícios.

Mas pelo sim, pelo não, creio que esta deve ser uma preocupação a ser levada a sério nos dias de hoje.

Testamento vital: me atendam, por favor!

Como disse Woody Allen, “tenho pensado muito na morte ultimamente, mas espero que a recíproca não seja verdadeira”. De minha parte, procuro tomar minhas providências, sempre esperando pela não-recíproca. Assim é que fiz uma consulta na web e decidi preparar minhas “diretivas antecipadas de vontade”, nas quais manifesto por livre e espontânea vontade, consciente, livre e esclarecida, o que desejo receber, ou que não desejo receber se, por qualquer ra-

zão, me encontrar incapaz de expressar a minha vontade pessoal e autonomamente. Elas se aplicariam diretamente a eventuais situações derivadas de enfermidade manifestadamente incurável e que impliquem em me causar sofrimentos ou me tornem incapaz de ter uma vida racional e autônoma. Isso significa ainda que, baseado nos princípios da dignidade da pessoa e também na autonomia individual, aceito a terminalidade da vida, ao tempo que recuso qualquer intervenção médica extraordinária inútil ou fútil, ou seja, na qual os possíveis benefícios sejam nulos ou demasiadamente reduzidos, ou que arrasem financeiramente minha família.

Assim, já registrei em cartório, bem como deixei claro a meus filhos e outros familiares da existência de tal documento, também conhecido como *Testamento Vital*, no qual está explicitada a negativa em ser submetido a horrores como: (1) quaisquer meios invasivos de suporte artificial de funções vitais; (2) medidas de alimentação e hidratação e outros procedimentos artificiais de sustentação da vida e que apenas visem retardar o processo natural de morte; (3) tratamentos que se encontrem em fase experimental, investigação científica ou ensaios clínicos; (4) reanimação cardíaca, ao uso de respiradores, bem como a hemodiálise, por qualquer período de tempo; (5) dilapidação da vida financeira de minha família, recebendo durante minha internação e realização de procedimentos, apenas a assistência garantida por meu Plano de Saúde, ficando a mesma autorizada e garantir o meu direito à cobertura contratada, por via jurídica, se isso se fizer necessário. Além disso, gostaria de receber apenas fármacos ou procedimentos necessários para controlar, com efetividade, dores e outros sintomas que possam me causar padecimento, angústia ou mal-estar.

Aproveitei a oportunidade para incluir nas tais diretivas dois itens que considero essenciais: ser cremado e executarem no meu velório *Comfortably Numb*, de Pink Floyd, com o velho David Gilmour erguendo a costureira torre sonora com sua guitarra. Isso se eu não mudar a trilha sonora, oportunamente, para a *Cello Suíte #1* de J. S. Bach, primeiro movimento.

O único problema será, certamente, o surgimento de algum desses heróis da medicina, que acham que o verdadeiro sentido da medicina é prolongar vidas – e não conferir qualidade a elas – custe o que custar.

Deixem Drummond descansar

Pobre Drummond. Todo mundo sabe da indisposição dele à exposição de suas questões pessoais. Aliás, ele chegou a declarar ao Pasquim, ainda nos anos 70, que realmente não via graça nenhuma em dar entrevistas, visto que sua vida já era suficientemente contada e detalhada nas centenas ou talvez milhares de poemas e crônicas que tinha escrito, tudo extensivamente público e notório desde sempre. Tal indisposição se estendia ao mundo acadêmico, sempre interessado em devassar os segredos de sua escrita. Para um autor de extensa tese de doutorado na USP, que tinha como objeto apenas e tão somente o famoso poema da *pedra no meio do caminho*, ele dedicou uma frase preciosa, mal-humorada ou irônica, sem deixar de ser respeitosa, ao tomar conhecimento do calhamaço de duas ou três centenas de páginas já abençoadas por uma egrégia banca: *isso me fez sentir um monstro de obscuridade e trevas*.

Drummond morreu há 30 anos e já estaria completando 115 anos. Mas parece longe de ser esquecido, dada a fúria de *revival* que sua obra ainda desperta. Por que seria? Querem a clarificação dos enigmas da vida? Afinal Drummond não é para principiantes; mesmo quando fala de um simples pedregulho na estrada, tem uma profundidade que nem sempre está ao alcance do leitor profano. Alguns de seus poemas, como é o caso de *Mineração do Outro*, que aprecio muito, são de uma profundidade abissal, com referências freudianas e nietzschianas nítidas. Uma parte de tal *revival* compulsivo creio que se explica pelo interesse que a Rede Globo demonstrou pela obra do poeta itabirano depois de sua morte. E tome récitas de poemas dele, seja no Fantástico ou em programas espe-

ciais levados ao ar não só nos aniversários natalícios ou de morte, mas também por dá cá aquela palha, envolvendo todo o elenco global, de Paulo José a Faustão, de Angélica a Fernanda Montenegro. Com textos nem sempre os mais significativos, diga-se de passagem. Porque, como todo mundo, nem tudo o que ele produziu pode ser considerado realmente relevante.

Outra parte dessa história seria explicada, sem dúvida, pelos numerosos textos de Drummond que circulam pela internet. Melhor dizer: textos *atribuídos* a Drummond, porque, pelo que vejo (no que muita gente boa me dá respaldo) boa parte deles simplesmente não vem de tal lavra. O que se vê são pensamentos açucarados, além de frases de autoajuda barata, servindo como legenda para mensagens de dia dos namorados, aniversários, dia da mulher, festas natalinas etc. Em outras palavras, se não revirasse no túmulo por muitos outros bons motivos, o itabirano talvez se visse obrigado a lamentar não ter sido de fato o tal *monstro de obscuridade* em que se viu retratado no erudito calhamaço uspiano. Antes um agente das trevas do que um jg-de-araujo-jorge redivivo...

No atual momento dos 115 anos de nascimento, tal hiperexposição drummondiana atinge níveis de paroxismo. Fiquei sabendo, por exemplo, de um conclave em Ouro Preto, realizado recentemente, em que dois intelectuais, Humberto Werneck e Edmilson Caminha, além do zeloso neto que defende os direitos autorais de Drummond (de sobrenome Grana, diga-se de passagem...) passaram algumas horas, diante de plateia embevecida, a comentar e discutir, como se coisa significativa fosse, as anotações sob a forma de diário, agora publicadas, mas que o próprio poeta tinha deixado de aproveitar em resenhas anteriores, talvez por julgá-las irrelevantes ou inconvenientes. Creio que, neste caso, o que Umberto Eco um dia chamou, ironicamente, de “rol de lavanderia”, a não ser confundido com a verdadeira literatura, tenha sido a tônica do caloroso debate.

Há alguns anos estive em Itabira e me surpreendi com a quantidade de estátuas de Drummond existentes por lá, de textos do poeta gritados nos muros, além de diversos endereços relacionados à vida e

à trajetória do poeta. Tudo meio abandonado e mal cuidado, como é corriqueiro nas administrações municipais pelo Brasil a fora. Era uma tarde de sábado e tentei conhecer o Memorial erguido a partir de um projeto de Niemeyer. Estava fechado, não para reformas, mas porque era sábado à tarde, momento em que, como se sabe, o mundo se dedica ao trabalho e às atividades dentro de casa. Quem pensaria em visitar um memorial dedicado à literatura em uma ocasião assim? Naquela hora, me veio à mente uma frase que indicarei para a próxima edição (se houver) da coletânea organizada por Ruy Castro, *O Melhor do Mau Humor: em Itabira tem mais gente vivendo* de Drummond do que *lendo* Drummond. Parece ser esta a situação atual em termos nacionais também, com eruditos de um lado e parentes de outro, discutindo seriamente listas de roupa suja, para não falar da vasta produção de textos apócrifos pululando pelas redes sociais.

Sem querer ser destrutivo ou excessivamente *gauche*: será que já não se disse tudo o que havia para dizer sobre Drummond? Todo esse assanhamento em torno do grande poeta ainda se justificaria? Isso me traz de volta uma antiga canção de ninar, do tempo das amas de leite negras, cantada justamente pela babá de Drummond, a preta liberta Siá Maria: *que passarim amoroso / frutejo acabou / passarim tá teimoso...*

Pobre Drummond... Que tua cova seja larga o bastante para que possas rolar à vontade, já que lamentavelmente não podes sair dela para tomar satisfações por aí, pessoalmente...

Cinquenta anos em cinco minutos

Um dia desses, por algum motivo (que não sei exatamente qual é, mas é algo que me vem à mente com muita frequência ultimamente), comecei a me lembrar de certa fase da minha vida em que as coisas aconteciam com intensidade incrível, embora nem sempre

fossem saboreadas de igual maneira. Se eu soubesse, teria começado a fazer tal exercício de “saboreio” desde então.

Lembrei-me, por exemplo, daquela Copa do Mundo perdida na Inglaterra, coisa que no Brasil ninguém achava possível acontecer, pois afinal de contas nos considerávamos invencíveis, depois de dois campeonatos mundiais sucessivos.

Foi também o momento que decidi deixar de lado uma vida de descuido como estudante medíocre que era, para mergulhar a sério no desafio do vestibular – que acabou me sorrindo ao final, como uma sorte grande.

E me despedi da esbórnica da maneira mais adequada: num carnaval de clube, entre louras & morenas, tendo como hino absoluto aquele *vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval*, recomendação esta que procurei levar a sério.

Consegui arranjar minha primeira namorada, que era bem bonitinha, um pouco mais nova e muito mais baixa do que eu. Para ela cantei em serenatas memoráveis o grande hit da ocasião: *se você quer ser minha namorada*, de Vinícius e Lira, canção que simplesmente dizia tudo o que um jovem romântico poderia querer dizer para sua amada. Pena que durou pouco...

Eu, que ainda não amava os Beatles e nem conhecia os Rolling Stones mudei completamente de ideia quando fui apresentado ao disco que estourava nas paradas de sucesso daquele momento: *Revolver*. E troquei aquela “minha namorada”, que já estava ficando batido, por *here, there and everywhere*.

Para meu desapontamento, entretanto, pude saber que os caras de Liverpool haviam decidido fazer, justo naquele momento, sua despedida das turnês. E embalado por aquele *será que um dia eles vêm aqui, cantar as canções que a gente quer ouvir*, de meu colega de Colégio Estadual, Tavito, eu, no fundo, esperava um dia poder assisti-los pessoalmente. O show de Paul McCartney que assisti muitos anos depois, em companhia de meia dúzia de adolescentes, entre

filhos, sobrinhos e enteados, já terá valido alguma coisa na realização deste sonho.

Da política eu já sabia alguma coisa, por exemplo, que estávamos começando a viver um pesadelo com os militares no poder. Mas naquele ano, qualquer ilusão de volta à normalidade democrática se desfez, quando um general de plantão escolheu outro para substituí-lo, o que fez surgir a expressão popular de que havia, agora, no cenário nacional, um *príncipe herdeiro*. E não lhe faltaram votos na eleição fajuta que se fez logo depois, quase trezentos, em um Congresso manietado (alguns de muito bom grado, aliás).

Assim, viajando em tais recordações, resolvi fazer uma pesquisa na internet para ver o que mais tinha acontecido na mesma ocasião. Ah, o *Google*, não sei como posso ter vivido mais de 40 anos de minha vida sem conhecê-lo...

Já que estou meio musical hoje, esta é um primeiro tema que a pesquisa me trouxe. Aquele ano foi todo pontilhado por lançamentos de *long plays* e *singles* que mudaram o rumo do rock e do pop, para sempre. Beatles, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Rolling Stones, Bob Dylan, Beach Boys, Joan Baez, Neil Young, Leonard Cohen, Tom Jones (!), Mamas and the Pappas, além de muitos outros, eram arroz de festa na ocasião. Isso para falar apenas dos principais. Acho que tanta gente boa e duradoura jamais esteve reunida em um só momento antes. Ano glorioso na música, aquele.

Gente que já era “grande” manteve a posição por muitos anos, seja na música ou em outras artes, como Frank Sinatra, Ray Charles, Aretha Franklin, Orson Welles, Nina Simone, Elizabeth Taylor, Audrey Hepburn, Barbara Streisand, Tony Bennet, Arthur Miller, Ernest Hemingway, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Ellis Regina, Jair Rodrigues, entre outros.

Na política internacional a situação não augurava coisa boa. A Guerra Fria estava no auge e a cada mês explodiam artefatos atômicos, da Sibéria a Utah; dos desertos centrais da Ásia aos atóis do Pacífico. E o Clube da Bomba se ampliava, com a entrada da França, do Reino

Unido e até da China. No Vietnã choviam bombas e napalm, sem nenhuma esperança que aquilo fosse se resolver logo.

Ah, o Vietnã... E pensar que aquele era um cenário quase “romântico” de guerra, em estilo “clássico”, perto do que acontece hoje na Síria, no Iraque, em Gaza, no Afeganistão...

A Guerra Fria se estendia também para o espaço sideral, com os primeiros voos de contorno da Lua e da própria Terra, ainda não tripulados, ou então tripulados por pobres cães e macacos. Alguns dizem – e não deve ser só teoria conspiratória – que os primeiros tripulantes humanos, na verdade, foram e não voltaram. Uma parte das peripécias de então tinha por objetivo somente fazer os artefatos espaciais se esborracharem no pedregoso solo lunar – e já era um sucesso.

Mas em compensação o movimento de direitos civis pipocava nos EUA e em toda parte, tendo como liderança ninguém menos que o Reverendo Martin Luther “*I dreamed a dream*” King. As grandes marchas civis haviam apenas começado e já tomavam conta do *mall* de Washington e de muitos outros espaços públicos.

Entrementes, na África do Sul a política de *apartheid* apertava suas garras, enquanto por aqui ninguém sabia quem era Nelson Mandela. Mas, apesar disso, o primeiro transplante de coração foi realizado neste país. Ainda na África, uma após outra, as colônias britânicas, belgas e francesas foram se transformando em países autônomos – ou nem tanto – persistindo dúvidas, até hoje, se assim lograram melhorar as condições de vida de sua população.

Terremotos, tornados, enchentes, erupções vulcânicas, incêndios, desastres diversos, aconteceram em todo o mundo, não sei se com frequência menor ou maior do que ocorrem hoje. E fiquei impressionado, também, com a quantidade de aviões que caiu, nos cinco continentes, matando algumas centenas de pessoas. Nisso, os avanços tecnológicos relativos às máquinas que voam devem ter sido aprimorados.

Estava lendo e divagando sobre tudo isso quando me dei conta de algo terrível. Tudo isso aconteceu em 1966, ou seja, há exatos cinquenta anos. E, no entanto, parece que foi outro dia mesmo. Oh céus! O que é isso? – eu me perguntei. Eu, naquela ocasião com esfuziantes 18 anos de idade, dispunha de uma fartura de minutos, horas, dias e meses pela frente. Agora eles me parecem tão escassos...

Esta, de fato, é a pior das notícias que eu não li, mas apenas percebi: a de que a vida passa muito rápido. Melhor então não perder tempo com coisas supérfluas, como pesquisas vãs no *Google*, por exemplo...

E a medicina, a que será que se destina?

Lucas Carvalho, vejo nos jornais, com apenas 17 anos conseguiu vaga no curso de **medicina** da **UnB em 2020. Um feito e tanto!** E o merecimento deste rapaz dobra quando descubro que ele é filho de uma diarista e de um entregador de bebidas, que é morador de uma remota periferia do DF e que desde a infância já se virava vendendo brigadeiros na escola. E mais: sonhava ser músico e não deixou por menos, é saxofonista profissional! É muita conquista para uma pessoa só! Nem eu nem a grande parte das pessoas conhece, de perto, as intempéries e os acidentes de percurso que um cara desses deve ter enfrentado para chegar onde está. Então, Lucas quer ser médico... Mas talvez eu, do alto dos meus 71 anos e quase 50 de formado nesta profissão, acho que, se pudesse, daria a ele alguma recomendação que talvez ainda não tenha recebido ou percebido por si só.

Minhas reflexões são antigas e ficam mais pulsantes quando vejo aqueles garotos nos semáforos, pintados de todas as cores, em trajes sujos, pedindo uma contribuição para o chope grupal, pelo momentoso fato de terem passado no vestibular de medicina. Não tanto

por razões moralistas, do tipo “afinal de contas não ficam bem tais atitudes em futuros médicos”. A minha questão é outra: as ilusões de que aqueles jovens – Lucas agora entre eles – se se alimentam e, de quebra, a classe média e média-alta a que pertencem (neste caso, exceção feita ao nosso herói...). Ilusões, aliás, compartilhadas por toda a sociedade.

A primeira dessas miragens deriva do fato de já termos, aparentemente, médicos demais. Aqui no DF, inclusive, tais profissionais existem em proporções cubanas ou israelenses, que são padrões mundiais em tal quesito. Mas formar muitos médicos é apenas um detalhe, pois é preciso saber onde eles estarão, na prática. Aqui no DF, por exemplo, estatisticamente eles estão em excesso, mas quantas unidades da periferia, principalmente, têm suas vagas não preenchidas? Como vê, “formar” é uma coisa, “atender necessidades da população” é bem outra.

Mas isso acontece em quase toda parte no Brasil. E nem resta mais o consolo daquela palavra de ordem de décadas passadas – a necessidade da *interiorização da medicina*. Com o advento do SUS e a decorrente expansão dos serviços de saúde nos municípios, mesmo pequenos, graças à política de descentralização (sim, há coisas bem-sucedidas na saúde em nosso país), menos de 10% dos municípios brasileiros permanecem sem médicos. Alguns deles se situam a menos de 100 km da Capital Federal. Acredita, Lucas? Mas assim, como não há médicos ali, não há enfermeiros, dentistas, engenheiros, agências de banco, internet, Uber ou Netflix. Enfim, tudo que se associa à vida civilizada ou inserida no mundo do consumo.

Bem que se tenta, no Brasil, promover a ida de profissionais de saúde para estes municípios. O Programa Mais Médicos foi, sem dúvida, um alento. Bem-sucedido, embora de sustentabilidade duvidosa. Até que vieram esses caras que acreditam que “ideologia” é algo que só existe na cabeça dos outros, daqueles que eles veem como inimigos, e disseram que não era nada disso. Expulsaram os cubanos e quem ficou no lugar deles? Praticamente ninguém, até agora. Boas intenções, ilusões sem apoio na realidade e palavrrório

não preenchem vagas de médicos, esta é a verdade. E os médicos formados no Brasil estão longe de serem solução para o problema.

E ainda falando em ilusões, acho que Lucas talvez se choque com o modo que receberá sua formação profissional. Falo como pessoa que militou durante mais de 30 anos no ensino médico, associando sua prática docente durante longos anos à militância paralela na gestão de serviços de saúde. Uma boa pergunta que tal vivência me trouxe e que continua valendo é: esta turma está sendo formada para *qual* sistema de saúde? Para quais tipos de necessidades populacionais? Para o que oferece a realidade no Brasil certamente não é.

Resulta disso, Lucas, é que os médicos, em sua maioria, estão preparados para fazer e pensar como especialistas, na melhor das hipóteses como especialistas no corpo humano, abstraindo-se dos fatores que o rodeiam, o ambiente ou o modo de vida, por exemplo. Na pior das hipóteses, como operadores de tecnologias voltadas para determinado órgão ou sistema, quando não apenas para moléculas ou outras partículas que compõem a máquina humana. E acima de tudo, praticam um enfoque exclusivo sobre a doença – e não sobre a saúde – de cada pessoa, nem mesmo das pessoas em seus coletivos. O médico, que deveria ser um real profissional de saúde, se transformou em mero profissional da doença.

Para não me delongar muito, diria ainda a Lucas que a saúde representa na verdade o produto de quatro condições fundamentais: a *biologia* da pessoa; o *ambiente* em que ela vive; os *estilos de vida* que assume e a *oferta de serviços* de saúde a que está exposta. Um bom curso de medicina teria, por obrigação, que se dedicar a estes quatro componentes da saúde. Mas o que acontece na realidade é bem diferente disso. Os cursos de medicina atuais possuem foco absoluto nos fatores biológicos, na doença, nos indivíduos (doentes) e no ambiente hospitalar. Nada de abordagens mais amplas, por exemplo, em comunidades, famílias, aspectos sociais e culturais; nos serviços de saúde periféricos e nos múltiplos ambientes onde a vida de fato acontece.

Espero que este rapaz não desanime, realmente. Ter consciência das coisas, mesmo que possamos fazer pouco para mudá-las já é um passo adiante. Uma história assim, ou a parte dela que conheci pelo Correio Braziliense, mostra que temos aí uma pessoa de tempera suficiente para não se render a ilusões, ou achar que a tecnologia é tudo na carreira de um médico. Afinal, ele não terá pais abonados para adquirir os sofisticados equipamentos de que grande parte dos alunos de medicina sonham poder dispor para ganhar a vida. O nosso Lucas, com certeza, terá mais dificuldades do que aqueles, mas em compensação, poderá fazer pela sua vida e pela vida do seu povo algo muito maior, uma realização verdadeira, na qual a prática de medicina é parte de um todo, chamado Conquista da Cidadania.

Muito sucesso ao jovem Lucas. Ele bem merece!

E A GENTE ACHOU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...

A senhora Vana e seu amigo Miguel

A fábula é nova, mas o sabor é antigo...

Vana fora incumbida de levar seu povo à Terra das Promessas. E tal líder passara anos de sua vida preparando-se para tanto. Mas logo começada a longa caminhada, um grande obstáculo surgiu: um profundo desfiladeiro sobre o qual se perfilava uma ponte muito frágil. Vana não era de fazer consultas, mas resolveu ouvir dois de seus principais companheiros de jornada, Rationibus e Practicus.

O primeiro, apelando para o que era seu atributo principal, a Razão, ponderou que o melhor era não se arriscar e procurar um caminho alternativo, pois certamente o haveria. O segundo, com seu tradicional senso prático, recomendou, de pronto: vamos por aqui. E ir

“por aqui” significava encarar aquela pequena ponte, cheia de perigos, sempre prestes a lançar os ousados caminhantes ao abismo.

E Practicus ainda arrematou: certamente teremos o apoio dos povos dos penhascos vizinhos, logo designando alguns deles, em quem tinha confiança. E feito isso, procurou, aos gritos, clamar pelos velhos amigos e novos sócios na empreitada de ir à Terra das Promessas. E foi assim que Cunheus, Calheus, Sarneus e Migueus logo mostraram suas hostes de entremeio aos penhascos e fizeram sinais amistosos de “venham, estamos com vocês”.

E Vana então chamou seu povo e foram pela terrível ponte, que acabou por não resistir ao peso de tanta gente e se partiu, lançando todos ao abismo. No fragor da queda houve quem visse alguns dos Migueus acenar-lhes com palavras soezes, do tipo “adeus, queridos” e houve mesmo quem percebesse que um deles ostentava nas mãos um machado, certamente o agente principal da queda da pinguela. Qual seria a moral da história?

Esperem aí, a história pode ter outros finais, por exemplo, se Vana tivesse ouvido o sensato Rationibus. E teria sido assim: foram procurar outro caminho para vencer o desfiladeiro. Estava difícil encontrar, ladearam o abismo por vários lados – e nada. Mas Rationibus não se deu por vencido e falou: vamos procurar o apoio de um povo que já foi nosso amigo e que mora nas planícies mais aquém de onde estamos, os Psoleus, além de outros, chegados a eles.

E mandaram emissários às planícies, que foram tão bem sucedidos em sua missão que até conseguiram arregimentar apoio de outros povos, os Neutralius, por exemplo, que até então não haviam entrado na fábula, ocupados que estavam com seus afazeres cotidianos, sem tempo para grandes aventuras como aquela. Mas vieram assim mesmo.

Para encurtar esta fábula, que fábula é melhor quando curtinha, os liderados de Vana, ajudados pelos Psoleus, Neutralius e Sinistrius (outra gente que se juntou aos novos aliados no caminho), acabaram por transpor o desfiladeiro em um vale, mais abaixo. É

certo que foram hostilizados pela gente dos penhascos, mas a esta altura já eram tantos que botaram para correr os Migueus, Calheus, Cunheus, Sarneus, além de seus asseclas.

Final feliz? Nem tanto. Nem bem conquistaram a primeira beirada da Terra das Promessas, os liderados de Vana descobriram que mais adiante havia outro desfiladeiro, com outra ponte perigosa, outros inimigos cavilosos. Mas foram mais felizes assim. Esta é (ou deveria ser) a Moral desta pequena história.

A serpente e seu ovo

Começou em 2013 um período tremendamente perturbador na vida nacional. Ainda não terminou, por certo. Tivemos os “rolezinhos” nos shoppings de São Paulo; as manifestações de rua em várias capitais contra o governo Dilma, o 1 x 7 contra a Alemanha, as malandragens da Eduardo Cunha; mais manifestações contra e a favor do governo; o processo e o impeachment de Dilma; o governo Temer; o caso Joesley; a prisão de Lula e de outras personalidades da vida empresarial e política; aquela simbólica mala de dinheiro; o assassinato de Marielle; a inauguração de uma era de polarização selvagem no país etc. etc. etc.

Assisti tudo isso, como cidadão – e como muita gente no Brasil, aliás – entre estarecido e estupidificado. O desenrolar desses acontecimentos parecia nunca ter fim. E quando o desfecho veio, foi para piorar a situação, com as eleições de 2018. Nesta ocasião, adentrei ao Facebook e ali comecei a registrar minhas preocupações, na expectativa de atrair para elas algum tipo de debate, ou pelo menos que valessem como desabafos mesmo. Da tal rede social logo me cansei, mas aquele apanhado de manifestações que lá deixei, às dezenas, com certeza me fazem recordar hoje as sombras daqueles tempos pantanosos.

Mas mesmo no escuro e no lodo a gente sempre aprende alguma coisa...

Hoje, quando olho pelo retrovisor, percebo que para mim também havia mudanças em curso. Eu acabara de encerrar um contrato na OPAS, mais por desejo próprio do que por uma demissão forçada. O povo de lá me acenava, então, com a possibilidade de um contrato pontual, renovável depois de algum tempo de “quarentena” e eu achei mais vantajoso tal sistema, ao invés de continuar assinando ponto e ter que me submeter a chatíssimas reuniões de planejamento e avaliação, das quais eu sempre esquecia a hora, talvez para escapar do tédio que me provocavam. O novo regime, é certo, me permitiu alguns picos de trabalho intensivo, com uma remuneração menor do que a de antes, mas que eu modestamente penso que foi merecida.

As mudanças que ocorreram para mim foram boas e ruins, misturadamente. A parte boa foi a casa que construí quase na zona rural de Brasília, no Condomínio Verde e a minha mudança para lá, em 2011. Ali pude acompanhar de perto, nem que fosse nos finais de semana, o crescimento de meus filhos pequenos, Flavinho e Sophia e exercer a alegria de tê-los próximos a mim, em caminhadas, banhos de rio, pescarias e outras aventuras. Se ter filhos em plena maturidade eu sempre considereei um privilégio enorme, a presença deles na casa que eu construí à minha imagem e semelhança, mediante competente projeto de meu irmão João Mauricio e meu filho Mauricio, foi por assim dizer, uma cereja no meu bolo. Nesta situação, de pai e morador na roça, creio ter sido mais feliz do que em qualquer outro momento de minha vida. E assim continua sendo, aliás.

A parte ruim durou três longos anos e resultou da minha incapacidade, pelo menos na ocasião, de encarar uma vida totalmente em solidão, desacasalado. Foi assim que meus impulsos falaram mais alto e de repente me vi envolvido em uma relação daninha, que até hoje me provoca arrepios, quando dela por algum motivo me recordo. Mas como tudo tem de passar, tal nuvem maligna foi embora também. E fica assim registrado este pormenor desagradável

de minha vida, o grande erro do qual ainda me penitencio. Dele não falarei mais nestas páginas.

Se para mim apenas certas coisas não foram boas, no país elas desandavam geral. Em 2013, as tais manifestações, ataques de *black-blocs* e rolês. Na época, adverti um amigo que se regozijava acreditando que ali estava nascendo um novo modo, mais efetivo, de fazer política, que aquilo poderia não ser nada o que ele estimava. E até usei a música *Pelas Tabelas* de Chico Buarque para ilustrar: não era “ela” afinal que vinha para redimir a massa, mas sim um “homem que olhava as favelas”. Premonitório do que viria depois, a meu ver. Grande Chico!

Em 2014, Alemanha sete, Brasil um. Mas dessa parte eu até gostei. Venceu quem podia e a justiça foi feita. Futebol nunca foi o meu forte, dos dois lados do alambrado, aliás. Daí para frente foi tudo fermentação, com a amarga destilação que se conhece.

Em 2016 o impeachment de Dilma me revoltou, mas não me mobilizou para nada mais do eu isso: revolta. Não votei na figura e não simpatizava com ela, e menos ainda achava que Temer fosse coisa que prestasse e que valesse sua inclusão na turma petista. Depois, a prisão de Lula, antecedendo a pior parte: o réptil já trincava a casca do ovo!

E nada foi como antes. E nem sei se voltará a ser.

No momento que escrevo a fera está solta: bolsonarismo, polarização, ódios disseminados, recessão econômica, pandemia, conflitos anunciados, miséria em ascensão, descrédito do país, negociatas políticas, aniquilação aparente de qualquer movimento de repúdio a tudo isso. Não bastasse isso tudo, quase quinhentos mil cadáveres já nos observam. Onde vamos parar?

Sinto muito, mas este é o clima que abre essa seção, formada por textos meus que recolhi, “encolhi” e adaptei, vindos diretamente de meu período feicebuqueano. São mais de uma dezena de páginas, assim mesmo depois de um processo intenso de desidratação (podem acreditar). Desculpem, assim, a possível prolixidade, mas a

intensidade, a gravidade e a diversificação dos assuntos que surgiram assim o exigiram.

Mas se quiserem podem saltar essas páginas tão infelizes e seguir adiante. Não culparei ninguém por isso.

Tempos problemáticos e febris

Um tango do argentino Discepolo, que conheci através da voz de Caetano Veloso, lamenta (ou, melhor dizendo, *lamuria*) as mazelas *del Siglo Veinte*, que o autor considera *problemático y febril*. O nome da canção é *Cambalache* e entre outras pérolas mal humoradas diz: *que el mundo fue y será una porquería, ya lo sé; en el quinientos seis y en el dos mil, también...* Mas pelo visto, é neste século XXI que a verdadeira *porqueria* finalmente nos alcançou, e até dá para ter saudades da bonomia e da tranquilidade dos 100 anos anteriores, quando éramos felizes, embora ignorássemos que tal estado iria por água abaixo logo em seguida.

Mas para não ficar só no lado ruim, em termos pessoais, pelo menos, diria que o novo século para mim foi um tanto *febril*, também.

Senão, vejamos. Em 2000 com o término do meu doutorado na Fiocruz, recolhi-me a Brasília, onde, com muitas passagens pela minha querida casa no Moinho escrevi minha tese, sendo aprovado com boas recomendações na banca a que me submeti em 2002. Neste momento conheci Lucineia, que na sequência veio a me presentear com algo muito melhor e mais significativo do que uma tese, ou seja, estas duas figuras que lustram e valorizam minha velhice, Flavinho e Sophia. Em 2003 me aposentei na UnB e retornei a Uberlândia para ser, de novo, Secretário de Saúde, compartilhando o pão que o diabo amassou, com Zaire Rezende e outros companheiros. De volta a Brasília, em 2005 e a partir daí tive oportunidade de viver um grande momento em minha carreira de consultor, sendo chamado sucessivamente para trabalhos no Banco Mundial,

OPAS, Conass e algumas Prefeituras, como Poço de Caldas e Uberaba. Realizei, numa dessas consultorias, junto ao Banco Mundial, um grande sonho, viajar pela Amazônia profunda, por lugares tão diferentes como Maués, Tabatinga, Atalaia do Norte e Benjamin Constant, onde (nada sendo perfeito) uma gastroenterite quase me liquidou. Entre 2010 e 2011 estive ligado diretamente à OPAS, prestando assessoria ao Conselho Nacional de Saúde, onde a então coordenadora quis recusar minha presença alegando que eu “não acreditava em controle social”. Mostrei para ela um trabalho que havia publicado alguns anos antes, no qual eu demonstrava o contrário, porém sendo crítico ao *modelito* vigente, calcado em conteúdo da legislação (Lei 8142/90) a meu ver superado. Fui perdoado, mas com certa desconfiança, até que me cansei das formalidades e da burocracia da OPAS e passei, a partir de 2011, a prestar apenas serviços temporários e sob encomenda. Em 2007 e 2011 lancei dois livros, respectivamente *Saúde da Família: boas práticas e círculos virtuosos* e a *Unanimidade faz mal à saúde*, ambos pela Editora de minha antiga universidade, em Uberlândia, a EDUFU.

Neste meio tempo, dispondo de um cabedal razoável amealhado nos meus anos de consultor, como já contei, construí uma casa no Condomínio Verde, Zona Leste de Brasília. Próximo ao rio São Bartolomeu. Para ela me mudei em maio de 2011. Pensei em fazer deste lugar o derradeiro de minha vida e, no momento que escrevo, quase dez anos depois de ter me mudado para cá, creio que isso está se concretizando. Mas nada posso garantir para o futuro, dada a minha proverbial inquietação. Mas de toda forma, este é um lugar de que gosto, com a natureza por perto, dois cães que me idolatram, Flavinho e Sophia frequentemente presentes (e curtindo também o ambiente), além de plantas e mais plantas que me entretêm e me fazem orgulhoso de meus dotes de jardineiro. Das pessoas daqui não sei dizer se gosto muito; às vezes me parecem ser gente que gostaria, de verdade, morar no Lago Sul, não neste fim de mundo, próximo demais à pobrezinha São Sebastião. Praticamente não visito ninguém e não sou visitado e para mal dos pecados, três das

amizades que fiz por aqui, gente da minha idade ou pouco mais velha, já faleceram.

Nestes anos de Condomínio Verde, meus projetos foram poucos, mas creio que substanciais, com destaque especial para a redação destas memórias e algumas viagens. Fiz três delas a Portugal, com especial ênfase nas duas últimas, nas quais tive as companhias de Carmen Azevedo e de mim mesmo, respectivamente, que motivaram textos que me deram grande prazer em escrever, conforme se vê mais adiante nestas memórias (*Viagens*). Fora isso, vou ocasionalmente a Belo Horizonte, para ver pai, mãe, filha, genro e netos. Vejo por lá alguns amigos também, desde sempre muito poucos. Destaco especialmente Maria Helena Brandão e Erix Curi Mafra, que figuram nestas memórias como personagens.

Outra de minhas escapadas de Brasília tem como destino Nova Friburgo, para ver minha eterna tia – irmã Teresa Julieta. Faço isso uma vez por ano e sempre tenho muito prazer em estar com ela e curtir aquele ambiente de florestas e montanhas. Em uma dessas idas ao Rio aproveitei para conhecer a pousada que meu primo Cristiano, filho de Teresa, junto com a esposa Mônica e o pirralho Otto, estão tocando em outro recanto de Serra, desta vez na Mantiqueira, no povoado de Mirantão, município de Bocaina de Minas, na divisa de Minas e RJ. Gostei demais de lá e quero muito voltar.

Programei uma viagem à Itália neste ano de 2020, junto com Daniele, Francisco, Flavinho e Sophia, mas tive que cancelá-la em função desta maldita pandemia. Quem sabe no ano que vem? Mas em termos de exterior, tenho vontade mesmo é de voltar, ainda uma vez ou mais, a Portugal, onde tenho agora a receptividade de meu amigo Eduardo Guerra e sua mulher, Célia.

Minha vida de aposentado no Condomínio Verde não tem sido, absolutamente, vazia. Caminho muito, faço outros tipos de exercícios, cuido de dois cães e de jardins, recebo com honras meus dois filhos pequenos (ocasionalmente os grandes e o neto também) e além disso montei uma pequena marcenaria (ou algo parecido) onde confec-

ciono objetos diversos, verdadeiros *inutensílios*, como dizia Manoel de Barros. Isso me transformou em consumidor quase compulsivo de ferramentas, pela internet, embora algumas delas, confesso, ainda estejam à espera da comprovação de que sejam realmente úteis.

Enfim, daqui desta colina, sobranceira ao Vale do ribeirão Taboquinhas, nascido nos altiplanos a leste de Brasília e tributário do São Bartolomeu, assisto a vida passar, interagindo modestamente com o que me é dado aproximar. Aqui me sinto uma espécie de observador em uma atalaia ou *Watch Tower*, prestando atenção na política, nos costumes, na natureza, nas pessoas (entretanto sem exagerar nos contatos), bem como na família, que é a parte com que mais vale a pena gastar energia, sem dúvida.

E é assim, *febril* de pequenas realizações e pequenos acontecimentos, tentando fugir, sem obter sucesso, da *problemática* do país, que assisto, malgrado meu, neste século exageradamente confuso, que passa veloz debaixo de meus olhos. Mas de tudo que vejo, procuro tirar um sentido, alcançar a existência de alguma lógica fazer ou, pelo menos, fazer uma síntese. Para isso, invoco com frequência uma Santa muito especial...

Santa Coerência, de minha especial devoção, Rainha das remotas paragens da Alta Razônia, Senhora das fronteiras do Cogitum – socorrei-me! Será que estarei somente eu certo diante de um monstruoso sistema de erros? Ou, bem ao contrário, serei apenas um ser equivocado e errático numa terra onde estão todos cobertos de razão? Minha Santa, fazei com que eu, em um mundo de tanta confusão, seja capaz de perceber a verdade. E uma vez a conhecendo, que ajude a divulgá-la; e que não espalhe por aí notícias falsas, que ficarão ainda mais falsas ao serem passadas adiante. Protege-me e defendei-me, minha Santa, da falaciosa ideia de que uma pessoa de bem há que se situar sempre à destra ou à sinistra – mas que existem posições que permitem enxergar melhor os caminhos sem que estejamos presos à suas margens.

Política e políticos: o triunfo de Jerônimo Fogueteiro

Escutei, certa vez, um deputado distrital daqui do DF se defendendo das acusações de nepotismo e empreguismo. Seu argumento: *há muito desemprego na cidade, precisamos ajudar a minimizá-lo...*

Enquanto espero que a Santa me ilumine, tento entender o Legislativo, embora tenha pouca esperança que alguma razão viesse dali. Lógica, sim – ali há muita lógica, aliás. Eu tinha ouvido falar dos três “B” que orientam as principais bancadas no Congresso Nacional: *Bala, Boi e Bíblia*. Mas olhando bem, percebi a necessidade de acrescentar algo mais – só no capítulo da letra “B”. A *Bancada da Bola*, por exemplo, muito em evidência depois que o ex da CBF Marinho conheceu o banco de reservas na Suíça e nos EUA; esta continua fazendo e desfazendo; mandando e desmandando; apitando e cobrando o pênalti. Afinal, aqui é o país do futebol. A *Bancada da Bolada* tem nome parecido – e práticas *idem*. Ela sempre existiu, pujante, mas tem sido muito iluminada pelos holofotes nesses tempos de Lava Jato e Zelotes. Para escapar da pressão, utiliza muito bem as tecnologias modernas, principalmente aquelas que facultam transferências de valores para o exterior, por sistemas paralelos. É formada por gente que, na prática, deve e até treme, mas não paga. A *Bancada da Bomba*, que teve como patrono Eduardo Cunha, atualmente em estado de férias prolongadas em Bangu, mas deixou legítimos sucessores naquele vasto e amorfo centro político. A *Bancada dos Bonzinhos*, aqueles que sentam em cima da própria cauda e juram não ter nada a ver com tudo isso que está aí e que jamais apoiaram, em tempo algum, coisas como essas que se vê hoje. A *Bancada do Bônus*, daqueles que desejam nada mais, nada menos do que levar vantagem em tudo, cujo lema é: *primeiro o meu!* *Bancada do Basta* (atenção: *basta* com “a” e não com “o”), aqueles sujeitos condescendentes no passado, incendiários hoje. *Bancada dos Brothers*, se é para defender um par, um irmão, um igual, são capazes de atropelar a razão e mover mundos e fundos – acreditam que Ju-

das, por exemplo, não foi traidor, apenas teve um lapso de memória e deve ter uma nova chance. *Bancada da Boa-Vida*: trabalham de terça a quinta, quatro meses de férias por ano, ponte englobando em todos os feriados – mesmo que caíam na quarta-feira – e não perdem o São João, o Bumba Meu Boi, a Festa da Uva, o Festival da Cachaça de Pintópolis e outros festejos igualmente relevantes. *Bancada da Biroscia*: os que estão por lá como não querem nada, estão sempre ficados, apostando no pior ou fingindo de mortos, mas de olho no incêndio que toma conta do circo.

Grande questão neste início de século (ou desde sempre), regida pelo mote de que governar é um negócio como outro qualquer, é a seguinte: a Besta está de volta! Ou quem sabe ela nunca foi embora? Falo do grande fantasma que ronda o mundo, especialmente presente no Brasil de hoje e de sempre – seu nome é *governabilidade*. Para todos os usos, para quaisquer circunstâncias. Ao preço que for preciso pagar. A governabilidade é a Vaca, melhor dizendo, a Besta Sagrada que ultimamente tem ocupado o lugar do bom senso, da ética, da respeitabilidade, da desvanecida credibilidade dos agentes políticos. Ah, essas alianças com o Cremulhão, com o Centrão, com o Não-sei-o-que-diga, com o Tinhoso, com o Capeta, com Demônio e o Diabo à quarta potência. Aqui nas Taboquinhas eles por acaso não entram? Entram sim – é só ligar a TV... Mas a verdade é que, em certa idade, como a que me encontro e, principalmente, vivendo no mundo em que vivemos – e mesmo aqui neste retiro – a gente acaba por abandonar e até menosprezar os antigos rótulos de “esquerda” e “direita”, “progressista” e “conservador”, “politicamente correto” ou “incorreto”, em troca de algo que pode não ser nada operacional, mas nos permite um pouco de paz com a consciência: tentar ver o mundo de forma independente, com olhos abertos e a mente liberta dos rótulos e dos preconceitos.

Assim, em junho de 2013 eu já observava as ruas do país, daqui da minha Torre. Alguns analistas e mesmo amigos meus viam nos movimentos de então uma *renaissance* da sociedade brasileira. Eu botei o pé atrás e o tempo não deixou de me dar razão. Aqueles

mocinhos e mocinhas que até a véspera estavam em um shopping da Faria Lima ou adjacências não sabiam ao certo ao que vieram. E sabiam menos ainda das coisas os tais vândalos *black-blocs*, se é que eles existiam de verdade, gente que não explicaria direito nem o corriqueiro das coisas, tendo que corresponder às expectativas tão portentosas de alguns. Quanto a mim, sendo bastante modesto, ou talvez socrático, dizia: *sei é que nada sei...*

Mas ainda sobre esta história de *ruas que falam...* não adianta ser simplista. Eu bem que queria aquele *porviroscópio* inventado por Monteiro Lobato, que me mostrasse não o futuro remoto, mas, digamos, pelo menos o final da próxima quinzena. Mas me arrisquei a um prognóstico na ocasião: quase ninguém estará nas ruas; ou quase ninguém se lembrará do que aconteceu, dentro de no máximo um mês. Mas era curioso aquele movimento sem políticos, sem partidos, sem política e, ao que parecia, até mesmo sem lideranças. Mas era trágico também, porque já tínhamos muito a temer (sem trocadilhos) de movimentos assim tão amorfos, que se esgotam como um fósforo queimado ou descambam para outra coisa... Essa falta de propostas concretas, traduzidas por *liberdade, igualdade, fraternidade, passe livre*, sei não, parece filme que já passou. Assim, eu ficava, tu ficavas, nós todos ficávamos aguardando os acontecimentos que viriam... Como cachorros vira-latas caídos do caminhão de mudanças.

O trágico, de verdade, no Brasil desta década confusa, é talvez o fato de não se dispor de líderes, partidos e da boa e velha política... Infeliz do povo que precisa de heróis, mas essa massa amorfa dirigida por outras tantas mentes amorfas, para não dizer outra coisa – isso não pode dar certo. Se der certo, o Brasil dará errado. Eu como não sou nada *rousseauuniano* ao tentar entender o ser humano, fico em posição pessimista mesmo. E pergunto: *as tais ruas* não teriam por trás de si, como no filme Matrix, algo como um bando de *hackers* manipulando as multidões através das “redes sociais”, sentados confortavelmente e empunhando seus teclados? Estes não vão às ruas levar balaços de goma e cheirar pimenta. E os caras que

quebram, apedrejam, tocam fogo, agridem e não mostram o rosto, será que fazem parte dos que têm alguma consciência de seus atos? Não seriam o embrião malévolo dentro de um ovo de serpente que sempre acompanhou a história da humanidade ou, pelo menos, das multidões.

Mas de uma coisa tinha certeza: por trás de tudo não estaria a Rede Globo, nem a Veja, nem aquelas “elites”, de que falam com tanta certeza Lula e outros *condiottieri* das esquerdas. O buraco deve ser realmente mais para baixo. Nietzsche é quem explica, não exatamente Marx ou Noam Chomsky.

E a calmaria dessas encostas das Taboquinhas me indica a pergunta: haveria vida inteligente em algum lugar? Não, amigos, não estou preocupado com o fato de termos, ou não, companhia em outros planetas ou galáxias... Meus pés estão no chão – e no Brasil. Refiro-me ao verdadeiro exílio da inteligência que ora nos assola, com esta inenarrável disputa (ideológica ou fisiológica, nem sei...) entre *coxinhas*, de um lado e *petralhas* de outro; *camisas amarelas* contra o resto... Será que não dá para refinar os argumentos? Usar um mínimo de racionalidade e bom senso? Respeitar a inteligência de quem prefere escapar de facções? Não existiria um caminho do meio para o que mobilizar tanto as energias dos cidadãos atualmente? De um lado, só erros; do outro só acertos – ou vice-versa? Confesso que estou farto! Acho que vou me exilar dos jornais e da internet. Mas em todo caso prefiro acreditar que exista vida inteligente alhures – ou em outra era, ainda por ser alcançada por nós.

Minha avó Dodora tinha uma curiosa expressão para desqualificar a prosa de alguém, por repetitiva, sem substância ou “repertório”, como ela também dizia: *conversa de Jerônimo Fogueteiro*. Talvez tenha trazido isso de Varginha, no Sul de Minas, onde passou parte da infância. Pois é, quando abro os jornais atualmente fico com a sensação de que o tal mestre de fogos de artifício está redivivo ... Muito falatório dos políticos, mas escassa relevância e menos ainda, consequência! De duas uma: ou está faltando matéria para a mídia ou o que acontece está realmente começando a se repetir, como

naquele filme do Dia da Toupeira (título apropriado, aliás, para a realidade brasileira). Ou uma terceira: o nível moral e intelectual do país chegou definitivamente ao volume morto. Mídia, políticos, cidadãos – alguém deve estar errado nessa história... Mas uma coisa é certa: o pirotécnico Jerônimo triunfou!

Meu voto no PT

Votei em Lula quatro vezes, convictamente, aliás. Com Dilma, a *co-mandanta*, não embarquei. Não sei se votaria no Grande Timoneiro outras tantas vezes, a não ser para derrotar algum desses energúmenos alçados ao topo da cadeia alimentar da política por obra e graça desse eleitorado ignaro e dotado do mais profundo analfabetismo político.

Como me lembro da posse da Lula, em 2002; quantas esperanças, meu Deus! Mas não se pode negar as boas obras do PT, nas políticas sociais, principalmente. Talvez tenha repetido a velha máxima do “rouba mas faz”. Mas penso que teve gente que roubou (e permitiu que se roubasse) muito mais. A política brasileira está cheia de santos do pau oco.

Mas o PT criou o Programa Mais Médicos, apregoarão os militantes. A pergunta que não quer calar é: mais? Do mesmo? Da mesma forma, a questão nunca esclarecida da sustentabilidade do programa, até que a monstruosidade bolsônica passou a caterpillar por cima. Mas acho que no geral os resultados do PMM foram positivos, no mínimo por ter representado um pontapé na porta da corporação médica. O que os doutores brasileiros abominam é motivo para eu aplaudir. A discussão sobre a interiorização e a periferização da medicina ganhou qualidade e profundidade. Eu coloco sem sombra de dúvida o Mais Médicos entre os acertos dos governos do PT.

Mas teve também o outro lado da moeda, por exemplo: quem não foi impedido de trabalhar, viajar ou simplesmente tráfegar em sua

cidade por força de obstrução nas vias públicas por “movimentos” de todo tipo? Isso o PT e seu Guia Espiritual não inventaram, certamente, mas foram extremamente lenientes, transformando o cotidiano de muitos cidadãos em um inferno. Muita gente morreu dentro de ambulâncias por causa disso; muitas consultas marcadas com meses de antecedência foram perdidas. O grevismo de muitas categorias, quase sempre de servidores públicos, afetando setores essenciais de acesso a uma vida social digna, na saúde, na educação, na segurança pública, na previdência social, prejudicou a todos, mas principalmente aos menos favorecidos política e economicamente. Enquanto isso, vimos a polícia, devidamente sindicalizada, como mera expectadora dos acontecimentos, longe de garantir o direito de ir e vir das pessoas. Para outros, pretos e pobres, por exemplo, prendia e arrebatava. O problema, longe de ser atenuado, foi cultivado em banho-maria pelos governos e pelos seus estimados associados, os sindicatos de todo naipe (quando isso lhes interessava).

Ah, as greves... Quando fui professor, seja na UFU ou na UnB, nunca votei a favor de greves. Fui discriminado por isso, principalmente em Brasília, onde a ideologia tem mais “pega”. As greves, penso eu, foram uma invenção do século XIX, naquele tempo em que Capital era Capital e Trabalho era Trabalho. Marx, seu profeta, foi capaz de explicar tudo, fazendo puxarem o trem da história as locomotivas da luta de classes, da contradição entre capital e trabalho e da luta opressores x oprimidos. Mas parece que alguma coisa mudou nesta gangorra e os sindicalistas do serviço público modernos não percebem. Primeiro, porque não se trata de alguma luta de capital contra o trabalho, mas sim envolvendo a produção de ações sociais cujo foco são os cidadãos.

Do outro lado da mesa, no setor privado, o Capital, animal covarde, se transnacionalizou e já não se sabe em que plagas reside, e nem como ofendê-lo de fato. Assim é que as greves, como aquelas tão frequentes até outro dia mesmo e que me afetam diretamente como afetam a milhões de pessoas, direta ou indiretamente, mostram dois

focos principais: primeiro o serviço público, onde a estabilidade é garantida, as aposentadorias são melhores, as horas de jornada são menores e os dias parados em greve não costumam ser descontados; depois as empresas cujos trabalhadores são mais organizados e usufruem de melhores condições laborais. Com efeito, ainda não vi greve de desempregados ou de pessoas vinculadas à informalidade econômica, que se contam às dezenas de milhões no Brasil – e estes são os verdadeiros desprotegidos.

Ainda falando do Capital: quando vejo algumas pessoas, geralmente comerciantes ou prestadores de serviços, reclamarem de Lula ou do PT e inclusive terem votado em Bolsonaro porque a esquerda não lhes trouxe reais benefícios econômicos, gosto de lembrar a eles: vocês nunca ganharam tanto dinheiro como dos anos Lula. Queriam mais?

Minha implicância com o que chamo de leniência dos governos petistas se refere, essencialmente, à falta de contenção daqueles que bloqueavam estradas e avenidas, como aos que invadiam prédios públicos, com os vândalos de diversas naturezas. Eu refugo e me coloco fora disso e digo em alto e bom som, sem medo de ser politicamente incorreto: *sou contra!* Conferi ao Estado e assim me foi garantida pela antiga ideia do *contrato social* a prerrogativa de usar em meu nome a força que inibe os inimigos da democracia e que me garante, entre outras coisas, o direito de ir e vir, além da preservação do patrimônio coletivo. E quero mais é que o Estado corresponda às minhas expectativas e deixe de lado a complacência que não tem correspondência em nenhum país democrático do mundo.

Mas a verdade é que até os seixos rolados do ribeirão Taboquinhas e o cascalho das estradas do Cerrado sabem dessas coisas.

O PT tem algo a ver com isso? Diretamente, talvez, pouco. Mas penso que seus dirigentes e intelectuais incentivaram ao longo de seus governos uma *lógica de militância*, que não tem muito a ver com o interesse coletivo real. Isso em si poderia ser um fato auspicioso,

que nos remete a exemplos históricos espetaculares. O problema é que tal lógica divide o mundo em pedaços e, a partir daí, confunde “o mundo”, em sua totalidade, com cada “pedacinho” que se cria a partir dele... Essa turma não costuma admitir meios-termos e nem ver, ainda, o “outro lado” que existe em quase tudo que seja obra humana.

Mas tudo bem, não dá para condenar o PT em um cenário onde inexistem santos verdadeiros. Tucanos, por exemplo, já tiveram que engolir de seu próprio veneno, nas peripécias do Rodo Anel e do metrô de São Paulo, suas contas da Suíça. Os da camisa amarela ainda serão julgados pela história, embora isso, talvez, ainda vá demorar, para nossa infelicidade. Partidos políticos já não têm nenhuma importância no Brasil; estão atordoados, chegam sempre atrasados e nem têm o que dizer, silenciados pela vaia geral. O que estava para vir – e veio em 2018 – vai se mostrando cada vez pior em relação ao que se teve em 2016. Por enquanto, é tempo de missa de corpo presente. Depois virá o sétimo dia. Depois, ninguém sabe. O que já está para lá de ruim poderia ficar muito pior? É esperar para ver... A porteira continuará aberta para Moros e outros salvadores da pátria.

Eu escrevi essas coisas entre 2016 e 2017, com expectativas medrosas de que o depois poderia ser pior, como acabou acontecendo. Como dizia Brecht: *infeliz do povo que precisa de heróis*. Principalmente quando escolhe um herói estupidamente equivocado...

Perplexidades e incertezas

Problemática, febril e também repleta de perplexidades e incertezas – pelo menos por parte de quem é capaz de tê-las, como eu – assim têm sido a última quadra da vida nacional os últimos anos.

De minha parte, digo que nas Taboquinhas eu poderia não me sentir afetado e nem ficar tão perplexo. Mas isso tem sido impossível...

Por exemplo, quando vejo cenas daquelas pessoas nas ruas, de camisa amarela, me vem à cabeça a canção de Chico, *Pelas Tabelas* (*Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela / Eu achei que era ela puxando o cordão*). “Ela”, quem, afinal? Um objeto de amor frustrado, puxando um cordão de alegria, enquanto o pobre apaixonado morre em sua tristeza? Que nada! Parece haver algo anormal neste carnaval em que panelas são batidas enquanto um homem “olha” as favelas. Sobre este é caso de se perguntar: será membro de alguma milícia? E o povo pedindo a cabeça de alguém, que história é essa? “Ela”, na cabeça de Chico, deveria representar a esperança de tempos melhores, mas ele logo se vê enganado. *Pelas tabelas* se vê que o desejo daquelas pessoas nas ruas, o objeto real de suas aspirações, tem outro sentido. “Ela” definitivamente não é a democracia, a liberdade, a laicidade do Estado, a aceitação de quem pensa ou é diferente. A realidade brasileira está mostrando coisa bem diversa.

E olhando daqui da minha torre de atalaia, não propriamente as favelas, mas as ruas comuns do país, na minha incerteza ainda faço perguntas que se recusam calar, com respostas que ninguém dá, embora certamente alguns desconfiem. O que desejam, afinal, esses movimentos que fazem da infâmia sua arma, que ameaçam a Justiça, que querem se impor no grito, se não na base do trabuco? Aí, minha perplexidade só aumenta e no diálogo constante com meus cães e nos gestos das árvores tortas (mas corretas) do Cerrado não obtenho, também, nenhuma resposta.

Um texto que me “aconteceu” em 2016, após o impeachment de Dilma, a que chamei de *Diário de Cândido Inocência*, em referência a um personagem de Voltaire. Como diria Elio Gaspari, Cândido é um perfeito idiota político. Mas acho que ele antecipou as coisas que vemos hoje, esta turma de camisa amarela nas ruas, por exemplo. Vejam só:

Ah, acordei tão bem hoje! Depois desse domingo inesquecível percebo que tudo vai mudar em meu país! Agora sim, as coisas vão acontecer. Vamos ficar livre da corrupção e, de quebra, do comunismo. Este último eu não

sei bem o que é, mas dizem que é a religião de certas pessoas que comem criancinhas e que tem alguns defensores no Brasil, vestidos de roupas vermelhas e que geralmente usam barbas e andam de bicicletas em faixas pintadas de vermelho, só para eles... Felizmente tem aquele deputado valentão que é contra... E também um sujeito que já morreu, mas que tinha um nome inspirador: Brilhante! Obrigado deputados! Obrigado Cunha! Obrigado Tiririca! Devo muito a vocês. Grato para sempre. Fiquei feliz por mim, por vovó e vovô, por minha mãezinha, meus irmãos, meus primos, meu cachorro, meu papagaio e até mesmo pelas baratas de minha cozinha e pelos percevejos de minha cama! Sim, sim, sim!

Já naquele momento, ao longo de 2016, eu temia pelo aparecimento de um cadáver (ou talvez mais de um) nas ruas que já se enchiam, embora com gente em camisas não apenas amarelas, mas de cores variadas. Isso seria combustível que faltava para se somar ao fósforo acesso da intolerância política e da incivilidade geral que infelizmente tomavam conta do Brasil. Se essa morte ocorresse entre as hostes contrárias ou favoráveis o estrago seria o mesmo, com o governo – qualquer governo – sendo acusado de ditatorial. Seriam procurados culpados entre os “fascistas” (palavra que voltou à moda em dias recentes) ou entre a “polícia assassina”. Mas o fato é que havia uma centelha prestes a ser disparada, seja por parte da turba de fanáticos de camisa amarela, seja das polícias, cada vez mais parecidas com as milícias, “olhando” não só as favelas, mas as cidades como um todo. O Brasil, já tão distante da normalidade civil, certamente entraria em chamas – e a questão não era “se”, mas “quando”, como disse um ilustre intelectual, filho do atual Presidente da República. E o pior: não haver no país alguma liderança moral capaz de ser ouvida – para nosso azar, o Papa Francisco é argentino. Chegáramos, creio, a um ponto de não-retorno. Confesso, *apud* Drummond, que *nesta hora tive e tenho muito medo...*

Mas o pano de fundo de tudo isso era apenas um ovo em estado de choco. De meu poleiro nas Taboquinhas eu apenas suspeitava disso, pensando ser apenas um sonho ruim, um pressentimento que não se concretizaria. Mas, que nada!

Uma pitada de minha visão gauche, má conselheira em clima de perplexidades e incertezas. Corria o ano de 2017 quando li nos jornais que a Gol iria indenizar, por “danos espirituais”, no valor de quatro milhões de reais, os indígenas Kaiapós, supostamente prejudicados pela queda do avião da empresa, em Peixoto de Azevedo-MT, em 2006. Eles se sentiram prejudicados porque naquelas terras onde morreram tantas pessoas ficaram impedidos “espiritualmente” de caçar, pescar e plantar. Isso me faz lembrar dos índios ou supostos índios que ocupavam terras na expansão Noroeste de Brasília, para os quais também se alegou motivações “espirituais” e “sagradas” para que não fossem retirados, embora para outros que estavam por ali, catadores de sucata igualmente pobres, não houvesse qualquer contemplação. Isso seria justiça de fato ou reles manobra de advogados chicaneiros? Aliás, convenhamos: dano espiritual de verdade foram as quase duzentas vidas perdidas, o sofrimento de parentes e amigos, o desgaste homérico de quem esteve lá para recolher corpos...

E vimos também, por esta ocasião, aqueles sujeitos – ilustríssimos desconhecidos até então – que agrediram Chico Buarque numa rua do Leblon. Famosos agora, não é? Aliás, estamos em tempos de gente famosa. Ou melhor, gente que quer ser famosa a qualquer custo. Gente obscura, mas que se alimenta de grandes pretensões. Gente que não sabe de nada, mas se julga a reencarnação de Sócrates ou Platão. Convenhamos: parece que há algo de podre neste país... Chico, mesmo que se discorde dele (o que não é o meu caso), é uma pessoa pública, sujeito notável, um patrimônio verdadeiro do nosso pobre país, capaz de mostrar sua cara à luz do dia. Já seus agressores, gente totalmente ignota e ignara, que percebe, num lampejo, que agredir alguém realmente famoso é a melhor maneira de alcançar aqueles quinze minutos de fama de que falava Andy

Warhool. E só assim sai de obscuridade e da insignificância a que está condenada. Dizia Alberto Roberto, personagem de Chico Any-sio, ator canastrão e medíocre, que se julgava famoso, rei da cocada, príncipe das artes cênicas, ao se dirigir a interlocutores, geralmente artistas famosos (e reais) do teatro, do cinema e da TV: *você é o famoso quem?* Nada melhor para caracterizar estes frustrados que se realizam em achincalhar pessoas de valor, como Chico Buarque. Sabe-se lá se a sanha desses *pigmeus de shopping center* vai passar...

Só Deus para nos ajudar, Ele que realmente está em toda parte. Haja vista as citações abundantes que nossos políticos fazem de Seu Sagrado Nome. O fato é que vivemos hoje no País, uma desagradável febre de imposição de fé aos outros. Isso não só é contra as leis como está em desacordo com as normas históricas de convivência entre verdadeiros cidadãos. Parece até que alguns grupos desejam fazer do Brasil uma república balcânica, um Irã, uma Irlanda, um Alabama, lugares de guerra étnica ou religiosa permanente... Nem Deus, nem seu Filho – creio – ficariam felizes ao ver seus nomes tomados em vão dessa maneira...

É que nos falta Educação... Mas ela está também *pelas tabelas*. Penso que *crash* da educação no Brasil tem algo em comum com acidentes aéreos, como este que dizimou em novembro de 2016 a pobre equipe de futebol da Chapecoense, ou seja, não adianta querer explicá-los por causas simples e isoladas, mas sim por uma série de fenômenos que acontecem em rede. Os professores e seus sindicatos colocarão a culpa nos governos (quaisquer governos); as famílias dirão que a culpa é dos professores e das escolas; os governantes, que sempre acham que fazem tudo pela educação, lamentarão que isso não seja reconhecido pelos professores, mais interessados em greves; já os estudantes talvez não saberão explicitar o motivo exato, salvo mencionar vagamente a tal “PEC”, que não sabem o que é, mas de toda forma indicam o remédio para combatê-la: invadir as escolas... A turma da direita dirá que a culpa é dos governos petistas, do método Paulo Freire utilizado e das escolas partidarizadas. Já os da esquerda talvez digam que estava tudo indo muito bem até que

veio este governo golpista e decretou a extinção da educação no Brasil, através dessa “PEC” fatal...

Mas no meu entendimento, o avião da educação brasileira foi ao chão por variados motivos: governos que não valorizam a educação; famílias que não a colocam no devido lugar de honra na lista das prioridades domésticas; estudantes impregnados pelo consumismo e pela rebeldia-sem-causa peculiar aos tempos sombrios em que vivemos; professores que, no fundo, se cansaram de tudo e gostariam de ter outra vida, longe das salas de aula (sem perder as prerrogativas da profissão, claro); dirigentes educacionais eleitos ou escolhidos mais pelo interesse corporativo do que pelo compromisso com a educação; sindicalistas partidarizados que por qualquer motivo estimulam e obtêm greves repetidas, das quais resultam “reposições” que se assemelham a verdadeiras *salsicharias* (se alguém visse, de perto, como funcionam, não aceitaria seus produtos).

Pausa de refrigério: tenho o privilégio – insisto: o Privilégio verdadeiro – de ter filhos – todos, sem exceção, de Daniela a Sophia – que não me dão e nem me deram nenhum trabalho e preocupações em seu contato com o sistema educacional, item de política pública essencial à vida, ao sucesso individual e à cidadania.

Uma pitada a mais em minhas perplexidades: Olimpíadas, 2016 (ou Copa de 2014, tanto faz). Para que haveriam de servir mesmo? Dizem que são festas de conagração dos povos, rara oportunidade de a humanidade esquecer suas desavenças. Talvez pensassem assim os gregos antigos, mas o que se vê na atualidade são disputas políticas, jogos de vaidade, competitividade visceralmente exacerbada, oportunidade para ameaças e atos de terror e, principalmente, rolagem de dinheiro, muito dinheiro. Estão aí a Nike e a Adidas que não me deixam mentir. Ah, sim, sem esquecer das empreiteiras, das empresas de comunicação, de prestação de serviços de segurança, dos eternos políticos movidos a propinas. *Olim-piadas* – de muito mau gosto, aliás.

E para não dizer que não falei de futebol. Brasil um, Alemanha, sete. Quem sabe, poderíamos descer deste salto “sete” e sorver algumas lições? Primeiro, a de que futebol é como a vida: se você faz por onde e cumpre a sua parte no trato do negócio, suas chances de sucesso aumentam. Segundo, que trabalhar em equipe – palavra tão cara ao mundo do futebol – não é apenas estar juntos aqui e ali, sob as ordens de um venerável sinhozinho. É também uma questão de planejamento e de cumprimento de metas – e isso nos remete à *blitzkrieg* germânica, de novo. Perseverança e maturidade também fazem bem e isso não tem nada a ver com o chororó e o estrelismo individualista que marcaram a passagem desse time, que a história sepultaria se não fosse tão “inesquecível”.

Ideologia: eu quero uma pra viver

Política, polícia, governo, esquerda, direita, corrupção, movimentos sociais, educação, saúde, sexualidades. Como é que se explica, *ideologicamente*, o Brasil? Felizmente não sou daqueles – aliás, a maioria das pessoas sensatas assim o faz – que acham que Ideologia é coisa que obscurece a visão; ou então que só a vê nos outros, não em si mesmo.

O Brasil mais parece um animal mitológico de muitas cabeças. Cada uma pensando ou agindo diferente da outra. Se não, vejamos o momento atual (2016, quando escrevi isso): governo ilegítimo; sociedade amorfa; Congresso desacreditado; Judiciário desmoralizado. Que combinação! E tem mais: Polícia e Ministério Público sem controle social de nenhuma espécie, agindo autonomamente, quase sempre em busca da luz de holofotes. Uma imprensa facciosa, à destra e à sinistra.

O Judiciário merece capítulo especial: além de cego, é surdo e mudo (a não ser quando lhe convém botar a boca no trombone, em questões salariais *interna corporis*, por exemplo). Diante de algo assim

é que proliferam as mentalidades daqueles juízes e promotores de primeira (e única) instância, incluindo ignotos delegados, cada qual querendo consertar a pátria à sua maneira, ao arrepio da lei e, principalmente, do bom senso.

Direita ou esquerda: quem teria a resposta? Sempre me considere de esquerda. Desde meus tempos de Colégio Estadual e quase-militância na AP, nos anos 60. Mas hoje, aliás, há vários anos, ando pensando: a Esquerda tem futuro? Ou, pelo menos, tem cura? Já teria cumprido seu papel histórico? Não seria possível pensar em novas forças e novas maneiras de se fazer política? Instâncias onde as pessoas aprendessem a pensar, não a repetir chavões de lideranças; onde a autocrítica fosse bem vinda e não interpretada como sinal de fraqueza e entrega de pontos ao inimigo; os dogmas rejeitados em troca das evidências; a sensibilidade ao sofrimento dos mais pobres e às vítimas dos totalitarismos não fosse abandonada ao sabor das circunstâncias eleitoreiras ou de composições escusas; a vaca sagrada da “governabilidade” pastasse longe; dilapidar o patrimônio público não fosse justificado por razões utilitárias “pela causa”? Finalmente, que não fosse alguma igreja em que somente os seus fiéis são dignos da salvação.

Indo além: que importância e peso poderiam ter, na atualidade do mundo, os milhares de sindicatos ditos “de esquerda”, supostos defensores dos direitos (e privilégios também) dos trabalhadores, num cenário em que a realidade impõe os mais pobres – os neo-pobres – justamente aqueles que nem sabem o que é ter emprego e direitos trabalhistas.

Já os governos, ah os governos... Eles são vistos como a verdadeira “Geni” do processo de deterioração da educação, da saúde e de tudo mais no Brasil. Na Educação, como em outras questões ligadas a políticas públicas malsucedidas, a questão central é a de reconhecer uma cadeia de responsabilidades, ao contrário da prática habitual da fulanização, do *mais do mesmo*, do apagamento tardio de incêndios. Os elos de tal cadeia são variados, é bom lembrar: políticos, dirigentes eleitos, gestores, mestres, alunos, sindicatos,

sociedade. O famoso Conde Afonso Celso, já declarara: uma boa dosagem de *vergonha na cara* não seria também necessária? Tal ingrediente, convenhamos, é bem mal distribuído por aqui. Ou, quem sabe, este é um componente essencial da ideologia? *Vergonha na cara* podendo significar acreditar em algo, defender ideias, ter convicções, argumentar racionalmente, ouvir e ponderar sobre o que os outros pensam.

Mas, bah! O que fazer deste eterno acordo de elites que nos assola no Brasil. Por exemplo, fazendo com que a justificativa de combate à corrupção seja usada tão somente para camuflar e escamotear as prerrogativas do estado de direito, que pode não ser lá essas coisas no Brasil, mas é sempre melhor do que uma ditadura. E nós que já vivemos os anos de chumbo do governo dos milicos começamos a perceber que existem formas mais sutis de ditadura, por exemplo, esta que vem disfarçada de judicialização, de ritos sumários, de “convicção”, substituindo investigação e provas, de shows midiáticos protagonizados por juízes e promotores, Moros e Dalagnois, de leis draconianas que, com a justificativa de combater a corrupção, retiram dos cidadãos, sejam eles bons ou maus, alguns direitos fundamentais. Alguém já disse: as democracias já não morrem mais por tiros e explosões, mas em simples suspiros.

A situação atual no Brasil me faz lembrar a reflexão de Vargas Llosa sobre as décadas do domínio do PRI no México: é a *ditadura perfeita*; tem tudo de democracia – Congresso, Judiciário, eleições, instituições diversas, mas está longe disso, *sin más*. No caso, com a força daqueles que, em nome da Justiça, cometem as maiores injustiças. Enquanto a turba aplaude.

E a polícia, meu Deus! Enquanto escrevo já deve ter uma dezena ou mais de pretos pobres sendo eliminada no país. Sem tergiversações: existem poucas instituições violentas e corruptas como a polícia brasileira. Mas o principal adjetivo para ela, creio, ainda é pouco utilizado: em sua versão civil ou militar, a polícia é, acima de tudo, despreparada e incompetente, para dizer pouco. Mas mesmo assim, não custa nada exercitarmos a busca daquele famoso “outro

lado das coisas”, como sempre nos é indicado pelo bom senso. Assim, poderia também servir de mote para reflexão: haveria um lado bom na polícia, mesmo numa instituição tão criticada como ela, no Brasil?

É sempre bom lembrar que polícia faz parte de um processo civilizatório, aquele tão decantado *Contrato Social*, que retirava do cidadão comum o direito à violência – que ademais transformaria a vida social em irremediável *todos contra todos*, para não dizer “nós” contra “eles”, ao gosto dos grupos que se revezam no poder. A boa prática civilizatória manda, gostemos ou não, entregar este atributo, aliás, sob a forma de monopólio, ao Estado. Aí vem o Estado, ou sua polícia (dá no mesmo) e comanda o morticínio de pretos e pobres.

Para mim, a questão central não é a de ter ou não ter polícia; nem mesmo a de uma polícia ruim ser pior do que ausência de polícia. Temos que ter polícia boa; e ponto. E polícia boa é aquela que defende os cidadãos dos atos de outros cidadãos, ao mesmo tempo em que defende o Estado, principalmente quando este é lesado materialmente, no que devemos considerar que o patrimônio estatal é patrimônio do conjunto dos cidadãos. Mas nada que se aproxime dessa polícia truculenta e incompetente, moldada pelo *modus operandi* da ditadura militar, que tratava os dissidentes e mesmo os cidadãos em geral como meros “inimigos” da lei e da ordem.

Certa vez, quando meu filho Flavinho tinha dois ou três anos de idade, eu percebi que ele falava de polícia com um ar de temor. Certamente uma influência das babás – não era para menos – as pessoas da periferia dominam este assunto. Aproveitei um momento em que passeava com ele pela nossa quadra e me aproximei de uma dupla de PM, para puxar conversa e mostrar a ele que eles eram gente como nós. Me arrependi, porque os dois meganhas não só me negaram atenção, como foram incapazes de dizer a ele qualquer palavra amistosa. Para eles nós éramos “os outros, os inimigos, os suspeitos”, nada mais, gente a quem a missão dada era a de desconfiar e, se facilitasse, prender e arrebentar.

Se a polícia é assim, a sociedade às vezes reage parecido. Sabem aquela história de invasão, digo *ocupação*, de escolas, comum em meados da presente década? Vou dizer o que penso, mesmo correndo o risco de infringir todos os artigos, parágrafos e incisos da Lei do Politicamente Correto. Se invadir fosse solução por que não ampliar tal tipo de ação? Invadamos os hospitais e postos de saúde, que sabidamente não funcionam. E da mesma forma que os atuais invasores, vamos colocar os pacientes para gerir a instituição e, quem sabe, realizar os atendimentos de emergência e as cirurgias. No transporte público vamos entregar a direção dos veículos, dos taxis e até do metrô, às mãos dos ilustres passageiros. Polícia? Então, para quê polícia? Deixemos que os cidadãos mesmo se vigiem e se punam...

E que tal se também esses mesmos cidadãos cuidassem da distribuição de renda, ocupando as delegacias da Receita Federal? Ah, e que não se esqueçam do Palácio do Planalto e das torres & cuias gêmeas da Praça dos Três Poderes. Hobbes, do Leviatã e o tal Rousseau, do Contrato Social, não sabiam mesmo de nada!

Aux armes citoyen! Parece o lema das manifestações referidas acima – que trazem desdobramentos ainda hoje, anos depois. O que é mais assustador é assistir, como ocorreu e pode acontecer de novo, até mesmo diretores de unidades escolares defenderem as tais invasões, explicitamente. É uma questão de direitos, bem o sei. Mas indago: e o direito de quem quer estudar ou dar aulas, para não falar dos pais que têm expectativas diferentes em relação ao verdadeiro papel da escola onde seus filhos estudam. Não me importa ser politicamente correto, prefiro ser *responsavelmente correto*.

Mas o certo é que depois veio a pandemia, as escolas foram totalmente esvaziadas, ninguém fez movimentos para reocupá-las e apesar de tudo vida seguiu, placidamente, como geralmente acontece neste país grande, bobo e, acima de tudo, pobre de espírito.

Não acabou ainda minha cota de bizarrices politicamente questionáveis!

Homofobia de fato existe. Mas o que dizer da “fobia” contra pobres, contra negros, contra os diferentes e divergentes em geral, que é real em nossa sociedade? A meu ver, a sociedade brasileira não é homofóbica; é violenta! Ou pelo menos compactua serena e cordialmente com a violência. Há uma lei contra a homofobia, mas para as outras formas de “fobia” haveria, para cada uma delas, a necessidade de um pacote normativo específico? Não existiriam leis suficientemente abrangentes na penalização da violência, seja ela contra brancos ou negros; ricos ou pobres; gente da zona sul ou da periferia; hetero ou homoafetivos; jovens ou velhos; mulheres ou homens; sulistas ou nordestinos etc.

O problema é que, por algum motivo, o poder de vocalização de alguns grupos é imensamente maior do que o de outros – e isso nada tem a ver com a dimensão quantitativa da “minoridade” a que pertencem.

Quem me dera abranger toda essa mixórdia num único e vasto sistema de pensamento. Realmente, a ideologia é necessária para quem pensa seriamente na vida, na sua e na dos demais.

Poesia? Numa hora dessas?

Abril, 2016

*Nestes tempos tão sombrios
A gente precisa ter tento
Vem pra cá, diz um lado
Saia do muro, quer outro
Penso no modo dos rios*

*Que segundo mestre Rosa
Tem margens bem mais completas
Do que as que mal e mal vemos
Primeira, segunda e terceira...
De verdade ainda são mais
A primeira, a da esquerda
A segunda, a da direita
Ou o contrário, pode bem ser
Mas isso é apenas miragem
No fundo há outra imagem
E o céu, lado profundo
Não seria outra margem?
Isso tudo sem esquecer
Que rios correm ao mar
Onde margens e limites
São coisas a desprezar
Assim, amigos, proponho
Não me chamem à sua beira.
Eu e outros – e não é sonho
Apenas estamos adiante
Dessa nuvem de poeira
Que tapa a mente também
Quem sabe estamos no fundo
Ou muito acima, além.*

∞

Paródia em dois atos

(I)

E agora, Michel

O impixe rolou

Você assumiu

O povo, cadê?

Os seus lhe assediam

E você nem aí

E agora Michel?

E agora, você?

Você que tem nome

E pose de doutor

Com tanta soberba

Você que faz versos

Que tem a Marcela

E agora, Michel?

Está sem apoio

Renan te iludiu

Padilha e Geddel

Só fazem embromar

Jucá ficha suja

Que fique onde está

Que venha a Fiesp

Mas o pato não traga

Que a festa ele estraga.

Está sem discurso

Tem muito a temer

Com a bela Marcela

Nem pode deitar.

Você se pergunta

Até quando vai dar?

Obama despreza

Sua caradura.

E com o tal de Trump

Não vai melhorar

Está sem poder

Arrisca afogar

Voltar, nem pensar

À frente o abismo

Está sem amanhã

Seu bonde não veio

E na Paulicéia

Ninguém lhe quer ver.

Cadê a utopia

Que você prometia?

Quer ir para casa

Ela está cercada

A rua ocupada

A vaia ensurdece

*Toda a vizinhança
Que não lhe quer mais.
Em tudo a mudança
As coisas fugindo
Sobrou só a emenda
Dois, quatro e um
Noves fora é zero.
Seu apoio é nenhum
E a sua coerência
As muitas promessas
Seus pífios poemas
Seu Baby Beef
No Rubayat.
Seus livros – e agora?
E agora, Michel?
Pra onde avançar?*

(II)

*E agora, Seu Zé?
Trabalho já tem?
Também bom salário?
Seus filhos na escola?
Seu carro não pago
Sua vida, sua casa
Que é dívida agora
E agora Seu Zé?*

*Quer ganhar melhor
Não há mais empregos
Quer ter mais saúde
Remédio está caro
Quer ir para o SUS
Só tem Unimed
Se você gritasse
Se você dormisse
E não mais acordasse
Se você falasse
Mas você não fala
Por que está mudo, Seu Zé?
Sozinho na rua
Qual gente sem teto
Um bicho, um rato
Colado a algum muro
Para o ladrão lhe achacar.
Seu sonho sumiu
Você quer morrer
Melhor ficar vivo
Por que a Amil
Vai querer lhe cobrar
Pela internação.
Caixão vão negar
Negócio a prestação*

*Seu Zé, nem pensar!
Você quer cair fora
Sem saber para onde
Quem sabe a cavalo
Ou mesmo uma mula
Que lhe leve a galope
Para onde Seu Zé?
Seu Zé, para onde?*



Ó Tempos! Ó Moro!

*Quem é este juiz
Que põe a democracia
Por um triz?*

*Meritíssimo escuta
Estás aí para julgar
Ou fazes parte da disputa?*

*Sérgio Moro, Sérgio Moro
Mais cautela
Mais decoro*

*Que tal, Excelência
Menos pose*

Mais decência?

Morou, Sérgio?

*O poder
É lisérgico.*



*Atenção, Moro
Se a ação é prata
A cautela é ouro.*

*Justiça cega
A uns só enxágua
A outros esfrega*



O que vai dar, Gilmar?

*Gilmar, mentes?
Gilmar, tendes?
Gilmar Mendes...*



Preste atenção

*Uma coisa aprendo eu
Nesses dias de perigo:
Amigo de amigo meu*

*Nem sempre está bem comigo.
E também tenho comigo
Que inimigo de inimigo
Não poderá, só por isso,
Querer ser meu bom amigo.
E mais ainda acrescento:
Amigo de inimigo
Inimigo de amigo
Assim, sem mais nem menos,
Podem não me trazer
A verdade que persigo.*



Recado

(D'Après um tema de Affonso Romano de Sant'Anna – meu professor de português no Colégio Estadual, em BH, década de 60)

*Cuidado Presidente
Que novembro é semente
Cuidado Ministro
Que novembro é sinistro*

*Cuidado Deputado
O jogo já está lançado
Cuidado Senador
Já chega de horror*

*E atenção vocês do Supremo
Cuidado com o próprio veneno
E fiquem atentos Pastores
O dizimo não paga dores
E presente esteja a mídia
Sem mentiras, sem insídia
E que a Polícia Federal
Amplie a busca do mal
E já concluo, é promessa
Indo logo ao que interessa:
Entende, madame Rouseff?
Bota fora o(s) mequetrefe(s)
E meu Brasil, atenção
Chegou seu limite! Ou não?*



Enlutados e Enlameados

(Com intervalo de poucos dias, em 2015, os atentados do Estado Islâmico contra o Charlie Hebdo, em Paris e o desastre de Mariana)

*Em Paris, ataque islâmico
Em Mariana, ataque “lâmico”*

*Em Paris se repete Bali
Em Mariana se repete a Vale*

Em Paris o triunfo da dor é o marco
Em Mariana impera a Samarco

Em Paris a dor vem após a fama
Em Mariana, só dor, vergonha, lama

Em Paris taxis gratuitos na praça
Em Mariana nem a água sai de graça

Em Paris de quem é a culpa?
Em Mariana, nada além de uma multa

Em Paris a autoridade chega primeiro
Em Mariana, quem sabe se vê pra janeiro?

Em Paris, cadeia aos terroristas
Em Mariana, ainda se buscam pistas

Em Paris, revolta no Charlie Hebdo
Em Mariana, vai passar, não passou?

Em Paris quem manda de fato é a Lei
Em Mariana, sei lá, entende, não sei

Em Paris de pronto se vai à guerra
Em Mariana, melhor perdoar a quem erra

Em Paris, ilumina-se a Torre Eiffel
Em Mariana, algo sairá do papel?

Em Paris, o Sena da dor é porto
Em Mariana, o Doce virou rio morto

Em Paris se ora em Notre Dame
Em Mariana, se chora do crime infame

Por Paris, se unem Hollande, Putin e Obama
Em Mariana é lama, lama e mais lama.



Lavoura arcaica e ideologia prosaica...

(Sobre um discurso do Ministro da Cultura de Temer,
Roberto Freire, na entrega de prêmio literário a Raduan
Nassar – 2017)

Raduan, Raduan
Você lembrado pra sempre
E ele, só até amanhã.
Lavoura Arcaica: obra prima
Para quem vira a casaca
Não há perdão, só a rima.

Um Copo de Cólera, pura arte
Um tonel de rancor

Faz parte.

Raduar escreve para durar

Outros, como o tal Freire

São pó, sujeira no ar.

É muita cera, Nassar

Pra tão escasso defunto

Que cedo há de passar.

Mundo que não muda, só vai ficando piorzinho...

Disse Joao Guimarães Rosa: *o mundo não muda nunca, só de hora em hora piora*. Vale para todos os Sertões, claro, mas é coisa especialmente presente em certas partes do Planeta. Da Síria ao Alabama; de Israel à Rússia; da Noruega à Turquia; do Afeganistão ao *Anglistão*; do Trumpistão ao resto do mundo – sem esquecer do Brasil, claro...

Para começar: aos que deploram, como eu, os mísseis americanos atirados sobre a Síria e outros lugares, lembro: tenham também uma palavra, um adjetivo, uma lágrima que seja para os que morrem sob as bombas de Putin, sob as rajadas do Estado Islâmico, sob os foguetes e as bombas químicas de Al-Assad. E que, principalmente, entendam que nesta guerra estúpida não tem mocinhos contra bandidos e que suas principais vítimas são a verdade e os pobres civis.

Mas será que o Tio Sam deve ser realmente a Polícia do Mundo? Como produtos dos Estados Unidos da América, aprecio a música, a literatura, o cinema e outras formas de cultura. Mas é claro que

nem tudo são flores no paraíso ianque, como aqueles dementes que sempre aparecem praticando matanças coletivas, que constituem quase um símbolo do país, ao lado da Estátua da Liberdade e dos arranha-céus de Nova Iorque. A riqueza, ali, como se sabe, não é para todos. Por mim, preferiria viver em um mundo que não carecesse de qualquer forma de polícia internacional.

Mas tudo acaba sendo uma questão de escolha. Entre a expansão religiosa fanática do islamismo; a avalanche econômica totalitária chinesa; a histórica e reiterada barbárie eslava; o domínio policial intervencionista dos americanos – com quem ficar? Se a escolha for apenas entre essas possibilidades, acho que fico com o policiamento estadunidense mesmo. *For a while*, embora, de verdade, espero que a humanidade tome tento e um dia encontre a fórmula da convivência pacífica e respeitosa entre os povos. Não sei se viverei o bastante para isso. Desconfio que não.

O fato é que seria ótimo viver em um mundo em que não houvesse tantos conflitos étnicos, religiosos, culturais e econômicos. Um mundo sem terrorismo. Ou, pelo menos, em que não se fizessem presentes argumentos de que os homens e caminhões-bomba são apenas uma resposta aos longos anos de dominação a que os islâmicos e outros povos foram submetidos pelas malévolas "potências ocidentais". Estaria justificada a matança criminoso de inocentes, como hoje acontece em toda parte, como resposta política de oprimidos, que não deixa de ser legítima? O mundo de meus sonhos, infelizmente, não é este em que vivemos.

Mas analisando bem a situação se pode ver, simplesmente, que o grosso da matança entre os islâmicos é *deles* contra *eles mesmos*. Como, aliás, sempre fizeram ao longo de muitos séculos. Russos, Americanos e Ocidentais em geral também contribuem para a mortandade, mas de forma mais modesta, perto do que é capaz a rivalidade tribal, política e religiosa que impera sob as barbas do Profeta. E por essa hecatombe, eu que faço parte do mundo *branco, judaico, cristão, ocidental*, me recuso a ser responsabilizado. Talvez um dia a história absolva a cultura e a religião islâmicas de coisas

assim, mostrando que eles são pacíficos e inocentes, não partidários de violência. Que isso é coisa “apenas” de círculos mais radicais. Que são apenas povos vítimas de preconceitos e má compreensão por parte da civilização ocidental... Será que é isso mesmo? Parece longe de poder ser aceito como verdade. Enquanto isso, sinceramente, não há como confiar integralmente em tal tipo de gente.

Mudando um pouco de assunto, leio nos jornais que os analistas olímpicos especializados julgam notável o fato de que a Índia, com seus mais de um bilhão de almas, tenha um desempenho histórico pífio nas diversas olimpíadas realizadas até hoje. Seria falta de tradição esportiva? Adesão irrestrita do país a uma única modalidade esportiva, o críquete? Pobreza e pelas divisões internas extremas? Arrisco meu palpite: seria uma questão é de fundo cultural. Vai ver que os indianos, portadores que são de uma colossal bagagem espiritual, não valorizam coisinhas insignificantes, do tipo: chegar com alguns milissegundos de dianteira na corrida de cem metros ou na natação; pular dois centímetros a mais, graças a uma vara mais tecnológica que a do adversário; montar um cavalo inteligente, capaz de pulos magistrais; jogar uma bola ou um disco de ferro até certa distância; receber do júri alguns décimos de nota extra, por ter realizado uma performance acrobática de patinação no gelo, aliás, muito mais arte do que esporte e, portanto, não sujeita a notas... Para os conterrâneos de Gandhi, talvez, subir no pódio seria algo risível, que só faria sentido se fosse no plano da espiritualidade. Fazer isso apenas por ter vencido uma reles disputa entre mortais... Por Buda e por Brahma, não tem nada a ver!

Ainda girando pelo mundo... Creio que a União Europeia é, acima de tudo, um símbolo, um marco de evolução da Humanidade. Primeiro o macaco desceu das árvores, depois se fez um ser em sociedade, que por sua vez evoluiu, das tribos, às cidades e às nações. E a União Europeia representou a superação de todas essas etapas, o embrião, quem sabe, de um novo e harmônico concerto das Nações. Coisa assim só podia ter surgido mesmo na Europa, continente em que milhões perderam a vida ao longo do século XIX, exatamente por-

que a organização da humanidade em nações isoladas já não servia mais. Agora, a terra de Shakespeare e Engels, o país que abrigou Haendel, Marx, Freud e outros insígnies membros da humanidade, engata esta marcha a ré na história. É bom olhar no resto da Europa e em outros países para ver quem se regozijou com tal feito. Entre outros, a família Le Pen, Donald Trump, os neonazistas austríacos e, certamente, os bolsonaros genéricos. É preciso dizer mais?

Ainda o *Brexit*. Falar em uma marcha ao tribalismo pode parecer exagerado, mas de certa forma é para isso que o plebiscito inglês aponta ao refletir a opinião não de uma minoria, mas de uma maioria pífia. Gente medrosa, xenófoba e egoísta, que teme o diferente, o estrangeiro, as conquistas sociais, os direitos das minorias. E é ruim pensar que aqui no Brasil os recentes embates dos partidários de um e de outro lado, travando batalhas que se resumem, monocordicamente, a um *isso ou aquilo* parecem também apontar o mesmo caminho. Em suma: o que não somos capazes de entender ou absorver, rejeitamos. Isso quando não tentamos, simplesmente, liquidar o nosso adversário. O Azerbaidjão, o Kazaquistão, o Tadjiquistão e o Afeganistão já se preparam para receber um novo membro da sociedade tribal de onde eles nunca conseguiram escapar: o *Anglistão*. Pérfida Albyon, como da Inglaterra se dizia antigamente...

E já que me meto a analista internacional, emendo: Noam Chomsky é demais. Linguista, filósofo, matemático e como se não bastasse tudo isso, militante de esquerda. Suas críticas à política externa e interna, bem como ao *way of life* dos americanos (do Norte) são poderosas. Granjeiam respeito e admiração em todo o mundo. Mas nada é perfeito. Para mim, ele seria melhor ainda se afirmasse após cada uma de suas diatribes antiamericanas e antiocidentais: *tudo bem pessoal, eu acredito em tudo isso que disse, mas devo admitir, também, que se tivesse nascido ou vivesse na Arábia Saudita, no Irã, ou mesmo na China não poderia estar dizendo essas coisas*. Simples assim...

Para finalizar, parafraseio Drummond: eu sei que é preciso escrever alguma coisa sobre o recém falecido Zygmunt Bauman. Todo mundo está fazendo isso. Mas eu nunca li nada dele...

Tempos partidos

Entre outubro e novembro de 2018, o que era até então um assombroso presságio, se transformou em realidade. Nós, a multidão de brasileiros que amávamos a democracia, a liberdade, o Estado laico, o respeito pelas diferenças, a valorização da vida, a não-violência, as políticas sociais compensatórias e tantas coisas mais, indicadoras de civilização e de humanidade, nos vimos abismados pela tragédia com que fomos presenteados por mais de 50 milhões de compatriotas nossos.

Eu, e tantos mais, que havíamos vivido sob uma ditadura por duas décadas e também havíamos lutado para superá-la, nos vimos da noite para o dia diante de trevosas incertezas. Agora, porém, ao contrário de 1964, quando tínhamos em quem depositar nosso protesto e (arriscadas) ações de repúdio, o enfrentamento era de 57 milhões de eleitores, que votaram na nefasta figura. Alguns deles nossos vizinhos, muitas vezes. Preferiria usar a palavra “inimigo” para estes; adversário a gente respeita. Mas realmente penso que o voto em Bolsonaro é uma mais do uma questão de opinião legítima, mas sim de caráter.

Em uma frase só: se este projeto der certo é porque o Brasil deu errado.



Mas o que fazer com aquele amigo que votou em Bolsonaro?

Em primeiro lugar, como dizia Vinicius de Moraes, “melhor não tê-los...” Mas uma vez tendo-os, o que fazer? Para esgotar logo a

parte pior, como todo mundo abriga um pequeno bolsonaro dentro de si, começo por ele, usando ele contra ele mesmo. Vou conjugar e fazer valer (mentalmente...) aqueles verbos que fazem parte do vocabulário habitual do coisa-ruim, de seus filhos e demais asseclas: torturar, fuzilar, matar, perseguir, estuprar, banir, humilhar, rejeitar etc etc. Agora que gastei minha energia negativa, à maneira de quem esmurra aqueles sacos de areia usados no treinamento dos boxeadores, volto ao ponto de partida: o que fazer com aquele amigo que vota em Bolsonaro?

Devo tratá-lo meramente com alguém que está usando o seu direito de ter uma opinião política? Alguém que apenas se desviou do bom caminho? Devo contemplá-lo com a ótica cristã do perdão, dando a ele o estatuto de “quem não sabe o que faz”? Deveria simplesmente ignorá-lo? Espero passar as eleições para então voltar a conversar com ele e mesmo visitá-lo ou receber sua visita? Deveria ouvir atentamente seus argumentos e quem sabe me convencer de que ele talvez esteja certo? Ou, quem sabe, a melhor estratégia é tentar convencê-lo de que está no caminho errado, na contramão da história e da democracia?

Acho, realmente, que nada disso funcionaria.

Tenho pensado muito nisso, porque infelizmente há pessoas (bem poucas na verdade, mas incômodas) em meu círculo de relacionamentos que fizeram esta opção eleitoral e às vezes me jogam indiretas (ou nem tanto) de que eu estou me iludindo com as “mentiras” que falam do capitão e me iludindo mais ainda ao acreditar que a esquerda tem soluções para os problemas do país. Pois bem as “mentiras” que falam sobre o capitão, uma a uma, eu passei a acreditar nelas porquanto as tenha ouvido da própria boca do mesmo.

Quanto às virtudes da esquerda, confesso que também tenho algumas dúvidas, principalmente levando em conta as inconveniências que o lulopetismo impôs ao Brasil e o que é pior: sua recusa em fazer qualquer tipo de autocrítica. Mas esta não é apenas uma clássica

luta do mal contra o bem. É a luta do mal absoluto contra, digamos, o mal relativo, o mais ou menos. Mas mesmo se no lugar do mais ou menos estivesse o cachorro da esquina, ou o próprio poste da esquina, eu não arriscaria meu voto em pessoa truculenta e tão infensa ao diálogo, que demonstra menosprezar a democracia, vociferando em toda sua trajetória aquele rico vocabulário que inclui torturar, fuzilar, matar, perseguir, estuprar, banir, humilhar, rejeitar.

Meu repúdio ao bolsonarismo não é uma questão meramente partidária ou ideológica. É muito mais. É algo de fundo moral, ético e até estético... Votar em tal sujeito é concordar com tudo isso. E com gente assim, não quero conversa, definitivamente, nunca!



Sete de outubro de 2018, primeiro turno das eleições para presidente. Poderia ser para o bem, mas parece, infelizmente, não ser o caso – acho que as portas do inferno se abrirão para o país. Nós brasileiros não merecíamos... Depois de ver a Nova República, o momento otimista e inédito do Plano Real e o projeto do PT se derreterem, nós que achávamos que o pior já tinha ficado para trás, que sentimentos e esperanças podemos ter agora? Assim, vou para as urnas sem ter conseguido dar apoio resolutivo a um candidato, mas pelo menos consigo saber muito bem do que não quero, dilema pelo qual passo com certeza junto com muitos brasileiros.

Mas sei bem do que não quero: dar meu voto a pessoas que acham graça e praticam ideias truculentas, mesmo que se justifiquem como apenas “brincadeiras”, o que inclui gente que tenha apoiado no passado ou apoie, no presente, alguém com o perfil acima. Desconfio, também, e não apoiaria aqueles que já passaram por mais de três partidos, de qualquer natureza ideológica; os que estão na política como pastores ou se anunciam como representantes de religiões, principalmente evangélicos pentecostais, que invocam o nome de Deus e seu filho como seus aliados. Estendo minha repulsa aos que fazem parte de partidos corruptos, nos quais ninguém é expulso ou denunciado internamente; aos que são a favor da pena de morte

e da liberação do porte de armas; àqueles que em seus mandatos eletivos nunca apresentaram projetos importantes ou, pelo menos, consequentes, bem como aos que só enxergam “ideologia” nos outros.

Mas, sem querer ser cínico: quem sabe, sendo otimista, uma passagem pelo inferno é a pena e o preço necessários para que, um dia, se possa ver a esperança voltar a este desgraçado país?

Enfim, é muita tinta e muito byte para um só indivíduo. Chega....

O SUS E EU

Meu querido SUS

O Sistema Único de Saúde, carinhosamente conhecido (ou às vezes sem tanto afeto...) como SUS é, de longe, o objeto que esteve mais presente em minha vida profissional. Com efeito, me envolvi com as lutas de sua criação, nos anos 80, como já narrei antes, na seção “Mar Aberto”, seja como membro de movimentos de secretários municipais de saúde, em Minas Gerais ou no plano nacional, mas também como militante, digamos assim, intelectual, tentando contribuir como pensador ou palestrante – convites não me faltaram. Fui então dirigente das entidades que ajudei a fundar, seja o Conselho de Secretários Municipais de Saúde de Minas (Cosems-MG), ou sua vertente nacional (Conasems). Quando terminei minha gestão em Uberlândia, fui fazer mestrado na Fiocruz e em seguida trabalhei no Ministério da Saúde, como técnico atuante na construção do novo sistema, entre 1991 e 1995. Depois disso, já na Universidade de Brasília, e mesmo depois, produzi algumas dezenas de textos sobre o SUS, em publicações técnicas ou em jornais, ao mesmo tempo que atendia convites para falar sobre aquele ser nascente, *urbi et orbi*. Dei meus palpites, como consultor, a municipalidades e entidades

De como e por que cheguei ao SUS

diversas. Era um momento de construção de algo realmente novo no país e os eventos de apoio técnico e divulgação, numerosos à beça, faziam muito sentido. Eu fiz presença neles, em muitos lugares deste país, muitas mais vezes como convidado do que como alguém que estivesse ali como simples curioso.

Hoje, três décadas depois, poucos talvez se lembrem de mim, mas é bem verdade que a recíproca, até certo ponto, é verdadeira. Mas continuo considerando o SUS como parte importante, se não a mais importante, da contribuição que porventura eu tenha feito ao meu tempo, ao meu país, à minha gente. Não preciso de maior reconhecimento, embora confesse, às vezes, que tal coisa me pareça escassa, para mim e para outros batalhadores. Mas eu sei bem onde pisei e, principalmente, tenho total consciência de ter feito o que pude.

De toda forma, se aqui trato de “memórias”, não poderiam faltar algumas linhas nestas páginas (ou algumas páginas neste calhamaço) para falar do SUS. Às vezes com carinho, às vezes com decepção, mas sempre com esperança.

Incluo, assim, algumas reflexões produzidas por mim ao longo de minha carreira e adaptadas ao presente formato memorialístico, ou seja, bastante enxugadas, nas quais busco recuperar um pouco de meu trajeto e de minhas ideias principais a respeito do sistema de saúde brasileiro. Ressalvo, entretanto, que cometo, muitas vezes – e assumidamente – a ousadia de praticar certa iconoclastia, baseada em um lema no qual, a cada dia que passa, acredito piamente: *unanimidade faz mal à saúde*, aliás, não só a tal campo como a muitas coisas mais. No último destes textos perfilo uma síntese das ideias polêmicas, verdadeiras *apostasias*, que tive e tenho o orgulho de levantar em relação ao que os militantes mais exaltados chamam de “patrimônio do povo brasileiro”, sendo eu mais modesto ou menos triunfalista do que eles.

No segundo semestre de 2014 recebi uma mensagem por e-mail, de um aluno de mestrado no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA que me solicitava uma entrevista para alimentar sua dissertação. Nada de novo para mim, que bem ou mal havia participado de diversas situações semelhantes, geralmente interagindo com alunos de pós-graduação ou historiadores, interessados no tema da Reforma Sanitária brasileira, da qual tenho sido considerado um “ator”. André Jacobina é o nome do moço que me procurou e sua dissertação atendia pelo espaçoso nome de *Espaço social de reforma sanitária brasileira / relações entre o campo político e o subespaço militante*. Chique, não? Não sei se foi defendida, aprovada ou publicada (nunca mais tive notícias, como é de costume em casos assim), mas de toda forma me senti lisonjeado de estar presente nela.

O que mais me interessou nessa entrevista foi a possibilidade, inédita para mim, de me estender e ser instado a me aprofundar para além do foco técnico ou político de minha atuação, já que o objeto da mesma eram os aspectos culturais e simbólicos das trajetórias dos entrevistados. Foi grande a minha satisfação em responder o questionário que me foi enviado e foi assim que, a partir de minhas respostas ao André, preparei a presente vista corrida, que traduz bem o que foi a minha trajetória de vida e como ela acabou dando no SUS.

Nasci em Itabira, MG, em 1948, sendo legítimo representante do *baby-boom* pós-segunda Grande Guerra, embora não creia que isso tenha me trazido alguma vantagem especial. Fui criado em Belo Horizonte e fiz toda minha carreira escolar em escola pública, do Jardim de Infância à Universidade. Frequentei, por exemplo, o Colégio Estadual de MG, onde estudavam os filhos da elite mineira, inclusive a filha do então governador, Magalhães Pinto, além de um povinho de classe média, como eu, Fernando Sabino, Humberto

Werneck, Eduardo Azeredo, Fernando Pimentel e até mesmo Dilma Rousseff, além de muitos outros.

Sou de família católica (moderadamente) e há muitos anos me desliguei da Igreja, embora recentemente venha experimentando um reavivamento espiritual junto ao Mosteiro de São Bento de Brasília.



Por que virei médico? Fui quase o tempo todo um aluno pouco competitivo para pensar em fazer um vestibular que já era muito concorrido à época. Mas tive a sorte de fazer o terceiro colegial em uma instituição modelar, também pública, o Colégio Universitário da UFMG e a partir daí as portas se abriram para mim. O fato é que fui, para minha surpresa, o terceiro colocado no vestibular para Medicina de 1967, na UFMG.

Em termos de influências intelectuais ou profissionais familiares, meu pai é um técnico agrícola que acabou se dedicando à área de serviços (transporte); minha mãe, “de prendas”. Tive avô advogado, mas não creio que nenhum deles tenha me influenciado em seguir a profissão de médico. Diga-se de passagem, que na infância ninguém me auguraria tal destino, pois eu era um daqueles garotos que desmaiavam quando viam sangue, mesmo em pequena quantidade.

Como me assumo profissionalmente? Não é que eu negue ser médico, mas não costumo me apresentar como tal, pois estou longe da clínica há muitos anos. Nos hotéis preencho a ficha apenas raramente com este título profissional, preferindo utilizar o título de professor universitário ou consultor. Em aviões já me apresentei como médico, diante daquela famosa convocação “há algum médico a bordo?”, mas por sorte havia outros mais qualificados também presentes.

Em termos de formação política, na juventude tive namoros, primeiro com o Partidão depois com a Ação Popular, sem maiores

consequências e com adesão apenas informal. Sempre me considerei de esquerda, enquanto tal designativo tinha algum significado. Agora me considero um personagem da “terceira margem do Rio”. Neste quesito, repito o dito de Drummond, quando lhe convidaram a militar no PCB e ele recusou: *não sou capaz de convencer alguém a respeito de algo que não estou convencido*.

Naqueles trágicos anos sessenta, no movimento estudantil, só fiz correr da polícia e cheirar gás lacrimogêneo, mas tive dois irmãos presos e um deles até torturado. Mas não foi só por este motivo que odiei, desde o início, a ditadura e seus agentes.

Na saúde pública, me tornei membro do Cebes desde os anos 70 e participei da reunião que fundou a Abrasco, mas nunca tive cargos nas diretorias respectivas – isso era coisa para quem tivesse paciência e afiliação política ou corporativa – atributos que me faltavam. Quando morei em Uberlândia, tentei fundar um núcleo do Cebes por lá, mas a ideia não vingou, pois eu tinha cargo público e isso despertava certa desconfiança nos potenciais cooptados.

Nos anos 80 fui vice-presidente da Adufu (Associação de Docentes da Universidade Federal de Uberlândia) tendo assumido a presidência na metade do mandato. Foi minha única experiência neste campo. Mas devo dizer que, heterodoxo que sou, nunca propus e nunca participei de greves. Greve para mim é contra patrões; sou contra greves que atingem usuários dos serviços públicos, não só da saúde.

Além do citado acima, minha única participação digna de nota, em termos de militância política sanitária, é a de ter sido membro do Observatório de Saúde do DF, uma entidade civil informal, já desativada, que discutia, fazia propostas e as divulgava, tendo como foco a Saúde no DF. Em tal entidade fui encarregado de manter o blog do mesmo (www.observatoriodasaudedf.org), embora tenha andado muito devagar por falta de colaboração de outros membros, pouco afeitos à cultura da internet ou a “deveres de casa”, ao que parece, salvo exceções.

Devo dizer ainda que, em termos políticos, por uma única vez, na década de 80, fui por assim dizer “constrangido” a me filiar a partido político, no caso, o PMDB, ao qual pertencia o Prefeito de Uberlândia, com o qual colaborei como Secretário de Saúde. Foi uma experiência frustrante e durou pouco. Meu voto sempre foi de esquerda (com tendência ao PT, salvo nas últimas eleições). Atualmente não sou filiado e nem quero me filiar a nenhum partido político, embora tenha simpatias pelo PSOL, mesmo que não tenha votado neste partido nas últimas eleições para Presidente, dada a presença de Eduardo Jorge, do PV, no cenário, pelo qual sempre tive simpatia pessoal, mais do que pelo seu atual partido. Mas devo dizer que algumas posições corporativas e sindicalistas do PSOL me deixam desconfortável.

Estive engajado no movimento da Reforma Sanitária desde os anos 80, quando fui Secretário Municipal de Saúde em Uberlândia. A primeira ação de que participei, em termos mais amplos, foi o de criação do Conselho de SMS no estado de MG, do qual participei ativamente e fui o primeiro presidente. Nesta ocasião (1984 em diante) comecei a frequentar reuniões de secretários municipais de saúde, nas quais estava em pauta a criação de entidade nacional. Em 1987 participei do grupo que constituiu o Conasems, em Londrina, e fiz parte da primeira diretoria do órgão, como vice-presidente, entre 1988 e 1989. Mas é verdade que ninguém se lembra disso atualmente lá dentro. O próprio livro que eu escrevi contando essa história em 1998, nos dez anos da entidade (“Municipalização: Veredas – Caminhos do Movimento Municipalista de Saúde no Brasil”, editado pelo Conasems com a Abrasco), está esgotado e, mais do que isso, esquecido, como comprova o trabalho de duas moças de São Paulo, Carmen Lavras e Cidinha Pimenta, contratadas para “reescrever” (eu diria de um modo meio estalinista...) tal história em 2003, na comemoração dos quinze anos da entidade.

A reunião ou simpósio sobre Política de Saúde, na Câmara dos Deputados, em Brasília, cerca de 1979 foi um marco nas discussões

que originaram o SUS. Eu estava lá, ainda tentando entender toda aquela muvuca – mas presente.

No início dos anos 80 participei da Pastoral da Saúde, a convite do Bispo de Uberlândia, Dom Estêvão Avelar (famoso por ter chegado o dedo no nariz de um general, irmão de J. B. Figueiredo, comandante militar no Pará). Este evento me tornou conhecido em certos círculos da cidade e dele acabou resultando um convite, por parte do Prefeito recém-eleito, para ser Secretário de Saúde, como de fato fui, entre 1983 e 1988.

“Participar do aparelho de Estado” não era, para mim, pessoalmente, um fator de contradição. Eu já estava dentro dele e de lá é que conduzia minha militância e minhas articulações. Tinha militância acadêmica também, como professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias e Medicina Preventiva na Universidade Federal de Uberlândia. Mas não foi enquanto acadêmico que me vi envolvido na luta sanitária – nem eu nem ninguém daquela universidade. Também não fui secretário por meus dotes acadêmicos e nem por minha militância partidária. Acho apenas que eu estava no lugar certo, na hora idem, com a referida participação na Campanha da Fraternidade de 1980.

Assim, eu participei de um governo (de um PMDB, digamos, mais progressista) que botava muita fé nos movimentos sociais. Eu, particularmente, me apoiei muito e apoiei também as lideranças comunitárias da cidade, em um movimento nascente e primitivo na ocasião. Foi uma boa experiência, mas não impediu muita manipulação (pelo alto) e muita disputa fútil (nas bases). De fato, faltava o entendimento de uma dialética de participação, que se fazia muito na base de alguma cooptação ou, de outro lado, dentro de um clima de grande desconfiança e polarização em relação à municipalidade, particularmente quando os interlocutores estavam à nossa esquerda – geralmente os militantes do PT de então.

Em 1986 fui delegado na VIII Conferência Nacional de Saúde. Na sequência, fui indicado pela Associação Brasileira de Municípios como

seu representante na Comissão Nacional de Reforma Sanitária, entre 1986 e 1987. Havia outro representante, membro do Partidão e escolhido diretamente em gabinetes de Brasília. Acho que a minha representação foi, pelo menos, mais legítima. Mas o outro representante, Nelson Rodrigues dos Santos, é pessoa das mais respeitáveis e muito meu amigo até hoje.

Na condição de membro da diretoria provisória do Conasems, ao longo de 1987, participei do *lobby* (do bem) que atuou junto aos Constituintes, na defesa do SUS.

Na IX Conferência Nacional de Saúde, em 1992, fui de novo delegado, desta vez pelo Ministério da Saúde, onde eu tinha um cargo de coordenação (na SAS). Em relação ao lema da mesma, *A Municipalização é o Caminho*, tenho hoje sinceras dúvidas se ainda é adequado à realidade do país, pelo menos encarado assim de maneira direta, *tout court*.

Quanto às pessoas que ajudaram a criar um *movimento municipalista em saúde* no Brasil destaco uma, em especial: Nelson Rodrigues dos Santos, o querido Nelsão. Arouca, apesar de muito badalado, não teve participação tão ativa como dizem, ao contrário, fez intervenções pouco cuidadosas, no sentido de aparelhar a primeira diretoria do Conasems com militantes do PCB. Palmas também para Eugênio Vilaça Mendes, à época (década de 80), consultor na OPAS Brasil, que articulou contatos, promoveu debates e elaboração de textos, além de ter aberto as portas (e os canais de financiamento) da OPAS para a organização primordial do Conasems. Grande Eugênio, que tem sido esquecido nessa história (mas não por mim, evidentemente)!

Ainda em termos de nomes significativos, acho que José Eri Medeiros, um dentista gaúcho de Venâncio Aires, segundo presidente do Conasems e atual membro do CNS, é um desses nomes, quase perdidos nas brumas da história. Outro deles é Gilberto Berguio, que foi Secretário de Saúde no Paraná, membro da primeira diretoria, quadro dos mais competentes. Paulo Dantas, do Recife, o primeiro

presidente, embora seja lembrado aqui e ali, não teve, a meu ver, atuação digna de nota. Pelo contrário, já assumiu a presidência sabendo que iria se afastar em poucos meses, para se candidatar a vereador em sua cidade – e mesmo assim disputou as primeiras eleições da entidade, sendo favorito dado sua condição de anfitrião do encontro nacional de SMS em 1988.

Em tempo, devo dizer: para mim, a tal “Reforma Sanitária” brasileira foi um movimento de intelectuais sediados em universidades e instituições públicas, geralmente nos grandes centros do país, o qual mais tarde se tentou legitimar como movimento social, de massas – o que ela nunca foi de fato. Agora é só esperar que o céu me caia sobre a cabeça...

Confesso (seria um pecado?): nunca discuti saúde em ambiente de partidos políticos. Minha praia era outra, a dos gestores municipais, de forma absolutamente suprapartidária. Portanto, questões que se aplicam a “partido”, como agora me é solicitado, não me dizem respeito (com todo respeito pelos militantes...).

Sobre o Cebes. A entidade de fato apoiou o nosso movimento (fundação do Conasems), mas talvez por ter sua pauta congestionada pela reforma sanitária como um todo, seu apoio não se traduziu, por exemplo, em edição de número especial da Saúde em Debate ou promoção de debates específicos. Mesmo a participação de suas diretorias nos encontros de SMS foi pouco expressiva, embora muitos dos presentes, como eu, fossem também associados a tal entidade.

Sobre as questões que pautaram a movimentação de secretários na ocasião, ou seja, meados dos anos 80, a principal era, sem dúvida, a descentralização, com a demanda pela quebra da hegemonia do Inamps. Havia também um pano de fundo de disputa política entre Estados e Municípios, com aqueles em posição hegemônica e muitas vezes frustrando e impedindo a atuação mais direta do município. Financiamento já era, como continua sendo, uma grande questão, também.

Sobre bastidores... Um episódio desta categoria foi a tentativa de Sérgio Arouca de aparelhar o recém-nascido Conasems. Ao contrário de que muitos dizem, sem embargo de suas qualidades e importância política, ele não foi um dos criadores desta entidade, era presidente da Fiocruz na ocasião a apenas tentou pegar carona no nosso movimento. Outro caso é a da nomeação para a representação municipal na comissão nacional de Reforma Sanitária, quando uma segunda vaga foi aberta para abrigar um representante oficial municipal, no caso, eu. O “nomeado” dos gabinetes em Brasília, Nelsão, como já mencionei, é personagem notável da reforma sanitária e não teve culpa nessa tentativa de manipulação perpetrada por Arouca, Saraiva Felipe e outros.

O que faço agora? Estou aposentado na Universidade de Brasília e faço trabalhos de apoio e consultoria, quando aparecem, principalmente na elaboração de textos, análises e relatórios de eventos. Meus contratantes habituais são a OPAS e o Conass. Já trabalhei muito com o Conasems, mas uma diretoria do início da década passada entendeu que, para fazê-lo, o indivíduo tinha que ser regionalmente e partidariamente afinado com ela. Daí, dancei... Como padeço do mal da escrita, publiquei dois livros nos últimos anos: *Saúde da Família: Boas Práticas e Círculos Virtuosos* (em 2007) e ainda outro, de ensaios e crônicas, *A Unanimidade faz mal à Saúde*, em 2013, ambos pela Editora UFU. Se pudesse – e tivesse mais competência para tanto – seria escritor. Aliás, isso é o que mais faço atualmente, embora como escriba “de aluguel”, produzido textos e análises para os organismos já citados. Ao lado disso mantenho um blog, no qual alterno textos técnicos, textos literários (se é que me permitem tal licença) e um “diário mínimo” de crítica política e social, além de relatos de minhas viagens (www.veredasaude.com). É nisso que me realizo mais. Quero ainda publicar escritos esparsos e poemas meus e talvez um livro de memórias, tudo heterodoxo e bissexto. Para tanto, estou à espera de editor e de leitores amáveis, principalmente.

Posteriormente, já em 2018, comecei a operar um novo blog, www.saudenodf.wordpress.org, no qual, em dois anos de atuação, publiquei cerca de duzentos textos, com foco não só na saúde em minha cidade, como também nas questões do SUS de maneira geral. Publico somente coisa minha neste espaço, nada de repasses.

Abaixo (toda) a unanimidade!

Entre 2009 e 2010 resolvi juntar meus textos sobre o SUS, alguns publicados em revistas técnicas, outros avulsos, alguns cuja publicação foi negada em revistas, além de capítulos de livros. Tentei fazer, com eles, uma mirada na construção do sistema de saúde no Brasil ao longo das duas décadas anteriores. Dei a esta coletânea um nome sugestivo, *A Unanimidade faz Mal à Saúde*, tendo se transformado em livro editado pela editora de minha antiga universidade, a UFU. Coloquei ali ideias que não refletiam um ponto de vista uniforme, ao mesclarem a visão do gestor do SUS, a do pesquisador acadêmico e também a do cidadão comum, muitas vezes estarecido e indignado, tanto quanto muita gente mais, com as coisas assistidas no cotidiano da saúde no Brasil.

A “unanimidade” – ou uma crítica a ela – representava o fio condutor de grande parte dos textos de tal obra. O ponto de partida era uma situação que sempre me pareceu bastante corriqueira no panorama da saúde no Brasil: o SUS sujeito a críticas e ataques de todas as naturezas, mas, no plano interno, contando com uma enorme unanimidade na sua defesa entre seus militantes. Isso teria seu lado bom, porém acarretando um problema fundamental: a rejeição ao pensamento mais crítico, mesmo que venha para aprimorar o sistema.

Assim, as propostas de mudança e correção de rumos costumavam (e ainda costumam) ser taxadas de revisionistas ou coisa que o valha. O discurso unânime não abre brechas para as posturas críticas.

Nos eventos do SUS o que se têm visto são pessoas que acreditam no sistema e o defendem falando para outras que igualmente defendem e acreditam nas mesmas coisas. E todos, falantes e ouvintes, costumam comungar das mesmas ideias, ou seja, de que criticar o SUS seria ofender as conquistas sociais que o mesmo proporcionou. Tal visão se equivoca, contudo, ao não considerar que também as construções dependem de alguma forma de desmonte e arejamento do terreno.

Já no lado oposto, ou seja, entre os críticos do SUS, talvez não haja tanta unanimidade. Mas, com certeza, o resultado de tais críticas – tomemos como exemplo a política de financiamento da saúde – tem se revelado de alto impacto para o sistema. Em outras palavras: que nos diversos governos, de Collor ao horror atual (2020-22), a tônica é uma só: considerar a saúde como área “gastadeira”, para a qual os recursos alocados já seriam suficientes e que o real problema estaria apenas em sua gestão capenga. As consequências disso, todos sabemos, são cada vez mais desastrosas para a saúde dos brasileiros.

Enfim, é impossível não mencionar Nelson Rodrigues, o teatrólogo, e sua famosa afirmativa sobre a natureza das unanimidades. Na discussão de saúde ela se torna mais aplicável, ainda.

Apresentei aos leitores, na ocasião, duas séries de textos. A primeira composta de dez ensaios breves, abordando distintos aspectos da política de saúde brasileira, à qual intitulei *Dez textos na contramão*. Nem todos rigorosamente atuais à época; alguns remontavam ao início da década anterior, mas justificáveis pelo fato de o tema tratado ainda continuar candente (ou pendente) na ocasião. E pior: as soluções para os diversos problemas que levantam ainda não terem sido encontradas. Ou por outra, se praticadas, revelaram-se inconsistentes. Alguns desses ensaios eram originais, mas para a ocasião foram revistos, e até certo ponto atualizados, mas, principalmente, liberados de alguns ritos acadêmicos que certamente atentariam contra a paciência dos leitores. Tinham a natureza de

ensaios, e assim assumi a responsabilidade de acreditar naquilo que está mencionado neles, independente de compartilhar a opinião de outros autores, motivo pelo qual fiz verdadeira *limpeza* nas citações bibliográficas que a versão acadêmica de alguns deles me havia imposto.

Já a segunda parte, intitulada *Crônicas do SUS-real*, continha textos que não fugiam à temática dos ensaios referidos acima. Mas representavam coisa mais leve, quase sempre publicada em jornais, sendo alguns inéditos, também. Aqui, sob a forma de *crônicas*, não mais de *ensaios*, o critério de seleção levou em conta, essencialmente, a pertinência do assunto tratado na realidade presente. E, mais uma vez, escritos de alguns anos atrás ainda se revelaram atuais.

Comecei botando pra quebrar com a tal da unanimidade, destacando a abundância no cenário da saúde no Brasil, pelo menos em sua parte visível e explícita, de posicionamentos favoráveis e laudatórios ao Sistema Único de Saúde. Falei das *plateias ululantes*, como também as chamaria o mesmo Nelson Rodrigues, encontrando mais e mais argumentos para a defesa do sistema de saúde, mas ignorando um grande dilema: gente convencida das vantagens do SUS, falando para outras tantas pessoas que também acreditavam no mesmo. E ficava nisso... Uma espécie de casamento consanguíneo em que, como costuma acontecer em tais situações, o produto costuma ser estéril ou deformado.

E fui em frente: em relação ao progresso do SUS seria cada vez mais preciso buscar novos caminhos, romper com crenças e dogmas, mesmo com relação àquilo que já é (aparentemente) funcional. Sem dúvida um imenso dilema, até mesmo uma heresia em determinados ambientes, como no âmbito das religiões e de instituições partidárias, mas também entre a militância do SUS. O fato concreto era que muitos daqueles que insistiam em propor ou promover mudanças indesejadas costumavam ser rotulados de apóstatas, hereges, revisionistas ou até portadores de alguma doença infantil. Galileu que o dissesse.



A participação social em saúde, prevista na Constituição e detalhada, até certo ponto, na em lei orgânica (nº 8.142/90), foi para mim um verdadeiro produto de *salsicharia*, depois rebatizada de *controle social* num arroubo leninista de militantes. Isso certamente ainda seria um processo ainda em construção no Brasil, sobre o qual uma visão crítica deveria ser, não apenas acolhida, mas também promovida. Também neste campo seria necessário não só defender o SUS e seu conteúdo de participação e democratização, mas arejar o debate sobre o ele, questionando certas verdades estabelecidas, previsíveis e repetidas sem crítica. Tornar-se-ia bastante cabível, assim, especular sobre a validade e a consistência de alguns aspectos que vinham sendo erigidos como autênticos “pilares” da participação social, ou seja, a autorregulação, o poder deliberativo, a autonomia e a paridade dos Conselhos de Saúde. Para mim, desde então, nem tudo neste território é, de fato, o que parece ser, e que a mera vontade militante não seria forte o bastante para dar consistência à fluidez de alguns conceitos ou mesmo dar o sentido necessário ao que está disposto nas leis do País, mas não encontra guarida na realidade.

Na sequência, resolvi encarar os desafios aos sistemas de saúde no século XXI, alertando que não só as condições de saúde da população, bem como a qualidade e a pertinência daquilo que os sistemas de saúde oferecem neste campo, precisavam ser questionadas. Isso teria especial relevância, não só pela necessidade de se pensar a saúde como política de governo voltada para o bem-estar da coletividade, como também de buscar novos conceitos orientadores das práticas dos profissionais que trabalham no ofício do cuidado à saúde das pessoas. Assim, alguns temas despontaram (e continuam pungentes) como essenciais na agenda do século XXI para a saúde, entre eles as questões éticas e sociais, a relação profissional-paciente; os custos e os benefícios dos serviços de saúde; as prioridades a serem assumidas na assistência; a composição e a qualificação das equipes; as questões de quantidade e qualidade da prestação de serviços, além de outras.

Fiz também uma espécie de brincadeira com os membros de minha especialidade de Sanitarista, ao colocá-los em uma espécie de contradição, ou meio termo, entre o *Super-Homem* e *São Francisco de Assis*. Referia-se, na verdade, a um comentário encomendado a mim por uma revista, a respeito de um artigo de Gastão Wagner de Souza Campos, eminentemente sanitário, médico e escritor, além de notável liderança na área da saúde. Lembrei no texto um velho debate do campo da saúde coletiva, demarcando campos divergentes. De um lado, o território dos saberes e práticas de fundo positivista e instrumental, que chama para si o estatuto de saber exclusivo na explicação da saúde e da doença. De outro, os defensores de conhecimentos e práticas voltados para a emancipação humana. Ou seja, a visão dos economistas e dos políticos versus a dos intelectuais militantes. Uns atrelados ao aparelho de Estado, aos partidos políticos, às racionalidades técnicas; outros tendo nas pessoas – e com foco total nelas – seu objeto a ser convertido em sujeito. Missão de um super-homem arrogante? Ou de algum santo peregrino?

Meu hit verdadeiro foi um artigo que escrevi no alvor do novo século, publicado em revista séria, intitulado *Esculpindo o SUS a golpes de portaria*, ainda atual dez anos depois. Ouvi pelo menos uma pessoa notável dizer que a autoria da frase-título era dela, mas tudo bem – coisas do mundo da militância, em escassa comunhão comigo. Minha questão era: o SUS dispõe de um pedaço só seu na Constituição Federal de 1988, com nada menos que cinco artigos, algo inédito em toda a história da política de saúde no Brasil. Tem também duas leis orgânicas, que também colocam o nosso sistema de saúde em patamar exclusivo face às outras políticas. Suas leis ordinárias se contam, hoje, às dezenas. Como se todo este arcabouço não bastasse, existe ainda uma emissão copiosa de portarias do MS, centenas a cada ano. Isso parece ser congênito ao nosso sistema de saúde: já era assim desde os tempos do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e tem continuado pelas décadas afora. Questionei, em tal texto, se não existiriam maneiras mais dinâmicas, menos burocráticas, mais duradouras e

também mais compreensíveis de construir normas para a operação do SUS;

Na minha discussão recorri também a Luis de Camões, um de meus ídolos literários, citando um verso seu na *Lírica: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*. Tomei como exemplo a dengue, mas com certa generalização, procurei apresentar reflexões sobre as práticas de saúde, seja de natureza individual ou coletiva, assistencial ou educativa, voltadas para tais doenças, na tentativa de apreender alguns dos obstáculos que se antepõem às medidas de controle que impediriam o setor saúde de comemorar vitórias mais expressivas sobre elas. Insisti que embora pudesse parecer algo óbvio e mesmo redundante, não custaria nada insistir no caráter não estritamente técnico e sanitário das medidas que devem ser adotadas para o controle deste tipo de doença.

Descentralização na saúde: uma no cravo, outra na ferradura, foi o título um tanto jocoso de outra secção. Ao contrário, por exemplo, do conceito de democracia, propus que existiria de fato uma descentralização à brasileira, não propriamente no sentido conceitual, mas, com certeza, do ponto de vista operativo. Com efeito, o processo de descentralização de políticas públicas no País, particularmente na área da saúde, refletia desde muitos anos os contextos políticos e institucionais brasílicos, além de uma cultura e de uma história específica. Dois fatores, pelo menos, deveriam ser considerados na descentralização brasileira: a arraigada história de centralismo presente em nossas instituições, desde o período colonial, bem como o caráter altamente peculiar da federação nacional, com forte autonomia dos estados e dos municípios. O resultado é um processo cheio de conflitos e idas e vindas, justificando o dito popular que serve de título ao texto. É mais um fator que influi nos resultados ainda frágeis e de pouco reconhecimento social relativos à política de saúde implantada com a Constituição de 1988, à qual ainda *faltaria cumprir-se*, trazendo à luz outro poeta português, Fernando Pessoa.

Peguei pesado naquilo que foi o foco de minha área da tese de doutorado na Fiocruz, a Estratégia de Saúde da Família. E de cara fui colocando polêmica na fogueira: *flexibilizar sem perder a compostura*. É que ter compostura, para os militantes de tal estratégia, não poderia envolver qualquer tipo flexibilização de tal programa, embora posteriormente tenham se acalmado. E ataquei assim a rigidez estrutural da estratégia de tal programa precisava urgentemente superar sua fase heroica de implantação, durante a qual ela talvez tenha sido necessária. A própria criatividade dos gestores da saúde já vinha propondo inúmeras alternativas, configurando-se, assim, no País-real, não “o” PSF (único), mas muitos e variados PSF. O grande problema, porém, era que tais variações nem sempre se estabeleciam de forma consequente ou regulada. Mas certamente seria preciso mais ousadia, criando mecanismos flexibilizadores – que frequentemente causavam horror aos puristas – mas que na verdade poderiam representar a salvação de tal estratégia, mais do que sua extinção, com as devidas precauções e salvaguardas. Dessa vez a história me deu razão, embora isso não tenha feito com que eu adentrasse nas narrativas oficiais.

O SUS, entre o sonhado, o real e o possível

Em maio de 2017, já não me lembro através da indicação de quem, fui convidado a falar em um evento do Sindicato dos Bancários do DF, cujo tema era saúde e mais especificamente o SUS. Na verdade, me preparei para uma plateia que certamente aspirava, mais do que o SUS, o acesso aos planos de saúde privados, nem cenário dominado, no principal banco do país, o Banco do Brasil, pela prestação de serviços de saúde através de uma fundação privada, a CASSI, custeada historicamente por um misto de dinheiro do próprio banco e dos funcionários. Àquela altura dos acontecimentos, contudo, o financiamento era só destes últimos e isso também me indicava qual seria outra tônica do evento, qual seja o desejo de

participação patronal no custeio dos tais planos. Dito e feito, mas em ambiente de tantas contradições, penso que dei o meu recado.

Pelo menos em uma coisa devo ter me saído bem, pois o sujeito que me antecedeu na palestra, um economista do IPEA, ligado fortemente a correntes de esquerda, possivelmente à esquerda mesmo do próprio PT, já abriu sua fala dizendo que sua abordagem era para um sistema de saúde para trabalhadores “dentro do contexto do socialismo”, ou seja, um verdadeiro “SUS sonhado” e mais do que isso, um “modo de produção” igualmente sonhado. De minha parte, procurei ser mais modesto, falando de um SUS apenas “possível”, o que implicaria em reformas do sistema tal qual era operante e no qual qualquer desembolso de dinheiro público para cobrir despesas privadas com saúde não seria desejável.

Nada como se ater à realidade, embora a plateia me parecesse um tanto indiferente, seja a mim ou a ele, talvez porque aspirassem, de fato, outro tipo de proposta.

Comecei pegando leve, dizendo que era preciso distinguir e qualificar a diferença entre o que foi *sonhado* generosamente, aliás, pelos formuladores da reforma sanitária dos anos 80, daquilo que foi *concebido* mediante associação com outros atores políticos na sequência, em ambiente marcado por alguns “pecados originais”, cabendo diferenciar as coisas, principalmente quanto ao ente efetivamente construído nas quase três décadas de existência do sistema, malgrado muitos (entre os quais me incluo): o SUS *real*.

Assim, introduzi, de leve, a proposta de uma *SUS possível*, lembrando que alguns certamente quisessem a volta do sonho, enquanto outros desejassem simplesmente passar uma *caterpillar* no que foi construído penosamente. E fui em frente, discriminando a *realidade* do SUS que temos no país, sem esquecer que alguns de suas dificuldades, tais como ineficiência, ineficácia, além de, essencialmente falta de capacidade de reação frente às mudanças epidemiológicas, demográficas, políticas e culturais pelas quais passa a sociedade brasileira. Não deixei de lado, também, um *SUS*

que deu certo, apregoado exaustivamente pelos militantes, de cuja existência não duvidava, mas não sem antes convir que ele apenas corresponderia a *ilhas* de acerto e sucesso que não chegam a formar *arquipélagos* e muito menos se juntar na formação de um *continente*. Apontei que aquele *SUS real* tinha se convertido em verdadeiro *Reino do Mais do Mesmo*, no qual as regras de negócio são feitas a *golpes de portaria* pelos burocratas do Ministério da Saúde e de outras instâncias, muitas vezes ao arrepio das maravilhosas intenções oníricas e desejosas de seus formuladores, nos heroicos anos de resistência.

E dentro de tal modelo *real*, porém diferente daquele *sonhado*, problemas que se somavam aos já citados não eram poucos, por exemplo, o fato de que não se protegia os mais pobres, como a militância insistia em acreditar. Os pobres, com efeito, estavam nas filas, nas listas de espera, nos leitos de corredores. Já os mais bem aquinhoados pagavam por planos de saúde, que mesmo sem serem totalmente dignos, lhes oferecem condições bem melhores de atenção. E o pior: quando é o caso de procedimentos de alto custo, emergenciais ou de alta complexidade, aí fala mais alto a lei do *sabe com quem está falando?* Como dizia o saudoso Adib Jatene: *o maior problema de se ser pobre é só ter amigo pobre* – coisa que na saúde se demonstra à exaustão. Somam-se a isso as variadas barreiras normativas, burocráticas, políticas, corporativas, além de (não nos esqueçamos) culturais, que espalham obstáculos em ambos os lados dos guichês, mesas e mesinhas de atendimento ao público.

Assim, aquele *SUS para todos* que os precursores um dia sonharam, acaba sendo realidade apenas para os mais ricos, quando necessitam de cuidados mais sofisticados, como, aliás, acontece em outras políticas públicas. E no que o SUS não oferece diretamente, a *judicialização* dá seu jeito...

Ao fim e ao cabo, aquelas dignas ideias relativas a *direito de todos, unidade, descentralização, participação, responsabilidade do Estado, determinação social*, além de outras, continuavam válidas, mas aquele *sonho de uma noite de verão* nos idos dos anos 80, embo-

ra legítimo, não conseguiu ser realizado como fato concreto, mas apenas como direito formal. Como diria Fernando Pessoa: *falta cumprir-se* o SUS. Tudo isso, para mim, reforçava a necessidade de não só se rejeitar o *SUS real*, mas também as propostas sonhadoras e de pensamento desejoso que o querem fazer *renascer* (ou ser *reinventado*). Ou, como talvez prosperasse a ideia naquele ambiente, deixá-lo apenas para os mais pobres.

Propus, então, analisar outro projeto, o de um *SUS possível*, face à conjuntura atual e de futuro não muito imediato, em honra daqueles cidadãos que já não suportam mais a amarga *realidade* que lhes é impingida cotidianamente nos hospitais, nas emergências e nas unidades públicas de maneira geral, quase sempre longe daquelas supostas *ilhas de excelência* que nunca são alcançadas.

Mas primeiramente, lembrei, era preciso dar um *adeus às ilusões*, entre as quais enumerei: a crença de que seria possível dar *tudo para todos*; a de que todo poder deve ser atribuído aos municípios em matéria de saúde; a do enganoso *controle social*, que se realiza mais *sobre* a sociedade do que *a partir* dela; a certeza de que existiria profunda *maldade* na ação do setor privado e que sua incompatibilidade com o sistema público é total e inerente a ele; a crença de que dinheiro é feito de látex e que, assim, os orçamentos públicos são sempre uma questão de decisão política que escapa à lógica aritmética e, finalmente, que seria sempre necessário *cumprir a lei* (não que isso seja desnecessário), mas muitas vezes o mais importante seria anular e recriar dispositivos que redundam apenas em technicalidades e bijuterias jurídicas, dando alguns exemplos disso.

Aí, aproveitando que a plateia parecia começar a se mexer, emendei: que o foco real de tal *SUS possível e desejável* seja realmente colocado sobre *os mais pobres, carecendo*, para tanto, de uma *concertação* com atores sociais diversos, particularmente Ministério Público, Judiciário e Sindicatos, dentro de uma palavra de ordem (se é que alguém dá ordens a tais personagens...): *não aos preconceitos e sim às evidências*.

Concluí com a proposta de um novo desenho para o SUS, que explicito em seus itens principais na seção abaixo. Então, a campanha soou, eu agradei e esperei o céu desabar sobre minha cabeça. Mas todo o debate girou em torno da reivindicação de cobertura patronal aos planos de saúde, com o SUS praticamente ausente das conversas.

Isso representa bem um resumo do estado da arte do que o pobre do SUS enfrenta nos dias de hoje. Os sindicalistas foram, no início, um dos esteios do SUS. Hoje querem coisa bem diversa.

Um decálogo de apostasias sobre o SUS

Aqui, em síntese, trago aos leitores algumas ideias com que me entretive ao longo dos anos, tendo como foco o nosso sistema de saúde. Na palestra aos bancários narrada acima, falei de algumas delas. Mas tem mais na sacola. Algumas dessas propostas, por sinal, bastante rejeitadas; outras tratadas com indiferença e uma parte, bem ou mal, em vias de incorporação pelos agentes da política ou gestão do sistema.

Assim, vamos lá:

1. É preciso abandonar aquele “sonho” chamado SUS e ao mesmo tempo rejeitar o SUS “real” para buscar um SUS “possível”; aquela visão onírica e triunfalista, aquele pensamento desejoso, próprios dos militantes, só tem levado a impasses em relação à saúde no Brasil – é preciso pensar com realismo!
2. O SUS não é fruto de movimentos sociais – seria bom que o fosse – mas sim de um grupo de intelectuais, acadêmicos, sindicalistas e atores políticos influentes no período de redemocratização do país, grupo este que, aliás, perdeu influência no cenário nacional.

3. A unanimidade é prejudicial à Saúde; o excesso de consenso entre os defensores tem impedido o SUS de avançar, com eventuais ideias de reforma sendo combatidas com vigoroso preconceito – é preciso arejar o debate, buscando e aprofundando ideias novas de fato.
4. O SUS é um produto típico dos anos anteriores à década de 80 e desde então muita coisa mudou no Brasil e no Mundo, de tal forma que o nosso sistema de saúde deve ser ressignificado e reestruturado à luz de novos conhecimentos e informações, epidemiológicos, demográficos, econômicos, políticos e culturais.
5. Ousadia de cumprir as Leis? Melhor seria exercermos a ousadia e arregimentar energias com a mudança nas leis que não colaram e que impedem as políticas públicas, entre elas o SUS, de avançar.
6. A “igualdade” do direito ao acesso para ricos e pobres é falsa e prejudica estes últimos; os ricos sempre têm mais chance de abocanhar o que oferecem as políticas públicas, pois “pobre só tem amigo pobre”, enquanto os ricos usufruem de uma extensa rede de contatos e influências, que lhes abrem portas em toda parte.
7. “Sistemas de saúde com foco nos mais pobres são também pobres” é dito comum entre os militantes pró SUS, mas gostaria de saber se realmente existe alguma confirmação científica para esta afirmativa genérica.
8. Sistemas de saúde que se prezem devem oferecer *tudo para todos*, esta é a base do SUS. Em que país do mundo isso foi alcançado?
9. No SUS, “a municipalização é o caminho”. Isso significa que São Paulo, a capital, e um minúsculo município dos confins da Amazônia devem ser tratados de igual forma? Não! São Paulo e os as cidades maiores devem ter muito mais autonomia para resolver seus problemas; os menores e mais pobres devem ter sua autonomia relativizada, para não serem obrigados a assumir todo o

ônus de oferecer saúde a seus habitantes. E o financiamento dos níveis centrais de governo (União e Estados) deve estar atento a tais diferenças.

10. Os Conselhos de Saúde devem ser deliberativos, assim está escrito na Lei; mas quem paga judicialmente por deliberações equivocadas é o Prefeito ou o Secretário Municipal e não o Conselho ou seus conselheiros. Simples assim.

Revisionista, eu? Pode ser que sim. Admito. Mas prefiro assim *do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*.

VIAJANDO

Viajar é bom?

Durante um pedaço de minha vida achei que eu não gostava de viajar. Hoje vejo que me enganei, ou, pelo menos, passei a ver que as viagens podem ser boas ou más, dependendo de alguns fatores. Começando pela negativa, devo dizer que aquela história de viajar por viajar, visitando uma sequência alucinada de países, cidades, monumentos, museus, vales, montanhas etc, tirar um monte de fotos e depois mostrá-las alegremente para os amigos, decididamente nunca foi a minha praia. Aliás, na minha preferência, melhor que nem haja praia em eventuais viagens.

As pessoas a que me refiro na descrição acima me lembram aqueles caçadores (ou quem sabe, jagunços) que fazem uma marca na carabina a cada presa que abatem. Conheci recentemente uma dessas figuras, que fez um périplo por uma dúzia de parques selvagens na África e não foi capaz de me dizer em quais países exatamente esteve, da língua se falava em cada um deles, de como se dava a vida dos nativos ali, de qual era a religião dominante etc. Mas

contabilizava com total precisão números de parques, girafas, leões e rinocerontes que foram avistados, além de documentar isso esrupulosamente em centenas de fotos (as quais, felizmente, não fui convidado a apreciar). Com isso, posso dizer com certeza: eis aí um tipo de viagem que não gostaria de fazer ou acompanhar alguém.

Para não ficar apenas nos aspectos negativos, é bem verdade consegui, mais tarde, definir o tipo de viagem que gosto de fazer. E posso falar disso com bastante certeza, porque tive a oportunidade de fazer algumas de tal naipe. O primeiro aspecto que caracteriza minha preferência é ter uma boa companhia. E depois disso, andar com calma e poder parar em recantos interessantes; saber como a gente local vive; conversar com as pessoas; observar a natureza; experimentar a comida que ali se come e a cachaça que se produz; tomar uma cerveja na porta de alguma venda – coisas assim. E nunca – nunquinha! – ser obrigado a atender à convocação de algum guia turístico sobre a premência da hora de embarcar para observar (e fotografar...), este ou aquele monumento enquanto ainda é dia. Cruzes! Afasta! Tô fora!

E foi munido desses princípios que, creio, aprendi a viajar. Ou, pelo menos, parei de rejeitar liminarmente o convite ou a simples menção a viagens. E tomei gosto por registrá-las também, não em sequências infundáveis de fotos, mas principalmente na elaboração de pequenos textos, que sempre me trazem de volta o que vi, de maneira ainda mais fiel do que as fotografias são capazes de operar.

Desde então tenho feito viagens que realmente me fizeram muito bem. Trago aqui alguns relatos delas, que tenho dado à luz em meu blog ou mesmo em folhetos que envio à família e alguns amigos. As duas primeiras de tal série são especiais, além de recentes, mas uma não tem nada ver, diretamente, com a outra. Mas, na verdade, existe umnexo, pois elas representam a descoberta de um jeito gostoso, e também produtivo, de viajar e foi assim que descobri em mim um viajante apaixonado e ativo, não alguém que apenas se deixa levar. Em boas viagens como estas tudo começa antes, com o planejamento de rotas, de maneira independente de agências de

turismo, obedecendo diretamente ao gosto de quem vai partir e não a esquemas pré-estabelecidos ou a roteiros “top”. E se começa antes, ainda traz a vantagem de terminar depois, não com sessões de fotos que acabam massacrando paciências, mas com lembranças que são convocadas de volta, com intensidade, através da escrita e da leitura.

Mas não é só. Devem ser viagens feitas com calma e profundidade. Nisso incluo também a etapa preparatória, com alguma pesquisa em livros de história, geografia ou mesmo romances. Em Portugal, a *Viagem* de Saramago me foi de grande valia e para o Norte de Minas, nada como Guimarães Rosa. E tais atos perpassam toda a viagem, pois se pode levar o material bibliográfico ou mesmo fazer consultas na internet a respeito do que se está vendo, mas com a certeza que tudo ali é fruto de interesse real de nossa parte, não de algo que vem de fora, na base da “sovela”, como diria minha mãe. Assim, a viagem ganha duração e profundidade. Fazemos uma viagem dentro e em volta da outra, numa espécie *hiperviagem* permanente.

E tem mais, algo que fica por último, mas é por demais importante: as companhias que se tem. Aliás, só tem uma coisa pior do que viajar sozinho: é viajar em companhia desagradável. Nestas duas jornadas pude contar com a presença alegre, inteligente e participativa de Carmen, em Portugal, além dela e mais duas amigas no roteiro são-franciscano. Carmen e eu, por falar nisso, já não somos o que éramos naquelas duas ocasiões: quase marido e mulher. Mas penso que agora somos mais do que isso, nós nos tornamos em amigos, simplesmente, como diz a canção, mas de uma variedade não menos amorosa, além de intensa, solidária e cúmplice. O que mais se pode querer?

Comecemos pelo texto em que narro uma parte de minha viagem a Portugal, em abril de 2015. Escrevi páginas bem mais longas sobre

tal roteiro, mas para ilustrar os conceitos que acabei de expor, este fragmento já é o bastante.

Entre a espada e a cruz

Para sair de Lisboa há um dilema a ser resolvido: qual estrada tomar? Sim, porque há sempre mais de uma opção. Em geral, existem grandes rodovias, padrão ‘União Europeia’, com largas pistas de rolamento, muito bem conservadas, sinalizadas, limpas e... submetidas a *portagem*, ou seja, pagas – em Euros! Porém, o ideal é ir pelas vias colaterais, nem sempre com acesso bem sinalizado, também de boa qualidade, embora bem mais estreitas. Mas é através delas que se pode encontrar o País profundo, aquele a que talvez ainda “falta cumprir-se”, conforme quis Fernando Pessoa, mas que é mais interessante de se ver, estar e *saborear*.

Mas desta vez saímos pela via indicada pelas placas, após pegarmos o carro alugado no aeroporto, um Peugeot diesel (gasóleo, lá) *up-to-date*. E fomos pelo trecho de pedágio mesmo, padrão *autobahn*, afinal estávamos na União Europeia.

É de manhã, hora de as pessoas irem para o trabalho. Seja no fluxo ou no contrafluxo de veículos, tudo tranquilo. Um *comboio* moderno, veloz e colorido, às vezes visto ao longe, nos indica a razão de tanta placidez.

Passada a “mancha urbana” de Lisboa, mancha limpa, humanizada e bem urbanizada, diga-se de passagem, chega-se finalmente a um ambiente mais rural. Não é uma região de vinícolas ou outras plantações, ou mesmo de fazendas de gado. O que domina a paisagem são os enormes “ventiladores” das usinas eólicas, que se contam às centenas, geralmente no alto das colinas. Aqui e ali, capões de eucalipto, mas bem mais modestos do que as imensas e monótonas florestas da mesma espécie que se veem no Brasil.

As usinas eólicas, para os mais puristas, talvez maculem a paisagem. Mas como tais moinhos são novidade para nós, achamos que até acrescentam valor ao cenário, sendo tão enxutos no *design* e suaves em seu movimento. Um Dom Quixote, ressuscitado aqui, ficaria certamente abismado com a dimensão de tais gigantes. A proximidade com o litoral faz com que sua matéria prima, o vento, não falte. Finalmente a ideia de um “armazém de vento” parece fazer sentido, não é dona Dilma?

O que se vê no entorno de tal autopista é dominado pela contemporaneidade. Nem se pode imaginar que chegaremos, em breve, ao epicentro de uma zona de fortificações, igrejas, mosteiros e aldeias históricas, alguns com mais de mil anos de idade. Presentes até agora como obra humana, além das usinas eólicas, estão casas esparsas, convencionalmente modernas e também uma ou outra vila dormitório, com boas casas e prédios de apartamentos, tudo bem decente e sempre com a pintura branca predominante. Pequenas propriedades, bem cercadas, mostram geralmente pomares com hortas e fruteiras variadas, entre elas videiras, figueiras e outras frutas de clima temperado. Tudo muito bem cuidado, dentro de um traçado, por assim dizer, minimalista. Eis que tudo é minifúndio aqui.

As placas já avisam sobre a chegada a Óbidos, mas parece incrível que uma fortaleza medieval possa se fazer presente dentro de um cenário tão convencional. Começamos a procurar, à frente, a presença da velha cidade, até que em um morrinho, mais adiante, nos pareceu avistar a linha recortada por seteiras de uma típica muralha. Mais uma curva e a vemos melhor, do lado esquerdo, recortada contra um céu azul imaculado. Agora, no alto de um pequeno morro, a muralha mostra-se por inteiro, acompanhando a lombada da colina. Muito mouro e espanhol passando por aqui deve ter pensado duas vezes e relutado antes de enfrentar as alabardas e as balestras lusas...

Chegar a Óbidos numa manhã de primavera não tem preço... A emoção, para nós, foi tanta, que resolvemos adentrar à muralha sem pressa, como quem saboreia a ocasião, passo a passo. Começa-

mos com um brinde de Villa Ruiva, bom vinho alentejano, à sombra da azinheira que ladeia o estacionamento externo. Um bom queijo português da Estrela, com o pão bem “socado” que se compra em qualquer padaria, mais uma fatia de bom chouriço (que lá não é feito de sangue, mas sim de carne condimentada), completa o banquete. Melhor do que isso só estar lá dentro. É o que faremos em poucos minutos.

É forçoso não economizar no uso de adjetivos para falar de Óbidos. Ela é esplêndida! Rodeando a muralha por fora, estamos em uma pequena rua de casas modestas, mas muito agradáveis à vista, com o estranho e indefectível festival de varais de roupas coloridas. Residências em que o outro lado da rua é tão somente a grande muralha de pedra, nada mais. Passado o pórtico, um recesso com um grande painel de azulejos se apresenta, bem português. E vamos adiante percorrer as vielas de Óbidos, a Anciã, com suas duas ou três ruas longitudinais e diversos becos transversais. E casas bem sólidas, sem deixarem a modéstia de lado, quase sempre com pintura imaculadamente branca e barrados, cantoneiras, portas e janelas em azul ou amarelo. Poucas igrejas, talvez duas ou três, não mais. Para as rezas em favor d’El Rey e para proteção divina contra mouros e castelhanos já seria o bastante.

As ruazinhas fervilham, pelo menos nesta época do ano. As cabeças louras e ruivas, o porte avantajado das pessoas, já mostram que os que provêm do Norte da Europa adoram isso aqui. Bares, cafés, pequenos restaurantes, em profusão. Lojas de souvenirs dominadas pelos indianos ou orientais, como no resto do país. Ouve-se pouco o português por aqui... Os letreiros das lojas invariavelmente bi ou até trilingues.

Parar num banco de pedra, em frente a uma das igrejas, para contemplar o conjunto, não importa o ângulo, eis o que importa. Uma dama se aproxima e puxa conversa. Pequeninha, com seu xale, aventalzinho de sala e sacolinha de feira ao braço, vai às compras, certamente. Gosta de saber que somos brasileiros e ao perguntar o nome de minha companheira, cita imediatamente a compatrio-

ta Carmen Miranda. Seu nome, perguntamos logo, é Clarinha ou, tentando imitá-la no modo lusitano de falar: *Cl’rinha*. Deseja que tenhamos sorte e a muito amor na vida – se despede com um beijinho. Uma furtiva lágrima me escapa e nem tento disfarçar. Isso é que é ser bem recebido em terra (nem tanto) *estrangeira*.

Não é possível falar de Óbidos sem incluir suas floradas. Boa época para se estar lá é a primavera. Por todo lado as glicínias, lilases, em diferentes tons, escalando as fachadas brancas. E que perfume suave e ubíquo! E outras, muitas outras plantas florais, também, que me é impossível declinar o nome, por me falecer conhecimento em botânica. Noto uma especial, hábil na escalada de muros, creio que um tipo de buganvília bem robusta, quase suculenta, ainda sem flor, mas mostrando os botões prestes a romper. Sobre um muro antigo, de pedra, um gato majestático, encimando um pedestal nodoso de glicínias, fita além muralha, dono de si mesmo.

Um banheiro razoavelmente limpo, destinado aos passantes e turistas, nos oferece o conforto necessário para prosseguir a viagem, não sem antes confirmar que aqui o visitante recebe atenção especial, mesmo se apenas em um detalhe como esse. E vamos em frente, rumo a Alcobaça.

Para ir a Alcobaça é preciso certa objetividade, além de uma aposta na sorte, pois os mapas mostram alternativas viárias e turísticas múltiplas no caminho, tais como as passagens por Caldas da Rainha e Aljubarrota. Vamos passar ao largo das duas, mas sem deixar de saborear o sabor luso e árabe de seus nomes. A rota é curta, desta vez, apenas meia centena de quilômetros. Mas desta vez vamos pelo caminho do Portugal profundo, já que tivemos a sorte de encontrá-lo desta feita. E ele é um tanto radical, quase deserto, sem grande sinalização e mesmo com alguns buracos na pista.

A chegada a Alcobaça já nos mostra algo que se repetirá em outras cidades do trajeto. Entra-se por uma via ampla e moderna, se atravessa conjuntos habitacionais e casas bem construídas e modernas de classe média, sem se dar conta de onde estaria realmente o que

nos trouxe até aqui. Aqueles mil e mais anos de história, a princípio, parece que repousam apenas dentro de algum museu.

Mas o centro histórico legítimo (e vivo) acaba aparecendo. Em Alcobaca ele surge de repente, depois de uma reles esquina... Uma grande praça, sem jardins, mas apenas um paço de terra batida, algumas árvores gigantescas, caminhos calçados em pedregulhos cúbicos de cores diferentes, bem portugueses. E ladeando tudo isso o grande Mosteiro, com sua Igreja enorme. Aqui, todo aumentativo é pouco...

Primeiro a Igreja, magna. Lê-se nos guias que ela se filia ao modelo cisterciense de arquitetura, que prima pela sobriedade e austeridade. Sóbria sem dúvida, mas ser austera não parece ter sido a decisão dominante ao se levantar suas colunas, de mais de trinta metros, em pedra cinza e polida, fechando em ogivas monumentais, para a maior glória de Deus Pai. O modo cisterciense não admite ornamentos, a não ser o arranjo básico, conferido pela própria pedra. Os autofalantes presos às colunas talvez nem fossem necessários, pois mesmo sem eles, quem estivesse nas últimas fileiras, ao longo dos séculos, poderia ouvir muito bem a homilia. E tais artefatos meio que conspurcam a lógica da sobriedade cisterciense.

Na grande igreja se faz mister conhecer o túmulo de Inês de Castro e seu consorte Pedro, talhado em mármore branco, de tal modo que o cinzel do artista parece ter antes tecido do que cortado a pedra, em verdadeiras filigranas. Melhor seria apreciar com calma, mas certamente alguém por detrás se sentirá incomodado por não poder fazê-lo também, além de querer bater uma foto. Pedro e Inês, com o círculo permanente de visitas curiosas em volta deles, são como a Mona Lisa aqui. Detalhe especial do túmulo, embora um tanto mórbido, são as cenas da punição dos assassinos de Inês, aos quais é retirada a pele, ainda vivos, como se a desvesti-los dos pés à cabeça.

Uma pausa para se tomar uma mini cerveja Port e degustar uma dose de bagaceira, tendo como tira gosto o pão português com

chouriço. A tasca fica bem em frente ao Mosteiro, do outro lado da grande e praça e é o que poderia ser chamada de autêntico *pé sujo*. Suas paredes cobertas de posters de touradas e futebol anunciam ambiente certamente acolhedor, desde que não nos preocupemos com o odor característico que vem da porta dos fundos. Botequim que se preze...

A Igreja é só o começo. Por uma passagem lateral se entra no mosteiro. Aqui, com certeza, a sobriedade não reina e a austeridade, pelo menos no sentido econômico, passou longe. São centenas de metros quadrados de salas, salões, saletas, salinhas, quartos, recesso, alcovas, capelas, oratórios, vestíbulos, jardins, repuxos, caramanchões. E quando a gente pensa que já acabou, tudo começa de novo. É impossível uma descrição minimamente coerente e fidedigna. Só mesmo um Saramago... Mas destaque especial fica com a espetacular cozinha térrea, onde se preparava comida para centenas de glutões, além de um vasto dormitório em arcadas, no andar de cima.

A tal cozinha, também em arcadas, é toda revestida de pedra branca e polida, como se fosse para evitar o acúmulo de gordura. Mas possivelmente o que vemos lá hoje deve ser resultado de uma limpeza em regra, bem mais recente. Aliás, há séculos que talvez não se cozinhe nada ali. O vasto fogão, de chão, encimado por uma cúpula quadrada, de no mínimo quatro metros de lado, converge o calor e a fumaça para uma chaminé, também portentosa. As cubas de pedra, amplas e profundas, para lavar alimentos e vasilhas, são como banheiras. As mesas de preparo, nos cantos, são ladeadas por azulejos de pura cepa. Tudo é exageradamente monumental, ora pois.

O dormitório no andar de cima tem o teto em arcadas de pedras justapostas, com a simetria e a perfeição de um traçado por computador, não me surge outra imagem. Escher deve ter se inspirado ali em seus desenhos de construções que se interpenetram. Uma coisa é certa, quem dormia aqui deve ter penado com o frio – ou com o calor – dependendo da estação. A pedra nua, afinal, não deve ser muito acolhedora.

O Mosteiro ainda nos oferecerá outra surpresa, que já se fizera ouvir desde a entrada no prédio. Vozes angelicais cantavam música barroca em algum lugar. Logo vimos de onde vinha e quem a produzia: dois cantores, um português e um brasileiro, especialistas no modo *castrati* de cantar ali faziam uma audição, ao tempo que vendiam seu CD para os visitantes. Logo compramos um. O *back* instrumental, embora autêntico, era gravado em computador, mas mesmo assim foi um belo espetáculo. Aquele *Lascia qu'io pianga*, de Haendel foi realmente inesquecível e fechou com chave de ouro nossa passagem por Alcobaça.

Próxima passagem, Batalha. Aqui a cruz cede lugar à espada? Nem tanto... O grande mosteiro foi mandado construir por D. João I, em agradecimento à Virgem, pela vitória lusa na Batalha de Aljubarrota, contra os castelhanos. Foram quase 150 anos de obras, deixadas ao final sem acabar. Estamos em uma cidade simpática e moderna, cuja grande atração foi e continua sendo o Mosteiro e a Igreja correspondente – e nada mais. A construção, mais uma vez, é monumental, para não dizer megalomaniaca. É toda feita em pedra calcária avermelhada, bastante oxidada pelo tempo, o que lhe dá um tom escuro e sombrio. Nada de sobriedade ou de austeridade. É tudo *over*... A igreja é magnífica, com seus pilares de pedra lembrando um pouco os de Alcobaça, mas diferenciando-se de lá pelos adereços barrocos. Os vitrais são de arrepiar, projetando no chão as cores de seus vidros, nos quais os verdes, azuis e vermelhos são especialmente fúlgidos. A maior atração é a “capela imperfeita”, na verdade inacabada, em círculo, com recessos para altares em diferentes estilos de verdadeiros bordados em pedra ou estuque.

Valeu a pena ter passado por aqui, mas Tomar nos espera.

Tomar é mais uma cidade agradável, limpa, rodeada por uma periferia dignamente moderna. A cidade é dominada por um morro e, no alto dele, o impressionante Mosteiro de Cristo. Ao pé dele, o centro histórico, com ruas estreitas e muito bem cuidadas. Tivemos a sorte de nos hospedar em um dos casarões do centro, o Residencial União, em quarto com varanda, da qual pudemos contemplar a rua

tranquila e silenciosa durante a noite, embora de dia fosse repleta de lojas e estabelecimentos diversos.

O Mosteiro merece boas horas de visita. Ele remonta ao século XII erguido pelos cavaleiros templários da Ordem de Cristo, com modificações realizadas ao longo dos séculos que se sucederam. O poder da tal Ordem é mostrado não só na igreja como também nos numerosos claustros, com os ricos floreados manuelinos, cujo maior destaque para uma janela na fachada traseira. Mas tal janela, dita “Manuelina”, o que menos faz é ser janela, pois nela os adereços praticamente vedam a função para a qual foi projetada, ou seja, deixar passar luz e ventilação. Mas confesso que o que mais me impressionou em tal construção foi o forno de pão, no andar térreo, uma verdadeira caverna de pedra e tijolos de barro, onde quantidades pantagruélicas de pães e broas devem ter sido preparadas, para o ilustre e sagrado apetite dos cavaleiros templários. De fato, meu interesse por cozinhas e anexos é bem marcante, talvez mais do que por igrejas e janelas...

Vejo nas enciclopédias que o Mosteiro de Cristo representa uma arquitetura que partilha traços românicos, góticos, manuelinos, renascentistas, maneiristas e barrocos. Isso aprendi em leituras posteriores, claro. Mas de qualauer forma, que exagero!

Antes que me esqueça: para visitar o grande Mosteiro de Tomar, o melhor caminho é a graciosa estradinha, usada só por pedestres, que nos conduz do vale, onde está a cidade, até o alto do morro. Imperdível.

Antes de tomar o rumo para outras paragens, deixando a gentil cidade de Tomar para trás, algumas considerações sobre esta etapa a que chamo de “Roteiro de Cruz e Espada”, por razões relativamente óbvias.

A primeira impressão, que vai se confirmar ao longo de toda a viagem, é a confirmação da injustiça que se comete historicamente no Brasil, de se considerar Portugal um país pobre e atrasado – e o que pior, habitado por gente pouco inteligente. Temos que pensar

duas vezes antes de falar mal de Portugal – e guardar silêncio! Este aqui, acima de tudo, é um país simpático e acolhedor, com a história e a tradição nos espreitando em cada esquina e de cada gelosia. Andar por essas freguesias é receber uma aula permanente sobre a civilização do Ocidente, com muitos de seus percalços, delírios e crueldades, mas com todos os seus acertos. Nunca se deve esquecer que este país gerou um Camões, um Saramago, um Fernando Pessoa, um Eça de Queiroz, um Antonio Vieira (em relação a este último, pelo menos, o Brasil é sócio).

Deriva daí um impraticável lugar comum, mas que vale pelo apelo simbólico: todo brasileiro, pelo menos uma vez na vida, deveria vir aqui...

Outro lugar comum seria dizer que em Portugal o turismo é levado a sério. Certamente o é, mas este país tem muito mais a oferecer do que excursões em *sightseeing*. Os muitos *gajos* e *gajas* compridões louros e ruivos bem o sabem. E tenho certeza que não vêm aqui apenas porque os custos são menores do que no resto da Europa. Também no turismo as lições que Portugal pode oferecer ao Brasil são inumeráveis. Um dia, quem sabe, nosso país não faltará “cumprir-se” em tal quesito.

Mesmo na era salazarista e antes dela, Portugal já possuía uma tradição de arquitetura e urbanismo. Lisboa é cheia de construções impressionantes, que se afastam totalmente do padrão “espelhado” de arranha céus *made in USA* e reproduzido aleatoriamente *all around*. Nessa primeira parte da jornada a monumentalidade moderna não se mostra – e talvez nem esteja presente de fato. Mas em compensação, algumas *finesses* de gestão urbana impressionam muito. Por exemplo, o capricho na revitalização de vias e calçadas nos centros históricos. Nisso se faz tudo com pedras: desenhos diversos e mandalas, com alternância de cores, texturas, formatos etc. Curioso perceber que entre rua e calçada não há mais o popular “meio fio”; elas aqui perfazem praticamente um mesmo plano, sem desnível. Sinal que os motoristas são respeitosos e os mais velhos, com dificuldades de escalar degraus, são respeitados. E as águas

de chuva correm sempre para um discreto sulco central, que não interfere com o trânsito nem de pedestres, nem de veículos.

Falta cumprir-se Portugal... Por quê? A tarefa é para historiadores, mas não custa nada arriscar um palpite. Visitar Tomar, Alcobaça e Batalha talvez nos ofereça uma explicação, que pode ser resumida como: o que faziam os povos do Norte da Europa enquanto ibéricos torravam fortunas na construção de mosteiros e igrejas? Weber trouxe a explicação, pelo menos a partir do século XVI, com os protestantes saxônicos liderando o advento do capitalismo mercantil, enquanto portugueses e espanhóis se empenhavam na Santa Inquisição e na velha promiscuidade entre Igreja e Estado. E deu no que deu...

Dilema para o qual não me arrisco a qualquer explicação é a atual tendência a refugar o espírito unionista europeu vigente em Portugal e Espanha, com a denúncia veemente da “austeridade”, que ali e agora tem outra conotação. Seria possível um bom caminho do meio, entre o Portugal de Salazar e do Império e a modernidade econômica e de proteção social que a União Europeia um dia prometeu às nações que a ela aderiram? Nesta era de xenofobia e *brexit* fica difícil fazer grandes prognósticos. Fica o sonho...

E fomos em frente, rumo ao Norte... E assim se deu com Carmen e eu, que em curtíssimos 15 dias estivemos em lugares tão distintos como Viseu, Coimbra, Lamego, Peso da Régua, Marco de Canavezes, Amarante, Guimarães, Braga, Ponte de Lima, Arcozelo, Ponte da Barca, Soajo, Lindoso, Vila Verde, Trancoso, Guarda, Manteigas, Covilhã, Estremoz, Evoramonte, Flor da Rosa, Marvão, Castelo de Vide, Évora, Reguengos de Monsaraz, Montemor, Vendas Novas, Vila Nova de Xira, Loures – para finalmente retornarmos a Lisboa. Além dos nomes citados acima, um adicional sem-número de vilas, aldeias e freguesias, e até mesmo “lugares”, assim tão simplesmente denominados, às vezes com pouco mais de uma dúzia de casas.

~

Pós-escrito indispensável: este relato é de 2015. Quando retornei a Portugal, em 2019, a referido questionamento à austeridade econômica estava, se não dominado, pelo menos sob controle, graças ao advento de um governo híbrido entre esquerda e centro-esquerda, que tinha tudo para dar errado, mas seguia em bom caminho, recebendo o gracioso nome de *Jeringonça*.

Do Planalto Central ao Sertão São-Franciscano

O rio São Francisco não banha Brasília. Nem passa perto. Mas nem por isso podemos considerá-lo como um estranho a nossa cidade.

Primeiro, porque se nos movermos umas poucas dezenas de quilômetros para o Leste, já estaremos em sua bacia. O município de Formosa, por exemplo, já é são-franciscano e, aliás, algumas das nascentes de um de seus afluentes mais conhecidos, o rio Urucuia, ficam ali. Esta cidade, como Brasília, fica em um *divortium aquorum* importante, só que Formosa na separação das águas do São Francisco e do Paranã, que é amazônico, enquanto o DF está a cavaleiro das bacias amazônica e platina. Isso pode parecer uma irrelevante curiosidade geográfica, mas me fascina particularmente.

Mas além da geografia, acho que não deixamos de ser caudatários do Velho Chico aqui no DF, só que agora em termos humanos e culturais, pois tem muita gente aqui que trouxe seus costumes, linguajar, culinária e tradições de vastas regiões banhadas pelo tal “Rio da Unidade Nacional”, seja em Minas Gerais, na Bahia, em Sergipe, Alagoas e Pernambuco, além de Goiás.

Que tal um passeio ao rio propriamente dito? Podemos escolher: por uma via convencional, toda asfaltada ou em um programa um pouco mais aventureiro?

Se a escolha é pela primeira opção, no rumo de MG, vai-se na BR-040 até o trevo de Pirapora, cidade na qual o grande rio pode ser atravessado, não sendo poucos os atrativos de tal caminho. Temos

aqui cerca de 500 km de estradas, pelo que sei, em boas condições. Ainda pelas vias asfaltadas, é possível andar um pouco mais e atravessá-lo em Ibotirama ou Bom Jesus da Lapa, na Bahia, distando cada uma delas cerca de 600 km de Brasília.

Mas a minha mais recente opção foi pelo caminho da aventura... Mas como verão, talvez os mais aventureiros até peçam mais.

Assim, a viagem começa exatamente por Formosa. Via BR-020, adentraremos no Vale do S. Francisco já nos altos que ficam uns dez km antes da cidade, logo após o ribeirão Pipiripau, que ainda faz parte da bacia do nosso rio, o São Bartolomeu. Aqui podemos ver os primeiros exemplares da *Acrocromia aculeata*, a conhecida macaúba, que é espécie constante em todo o vale são - franciscano, embora não seja endêmica dele. Vinte km adiante da antiga Formosa dos Couros vamos tomar, pela direita, a estrada para Cabeceiras, nome muito apropriado, aliás, que nos dirigirá a duas localidades com tal nome, uma ainda em Goiás, outra em Minas. Vamos prosseguir, sempre pelo asfalto, até Arinos e Urucuia, que distam deste entroncamento mais ou menos uns 100 e 140 km, respectivamente. Tal estrada, com as plantações de soja, eucaliptos e pastagens que a margeiam, pode parecer monótona e sem-graça à primeira vista. Mas é preciso prestar atenção nos detalhes. E eu chamaria atenção para dois pontos de destaque no trajeto: as *veredas* de buritis, embora um pouco devastadas atualmente pelo agronegócio e as chapadas que se sucedem a perder de vista, até que começaremos a descer daquela em que estamos. Aqui estamos em pleno *Gerais* (assim, no plural), na acepção que lhe deu Guimarães Rosa.

A descida para Arinos nos gratifica os olhos e é bom prestar atenção na mudança radical da natureza, entre o alto e a região mais baixa, com menos soja e eucaliptos, mas ainda com pastos, mas certamente detentora de um cerrado bem mais exuberante onde pontificam os baruzeiros, a sucupira-branca e os pequizeiros, além de esporádicas barrigudas.

E já estamos no Urucuia, rio de respeito, personagem do Grande Sertão: Veredas. Não precisa entrar em Arinos, que carece de maiores atrativos. Mas pelo menos vale a pena dar uma parada junto à ponte, para apreciar o caudal verde escuro e denso do Urucuia, embora barrento no tempo das chuvas, para saudá-lo e pedir passagem.

A estrada agora prosseguirá dentro de um cerrado ainda denso, embora previsivelmente rarefeito pelas pastagens em muitas partes. Mais adiante um trevo nos levará a Chapada Gaúcha e também a Januária, mas não é por aqui que iremos desta vez.

Meia palavra sobre a tal Chapada estrangeira... O lugar é território de sulistas imigrados nos anos setenta, dentro da estratégia do regime militar de ampliação de fronteira agrícola. Era um simples povoado e agora virou cidade, polo produtor de sementes de capim, não propriamente de soja ou cereais. Sua maior importância hoje, com todo o respeito pelas bombachas e tomadores de chimarrão que circulam por suas ruas, é ser a sede do Parque Nacional do Grande Sertão Veredas. Não é pouca coisa. Mas cuidado para o trator ou a colheitadeira não te atropelar, ok?

Estamos agora em Urucuia, que como sua vizinha Arinos não possui grandes atrativos. Há placas indicando balneários e campings junto ao rio que lhe está próximo. Mas não chegamos a conhecer tais paragens.

Agora, fim do asfalto, mas isso não deve ser motivo para preocupação. Salvo a poeira e as "costelas", além da lama em tempos de chuva, a estrada é transitável durante todo o ano, e não chega a ser totalmente deserta, embora não existam nela lugares confortáveis onde se possa parar para um café ou mesmo postos de gasolina. São 70 km até a chegada ao Rio, em um lugar apelidado graciosamente de "Pintópolis". Vê se pode...

Em tal caminho, levar um guia de plantas do cerrado, para os mais curiosos pelo menos, pode ser providencial. De passagem pude ver que os pequis e o baru são frequentes por ali. Mas o que mais

chama atenção, se você trafega no tempo da seca, são as primeiras manchas da "mata seca", uma das características das beiras deste Rio nesta região. A mata seca, também chamada de *caducifolia* perde todas as suas folhas no período do inverno seco da região, e se apresenta como uma mancha cinzenta-quase-azulada, que assusta um pouco pela aridez e aparente falta de vida. Depois de Montes Claros ela terá presença constante, mas aqui existem apenas pequenas manchas aleatórias.

Pintópolis, cidade de primeira. Se engatar a segunda marcha, já terá passado. Você nunca verá um Cristo Redentor feio e esquisito como aquele. Vamos em frente.

Já se percebe que estamos agora em uma planície bastante achata-da, com o cerrado agora mais exuberante. É que o grande rio está perto. Mas você só o verá quando chegar à barranca, pois o relevo muito plano não permite vislumbrar nada mais distante. E chegando à barranca vem o dilema: onde atravessá-lo? Sim, porque não há ponte – esqueci de informar...

Cabe então procurar o ponto onde a balsa está operando, que pode ser alguns km rio acima ou abaixo de onde estamos. É assim mesmo, ninguém manda no rio. E os balseiros têm que se virar para encontrar os "portos" mais acessíveis, porque aqui há carros pequenos, ônibus e até carretas a transpor o rio.

Mas você não se perderá, fique tranquilo: uma plaquinha modesta, mas bem esclarecedora, lhe indicará o caminho: *balça segui abaxo...*

A barranca é a desolação personificada. Meia dúzia de barracas toscas vendendo cerveja, cachaça e biscoitos industrializados, nada mais. Algumas não têm paredes, com apenas uma cobertura de sapé, rodeada de lona preta. Normal, pois com as mudanças de humor do Rio é preciso transferir o ponto de embarque e comércio várias vezes ao ano. Mesmo para fazer um xixi, a solução é o mato mesmo. As mulheres que se cuidem.

A travessia do rio. Chegamos ao ponto culminante da viagem ou tem mais pela frente? O rio agora certamente não é o mesmo de

tempos idos. Na época da seca, então, ele terá se retraído grandemente. Mas em compensação sua água azulada, seu correr macio, o reflexo do céu dentro dele, as margens em galeria, as aves aquáticas que voam e nadam em seu leito – não têm preço! Valeu a pena ter vindo até aqui. Espero que sua máquina tenha filme ou, pelo menos, seu celular disponha de boa bateria, para que você não deixe passar a oportunidade de fazer belas fotos.

E voltamos ao asfalto. Estamos na cidade de São Francisco e daqui se acessará toda a região do Norte de Minas, incluindo Montes Claros, Pirapora, Januária, São Romão, Manga, Montalvânia, Itacarambi e por aí vai – só para falar das mais importantes. A cidade é aprazível, arborizada e bem posicionada sobre o rio, com um comércio que impressiona. Finalmente se pode tomar um bom café e adquirir um pão feito na hora. Idem para um saque eventual na agência do Banco do Brasil. Quem sabe, até a compra de algum artesanato em palha ou barro, uma cachaça de fabrico local, um requeijão “moreno” e uma embalagem de castanhas de pequi se encontrará em seu mercado municipal? Se estiver com tempo, vale a pena dar uma espiada.

Seguindo em frente estaremos, em pouco mais de uma hora, na grande Montes Claros, capital sertaneja, terra do pequi, urbe de cultura própria. Sempre pelo asfalto, agora.

Montes Claros é uma cidade grande, com algumas centenas de milhares de habitantes. Meio feia, meio bonita; meio grande, meio pequena; meio pobre, meio rica. Ou talvez seja 75% pobre e 25% rica, se tanto. Foi sede de um grande projeto industrial nos anos 70, mas parece não ter sobrado muita coisa do paraíso de incentivos fiscais que foi criado ali, de cima para baixo, como era costume na época (e continua sendo...). O que de fato interessa nela, hoje, tem a ver com gastronomia, sem descuidar de uma cultura local expressiva, em termos literários, musicais, plásticos. Aqui nasceram (ou viveram) Darci Ribeiro, Yara Tupinambá (grande artista plástica mineira), Godofredo Guedes, pai de Beto Guedes, grande músico e

muitos outros. Tem um bom punhado de políticos safados, também, mas afinal, onde não se os encontra?

A gastronomia montesclarenses é de alto nível. A dupla carne de sol e arroz com pequi domina o cenário, mas não se pode esquecer do requeijão dito “moreno” e das cachaças locais, embora o verdadeiro centro produtor de aguardente esteja em Salinas, um punhado de quilômetros adiante. Um extenso mercado municipal é passagem obrigatória, principalmente se o objetivo não for o de comprar legumes e folhas para o almoço. Mas em matéria de queijos típicos sertanejos, carnes de sol variadas, além de frutas do cerrado diversas, muito além do pequi – ali é parada obrigatória. No artesanato tem coisas interessantes também. Eu e minhas companheiras de viagem apreciamos, de com força, o que se faz em barro e talha de madeira, além de um curioso e isolado artesão que trabalha com latas usadas, delas extraindo lamparinas com formatos diversos, muito graciosas.

Meus amigos montesclarenses não me perdoariam se eu omitisse alguns fatos importantes de sua cidade. Vamos lá: ela está chegando aos 400 mil habitantes e é local de ocupação há mais de um século, podendo ser considerada uma verdadeira capital regional, em termos de indústria, comércio, educação e cultura. Há diversos atrativos naturais e mesmo históricos, tais como parques urbanos, igrejas, além de vários sítios arqueológicos, os quais, devo confessar, não cheguei a conhecer.

Nossa próxima parada será Grão Mogol, que fica 140 km a leste de Montes Claros. Por que Grão Mogol? É uma antiga cidade mineradora, no alto da Serra do Espinhaço, com belezas naturais expressivas e também alguma beleza pictórica no seu aglomerado humano. Deve seu nome ao achado de um grande diamante, assim designado em referência ao império de Gengis Khan. Agora já mudamos de bacia; passamos do São Francisco ao Jequitinhonha, que corre talvez a 50 ou 60 km daqui, no rumo sudeste.

Os arredores são muito bonitos, dominados pelas paisagens pedregosas talhadas pelo rio Itacambirucu. Estamos em altos de serra, no caso, do Espinhaço, que corta o estado de MG de fora a fora, no sentido sul-norte, donde o clima seco e um tanto frio que aqui domina. Mas na verdade o que podemos notar, de ato, foi a grande secura da paisagem, agravada particularmente nestes tempos de instabilidade e inconstância climática.

Na paisagem humana, Grão Mogol é uma simpática cidadezinha no estilo colonial mineiro, com um punhado de casarões remanescentes de um período próspero. Seu grande monumento é a igreja matriz, toda de pedra, que vale a pena conhecer, com certeza. Dentro dela, pelo menos em dias de sol, a luz é espetacular. A cidade é atravessada por uma verdadeira falha geológica, no fundo da qual está o Ribeirão do Inferno, afluente do Itacambirucu e este do Jequitinhonha, que faz jus ao nome, pelas suas escarpas e cortadas a prumo, em rocha negra e agressiva. Mas nesta época do ano ele não passa de um rio quase seco. Do lado de cá, a igreja de pedra e as casas mais ricas; do lado de lá uma parte menos expressiva, mas enfeitada com uma bela capelinha, também em pedra.

Não há muito o que ver além disso, mas algumas placas fatalmente lhe indicarão um presépio, considerado como a grande atração local. Mas não se engane... O tal presépio é um verdadeiro monstrego! Mandado erguer por um empresário local, que ganhou dinheiro, aparentemente com muito sucesso, na capital do estado, o tal presépio poderia até ser algo notável, ao aproveitar uma grota de pedra, bem no centro da cidade, condutora de águas naturais para o leito do já citado Ribeirão do Inferno. Mas o empilhamento exaustivo de pedras e as rampas de concreto delimitadas por tubos de ferro e vidro blindado colorido (!) dão ao conjunto um aspecto artificial, estrambótico. E o pior nem foi narrado ainda: as efígies da Sagrada Família e seu cortejo de anjos, reis magos, animais, santos, em concreto grosseiro, sem guardar entre si nenhuma proporção ou escala. Aí, então, o que era apenas *fake* se encontra com o grotesco, sem qualquer limite ou censura. É ver rapidamente e seguir

adiante, até porque a rua onde se aloja a tal bizarrice é das mais graciosas, com seus muros de pedra e cercas vivas de buganvílias, cactos e ora-pro-nobis.

Para não dizer que não há coisas apreciáveis em Grão Mogol, que se registre a qualidade dos aposentos do hotel Canto das Águas, de nome inapropriado na presente estação do ano, mas que nos ofereceu um inesquecível biscoito frito de polvilho no café da manhã.

Descrita a parte boa (ou quase...) de Grão Mogol, resta declinar o que não presta. Para chegar lá você vai ter que se arriscar na famigerada BR-251. Rio - Bahia, Regis Bittencourt? Esqueça! Estrada ruim é essa aqui. Fomos conhecer o Ribeirão do Inferno, mas o verdadeiro inferno está mesmo é nesta rodovia!

Algumas de suas peculiaridades: excesso de caminhões, acostamento ausente, buracos e asfalto quebrado a perder de vista, estabelecimentos de apoio totalmente dantescos. E ainda, não se falou do que é pior: cidades marginais que se mostram como verdadeiros exemplos de abandono e baixa autoestima. Em Francisco Sá, por exemplo, uma verdadeira nuvem (ou maré) de detritos e embalagens de plástico rodeia a estrada e mesmo se insinua no meio dela, graças ao vento constante nesta época do ano. Você só escapa se estiver prestando total atenção no caminhão da frente... A subida da Serra do Espinhaço nos faz pensar que talvez o *Guinness Book* pudesse criar uma disputa para a pior estrada do mundo. Talvez na Índia ou na África houvesse concorrência para esta aqui.

Em tempo: a BR-251 não é uma estrada qualquer. No trecho referido, ela liga Montes Claros a Itaobim, na Rio - Bahia. E daí? Todo um pesado trânsito de caminhões que demanda o Nordeste do País, a partir do Rio e de São Paulo, tem a mesma como escolha principal, certamente para evitar algo ainda pior, a BR-116.

Nas margens de tal caminho as manchas de mata seca são cada vez maiores e contribuem mais ainda para o aspecto desolado que nos oferecem suas cidades pobres e sujas, bem como o onipresente e

selvagem tráfego de carretas, com seu rastro de fumaça e graxa. Cruzes por todo lado lembram os que já perderam a vida ali.

Na volta de Grão Mogol, bem que tentamos evitar a fatídica estrada, tentando um retorno via Botumirim e Itacambira, que aparentemente possuem trajetos aprazíveis, em terreno montanhoso (a segunda, com certeza, pois já estive lá). Mas não havia mapa e nem informações disponíveis. O que pudemos apurar é que o trajeto, de não mais do que 60 km, é inteiramente dominado pelas plantações de eucalipto e que os caminhos dentro delas, mesmo que sejam bem carroçáveis, possuem diretrizes de orientação ausentes ou muito duvidosas. Mas tivemos sorte, era manhã de um domingo de agosto e os caminhoneiros possivelmente comemoravam o Dia dos Pais.

A viagem prossegue agora em rumo diverso. O objetivo é chegar a um ignoto lugar, São Gonçalo do Rio Preto. Não confundir com seu quase homônimo, do Rio das Pedras. Ambos ficam próximos a Diamantina. O primeiro é cidade; o segundo uma vila pertencente ao município do Serro. Ambos muito graciosos. Mas é do primeiro que falaremos aqui, sede que é de um local merecedor de uma visita: o Parque Estadual do Rio Preto. Chegaremos lá. Voltando a Montes Claros pela BR-251, estamos uns 180 km a noroeste de nossa meta. O caminho passa por Bocaiúva, já no rumo de Belo Horizonte, e daí tomaremos uma estrada colateral que nos levará diretamente a São Gonçalo. Meu “relevante” encantamento com a geografia me obriga a revelar aos leitores que mudaremos de bacia: do vale do Velho Chico passaremos, de novo, ao Jequitinhonha. Curiosamente, todavia, eu que esperava montanhas escarpadas em tal caminho – pois este último rio tem como marca registrada em vários lugares que o conheço um curso com montanhas adjacentes – muito me surpreendi quando pude ver que a travessia se dava no seio de um planalto, escavado em certa parte pelo Jequitinhonha. E só. Nada de montanhas, salvo se considerarmos o que se pode ver se estivermos postados bem na linha d’água. Mas salvo esta curiosidade geográfica, que talvez só interesse a mim mesmo, trata-se de um caminho sem incidentes, com muito eucalipto e planuras sem fim.

Como se vê, a viagem anunciada era ao São Francisco, mas já vamos bem além...

Na verdade, estamos pegando o Jequitinhonha pela beirada. Se quisermos ir aos seus lugares profundos, aquele “braço de mar”, “pedra miúda quase sem brilho”, “estrada natural da Bahia – Minas” de que falam as canções do Clube da Esquina, território das moças namoradeiras de barro que se colocam nas janelas – é preciso andar mais algumas centenas de quilômetros, no rumo de Araçuaí, Itamarandiba, Joáima e outros lugares. O Jequitinhonha aqui é pouco mais que um riacho, parido que é pelo nó de montanhas que rodeiam Diamantina e Serro. Mas já tem fama de matador, porque sua outra glória, a de ter um leito rico em diamantes, já se findou há muito tempo.

Em São Gonçalo do Rio Preto (SGRP) lugar obrigatório é a Pousada Canto das Águas, cuja proprietária, Dôra, se esmera na arte de receber bem e generosamente compartilhar com todos seus hóspedes sua profunda mineiridade, que nela é algo que, de tão natural, nem se percebe. Quando você vê, já está imerso naquilo, como se estivesse ali desde sempre. Uma casa antiga reformada e acrescida de itens de conforto, as cozinhas e fornos anexos totalmente preservados e ainda operantes, o rego d’água ao longo do qual se caminha alguns quilômetros, a mata atlântica remanescente, mas ainda muito pujante – são alguns dos atrativos. Isso sem falar das comidas... Ali se come (e se bebe) uma vez só ao dia: desde que se acorda até a hora de deitar. Do pato com laranja, iguaria inglesa que ali recebeu um batismo de mineiridade, nem vou falar. Mas faço questão de matar a muitos de pura inveja ao mencionar certo caldo noturno, de coloração amarelada e consistência succulenta, cujo sabor nos trouxe um toque verdadeiramente intrigante, alguma coisa entre áspero, picante e perfumado. O ingrediente misterioso, descobrimos depois, eram raspas de laranja – quem diria! Nunca havíamos provado uma iguaria assim.

Vimos para ver o Parque e ao Parque fomos. O Rio Preto nasce nas encostas orientais do Pico do Itambé, também componente do ma-

ciço do Espinhaço, já citado antes. Por alguma razão, talvez ligada à dificuldade de acesso e à natureza excessivamente pedregosa (sem deixar de ser recoberta de matas), parte razoável de seu trajeto ficou preservada da agressão humana e mesmo do fogo e foi em tal área que o Governo de MG criou, em anos recentes, o Parque Florestal que agora vamos conhecer.

Nunca fui a um daqueles parques americanos, decantados em prosa, verso e gibis da Disney. Mas aqui devo admitir, mesmo que me julguem colonizado, que me senti fora do Brasil. Tudo muito organizado, limpo, bem informado, com receptivo amigável. Todos que lá chegam passam por uma palestra explicativa, ilustrada em power-point, conduzida por um guardinha que mal deve passar dos dezessete anos. Foi especialmente agradável ouvir, com a jovem seriedade do expositor, informações nas quais se privilegiava também o que você pode fazer ali, não apenas o que é proibido. E entre as coisas que podem ser feitas estão acampar (!) e utilizar, mediante reserva, as instalações de hospedagem disponíveis. Não me lembro de ter visto algo assim em nenhum dos parques brasileiros que conheço.

E o parque é realmente lindo. Fica dentro de um anfiteatro de montanhas de tom cinzento, dada a quantidade de pedras, mas em toda parte a vegetação, uma transição entre Cerrado e Mata Atlântica, se insinua e toma conta. No mês de agosto a rebrota dos paus d'óleo, jatobás e outras plantas semelhantes, coloca na paisagem manchas cor de ferrugem, muito vivas, que dão encanto e fazem contraste aos tons predominantes de cinza e verde claro. O rio Preto justifica o nome, mas é completamente transparente e no seu fundo de areias brancas é comum ver peixes de tamanhos diversos, nadando tranquilamente, completamente alheios aos humanos que também querem aproveitar da água fria do rio. Brancas também são as numerosas praias que aqui e ali se formam. E aparentemente todas elas podem abrigar os acampadores eventuais. Tudo uma delícia, realmente.

De SGRP a Diamantina, aí sim, vamos ver o Jequitinhonha de perto. E a passagem rodoviária se dá no distrito de Mendanha, que abraça o rio nas duas margens. E vale aqui uma parada, além de uma breve descrição.

Mendanha é lugar antigo, ligado não só à mineração (tudo aqui o é), mas também ao fisco colonial, pois, afina de contas, esta era uma porta de entrada (e saída) do antigo Distrito Diamantino. E em lugares assim os olhos da lei se mostravam extremamente atentos. É uma vila pequena e extremamente graciosa. A vista do Jequitinhonha do alto de suas colinas da margem esquerda é inigualável. Há casarões bem respeitáveis e preservados, embora isso não aconteça com todos eles. Aqui, como em outros lugares do Brasil, há que se dar graças à presença de forasteiros (alguns, talvez, nem tão estrangeiros assim) que se encantam com o lugar, compram e reformam casas antigas, com bom gosto de espírito de preservação. Sem embargo de que existam, também, os que destoam dos quesitos “bom gosto” e “respeito”. Em Mendanha se pode atravessar o rio em uma ponte destinada apenas a pedestres, equinos e motos, muito bem conservada, por sinal, da qual se pode ter também uma esplêndida visão do rio. Diamantina está muito próxima, pouco mais de 15 km – e nos chama, mas de Mendanha se vai embora com vontade de ficar.

E seguimos rumo a Diamantina, Serro e Sabinópolis, onde a grande festa de N . S. do Rosário nos esperava. Mas isto é assunto para outras conversas.

Outras (poucas e boas) jornadas

Como disse antes, citei os roteiros de Portugal e dos Gerais de Minas, como exemplos de viagens apetecíveis, mas na verdade já tinha descoberto tal filão antes. Conto algumas dessas jornadas felizes, agora em rápidas palavras.

Em 1984 convidei dois casais amigos de Uberlândia, Durval Garcia e Lourdinha, José Eugênio e Virginia, para fazermos uma viagem no estilo que mais tarde se tornou predileto para mim. De passagem por BH, o casal do qual eu fazia parte, com Eliane, recolheu as nossas sogras respectivas, Favita e Maria. E fomos em frente, primeiro para Diamantina, onde passamos três ou quatro dias, hospedados no velho casarão do Hotel Minas Gerais, onde pontificava o proprietário, o mulato Oswaldão, que já foi até personagem de Rubem Fonseca, com seu robe de seda grená e suas maneiras afetadas e aristocráticas, sem, contudo, deixar de ser um hoteleiro acolhedor. Ali passei meu aniversário de 36 anos, numa mesa em que além de tais amigos e mais o casal Ilvio e Glaucia que ali se juntaram a nós, tínhamos dois seresteiros de Diamantina. Bons tempos, ótima idade, excelentes amigos, belo aniversário!

Dali seguimos para o Serro, não sem antes nos determos em São Gonçalo do Rio das Pedras, uma joia de lugar, e Milho Verde, ambas até então desconhecidas por nós – e muito admiradas. Pela estrada de chão seguimos para Conceição do Mato Dentro e dali mudamos o rumo de última hora, para conhecer o “Mato Dentro” propriamente dito, a extensa cobertura de Mata Atlântica que se estende na vertente oriental da Serra do Espinhaço e, há tempos passados, em boa parte do Vale do Rio Doce. E fomos em frente, passando em Carmésia, Ferros, Santa Maria do Itabira, cidades que um olhar mais descuidado julgaria desnecessárias de se conhecer. Mas não o nosso, claro.

Chegamos finalmente a Itabira, minha terra, onde fizemos o circuito obrigatório drummondiano e já então me dei conta que nesta cidade tem mais gente ganhando a vida com Drummond do que propriamente lendo ou entendendo o poeta. De lá fomos visitar o Caraça e depois alcançamos BH, de onde retornamos a Uberlândia. Um giro de quase mil km. Na minha visão viageira, inesquecível. O motivo? Não sei dizer exatamente, mas se a minha descrição não for o bastante para demonstrar tal sentimento, só posso concluir que a beleza estava na minha cabeça mesmo.



No raiar do ano 2.000 fui de BH a Brasília em tempo “recorde”: cinco dias. Em minha companhia um companheiro do qual lamento estar um pouco afastado, pelo menos para este tipo de aventura: meu irmão e amigo João Maurício. Por que tal extravagância de tempo, quando poderíamos ter feito a mesma rota em oito ou nove horas? Aí é que mora o segredo! Saímos de BH pela BR 040, a via que leva diretamente a Brasília, mas apenas até o trevo de Curvelo, a 100 km da capital. Daí, viramos à direita e seguimos para o Norte de Minas, via a própria Curvelo e Corinto. Mas “quebramos” de novo o roteiro, seguindo, a partir de Corinto o trajeto da antiga ferrovia que levava a Diamantina, passando por Santo Hipólito, onde o Rio das Velhas é transposto em um magnífico conjunto de pontes ferroviárias de aço do século XIX e daí a Monjolos, cidadezinha que dispõe do luxo natural de possuir uma bela praia fluvial.

A subida da Serra do Espinhaço neste trecho é magnífica, pois nela aprendemos como os trens escalava as serras, em rampas suaves, sem pressa de alcançar o cume. Mas agora, com a ferrovia transformada em rodovia, trens, por aqui, só se forem os fantasmas das antigas composições da Central do Brasil. Mas assim como subimos, descemos, tendo como ponto de inflexão a Vila de Conselheiro Matta, já no planalto pedregoso do Distrito Diamantino. Retomamos o caminho para o norte em Augusto de Lima, onde passamos a noite num lugar que parece ser personagem de filme ou sonho: a Fazenda Santa Bárbara. Pena que o espaço é curto para descrever tudo agora, porque valeria a pena.

Daí, no dia seguinte, prosseguirmos: Joaquim Felício, Várzea da Palma e Pirapora, com direito à travessia da espetacular Serra do Cabral, um apêndice desgarrado do Espinhaço logo ali ao lado. Nosso destino, Brasília, neste momento está cada vez mais remoto. Depois Pirapora, Ponto Chique (sim, existe uma cidade com este nome!), Cachoeira “do” Manteiga (!), São Romão, de onde abandonamos o rumo norte e “entortamos” outra vez nossa rota, agora

para a esquerda, seguindo, ao revés, o belo rio Urucuia, passando por Riachinho, Arinos, Buritis, até chegarmos a Brasília, finalmente.

Cinco dias vividos intensamente, inclusive com uma pane à beira da estrada, entre Manteiga e São Romão, que me deu a oportunidade de refletir profundamente sobre a vida e o destino, durante algumas horas de espera pelo socorro que João foi buscar em São Romão, em pleno crepúsculo e noite, em companhia apenas de vagalumes e sapos. Não estava no programa, claro, e poderia ter sido um desastre, mas acabou sendo também uma parte memorável da viagem.



Ainda no ano 2.000 perfiz um roteiro goiano, desta vez com companhias em penca. Vieram de BH meu irmão Eugênio e minha cunhada Lucia, seus filhos Fernando e Maira, com seu futuro marido Alex, mais duas amigas deles, além de meu irmão João, velho companheiro desse tipo de jornada e dois dos filhos dele. Turma de qualidade, para ninguém botar defeito. O destino final era o meu sítio Macaúbas, na Chapada dos Veadeiros, mas para não perder o costume tomamos rumo diferente, em direção a Pirenópolis, que fica a oeste do DF e não ao norte, que é a direção da Chapada. Pirenópolis sempre rende uma boa estadia, principalmente para pessoas, como todas na expedição, exceto eu, que não conheciam esta maravilha do barroco tropical. Aprimoramos a jornada deixando a estrada asfaltada em Cocalzinho para seguir pelo alto da serra que circunda a cidade e que leva seu nome, rodeada por belas paisagens onde se alternam o cerrado puro, onde abundam os cajueiros nativos e os campos de altitude, com as também muito típicas canelas de ema. Por este caminho se chega a Pirenópolis pelo alto, descortinando uma bela vista da cidade.

A poesia já nos encontrou na chegada ao hotel: *Pousada Matutina Meiapontense*, em referência ao antigo nome da cidade. Dali fomos a Vila Propício, rodeando a mesma serra pelas suas faces oeste e norte, à procura de uma lagoa misteriosa, supostamente “sem fundo”,

conforme citado nos guias turísticos, mas que não foi encontrada – ninguém ali sabia dela. E daí tomamos a rodovia em direção ao norte, Niquelândia sendo o primeiro destino. Nada de notável nesta cidade, embora em suas entranhas resida uma variedade extraordinária de minerais que, para o bem e para o mal, transformam a região numa buraqueira sem tamanho, mas onde o dinheiro sem dúvida circula. Adiante, já na direção da Chapada, ao leste, passamos pela entrada de um lugar chamado Moqué, onde uma famosa romaria anual atrai milhares de pessoas, numa barafunda de dar medo, segundo nos informaram. Mas por ali passamos direto, ninguém queria rezar, e fomos dar em Colinas, já na Chapada. Mais adiante, não perdemos a oportunidade de tomar um banho de água quente num lugar chamado, muito apropriadamente aliás, de Éden – na verdade um pequeno paraíso tosco, bem no estilo goiano.

No cair da noite alcançamos nosso alvo, o Sítio Macaúbas, no povoado do Moinho, Alto Paraíso. Os duzentos km regulamentares se transformaram em quase quinhentos. Mas quem é que vai se queixar disso?



Em 2005 fomos, João Mauricio e eu, visitar nosso tio Roberto, em Novo Cruzeiro, na confluência dos vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Nordeste de Minas. Escolha apropriada das estradas, ou seja, não necessariamente aquelas que encurtassem a distância, que no total é de cerca de setecentos km de BH. Saindo da Capital, já evitando o asfalto (e a muvuca rodoviária das vias habituais que demandam o Leste e o Nordeste de MG), tomamos o rumo da Serra do Cipó, e ainda assim por caminhos caprichosos. Passamos por Santa Luzia, dedicando um olhar carinhoso ao Mosteiro das Macaúbas que fica logo após a cidade, e seguimos para Jaboticatubas e Cardeal Mota, já no pé da Serra. Ali aproveitamos para degustar um franguinho com ora-pro-nobis, que nos soube muito bem. Viagem sem pressa, pois era importante admirar as belas paisagens alterosas que viriam em seguida, tanto à direita como à esquerda. Elevados

campos e algumas escarpas, principalmente do lado direito, onde nascem e correm para o vale alguns tributários do rio Doce. A vertente são-franciscana só pode ser apreciada na subida da serra, logo depois de Cardeal Mota, e é digna de nota também, com suas miríades de coqueiros macaúbas.

A próxima cidade é Conceição do Mato Dentro, lugar meio sonolento, pelo menos naquela ocasião, mas hoje em dia pasto de mineradoras nacionais e estrangeiras. Berço de cidadãos influentes na política mineira, mas nem assim conseguindo progredir –portadora, talvez, de uma espécie de “síndrome do Maranhão”. Adiante, Serro e depois Milho Verde, onde pernoitamos e tivemos que escapar pela janela para apreciar a noite, eis que a dona do estabelecimento nos fez a gentileza de trancar a porta principal, antes do ir ao sono dos justos. Depois Diamantina, desta vez apenas de passagem, e assim mesmo na rodovia de contorno.

Adentrando o Vale do Jequitinhonha passamos Mendanha, já descrita aqui, Couto de Magalhães, São Gonçalo do Rio Preto (bonitinha, já descrita no roteiro do São Francisco, acima), Senador Modestino Gonçalves e Itacambira. Sinceramente, lugares feios e sem atrativos, pode ser que se houvesse mais tempo fosse possível mudar de opinião, mas duvido. Em Itacambira erramos o caminho e fomos dar em plagas remotas, com estradas que se dissolviam na chuva forte que começou a cair. Só Deus sabe como chegamos a Capelinha, já noite feita. Algumas atoladas pelo caminho; no dia seguinte seriam outras mais, antes de conseguirmos ver nosso tio.

A viagem valeu pela companhia de João, os bons papos e afinidades que temos. Mas do ponto de vista do objeto principal, nosso tio Roberto, voltamos entristecidos, pois ele já não era o mesmo. Estava em prolongada convalescença de uma fratura da cabeça do fêmur, já não andava mais, perdera o bom humor e a verve que sempre o acompanharam. Entregara os pontos, enfim. Foi com essas imagens sombrias que pegamos o caminho de volta alguns dias depois, agora por outros caminhos: Araçuaí, Coronel Murta, Turmalina,

Caçaratiba, Itacambira. Montes Claros, Pirapora – rumo a Brasília. Nada era como antes...

Pelo sertão

Você gosta de sertão, de boiada, de vereda de buritis, de velhas cidades à beira rio? Calma, não vou recomendar leituras em Guimarães Rosa, se bem que se você quiser levá-las na bagagem, será de bom proveito. Pegue seu carro (qualquer modelo, desde que esteja com boa mecânica, pneus novos, etc.) e siga comigo.

Vamos pela saída Norte de Brasília. Passando Formosa, você logo estará em altos chapadões, o que só perceberá ao fitar um horizonte ainda mais amplo que o de Brasília. A cidade que você logo encontrará, Cabeceiras, nome bem apropriado, indica a situação geográfica da região, parideira de grandes rios. Aqui, um córrego flui para o São Francisco; antes dele o Paranã, afluente amazônico e, mais atrás, os formadores do São Bartolomeu, que via Paranaíba e Paraná, acabam desaguando em Buenos Aires. Cabeceiras de um continente, meu senhor.

Um pouco adiante você estará em Minas, nos Gerais do Urucuia. À esquerda, Buritis, sede de fazenda presidencial; bem próximo, o Parque do Grande Sertão, uma boa ideia, a espera de quem a realize de fato. À frente, Arinos, onde o Urucuia, caudaloso, verdinho na seca e barrento nas águas, se deixa atravessar por uma ponte acaanhada. Em Arinos, encha o tanque pois, daqui para frente, o sertão será cada vez mais sertão.

Chapada dos Gaúchos faz jus ao nome. Não se espante de ver os homens de bombacha, tomando chimarrão nas esquinas, nos finais de tarde e a piaçada loura nas ruas. Mas, bá, chê: cuidado com o trator, que ele é o dono da rua. Nesta chapada, o cerrado virou soja, trigo, capões de eucalipto e antena parabólica. Barbaridade! E vamos em

Viagens ao Brasil-real

No século XIX foram marcantes as viagens de europeus pelo Brasil, estimulados pelo exotismo de nossa terra e pelas facilidades então abertas pela abertura do país às chamadas “nações amigas”. Na época, Saint-Hillaire, Langsdorff, Burton, Spix, Von Martius e muitos outros narraram aos seus compatriotas ávidos de informações suas observações sobre aquele mundo ignoto, em tons que variavam do maravilhado ao perplexo.

A era das viagens ao Brasil, entretanto, não acabou. Eu mesmo tenho feito algumas, por Minas Gerais e também por Goiás, passando por lugares tão variados como Andrequicé, São João da Aliança, Sero, Niquelândia, São Gonçalo do Rio Preto, Vila Propício, Senador Modestino Gonçalves, Forte, Itamarandiba, Cavalcanti, Capelinha, Muquém, Araçuaí, Padre Bernardo, Itacambira, além de outras comarcas ainda mais remotas e pouco conhecidas. Conto agora a vocês uma parte do que vi e senti, no que poderia chamar de autênticas viagens ao “Brasil-Real”.

Em primeiro lugar, as estradas. Ah, as estradas do Brasil-Real! Elas são simplesmente solúveis em água, de tal forma que, uma vez atacadas pela chuva persistente, fica difícil afirmar onde realmente se encontra aquilo que um dia foi chamado de “estrada”.

E o que faz o povo do Brasil-Real? De tudo um pouco para continuar sobrevivendo. Há poucos empregos fixos fora do setor público. As pessoas plantam suas rocinhas de subsistência, tiram carvão (quando sobra alguma árvore na paisagem), mantêm um gado vasqueiro, se empregam no agronegócio. Os mais jovens realizam um périplo anual a São Paulo e outros lugares, em busca de trabalho, na época do corte da cana de açúcar, por exemplo. Dinheiro mesmo, com o qual as famílias possam contar regularmente, só o do programa Bolsa Família e o dos aposentados – aliás, estes últimos, pessoas muito estimadas e valorizadas nas plagas do Brasil-Real.

frente que você logo estará na Serra das Araras, lugar personagem dos livros do Rosa. O vaqueiro de capa-ideal, a cobrir-lhe o corpo e a montaria, se assusta com o ronco de seu carro, ou será que é com o diabo na rua, no meio de um redemoinho? Encoste e apeie para apreciar a Serra, lugar quase nenhum, quatro ruas em volta de um campo gramado, onde os cavalos e cabritos cabisbaixos, mastigam a vida. Ali na janela – foi você olhar e ela se fechou – alguém cisma nos motivos que trazem um estranho a estas paragens.

Se você ficar esperto, ainda poderá tomar um banho de rio, nos Pandeiros, mais duas horas de viagem, se muito. A pequena hidrelétrica que faz um lago ali não lhe atrapalhará, fique tranquilo. Ela é fruto de uma época que as usinas aproveitavam as cachoeiras, não as submergiam. Entre no desvio à direita, logo antes da ponte e aproveite a paisagem de mata, o estrondo e a espuma do rio irado barrado pelas pedras. Mas sempre sobra um remanso para molhar o corpo. Depois, a pedida é uma cervejinha na venda, ao lado do campo de futebol, sentado nos degraus, vendo a tarde cair, levada pelas araras.

E logo vem a idosa Januária, sua majestade a princesa do sertão, repousando, preguiçosa, à beira do Chico. Entre num boteco, com vista para o Rio, peça uma cachaça Motinha, uma cerveja de Pirapora, uma posta de peixe frito. Esqueça de toda coisa ruim. Êta trem bão! Coisas assim é que dão sabor à vida!

Era você que dizia que a região do Planalto é fraca de opções de turismo? Seu ingrato!



OS. Este texto é do final dos anos 90. De lá para cá alguma coisa mudou em tal paisagem, por exemplo, a implantação do Parque Nacional do Grande Sertão Veredas e o asfaltamento da estrada até Arinos e mais além.

A maioria dos brasileiros-reais é pobre, muito pobre. Uma pequena parte, porém, é rica, muito rica. Os políticos, quase sempre pertencentes ao segundo grupo, são mestres em auferir seus votos baseados em promessas que geralmente não podem ou não querem cumprir. Nada de novo, portanto.

No Brasil-Real, Dilma foi a “mulher do Lula”, se não de direito, pelo menos de fato. *Borsonário* agora é o mito e a Igreja Universal é a garantia da entrada no paraíso da prosperidade. De imposto de renda ninguém ouviu falar; o mais próximo que se conhece disso é o dízimo que as igrejas pentecostais (numerosíssimas, por sinal) costumam arrecadar, sabe-se lá a partir de que excedente monetário. Música apreciada ali é a dita “sertaneja”, que muitos acreditam fazer parte da cultura mais verdadeira e legítima daquelas paragens, ignorando o fato de que toda ela costuma ser produzida em estúdios da capital paulista, a partir da detecção de “nichos” de mercado, por especialistas em *marketing*, não necessariamente por pessoas com formação musical e inspiração na cultura tradicional do interior do Brasil.

As crianças são numerosas no Brasil-Real, sendo suas mães nada mais do que outras igualmente crianças! Já seus pais, nem sempre se sabe ao certo quem sejam. E por aí vai.

No país em questão, já não correm mais os tempos em que automóvel era algo que *ninguém sabe se é homem ou se é muié*, como dizia a cantiga de Patativa do Assaré (que ninguém ali sabe quem é), mas é certo que, quando não possuem um Uno-Mile ou um Fusca dos velhos tempos, os brasileiros-reais consomem, como meio preferencial de transporte, em padrão quase chinês, as motocicletas. Onipresentes estas, melhores que os jumentos e éguas do passado, mas bastante hábeis em mandar seus ginetes para o hospital – quando não para o necrotério. É uma gente que aprecia, de fato, a modernidade: as ruas das cidades, mesmo pequenas e pobres, não deixam de ostentar lojas e mesmo bancas espalhadas pelas calçadas nas quais toda uma vasta gama de bugigangas eletrônicas, *meide-in-Chaina*, pode ser adquirida: de despertadores a micro-tevês, de

aparelhos digitais de medir pressão a raquetes eletrônicas de matar mosquito. Sem falar nos indefectíveis telefones celulares, cujas contas, onde existe acesso, certamente subtraem de seus proprietários a possibilidade de consumo de outras comodidades mais úteis, de mais proteínas para suas famílias, por exemplo.

Quando comparamos o Brasil-Real com o Brasil que as aparências nos revelam, principalmente a nós que residimos em regiões mais desenvolvidas do País, as diferenças parecem ser marcantes. Nossas estradas (em que pese os buracos) permitem trânsito o ano inteiro, nossa agricultura e nosso comércio fornecem empregos (embora menos do que o necessário), nossa renda média per capita é substancialmente melhor, nossos políticos veem reduzida, a cada eleição, sua capacidade de iludir o povo, principalmente porque este demonstra estar cada vez mais consciente de seus direitos – embora com recaídas severas, como agora acontece no país.

E na saúde, como se arrumam os moradores do Brasil-Real? Há ali enormes dificuldades em se conseguir uma simples consulta, principalmente se for medianamente especializada. Apesar disso, a taxa de cesarianas é elevadíssima! As filas das unidades de atendimento dobram esquinas, já nas madrugadas. Os indicadores de saúde estão estacionados em patamar africano. Mas neste campo, creio que nós, mesmo os mais “desenvolvidos”, ainda estamos próximos do Brasil-Real. Mesmo entre nós, a “saúde para todos” vem sendo substituída pela “saúde para quem pode pagar”, modulada pela disponibilidade do mercado e não pelas necessidades gerais. Para encerrar, afirmo que o Brasil das aparências, pelo menos no campo da saúde, está muito próximo, lamentavelmente, do Brasil-Real...

De volta a Portugal

Entre janeiro e março de 2019 resolvi dar um tempo com o Brasil e fui fazer um retiro em Portugal. Entre outras razões, para fugir

da era obscurantista que fatalmente ia se iniciar. Aqui vai o meu relato.

Oitenta dias longe do Brasil. Mais do que isso, distante dos filhos, netos e outras pessoas queridas; de minha casa, meus cachorros, minha cama e meu banheiro. Se terá valido a pena, é sempre caso de se perguntar. Mas penso que o saldo foi positivo e me disponho a arrolar alguns argumentos para demonstrar isso, sem deixar de lado alguma coisa que tenha que ser debitada em tal conta.

Em primeiro lugar, o grande feito – para mim, pelo menos – é o de ter realizado uma viagem dessas sozinho, a maior parte do tempo. Coisa realmente inédita no meu caso, mesmo aos setenta e um anos de idade. E penso que consegui fazê-lo até com certo brilhantismo, pois vejo, como escrevi à época, que os últimos dias de estadia, que em algum momento parecia nunca mais terminar, mesmo fluindo suavemente e sem tédio, de repente me fizeram sentir as horas a galopar, me empurrando sem apelação para o dia daquele encontro marcado com a TAP, no aeroporto de Lisboa.

Parece fácil para muita gente uma coisa assim. Meus filhos, por exemplo, se riem quando anuncio que tenho dificuldades nisso. Mas realmente era uma coisa que me aterrorizava e creio que ainda não está totalmente superada. Lá em Portugal, pelo menos, contava com a facilidade de me expressar na mesma língua local, embora às vezes se total compreensão. E pelo que percebia, não é bom costume dedicar aos nossos interlocutores portugueses um pedido de repetição ou explicação, pois se nos tratavam com delicadeza inicialmente, esta subitamente se transformava em espanto e em seguida até em recriminação. “Mas eu não compreendi e estou apenas perguntando de novo” – é o que me dava vontade de lhes esclarecer. Fiz coisas equivocadas aqui exatamente por não entender o que me diziam, por exemplo, na compra de bilhetes de comboio e metrô, pois as explicações, tanto das máquinas de vendê-los automaticamente, como das pessoas a quem eu indagava, nunca me pareciam claras o bastante. O resultado é que acumulei uma dezena de bilhetes de transporte, pagos a peso de Euro, por não conseguir

entender como recarregá-los novamente. Entrava aí, além da incompreensão da prosódia lusa, alguma dificuldade minha com as tecnologias modernas. Mas sobrevivi por quase três meses e creio que em próxima oportunidade não terei sobressaltos maiores.

Conhecer melhor o país foi outro feito. Eu já havia rodado por lá em duas ocasiões anteriores. Em 2015 foram mais de dois mil km, o que, lá em Portugal, é o bastante para se deslocar do Oiaque ao Chui, ou melhor de Olivença a Faro ou de Viana do Castelo a Évora, e ainda voltar, mais de uma vez. Em 2019 andei muito mais. Estive em lugares tão significativos em termos culturais e históricos como Tavira, no Algarve; Aveiro, nas Beiras; Porto, no Douro; Braga e Guimarães, no Minho; Santarém, no Ribatejo; Mafra na região de Lisboa – além da própria capital, tão “cheia de encanto e beleza”. Sem esquecer de Cascais que me acolheu, com sua vizinhança charmosa, tendo por expoente Sintra, dentro de uma paisagem de encanto que inclui montanhas, florestas, praias, penhascos à beira do mar, faróis, quintas, pomares, mosteiros, igrejas, palácios, ruínas nobres, mansões e muito mais.

Andar por Portugal é sempre se espantar o tempo todo com o fato de um país tão pequeno conseguir ser, ao mesmo tempo, tão múltiplo. Viajar pelo Minho e pelo Alentejo, por exemplo, é muito mais do que percorrer os pouco mais de 300 km físicos que os separam. No Minho, a paisagem é de um verde profundo e também montanhosa, crivada de cidades ou, na terminologia local: freguesias, “concelhos”, vilas, lugares. Vai-se de uma cidade a outra, como entre Porto e Braga, desta última a Guimarães e ainda ao Amarante, como se estivéssemos em uma única rua, com casas e outras construções por todo lado, com poucas aberturas para a paisagem verde.

Já no Alentejo, que predomina é o verde. Mas apenas no período mais chuvoso, fora disso o clima seco transforma tudo em cenário dourado – e aqui não é o ouro do Brasil que o compõe, mas sim aquele posto pelo sol, que tudo domina. Andar pelo Alentejo e pelas regiões não estritamente costeiras do próprio Algarve às vezes nos dá a sensação de estarmos em pleno cerrado brasileiro, se não

pela conformação da vegetação, também mirrada e retorcida, pela vastidão na qual não se divisa nenhuma cidade ou mesmo casas em extensão de léguas. Os sobreiros, tão abundantes, aqui não pareciam estranhos ao cerrado brasileiro. E é surpreendente, também, que a presença da obra humana seja marcada, vez ou outra, pela muralha ou “Torre de Menagem” de algum castelo. Aí, a semelhança acaba.

Assim, depois de rodar por algumas dezenas de lugares, cujo nome frequenta os nossos livros de História, cheguei a ter a presunção de que, pelo menos em termos físicos, já conhecia Portugal tanto quanto – ou até mais – do que conheço o Brasil. Vejam bem: suponho que estive em pelo menos trinta cidades, o que representa, dentro do conceito português de cidade, município ou concelho (com “c” mesmo), cerca de 10% do total existente no país. No Brasil, se aplicar a mesma regra de três (o que é fajuto, mas vamos lá, apenas para efeito de comparação), isso implicaria em ter visitado mais de 500 de nossas cidades, coisa de que muito poucos brasileiros ou estrangeiros, inclusive eu, foram capazes até hoje. Talvez algum motorista de caminhão, quem sabe... Dito isso posso concluir que meu conhecimento de Portugal não é de forma alguma desprezível, embora minha pretensão talvez o seja.

Visitar um grande amigo foi outra das gratificações que esta viagem me trouxe. Karsten Montag, alemão que residiu no Brasil por quatro anos – e que aprendeu a gostar do país mais do que nós brasileiros – foi morar em Portugal para buscar o sol e uma vida mais simples, contando com a ajuda de um idioma que já dominava. Eu convivi com ele, prazerosamente, em Brasília, meu vizinho no Condomínio Verde. Junto com sua mulher Sylvia, juntou economias e comprou um moto-home na Alemanha, mais precisamente um caminhão médio Mercedes Benz, com currículo militar na OTAN, em cuja carroceria se adaptou um container-residência, com magníficos oito metros quadrados! Procuravam também um jeito de viver em comunidade, comungando ideais pacifistas, vegetarianos, anticonvencionais e antipolítica tradicional. Depois de algumas pa-

ragens, como se diz por lá, pareciam ter encontrado isso no Algarve, na Praia do Amado, Vila do Bispo, próximo àquela Sagres que no Brasil todos conhecemos das páginas de nossos livros de História. O Infante Dom Henrique, lembrem-se? Estive com ele naquele lugar penhascoso, batido de frigidíssimos ventos, a tal Praia do Amado, muito bonita, todavia. E lá estava o herói teuto, com seu caminhãozinho, em uma esplanada onde mais de uma dúzia de trailers e veículos semelhantes se estacionavam, em ambiente rude e sem qualquer arborização, ali ou nos arredores. Nenhum português entre os moradores de tal aldeia.

Da esplanada, a praia se descortinava imponente, a perder de vista, com suas faixas de areia de cor creme, tendo a espuma das ondas à frente e logo atrás as monumentais falésias, que devem ser a continuidade daquele famoso “Promontório de Sagres”, alguns quilômetros ao sul. Jantamos juntos, tomamos o café da manhã e logo em seguida parti, pois queria ver mais e o ambiente não era propício para demoras, pouco receptivo fisicamente (mas não humanamente) que era. Na verdade, a visita me deixou algo preocupado... Karsten estava abatido com a volta de Sylvia a sua Alemanha natal, talvez sem chance de retorno ao Algarve – pelo menos era esta sua sensação no momento. Ele pouco quis conversar sobre o assunto e eu achei melhor não insistir. Confesso que o achei desesperançado quanto a isso, embora tenha me reafirmado mais de uma vez que ali na Praia do Amado (que ironia este nome...) tenha encontrado a vida comunitária sóbria e simples que procurava. Pensei comigo: mas sem uma sombra por perto, sem água doce disponível? Para não falar da necessidade de sair dali toda semana, não para passeios, mas para recarregar o tanque de água do caminhão, que lhe fornecia o bastante, bem modestamente, aliás, para beber, cozinhar, lavar louças e roupas, tomar banho. Eita! Isso é realmente coisa para os fortes...

Mas este famoso Algarve merece um parágrafo. Confesso que esperava mais do lugar, com todo respeito. Aquilo é apenas uma pequena faixa de terras, à beira do Atlântico, ponteados por lindas

idades brancas, como Sagres, Vila do Bispo, Lagos, Tavira, Faro e outras. Praias bonitas, também, mas é pena que pessoalmente não tenha muita atração por tais acidentes geográficos. Na retaguarda, fora os laranjais próximos à orla, o que há é uma cadeia de morros e pequenas montanhas agrestes e pedregosas, de vegetação enfezada, onde, ao que parece, nem os cabritos se dão bem. Quatro dias de Algarve – dei por visto. É seguir em frente. Karsten: continuo torcendo por sua felicidade!

Acima de tudo, esta viagem me permitiu entrar no clima profundo de um país, longe, muito longe das excursões organizadas, dos *sight-seeing*, das visitas a monumentos (que sem dúvida são obrigatórias), das compras, das idas a restaurantes nas cidades, dos mil e um percursos que os guias de visita turística nos apresentam. Neste país profundo andei anonimamente e me perdi por ruas incontáveis em Braga, Lisboa, Cascais, Santarém e muitos lugares mais; assisti missas e ladainhas; apreciei ao vivo bailaricos de rua em tardes de domingo; andei por feiras, onde senti diretamente os cheiros das carnes, dos “fumados”, dos queijos, das “bôlas”, do “carril” e das olivas; fuzei em bancas de velharias em muitos lugares. Pisei com meus próprios pés as barrancas do Minho, do Cávado, do Douro, da Ria de Aveiro, do Lima, correndo mesmo o risco de, ao ultrapassar grandes rios como estes, perder minha memória afetiva, vai que algum deles fosse aquele Lethes da mitologia. Mas isso não aconteceu, para minha felicidade. Amei Portugal e mesmo apesar de ver no país um espelho no qual nós brasileiros podemos mirar nossa vergonha, pelo menos é possível sair daqui com um pouco de esperança de que nosso futuro possa ser melhor do que foi nosso passado e têm sido nosso presente.

Não poderia também desprezar a relativa “produção intelectual” que me foi possível realizar em Portugal. Por que não? Fui lá também para estudar, tendo apresentado um projeto de pesquisa ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa. Ele foi aprovado e minha vinda garantida, embora sem qualquer tipo de ajuda, da qual eu já declinara desde o primeiro contato. Quando cheguei, vi

que teria de cavar minha inserção intensamente, pois não havia praticamente nenhuma guarida para mim. Uma professora brasileira, Zulmira Hartz, me foi designada para dar orientação, mas o tema ao qual ela se dedica é totalmente alheio ao objeto de meu projeto. Aliás, logo percebi que o que me mobilizava intelectualmente, ou seja, a questão da participação social em saúde, dentro da perspectiva de um estudo comparativo entre Brasil e Portugal, não contava com muito interesse ali. Talvez não se precise tanto disso num país que tem muitos outros instrumentos da democracia disponíveis, quem sabe? Em uma impressão superficial, o que percebi no tal Instituto foi um local de grandes luminares em suas respectivas áreas, mas fundamentalmente dedicada à formação de recursos humanos para o sistema nacional de saúde, sem linhas de pesquisa que não fossem aquelas de interesse imediato de seus professores – e nisso as minhas preocupações realmente não encontraram abrigo. A questão de comparação com o Brasil, então, passava longe de qualquer interesse local. Sendo assim, recolhi minha viola ao saco e com o beneplácito de minha orientadora, me inscrevi em uma atividade à distância, dentro do tema da Avaliação em Saúde (ao qual ela se dedicava) e pouco frequentei os salões e as escadarias do IHMT. Melhor para mim – e também para eles, provavelmente. Pelo menos não dei trabalho a ninguém.

Assim, para não deixar passar em brancas nuvens o que era para ser uma excursão de fundo intelectual, “garrei” a escrever textos sobre a saúde no país, comparando, quando o fosse o caso, com o Brasil, tendo produzido a razoável bagatela de dez unidades, devidamente publicadas em meu blog. Em um deles tentei dar resposta ao que me mobilizou desde o início, ou seja, as possibilidades de comparação entre o sistema de participação social no SUS e seu correspondente nos Serviço Nacional de Saúde (SNS) em Portugal. Dentro do mesmo recorte comparativo, procurei situar temas como a descentralização e a municipalização de serviços e as reformas legais atualmente em curso em Portugal, além de produzir sínteses denominadas “Da Troika ao caminho da redenção”, “Por que eles sim e nós não” e “Há sempre uns mais iguais do que os demais”.

Além disso, produzi, por puro diletantismo, uma série de textos impressionistas sobre o país, para distribuir entre amigos e familiares, além de publicá-los em meu blog veredasaude.com. Ainda estou em dúvida sobre o nome que darei a este material: poderia ser simplesmente “impressões” ou, quem sabe, algo que contenha menção a um verdadeiro “exercício não autorizado da antropologia”, pois esta seria uma expressão mais correta sobre o caráter dos mesmos. É justamente o último desses textos que você, leitor, tem à sua frente agora – e muito lhe agradeço por ter chegado até aqui.

O melhor da viagem ainda não contei. Nos primeiros 15 dias contei com as companhias adoráveis de Daniela, Francisco, Flavinho e Sophia. Estivemos baseados em Braga, na casa de meu grande e mais antigo amigo Eduardo Guerra e dali fizemos incursões diversas, a Guimarães, Amarante, Porto, Aveiro, bem como à Galícia, incluindo Santiago de Compostela e a região mais ao Norte, de Pontedeume, onde a família Andrade tem origens – cujo castelo visitamos, aliás.

Valeu a pena? Acho que posso dizer que sim. Pelo menos procurei me fazer *grande de alma*, como queria Pessoa, durante estes 80 dias...

Até a volta, Portugal, pois com certeza isso acontecerá!

Voyage au Canadá

No final dos anos 80, através de duas amigas, Sonia Terra e Eleonor Conill, eu comecei a prestar atenção no que acontecia no Canadá em matéria de saúde. Eu fazia mestrado na Escola Nacional de Saúde Pública e tinha intenção de escrever uma dissertação sobre a construção do SUS, sendo que a experiência canadense, já com uma década de consolidação, me parecia sob medida para aprender mais sobre tal objeto. Em uma série de acontecimentos que juntaram *virtude*, de outros, além de *fortuna*, de minha parte, consegui financiamento para a passagem e fui. Mas antes de prosseguir, esclareço:

quando digo “outros”, refiro-me principalmente a Gladstone Rodrigues da Cunha Filho, meu ex-professor na UFMG e, na ocasião, diretor do Hospital de Clínicas da UFU e presidente de uma Fundação correspondente, que me concedeu o apoio financeiro, sem que eu lhe pedisse nada explicitamente, mas apenas me manifestasse a respeito de meu desejo de viajar ao Canadá. E como dizia, fui.

O que eu sabia do Canadá antes disso? Posso dizer que quase nada. Com efeito, eu até então não conhecia Leonard Cohen nem Joni Mitchell... A visita de Pierre Trudeau ao Brasil marcara minha juventude, com sua figura inesquecível, terno branco e tênis, completamente à vontade, totalmente à parte daqueles generais carrancudos que o receberam. Conhecia também a garbosa Polícia Montada, de um seriado de TV, bem como identificava aquelas figuras barbadas, com camisas vermelhas de xadrez, como lenhadores canadenses. Lembro-me também vagamente da fama de que gozavam os caminhões *Chevrolet Canadenses*, na minha infância, afinal eu pertencia a uma família ligada ao ramo dos transportes. Conhecera um mecânico especializado canadense na minha passagem por São Simão, cuja principal performance era comer colheradas inteiras da selvagem pimenta goiana, junto com a comida. Em outras palavras, eu não sabia praticamente nada que realmente importasse a respeito do Canadá...

Consegui um estágio meio informal na Universidade de Montreal, graça a um contato direto com um professor de lá, Giles Dussault, além de uma técnica do Ministério de Relações Exteriores do Quebec, Lise Gravel. Contratei uma professora de francês no Rio, onde eu morava então, e durante aproximadamente um mês tentei me aprofundar no idioma, retomando algo que eu interrompera um quarto de século antes, no Colégio Estadual, com Ana Mazur Spira. Mesmo assim, meu primeiro contato com o país e com a língua foi chocante. No aeroporto de Montreal, quando o sujeito da imigração me fez uma pergunta banal, do tipo *combien de jours est-ce que vous resterez ici*, eu já embananei, até porque minha primeira in-

dagação, íntima, foi algo como: *que língua será essa que me parece familiar, mas da qual eu não entendo patavina...*

Sim, porque o primeiro desafio no Quebec é a língua, que mesmo os franceses originais às vezes têm dificuldade de compreender. As coisas por lá soam mais ou menos assim: *chuí arivé a landzi* significa *je suis arrivé a lundi*, enquanto *letó ce mó* é o mesmo que *l'Etat c'est moi*. Mas no final eu estava conversando e entendendo até razoavelmente bem, não exatamente os telejornais, mas pelo menos as entrevistas que fiz, como parte de um projeto de estudos que submeti a Gilles e Lise. Os franceses acham graça, pois dizem que os canadenses *quebecois* têm uma maneira *antiga* ou *demodée* de falar.

Como definir o Canadá? Que é um país bonito e pacífico todos já o sabemos, mas gostaria de trazer aqui algumas visões impressionistas a respeito do que vi, sem maior compromisso com alguma forma profunda de interpretação política, social ou antropológica, por me faltar autoridade para tanto.

Eu fui lá para entender o sistema de saúde, mas logo pude ver coisas especiais, difíceis de comparar com o que via no Brasil, mas mesmo assim muito esclarecedoras. Por exemplo: eu consegui uma abertura para estar presente em reunião de um *Conseil de Santé*. Lá estavam, além da diretora do que seria aqui um Departamento Regional de Saúde, dois ou três assessores e no máximo uns dez conselheiros, representando associações diversas (moradores, portadores de patologias) e também de instituições filantrópicas prestadoras de serviços ao sistema de saúde, estes últimos, aliás, majoritários. Tudo muito calmo e organizado. Um relatório impresso estava disposto à frente de cada um na grande mesa redonda. A diretora faz uma apresentação com power-point (novidade total para mim àquela época), abordando exatamente o conteúdo do documento já entregue. Seguiram-se discussões, também ordenadas e tranquilas, com duração máxima de todo o processo não maior do que uma hora e meia. Ao final foi oferecido um suco de uva com salgadinhos, depois beijinhos e *au revoir...*

Eu, subdesenvolvido em tal matéria, pensei comigo: *mas é apenas “isso” o que chamam de participação social aqui?* É que eu me lembrava da multiplicidade de atores, da balbúrdia e das disputas ideológicas que tais reuniões geralmente provocavam no Brasil. O que eu via ali, entretanto, não tinha nada disso. Na hora não entendi, mas apenas mais tarde: tais reuniões eram apenas *uma, e singular*, das múltiplas possibilidades de participação social no Canadá. Fora ela, havia o voto distrital, a imprensa mais imparcial que a nossa, os vários comitês participativos de políticas públicas e, principalmente, uma consciência política muito maior. Nenhuma presunção de que ali se daria o tal do “controle social” da saúde, como insistentemente se acredita no Brasil. E ponto.

Eu havia marcado uma entrevista com a diretora regional citada e para completar meu espanto narro uma das respostas dela. A pergunta era sobre a influência dos políticos no sistema de saúde, feita por mim com a mente focada nos costumes brasileiros. Ela me olhou em tanto espantada: *Monsieur, a influência deles é total!* Mas antes que eu ficasse absolutamente perplexo, completou: *não são eles que fazem as leis? Nós temos que cumprir...*

O pacífico Canadá já se meteu em guerras? Claro que sim, mas ao que parece sempre arrastado por outros países. Até na guerra do Boers, no início século XX, na remota África, estiveram, pois afinal pertenciam (e ainda pertencem) à tal da *British Commonwealth* – coisa que não os deixa muito felizes. Na Segunda Guerra Mundial morreram, proporcionalmente, mais canadenses do que americanos. Mas, acreditem, quando estive por lá, em 1991 havia uma guerra declarada!

A situação era a seguinte: um grupo indígena da fronteira com os EUA, denominado *Oká*, aparentados com os antigos moicanos, depois de ser pilhado com frequência em tretas de contrabando de veículos, bebida e cigarros, devidamente apoiado pelos irmãos de sangue do outro lado da fronteira, foi autuado pelo fisco canadense com multas pesadas. De imediato, argumentaram: aqui é nossa “nação” e vocês não têm o direito etc. Depois de certo tempo a paciência

do *Leão* canadense se esgotou e fecharam a fronteira. A nação Oká declarou, então, guerra ao Canadá! E como guerra é guerra os tanques canadenses vieram e estacionaram na “fronteira”. O que assisti nessa guerra brancaleônica foi apenas o que a TV mostrou. Mas me chamou atenção, por exemplo, o médico indígena, canadense típico de classe média, cercado de todo conforto da civilização, chegar em casa, despir-se do jaleco e ser preparado pela esposa, com pintura facial e arranjo de cabelo para cima com gel, e assim tomar o rumo das trincheiras indígenas. Em Montreal, por duas vezes, pude ver um condutor do metrô, indígena, também paramentado para a batalha. Mas sem se deslocar do seu posto, pois se o fizesse, a demissão – ou, pelo menos, o ponto cortado – seria fatal.

Resultado da guerra: ninguém matou, ninguém morreu. Os okás devem ter saído fortalecidos, mas não sem antes fazerem suas concessões ao fisco. E o que seria mais importante: continuaram sendo minorias, portadores de direitos e de uma cultura própria, respeitados pelos demais cidadãos, sem capangas a lhes ameaçar a vida, sem militares a lhes encher a cabeça de lorotas, sem garimpeiros a lhes envenenarem os rios, sem ideológicos militantes brancos a falar em nome deles.

Se estes exemplos não bastarem para definir o Canadá e seus habitantes, trago mais alguns. Por exemplo, o fato de ter lido em primeira página de jornal uma notícia de que uma pobre mulher havia levado uma surra do marido em alguma periferia de Montreal. Na primeira página! Se fosse um costume brasileiro, os jornais daqui teriam como caderno inicial um tipo de “classificados”, como longas listas diárias de “Antônia” a “Zulmira”, com certeza... Nos restaurantes, o silêncio é tão grande, que as pessoas conversam quase *tête a tête*, para não perturbarem os outros. Ao ver duplas de homens em almoços, confesso que cheguei a pensar que se tratavam de casais gays, não de simples amigos hetero, tal a proximidade dos rostos nas conversas. E para completar o quadro impressionista: a família islâmica em um final de semana no metrô, pai, mãe, três ou quatro filhos, todos vestidos a caráter, com túnicas, véu e barrete à

moda egípcia, absolutamente tranquilos e incorporados à paisagem humana que os cercava.

Dizem que na política, na culinária e no relevo o Canadá é um país absolutamente monótono e previsível. Não sei se concordo totalmente. Na culinária, há menos dúvidas, pois tirando a *soupe a l'oignon quebecois*, de resto tipicamente francesa, o resto é comida americana regada a muito ketchup. No relevo, é bom lembrar das Montanhas Rochosas, distantes das regiões costeiras mais populosas, mas ainda assim pertencentes ao grande país. Na política talvez seja isso mesmo, mas quem sabe seria uma vantagem, não uma desgraça? Talvez, longe da ideologia militante partidária, o que prevaleça nos políticos, nos partidos, nos parlamentos e nos eleitores seja um sentimento de *fazer o melhor para o bem coletivo*. Simples assim.

Aliás, em um belo domingo de novembro, andando por Montreal, eu descobri que era dia de eleições legislativas, as quais, diga-se de passagem, são aquelas que definem tudo na política canadense, dado vigorar ali um regime parlamentarista. E só pude perceber que era dia tão importante porque havia alguns cartazes com cavaletes nas ruas, com aquelas caras manjadas de políticos sorridentes e confiantes, com uma breve menção à sigla partidária, cargo almejado e mais nada; nada de papéis pelo chão, de cartazes em postes, de outdoors. Nos dias anteriores imediatos não tinha visto, também, propaganda, fosse gratuita ou aparentemente paga, na TV. Aquele domingo era um dia absolutamente normal na vida dos cidadãos, pois sendo o próprio voto não compulsório, só estava nas ruas quem se dispusesse a tanto. Confirmei uma impressão que já tinha sobre a política brasileira, dominada pelos “comícios” de todo tipo, além da compulsoriedade do voto. Afinal, *comicial*, em termos médicos, é palavra que designa os estados convulsivos, que cabe debelar... A política canadense pode ser monótona, de fato, mas pelo menos não é circense nem comicial...

Também nos domingos, me chamou atenção em Montreal, pelo menos na região da cidade onde eu me encontrava, o predomínio

católico. Há igrejas para todo lado e dedicadas a diversos santos, da mesma forma que nomes de logradouros e cidades: *Marie, Joseph, Jean, Catherine, Flavien, Marie Goretti, Sebastien, Christophe, Bon Dieu* e por aí vai. E são igrejas frequentadas pelo conjunto das famílias, pais, filhos e avós, em trajes quase de gala, dando aos domingos, em torno de dez horas da manhã, uma movimentação especial, que me fizeram lembrar das missas de minha infância, em São Cristóvão, São Sebastião do Barro Preto ou Cura D'Ars, no Prado. Em outras partes da cidade pontificam as igrejas protestantes tradicionais, talvez com domínio Anglicano, além de sinagogas e mesquitas. Tudo em santa e perfeita paz. Estive lá antes daquele onze de setembro; depois, sei não, pode ter mudado...

Quando estive no Canadá o filme *As invasões bárbaras*, de Dennis Arcand, ainda não fora produzido. Eu só o vi dez anos depois. Eu o colocaria dentro da dúzia de melhores que já tenha visto, não tanto por me trazer de volta o país que eu tanto apreciara antes, mas pela delicadeza em tratar o drama humano da despedida da vida. Desde então se tornou um símbolo para mim, aquele professor *quebecois* em seu leito de morte, rodeado pelas ex-mulheres, filho e nora, além dos amigos da vida a fora. Cena especial foi a dos ex-alunos que o visitaram no hospital (depois se vê que devidamente subsidiados pelo filho *yuppie*), que também o emocionam, mas que na verdade faziam parte de um quadro aflitivo para o personagem, dada a indiferença, o distanciamento e o olhar cinzento e perdido no longe que faziam tais figuras durante as aulas. Tal cena me colocou uma ideia fixa na cabeça, da qual só me liberei quando fiz o que ela me sugeria: aposentar-me da carreira de professor na UnB, onde o tal olhar cinzento e tal indiferença eram regra geral. E quem sabe – mas espero que isso demore a chegar – merecer um ritual de despedida como o daquele homem!

Eu trouxe o filme até aqui para comentar, de passagem, uma de suas mensagens: a da falência relativa daquele sistema de saúde que eu tanto admirava e que me serviu de referência para meus estudos de dez anos antes. Com efeito, o hospital canadense em que

se interna o personagem é vítima de uma série de problemas, tais como burocratização, desleixo e, principalmente, estar sendo vítima da *invasão bárbara* de um sindicalismo selvagem e ávido por resultados corporativos, ignorando o interesse geral. Pensando bem, o SUS, trinta anos depois de sua criação, percorre caminhos semelhantes. Mas ao contrário de sua contraparte canadense, não chegou a conhecer anos gloriosos.

Lado pitoresco do Canadá, às vezes até meio chatinho, é ser país em que o *politicamente correto* assume foros de compulsoriedade. Acho que foi de lá que veio aquele horrendo – e felizmente já fora de moda – *bom dia a todos e todas* que nos assolou por aqui. A turma no Quebec, por exemplo, ao fazer a uma saudação de uma plateia de estudantes, não deixa por menos, ao se referir a eles como *etudiants et etudiantes*, embora a pronúncia das duas palavras seja praticamente a mesma em francês. Mas respeito é bom e aquela gente gosta... E neste aspecto á bacana ver a preocupação geral com a informação aos *citoyens usagers* dos serviços públicos. No Canadá, a começar das embalagens dos produtos, de pastas de dentes e refrigerantes até os manuais complexos dos equipamentos de informática – é tudo compulsoriamente bilíngue! Nas unidades de saúde me fartei em recolher folders, folhetos e outros tipos de materiais também em duplicatas idiomáticas, muito bem impressos, para levar de lembrança e mesmo me inspirar, a começar por uma inédita (para nós) *Chart des Usagers*, na qual todos ficam sabendo do que é oferecido ali, dos direitos dos que frequentam o serviço, para onde dirigir reclamações, além dos nomes dos responsáveis e demais membros das equipes locais. Achei refinado e de muito bom gosto, também, o costume de que, na porta dos serviços públicos, de qualquer natureza (e mesmo na Universidade de Montreal, que é pública, mas não estatal) estarem afixados as fotos (sempre sorridentes) dos que ali trabalham, com os nomes e funções. Um dia, quem sabe, nós *todos e todas, brasileiros e brasileiras*, chegaremos lá, sem frescuras, sem empulhações.

É claro que em um país assim as mulheres estarão sempre *prenhes* de direitos, sem duplo sentido. E nesse campo constatee algumas curiosidades também. Por exemplo, que a profissão de motorista de ônibus é mais feminina do que masculina. É bem verdade que aqueles monstros que urram pelas ruas são tão maleáveis como automóveis, com seus câmbios automáticos e direções hidráulicas. E o que distingue “as motoristas” de seus colegas machos é o uniforme azul em dois tons, quase igual nos dois gêneros, mas com o detalhe distintivo das blusinhas de mangas fofas e gravatas em laçada. Muito bonitinhas! Mas espero que esta expressão não seja considerada politicamente incorreta... E vale também anotar que só vi meninas jogando futebol (*soccer*). Os machinhos preferem a brutalidade do futebol americano, do *rugby* e do *hockey*, ao que parece.

Não posso deixar de registrar aqui os museus em que você não só pode, mas é convidado, a tocar e manusear algumas das peças expostas, muitas vezes “ocultas” dentro de gavetas e armários. É tudo lúdico, inclusive aquelas janelas nas profundezas da terra, nas estações de metrô e galerias subterrâneas, onde se podem ver e ler informações didáticas sobre as rochas assim expostas. Mas o melhor exemplo de tal espírito comunicativo e didático canadense me foi dada por uma cena do Museu de Ciência de Tecnologia de Toronto. Ali, em uma mostra sobre hábitos alimentares, dois carrinhos de supermercado estavam postados lado a lado para comprar o *modus* de consumo canadense com o africano, em determinado período de tempo. Um carrinho cheio de folhas, raízes, frutos e legumes; o outro com uma pilha interminável de caixas e outras embalagens de alimentos industrializados, tão grande que ia até o teto, seis ou oito metros acima, e mesmo o perfurava... Mas o melhor estava por vir: a caixinha de vidro com exemplares comparativos de *fezes* – sim, isso mesmo! – de um canadense e de um africano, espetáculo ganho por este último com larga margem de gramas e centímetros... Sem faltar a devida explicação em termos de teor de fibras na dieta. Porque no Canadá é assim: tudo muito bem explicadinho!

Ville de Quebec é a capital da província francófona. Muita gente pensa que é Montreal, mas esta é apenas a cidade maior. O poder político parlamentarista reside na Ville, com seus três ou mais poderes. Gracinha de cidade, cercada por muralhas, com suas casas de águas furtadas e mansardas, todas de no máximo quatro andares. O *Chateau Frontenac*, possível réplica de algo *Outre-Mer*, hoje um hotel, domina o cenário. Diárias de uma ou mais centenas de dólares, para quem se habilitar. Cena inesquecível de Quebec: a estátua de um combatente canadense na estranha Guerra do Boers, ao lado da odiada Inglaterra, coberta por uma grande lata de lixo emborcada sobre ela, tendo ao seu redor o conteúdo do recipiente devidamente espalhado. Fiquei sabendo que se tratava de uma “comemoração” anual, ligada ao aniversário do erguimento de tal monumento. Na mesma praça, em ambiente um tanto desleixado e trágico, seringas descartáveis jogadas por todo lado, resultado da política de *redução de danos* para os *clochards* marginalizados que ali faziam ponto.

O Canadá ainda me mostrou mais. A viagem de Quebec até Tadoussac, uns trezentos quilômetros ao norte, me apresentou ao país profundo, com as estradinhas de terra pelas quais circulavam velhas camionetes e caminhões carregados de lenha para abastecer as lareiras no inverno que se aproximava. E mais: as pessoas sentadas em cadeiras postas nas calçadas, em papos coletivos, aproveitando as últimas semanas do Outono, antes que o terrível frio polar chegasse. E aquelas cidadezinhas tão organizadas, mas ao mesmo tempo bucólicas e despretensiosas, quase sempre cortadas pelas estradas, mas sem a presença de um único quebra-molas, eis que lá os imprudentes ou não existem ou têm muito medo da Lei...

Finalizando, acho que das viagens que fiz na vida, que não foram muitas, duas me marcaram profundamente: aquela aos EUA, em 1970 e esta ao Quebec, vinte anos depois. Na primeira, conheci a vida fora do Brasil, numa época que a juventude me permitia absorver tudo, com alegria, excitação e até certo *furor*, mas de modo menos crítico ou profundo. Não foi a toa que minha amiga Lia Ribeiro me disse, na ocasião, que eu tinha sido “contaminado” (ou

algo assim) pelo Tio Sam. Ao Canadá, todavia, eu fui com mais de quarenta anos. E minha maior maturidade me permitiu ver ali, de fato, um país em que qualquer um gostaria de ver o Brasil um dia espelhado. Mas já se vão quase trinta anos dessa segunda viagem e o espelho parece ter se partido para sempre. Os canadenses se dão ao luxo de ter um Trudeau jovem, contemporâneo e respeitado no Poder. Os Estados Unidos, no lugar disso, têm um Trump paleozóico. Já nós brasileiros que tínhamos tudo a *Temer*, alcançamos o inominável... E assim chegamos onde estamos, a anos luz de exemplos civilizados, com tristeza e vergonha cada vez maior. No Canadá, apesar das mudanças globais, os imigrantes, pelo que sabemos, ainda são acolhidos e respeitados; nos EUA enfrentam um muro simbólico e já em fase de se tornar concreto; aqui começam a ser molestados pelos *bossais-natos*.

Como dizia o mestre Rosa: *o mundo não muda nada; apenas de hora em hora piora*. Espero que o Canadá continue sendo uma exceção...

Na velha Inglaterra

Assim como em 1970 e 1990, datas de viagens marcantes que fiz aos EUA e ao Canadá, em 1993 estive por quinze dias na Inglaterra, desta vez em missão de trabalho, pelo Ministério da Saúde. Se houve resultados práticos para o SUS desta viagem não sei ao certo, pois estávamos em época de troca-troca de ministros (para variar) e não muito tempo depois mudou também o governo, de Itamar para FHC. Ainda me pergunto se alguma coisa teria sobrado desse contato, feito através de uma agência britânica de cooperação técnica *overseas*. Eu, pelo menos, espero que minha viagem tenha produzido resultados, pois não desejo carregar para o juízo final a culpa de ter gasto dinheiro em vão, seja ele brasileiro ou britânico. Mas o que quero falar agora é das descobertas e espantos de um brasileiro no Reino de Elizabeth II.

A tal viagem teve um início momentoso. Eu havia passado o final de semana na Chapada dos Veadeiros, em meu sítio no Moinho, recém adquirido e era necessário estar em Brasília na segunda feira, para comprar moeda e tomar outras providências relativas à viagem, cujo embarque se daria às três horas da tarde. Mas acontece que meu carro teve uma pane elétrica e assim tive que pegar emprestado de meu amigo Uiles Rosa um Chevette já vintenário – e assim só consegui sair de lá tarde da noite. Foi ainda preciso fazer escala técnica em São João da Aliança, pois o tal carrinho, apelidado carinhosamente pelo dono de *Jerry Gonça*, tossia e engasgava tal qual um portador de megasôfago, de modo que achei mais prudente dormir no meio do caminho e prosseguir a viagem com o dia claro, já temendo o pior.

Com as primeiras luzes da segunda feira finalmente partimos, eu, Luiza e Jerry, para chegar em Brasília ainda a tempo de fazer tudo o que era necessário e arrumar a mala, em minutos contados um a um. Finalmente, às três da tarde embarquei, fiz escala no Galeão e tomei o voo da Iberia rumo a Heathrow, com breve parada e troca de avião em Madrid. Em Londres demorei quase uma hora para encontrar minha bagagem, em meio a uma multidão multicolorida, dentro da qual circulavam cidadãos cor de azeitona, louros quase albinos, amarelos orientais e negros de diversas tonalidades e vestimentas. Alguma coisa me evocou os tempos vitorianos, pois no conjunto dos países natais de quem estava ali o sol realmente nunca se punha.

Encontradas as malas, tomei a van da agência de cooperação, junto com um etíope e um egípcio que estavam ali pelo mesmo motivo que eu e finalmente pude conhecer uma parte de Londres, que me agradou muito, aliás, com seus prédios de tijolinhos, ônibus de dois andares e aqueles taxis pretos. Mas esta passagem foi bem curta para minha expectativa curiosa, durando apenas o trajeto de Heathrow à Victoria Station. E desembarcando nesta última nem pude apreciar direito sua magnífica arquitetura novecentista em aço,

pois o trem para Manchester sairia, como pontualmente saiu, em breves minutos.

E assim, depois de um périplo por Alto Paraíso, Brasília, Rio de Janeiro e Londres pude respirar e conhecer a cidade berço da Revolução Industrial. Melhor dizendo, apenas ver alguma coisa pela janela do velho Austin, aquele simpático taxi negro inglês, porque depois de viajar por mais de vinte horas eu estava simplesmente esbodegado. E assim me recolhi aos aposentos de um hotel charmoso, embora velho e barato, onde me abrigaram. Ali achei que fazia jus a um bom banho de banheira e do pensamento passei à ação.

Quando finalmente relaxei na água quente pude me dar conta de que meu corpo era pasto de inumeráveis carrapatos, trazidos diretamente das macegas secas do Moinho. Eles já abandonavam o barco, de modo que não me foi difícil acabar de separá-los de mim, um a um. Quando terminei e me enxuguei é que percebi que eu tinha uma coceira dos diabos, coisa que até então não tinha percebido, dado o dia (e a noite) tão agitados. E deixei aqueles carrapatos ali mesmo, a rodopiarem na água que escoava pelo ralo da banheira, o que mais eu poderia fazer? Seria o caso de convocar a *Scotland Yard* sanitária deles?

Manchester é uma cidade velha e sem muitos prédios altos, apesar de ser uma das maiores da Inglaterra. Depois vi que isso é parte da paisagem deles. A conversa me foi um pouco difícil, pois o pessoal de lá carrega um *accent* da pesada, o tal do *cockney*, impenetrável para os menos esclarecidos, como eu. E na base dos gestos fui me virando, seja na portaria do hotel ou com os *bobbies* nas ruas, sempre simpáticos.

Minha companheira de missão, que havia embarcado uma semana antes de mim, para um seminário em York, *a velha*, era Patrícia Tavares, psicóloga carioca, que trabalhava junto comigo no Ministério da Saúde, de quem fiquei muito amigo. A maioria das atividades que desenvolvi na Inglaterra foram realizadas na agradável companhia dela. Era a primeira vez que Patrícia estava no Reino de Dona

Elizabeth, assim como eu, mas dominava a língua muito bem, do que muito me valia.

Em Manchester, visita obrigatória é ao museu da Revolução Industrial. Todas aquelas máquinas a vapor e mesmo suas sucessoras elétricas ou movidas a petróleo estão ali, praticamente em suas versões originais. Tudo dentro da fórmula que eu já havia visto nos museus do Canadá, ou seja, em mostruários interativos onde era possível, a maioria das vezes, tocar e fazer funcionar os objetos expostos. Prato cheio para um curioso como eu. No pátio das locomotivas me deleitei. Um exemplo da criatividade de tal museu era uma usina hidroelétrica instalada dentro de uma privada – isso mesmo! Você puxava a descarga de cordinha e a turbina geradora, instalada sobre o vaso, fazia acender uma lâmpada por alguns instantes. Mesmo alguém muito cru em compreensão de tecnologias seria capaz de sacar, de imediato, o mecanismo de um dispositivo assim.

Depois de uma das reuniões que tivemos em Manchester, com autoridades sanitárias locais, pegamos uma carona até o hotel com o diretor do hospital regional de lá, figura que no *National Health System* tem grandes responsabilidades na política de saúde, mesmo em termos extramunicipais. Era um senhor simpático e falastrão, nada *british*, muito interessado no Brasil (muito além das bundas, ao que parecia...) e que nos crivou de perguntas sobre o SUS. Em dado momento, perguntei o que ele fazia na vida, antes de ser diretor de hospital. Sua resposta me surpreendeu: ele disse que era dono de um banco, ligado ao partido no poder (*Tory*), que por força de suas ligações políticas tinha agora um cargo de direção na saúde. Para um brasileiro, nada de anormal, em princípio, pois bem conhecemos, em nosso dia a dia, os muitos casos de militantes partidários que são premiados com cargos públicos. O que não se vê por aqui é um banqueiro aceitar algo assim, certamente com remuneração muito inferior ao que seria normal para ele.

Mas de toda forma nos tocou a sinceridade daquele homem, que garantiu estar cumprindo em sua missão no NHS apenas como um

dever cívico e partidário, mas que gostaria de voltar a seus negócios tão logo fosse liberado. O fato é que o homem nos pareceu honesto e, no meu caso, só não fiz com ele um contato mais próximo porque me via um tanto assustado, assentado como estava no banco da frente do seu BMW, em posição que até então só tinha frequentado como motorista, ou seja, do lado esquerdo. E o tal banqueiro falastro era um furacão no volante! Quem nunca passou por isso não pode imaginar como é estranho, procurar – sem achar – o freio ou o volante a cada arrancada ou curva do veículo...

Hotel St. Gilles, em Londres. O ponto é nobre, quase na Oxford Street, com suas muitas livrarias, restaurantes e lojas chiques, inclusive especializadas em guarda-chuvas (coisa de ingleses), além de entradas para o *underground* (metrô). É preciso cuidado para atravessar, não só esta via, como todas as demais no Reino Unido, pois os carros sempre vêm do lado pelo qual não são esperados. Eu mesmo quase fui atropelado. No St. Gilles um daqueles brasileiros furões nos saldou já no primeiro café da manhã e cuidou de nós como se nos conhecesse desde sempre. E ainda admoestava seu colega paquistanês ou indiano: *Ahmed, take care of the brazilian people!* Na madrugada tocou um alarme de incêndio no hotel, o que fez minha amiga Patrícia sair sobressaltada e descabelada pelos corredores e correr até o meu quarto, para nos safarmos juntos. Mas era alarme falso, embora traduzindo a verdadeira neurose com incêndios que os ingleses têm. Devem ter suas razões, sem dúvida.

Marca registrada de Londres é a gravação monótona e repetitiva que se ouve no *underground*, quando você entra nos vagões: *mind the gap, mind the gap, mind the gap*, que lembra um bingo modorrento. O formato dos trens e dos túneis, que se referem ao seu outro nome local, *The Tube*, associado à cantilena a respeito dos espaços entre os vagões e as plataformas, não tornam o ambiente muito acolhedor, ali debaixo do solo. Como minha amiga um dia se recusasse a *entrar pelo cano* daquela maneira, tive que lhe prestar ajuda não muito cortês, aplicando-lhe um bom empurrão seguido de uma puxada para dentro do vagão, caso contrário ela se partiria ao meio

quando o trem se movesse. Mas fui perdoado após alguns minutos de amuo (compreensível).

Na Oxford Street fiz duas das compras mais significativas de minha excursão britânica: o disco de trinta anos de carreira de Bob Dylan, que ainda não havia sido lançado no Brasil e uma *hurricane lamp* naval legítima, que ainda hoje enfeita minha coleção de lampiões. No mercado de Camdem Lock comprei uma camisa polo de manga comprida, de marca Gap que me acompanha até hoje, mais vinte e cinco anos depois. Deve ser legítima.

Em viagem de trem a Southampton, ao sul da ilha, para um encontro de trabalho, pude ver com mais detalhe uma das maravilhas locais: o campo inglês. Verde como o mar da Bahia, segundo Gil. Disposto em colinas suaves, com graciosos muros de pedra, casinhas brancas de telhado alto e janelas quadriculadas, pequenos canais de navegação cortando a planura por toda a parte, repleto de ovelhinhas – uma graça. Vê-se que mora muita gente ali, mas sempre em casas afastadas umas das outras ou em aldeias minúsculas. Eu já conhecia tal paisagem dos romances de A. J. Cronin e foi um prazer ter este contato pessoal e direto com ela.

No nosso último dia na capital, Patrícia me convidou para acompanhá-la a visitar dois de seus ídolos, Freud e Marx. A casa do primeiro e o túmulo do segundo. O tempo, de chuva fria já ameaçando um *fogg*, não ajudava muito, mas fomos assim mesmo. Depois de diversas trocas de estações *in the tube*, desembarcamos na esquina freudiana. Para desgosto de minha amiga, a casa estava fechada para reformas e totalmente coberta de tapumes. O remédio era ir agora ao cemitério marxiano, conhecido como Highgate. E depois de voltas e mais voltas pelos tubos do subsolo londrino, lá chegamos. Mas era tarde e o lugar já estava fechado para visitas, permitindo só a permanência dos moradores àquela altura do dia. Da porta pudemos vislumbrar a paisagem belíssima em que o velho Marx descansava de sua vida sofrida e laboriosa. Fazer o quê? Voltar à City foi a nossa decisão e por sorte vimos que a linha do metrô tinha agora uma parada na Oxford Street, próximo ao nosso hotel.

Lá chegando, ao voltar à superfície, constatamos que estávamos frente a um pub dos mais simpáticos e tradicionais – *The Red Lion Tavern*. Entramos, tomamos mesa para saborear uma Guinness e verificamos que a um metro acima de nossas cabeças um senhor de cabeleira farta e cenho carregado nos observava, de dentro de um grande quadro na parede. E em uma pequena placa de bronze vinha a explicação: *Just in this tavern, Karl Marx wrote The Communist Party Manifesto*. Precisaria de algo melhor para completar o dia?



Esta história tão singela ainda me trouxe alegrias e surpresas quase vinte e cinco anos depois de ocorrida. Foi o seguinte: logo depois de escrever o texto, me bateu uma enorme saudade de Patrícia Tavares, a quem não vejo pessoalmente faz alguns anos (embora volta e meia tenha notícias dela e até mesmo trocamos alguns comentários nas “redes”). Resolvi, então, compartilhar com ela o escrito e algumas horas depois já tinha a resposta, que me emocionou muito. A seguinte:

Querido, amei!!! Tenho tão boas recordações daquela viagem. Uma delas é quando estávamos acho que no National Museum e novamente soou o alarme de incêndio. Eu como sempre apavorada fui atrás de você para sairmos do prédio. Quando te encontrei, você falou: “Agora que cheguei na galeria do Rembrandt não saio nem morto”. E lá fui eu apavorada para fora do Museu, constatar minutos depois que era um alarme falso. E assim eu perdi o prazer de contemplar as obras do Rembrandt...

Outro momento que não sei se te contei foi, acho, que no último dia da viagem. Decidimos nos separar porque queríamos aproveitar os últimos minutos com atividades diferentes e marcamos de nos encontrar depois. Creio que foi nesse dia que ao nos reencontrarmos, fizemos uma caminhada a beira do Rio, onde havia várias obras de artistas expostas ao ar livre. Depois daquela caminhada em paz, lado a lado, sentamos num café e ficamos apreciando a paisagem e as pessoas. Naquele momento vivi uma sensação típica de momen-

tos de plenitude, que tive algumas vezes nessa já longa vida, em que penso: “se morresse nesse minuto, morreria feliz”. Obrigada pelas lembranças dessa viagem que consolidou nossa amizade e por suas manifestações de afeto que dela resultaram em momentos muito importantes da minha vida. Beijos e estou louca para ler o livro.

Conhecendo o mar

Eu me lembro, ali pelos meus doze ou treze anos do dia em que meu pai nos comunicou, bem feliz, que havia ligado para seu parente (distante) Joaquim Machado, morador em São Paulo, comunicando-o que ia levar toda a família para passar uns dias na casa dele, a fim de que nós, crianças (já éramos nada menos do que cinco), conhecêssemos, além das belezas da Paulicéia, nada mais que ele mesmo: o *Mar*, em Santos.

E arrematava: *ele estava tão feliz com a notícia que até ficou mudo, de surpresa*. Já na época eu achei que tal fato poderia ter provocado no primo Joaquim uma baita *surpresa*, mas quanto a *felicidade*, tenho minhas dúvidas.

E lá fomos nós, agora em uma reluzente Vemaguete, novinha quase-em-folha, pela Fernão Dias, igualmente nova e pouco trilhada na ocasião. Tudo era novidade para nós, que por tal caminho ainda não havíamos passado de Betim, bem nas cercanias de BH. E assim fomos desbravando o vasto Sul de Minas, passando por cidades ainda não conhecidas, como Oliveira, Perdões, São Gonçalo do Sapucaí, Camanducaia, Extrema, Bragança Paulista e muitas outras. Cito assim nominalmente porque fazia parte do roteiro entrar em cada uma delas, para que meu pai especulasse se havia parentes ou colegas de colégio extraviados por ali.

Em Perdões, por exemplo, fomos visitar uma moradia que era alvo de romarias desde que um desenho natural na madeira de uma cama, usada por uma velhinha já falecida, figurava uma Nossa Se-

nhora, de cuja face escorria uma espécie de lágrima avermelhada. Em Bragança, aproveitamos para cortar o cabelo. Afinal, alguma coisa prática tinha que suceder naquelas visitas.

Apoteótica foi a chegada a Sampa. Nós nunca tínhamos visto prédios tão grandes, ruas tão movimentadas, pessoas tão agasalhadas, tantos túneis e viadutos por todo lado, além de um jeito pra lá de esquisito de falar. E mais as propagandas de um estranho refrigerante chamado simples e misteriosamente de “7Up”. Mais ainda nos extasiamos ao chegar à casa de Joaquim e Germana, com seu mimado filho único Joaquim Carlos. Aquilo era um paraíso de consumo, mostruário de objetos extraordinários, onde havia até – imaginem! – sorvete na geladeira, à disposição de quem quisesse experimentar, a qualquer hora. Uau! É claro que tal luxo, oferecido assim de mão cheia, nos foi vedado de imediato por minha mãe, apesar da oferta gentil da dona da casa.

E o show de maravilhas continuou, com visitas ao Pacaembu, às lojas Mappin, ao Anhangabaú, às avenidas Paulista e São João, ao Ibirapuera e a uma sessão de Cinerama, para não falar do *Mar*, em Santos, que merece um novo parágrafo. Aquela cidade era realmente extraordinária, embora não houvesse, ainda, para nenhum de nós, a sua *mais completa tradução*, Rita Lee...

Ir a Santos, até hoje, acho um espetáculo maravilhoso, principalmente quando olhamos, não pelas janelas laterais dos ônibus ou dos automóveis, mas para frente. Com efeito, é melhor fingir que não se vê as chaminés e as favelas do ABC ou de Cubatão, para se concentrar no que realmente interessa, o glorioso espetáculo do mar, principalmente quando se o observa pela primeira vez; mar que já nos toca e sensibiliza desde os altos daquele Planalto de Piratininga.

E fomos todos para a praia, os sete mineirinhos e mais o casal paulistano com seu filho, espremidos (não sei como, só sei que foi assim...) em um único carro, desta vez o Chevrolet Bel Air de Joaquim Machado.

A primeira lembrança que tenho do mar não é exatamente sua visão de perto, mas sim de seu cheiro, que parecia nos entrar não apenas pelas narinas, mas por todo o corpo. A sensação, ainda hoje presente em mim, é a de que nossa pele condensa aquele ar especial e o faz penetrar pelos poros e só assim chegando às narinas, numa autêntica subversão da fisiologia. Algo pegajoso, mas totalmente bem-vindo, pelo menos na primeira vez que é sentido. Mas sem nenhuma *fisiolosofia*: não dá para esquecer de um momento como aquele! E logo em seguida, além de cheirá-lo e senti-lo com todo o corpo, pudemos também prová-lo. No fundo, no fundo, mesmo sabendo de tudo, não há quem se espante de sentir, com a língua, que o tal mar é realmente ... salgado.

E que importavam aquelas manchinhas de óleo que nos grudaram na pele e nem mesmo o tom de camarões fritos que adquirimos ao fim de algumas horas de sol forte. Que doesse! Se o preço que o mar nos cobrava para conhecê-lo era só esse, estávamos quites e satisfeitos. E que viesse mais.

E ainda vieram a visita à Ilha Porchat, a circulada pela avenida costeira, o aquário, a vista dos navios no porto, os velhos prédios centrais. Era muita novidade para um bando de mineirinhos.

Na volta, pela mesma Via Anchieta, parecíamos personagens daquele quadro duplo de Norman Rockwell, que retrata uma família na ida e na volta de um dia no campo. Cada um tombado em seu canto. Só faltou o cãozinho preto. Mas também nem havia lugar para tal personagem.

Apenas uma fotografia na parede

Frequentei Itabira na minha primeira infância, por volta de 1954 ou 1955, passando dias memoráveis na casa de meus tios Virgílio e Marita. Depois, talvez pelos compromissos de meu pai, inician-

do negócio próprio no ramo do transporte coletivo, ficamos alguns anos sem aparecer por lá. Em 1961 ou 62, retornamos.

O velho Oldsmobile – aliás, nem tão velho assim, talvez nem tivesse uma década de serviços prestados na ocasião – foi convocado e seguimos pela BR-262, recém-inaugurada, família completa, casal e cinco pimpolhos. A viagem foi *sopa*, como se dizia então. Com efeito, as penosas seis ou mesmo oito horas dos tempos antigos, agora, pelo asfalto se resolviam em duas horas, ou até menos, dependendo de quão afoito fosse o motorista. Assim, a meros sessenta quilômetros de BH, ao se dobrar a Serra do Espinhaço, no município de José de Melo, já era possível avistar o Pico da Conceição, um dos marcos de Itabira, que a Vale não conseguiu demolir. Daí, em pouco mais de quarenta minutos, já se adentrava em minha cidade natal.

Uma cena da chegada me marcou a memória. Já havíamos passado pela entrada da Mina da Conceição, onde meus pais e eu mesmo, com menos de um ano de idade, moramos por algum tempo, quando minha mãe exclamou: *céus, o Cauê desapareceu!* Com efeito, o pico que dominava o cenário da cidade ainda nos anos próximos ao meu nascimento, tinha sido simplesmente *sovertido*. O que havia em seu lugar era uma vasta plataforma, meio tapada pela poeira levantada pelos poderosos caminhões *off-road*, em seu afã de remover o minério até depositá-lo estrepitosamente nos longos trens da Vitória-Minas. Tudo em modo *titânico*.

Eu que ainda poucos anos antes estivera várias vezes na cidade, já tinha dificuldades em reconhecê-la. É bem verdade que a casa de meus tios ainda estava como dantes, no mesmo caminho da Água Santa, com seu açude minimalista onde Virgílio criava suas rãs. Mas aquelas velhas ruas guarnecidas por vistosos casarões, com seus calçamentos de pedras vivas e brutas de hematita que se enferrujavam depois das chuvas, já eram agora asfaltadas. E me impressionei com o fato de meu pai ainda ser reconhecido por onde passava, pois eu o achava completamente diferente daquelas fotografias que o mostravam nos anos da juventude.

Acho que foi um grande reencontro para mim, que transformei aquela cidade antes remota em algo mais próximo e familiar, idealizando-a como *aldeia ancestral*, algo que talvez já me fizesse falta, por algum traço profundo de personalidade ou por ser um cancelariano – sei lá... Mas o que sei é que apreciei a experiência de tal forma que, nos anos seguintes, já liberado para viajar sozinho e acossado pelos hormônios da adolescência, passei a cultivar tais *doce lembranças itabiranas*, fazendo da cidade uma *praça de convites* (conforme disse Drummond), ou seja, palco de ingênuas namoricos e paqueras, celebrados naquele *footing* entre o Largo do Batistinha e o Clube Atlético Itabirano.

Mas como acontece na vida de muitos, um dia me cansei daquilo tudo. Eu já tinha meus dezoito anos e agora frequentava Itabira na companhia de dois irmãos, meus amigos, que também ali tinham raízes, Lulu e Taquinho Bretas. Estes eram dois caras vividos, enturmados, namoradores. Iam com frequência à cidade, onde tinham primos e principalmente primas, além de diversos amigos. Eu, na ocasião, só tinha lá meu tio Heraldo, com bons primos-amigos, mas com cuja mãe eu não me dava muito bem. E foi assim que em um jogo de vôlei na rua, com as incontáveis amigas dos Bretas, uma delas se riu com as minhas *furadas* com a bola, objeto este, aliás, com o qual eu nunca tive qualquer intimidade, fosse com os pés ou com as mãos. Ofendido, me retirei dali, passei na casa de meu tio, peguei minhas coisas e me mandei para BH, para somente voltar a Itabira muitos e muitos anos depois.

Hoje prefiro cultivar esta cidade como uma fotografia na parede. E não dói nada...

Me in USA

Em 1970 entrei numa seleção de uma tal Associação Universitária Interamericana (AUI) para uma bolsa de estudos nos Estados

Unidos, com direito a seminários em Harvard e, contra todas as expectativas, inclusive as minhas, fui aprovado. Isso virou minha cabeça. Até então eu não havia saído do Brasil e nem tomado um avião. Aconteceu tudo de uma vez só. Tampouco falava inglês, a não ser rudimentarmente e entendia menos ainda. Mas me virei por lá e até recebi elogios com as pessoas com que convivi, do tipo *fine, handsome, good guy*.

Esta AUI organizava estas iniciativas anualmente, desde os anos 60. O que se dizia, na época, é que era um projeto apoiado por fundações americanas, com as bênçãos do *New Left* abrigado no Partido Democrata, visando “fazer a cabeça” de jovens brasileiros no sentido da boa democracia liberal, que os americanos viam ameaçada em toda a América Latina depois da Revolução Cubana. Entre outros brasileiros ilustres que lá estiveram com a mesma bolsa, em épocas diferentes, cito Marco Maciel, Cristóvão Buarque e Alceu Valença, além de um punhado de pessoas que depois se tornaram ministros, embaixadores, juízes, desembargadores, políticos etc.

Durante os primeiros dez dias, fiquei hospedado na casa de uma família americana, em Fall River, nos arredores de Boston. Junto comigo um outro bolsista, este carioca. Gente boa os nossos hospedeiros, tanto os pais, na faixa dos 35 a 40 anos, como os filhos adolescentes ou pré-adolescentes. Quem não era lá essas coisas, ou melhor, um sacana completo, era o meu companheiro carioca, que dividiu o quarto comigo, e que logo que criou intimidade na casa passou a chamar para se deitar com ele debaixo das cobertas, de manhãzinha, uma das meninas da casa, de no máximo 12 anos. E a inocente atendia. Os pais não viam. Cheguei a falar com ele que isso não estava correto, ia dar bode. O bandido me respondeu algo como: *por que não experimenta, você também vai gostar...* A questão não teve maiores consequências, visíveis pelo menos, ao que parece, mas me deixou um sentimento ruim. Felizmente, na próxima etapa da viagem, em Cambridge, o safado ficou longe de mim, e sem acesso a meninazinhas como aquela de Fall River, que ele pudesse molestar.

Aqueles garotos de *Fall River* eram realmente da pá virada. Logo se afeiçãoaram aos dois hóspedes brasileiros e passaram a nos acompanhar nos passeios pela cidade, nos apresentando à patota deles como verdadeiros troféus – e eu bem que me divertia com isso. Para me homenagear, roubaram uma placa de rua e me ofereceram. Ela está comigo até hoje e diz: *Meadow Road*, referindo-se a um nome de pássaro. Na casa vizinha morava uma família portuguesa, bem situada financeiramente (era um bairro de classe média alta), cujo pai se chamava Milton Rodrigues e os filhos, já na faixa dos 15 a 20 anos, tinham nomes portugueses também. O ramo de negócio deles era um *Funeral Services* e todos os membros davam expediente lá, num regime de total normalidade. Alguém tem que fazer tal serviço, afinal de contas. A curiosidade maior é que apenas Mr. Rodrigues falava português – e mal por sinal – pois já faziam parte, mesmo o chefe da família, de uma geração nascida na América. Tive a satisfação de conhecer, lamentavelmente apenas de forma superficial, uma lindíssima aeromoça da TAP, esta portuguesa legítima, hospedada com a família.

Nos EUA, eu e meus colegas bolsistas, vindos de todas as partes do Brasil, nos dedicamos a explorar o lado B americano. Bebíamos todas – e alguns de nós foram bem além disso! Mas a verdade é que da primeira Budweiser a gente logo esquece... Experimentei também umas coisinhas menos publicáveis, “fumáveis” em cachimbos de cerâmica, “*the grass*”. Isso nos era trazido pelos adolescentes da casa onde eu me hospedara nos primeiros dias. Era tudo novidade para mim, pobre mineirinho inocente, inclusive isso! Mas na ocasião, já em Cambridge, tive a cautela e o bom senso de recusar um convite para um *mescal party*, que seria celebrado num apartamento nas alturas. Voo por voo eu já estava satisfeito com aquele da Varig.

A turma da AUI foi com sede ao pote. Garotas americanas disponíveis não faltavam. Afinal, lá a revolução dita sexual havia se antecipado à nossa em uma década ou mais. Mas havia também uma enorme transação entre nacionais mesmo, levando, inclusive, a algumas garotas bolsistas menos liberadas (ou mais ciosas de sua

privacidade), a se assustarem e se revoltarem diante dos estranhos movimentos rítmicos percebidos pelas madrugadas, no outro andar dos beliches que compartilhavam com colegas. De tais tertúlias juro que não participei, não por virtude, talvez, mas por falta de oportunidade. Mas de toda forma fiquei orgulhoso quando duas colegas, uma gaúcha e outra pernambucana, que algumas vezes me chamavam para sairmos juntos, me disseram que o faziam porque viam em mim uma pessoa educada, confiável, além de “civilizada” no quesito assédio. Sem esquecer da fábula da raposa diante das uvas (verdes), afianço que tal afirmativa foi para mim um grande elogio, pois fazia justiça a algo que eu exercia de forma intrinsecamente consciente, sem grande esforço.

Um belo dia, numa festa oferecida a nós por um grupo de brasileiros que já residiam em Boston, uma garota ítalo-americana, meio gordinha, se interessou por mim. E bem que rolaram uns amassos, mas nada mais. Chegando ao Brasil fiz questão de contar tal fato para minha namorada (e até hoje acho que não devia ter contado, pois tive muitos problemas com isso). Muito barulho por nada: Eliane era muito ciumenta.

Nos *States* conheci de perto o que era consumo. Só para dar um exemplo: na loja Macy's, de Nova Iorque, me deparei com uma estante de café, com caixinhas de vidro, onde o produto que para nós brasileiros era uma coisa só, ali estava organizado por origem, altitude, grau de torrefação, variedade etc. E tinha umas trinta caixinhas diferentes! Uau! Ali se podia comprar, também, mangas frescas do Himalaia e tâmaras do Egito. Aliás, acho que se podia comprar qualquer coisa que se pensasse.

Aproveitando o impulso, comprei também roupas diversas, dentro do padrão americano, que faziam grande sucesso no Brasil, tipo camisas xadrez, malhas, calça Lewi's. Em Nova Iorque, adquiri também uma bela bota, de couro camurçado, sola de borracha, de um tipo considerado sofisticado por aqui. Quando fui calçá-lo, já no alojamento da Columbia University, é que vi o selo de fabricação:

Made in Brazil, mais exatamente em Franca, São Paulo. Viajar para tão longe para comprar um sapato brasileiro, vejam só...

Entre as minhas peripécias americanas, duas são de se contar para filhos e netos: assisti a um show de Tina & Ike Turner em Boston e, mais importante ainda, do quinteto de Dave Brubeck em pleno Central Park. Para quem nunca havia saído de BH...

A viagem, que se estendeu por Boston/Cambridge, onde participei de um seminário de três semanas na Universidade de Harvard, Nova Iorque e Washington, foi de fato uma coisa extraordinária para mim. O certificado que recebi da tradicional instituição há muito orna minha parede, mas muito mais do que isso eu trouxe de lá, que poderia resumir como o contato com um mundo que não era de longe aquele que eu conhecia até então, mal saído da minha BH provinciana. Voltei de lá firmemente decidido a fazer uma pós-graduação no país, mas as circunstâncias me impuseram outros roteiros. Tudo bem, é a vida, é a vida e é a vida.

Trouxe alguma decepção também, não ligada ao *American Way of Life* diretamente, mas da própria convivência com a verdadeira horda de brasileiros que tive por companhia, para dizer pouco: ruidosos, pouco respeitosos, vandálicos às vezes. E aquela nata talvez fosse o que de melhor este pobre país tinha a oferecer, afinal, foram os oitenta que se sobressaíram entre milhares e milhares de inscritos no Edital da AUI. Moralismo à parte.

O dia em que conheci Brasília



O acontecimento culminante da década dos sessenta, para mim, foi a minha ida a Brasília na inauguração da cidade. Eis como eu contei o fato muitos anos depois, com o orgulho incontido de quem esteve lá, no estilo *meninos, eu vi*.

Entoando nosso hino, o “Rataplã do Arrebol”, de cujas palavras ignorávamos o exato significado, nos arrancamos de BH em uma manhãzinha de abril de 1960. O caminhão Chevrolet *tinia* de novo (uma gíria da época) e levava nossa tropa, o Grupo Escoteiro do Colégio Estadual, para participar da inauguração de Brasília. Dentre nós, talvez, os mais viajados mal haviam passado de Lagoa Santa, ou adjacências, sempre em companhia dos pais.

Era tudo aventura, a começar pelo vento, que já à altura de Sete Lagoas havia destruído o toldo de lona posto sobre o caminhão e dispersado alguns dos chapéus de feltro, o que deixou seus donos inconsoláveis.

Em Três Marias paramos para comer, de marmita, pois naquele tempo não se conhecia *fast-food*, palavra que, aliás, soaria como um palavrão em língua gringa. Ali constatei, para meu dissabor, que a comida preparada com carinho por minha mãe, de véspera, simplesmente azedara, irremediavelmente. Um colega caridoso me ofereceu uma banana, com a casca já preta, a qual comi com gosto, o que fazer?

Chegamos esbodegados em Paracatu, já a tempo de dormir. Um Grupo Escolar foi nosso abrigo e ali o chão nos serviu de cama, sem direito a travesseiro e chuveiro, além daquela puxadinha de cobertura sobre o queixo, privilégio que muitos de nós certamente ainda usufruíam, de parte de nossas mães. De madrugada, o Planalto Central logo nos mostrou sua inclemência, quase nos congelando.

E aquela estrada, meu Deus! Parecia que por mais que viajássemos, estávamos sempre no mesmo lugar... Repetiam-se, monotona-mente, aqueles morrinhos em forma de mesa, o horizonte plano e distante, sem nossas montanhas familiares; e mais aquela vege-tação retorcida e meio acinzentada do cerrado. Aqui e ali pessoas vendiam frutas estranhas, cascudas, coloridas, de cheiro ativo, que por vezes nos entrava pelas narinas mesmo na carroceria do Che-vrolet, a toda velocidade.

Lembrança de Cristalina: filas de carros com os para-brisas quebra-dos pelo impacto dos cristais do cascalho fino que cobria o asfalto. E filas de vendedores de vidros automotivos, recém descobridores daquele filão de ganhar dinheiro, coisa rara naquele tempo e na-quela região.

Brasília nos recebeu lá pelas onze horas da manhã, num calor de rachar, que nos fez sentir saudades do frio de Paracatu. Com os cha-péus restantes e o nosso grito escoteiro – *arrê, arrê, arrê* – saudamos os Fuzileiros Navais que vinham a pé do Rio de Janeiro. A estátua gigantesca e esquisita, hoje conhecida como “Chifrudo”, na entrada do DF, não nos augurou boa coisa.

Acampamos logo abaixo do Palácio do Planalto, monumento en-tão tingido pela poeira vermelha, no meio do cerrado. Não havia banho. Para as necessidades mais imperiosas, o hediondo WC de uma cervejaria instalada num galpão provisório, ao lado do Palá-cio. Acabamos descobrindo uma adutora furada, ao lado da qual, meio atolados na lama, lavávamos as panelas, as cuecas e o corpo. No acampamento sem árvores já no primeiro dia estávamos à beira de uma insolação. À noite, um frio siberiano. Como se não bastasse, um “enxame” de carrapatos nos assolou, propiciando o intenso afa-zer de nos coçarmos, dia e noite.

Por muita teimosia voltei a Brasília - e para morar - muitos anos depois. Na adolescência, entretanto, só não corremos, eu e meus companheiros, de volta ao regaço materno, porque nossa querida BH ficava muito longe do terrível Planalto Central.



Brasília, onde já passei um terço da minha vida, já tem quase 60 anos. Constato com certa melancolia que muitos planos e ideais dos anos sessenta – tantos nossos como do Brasil – ficaram, defini-tivamente, para trás. Estar presente na cidade recém-nascida e ter vivido tal aventura foram algo épico para mim, que sobrevivi a essa viagem maluca e ainda tenho o lucro de poder contar esta história.

Isso me faz pensar também no destino dessa cidade, muito querida, por vezes nem tanto. Onde e quando foi que ela capotou? Os anos sessenta nos trouxeram coisas marcantes, como a Bossa Nova, os Beatles, Che Guevara, além de algumas que já ficaram esquecidas, como a Vemaguete e o Renault Gordini... Outras, entretanto, permanecem presentes talvez para nos lembrar que nossos sonhos já foram mais generosos, como esta maltratada e agressiva Brasília de hoje.

Do escotismo guardo boas lembranças, embora minha carreira *sempre alerta* tenha sido curta, apenas dois anos ou menos. O grande evento foi, sem dúvida, a ida a Brasília, mas houve outros acampamentos memoráveis, na floresta de eucaliptos que havia – ou talvez ainda esteja lá – no entorno do Zoológico de Belo Horizonte. A nossa “tropa” era do bem e foram inesquecíveis aqueles *fogos de conselho* às noites, dos quais ainda sou capaz de repetir algumas brincadeiras e cânticos (por exemplo, o *kri-kré-krof*, que repassei aos meus filhos mais velhos e que eles ainda sabem de cor). As barracas precárias, de lona, sem o fundo contínuo com as paredes como aquelas que se vende até em supermercados hoje, mal afastavam o frio das noites, mas davam a seus habitantes a sensação de uma aventura sem precedentes.

Um garoto fora da província

Em meados da década dos 60, tive oportunidade de fazer duas viagens que, por assim dizer, ampliaram tremendamente o horizonte aberto pela ida a Brasília, para a monumental inauguração em 1960.

A primeira delas foi a São Paulo, em 1965. Alguma coisa aconteceu, de fato, para mim – e não foi só andar pela esquina da Ipiranga com a São João (a canção de Caetano ainda não tinha sido escrita ou, pelo menos, não era conhecida). Peguei um Cometa em Belo Horizonte, e – detalhe importante! – sozinho, cheguei a Sampa nas

regulamentares nove horas depois. Na velha rodoviária da cidade, na região da Praça Tiradentes, lugar onde hoje ninguém, muito menos um menor, pode andar sem estar prevenido contra “fel, moléstia ou crime”, desci do Cometa e entrei no ônibus para Mogi das Cruzes. A casa de meus tios Cicida e Alfredo Froes era meu destino, em São Miguel Paulista. Cheguei de noite e fui muito bem recebido, como não poderia deixar de ser. Meu tio Alfredo era um sujeito especial, mesmo com a idade que eu tinha já me tratava com honras de adulto – era tudo o que eu queria. Com poucos dias na casa deles, já familiarizado com o ambiente um tanto tosco de São Miguel, resolvi ampliar meus limites. Além disso, o casal já tinha três de seus cinco filhos, uma escadinha, todos pequenos e eu começava a querer respirar uma atmosfera mais descomprometida com querelas infantis e aquelas demandas reiteradas ao primo que veio de longe. Assim, depois de estudar com profundidade um mapa da cidade, devidamente amparado por Alfredo, um belo dia tomei um trem da Central do Brasil e parti da periferia para a Estação D. Pedro e depois o Anhagabaú.

Comecei pelo reconhecimento do terreno. Da Estação, explorei o grande parque e rumei ao Vale, registrando cuidadosamente o trajeto daquelas ruas estreitas que acabaram por me conduzir a Santa Ifigênia e ao Viaduto do Chá. Atravessei o soterrado riacho para conhecer o Teatro Municipal, o Largo do Arouche e a famosa esquina depois cantada por Caetano. Segui São João, subi Consolação e São Luiz, virei a Paulista. Achei que valia a pena voltar e o fiz também em outros dias, mudando meu objeto, da geografia urbana paulistana para a exploração cinematográfica. Juntei meus parques trocados e assisti a uma maratona de filmes. Aquilo era encher a alma de cultura e informação.

Um dos filmes que assisti em Sampa, *Hatari*, de Howard Hawks, grande sucesso nos anos 60, de repente me provocou a fúria de ser do contra, pois era elogiadíssimo como comédia e como transposição do ambiente western para a África. John Wayne em um de seus papéis magistras. Ao voltar a BH, dias depois, expus minha

crítica ao cinéfilo Mario Alves Coutinho, que fazia trinca comigo e Tiago Veloso. O céu, simplesmente, ruiu sobre minha cabeça! Para meus amigos, *Hatarí* era obra prima; para mim, porcaria. Não teve acordo possível, por pouco rompemos nossa forte amizade. Tenho vontade de ver a tal fita de novo. Quem sabe mudei de ideia?

Mas devo ter voltado a BH mais culto e mais sabido, com certeza.

Um ano depois, já com 17 anos (impressionante como um ano faz diferença nessa época de nossas vidas) fui conhecer o Rio de Janeiro. Obrigação de mineiro que se prezasse, claro. Ai, da primeira vez no Rio ninguém esquece! Achei a cidade pouco convidativa em matéria de odores e temperatura, mas o resto me encantou profundamente. Fiquei hospedado no apartamento, em Laranjeiras, de meus tios Aucélia e Roberto. Ali eu dispunha de mordomias e tenho especial lembrança da coleção de long-plays de clássicos que meu tio possuía e que foram logo colocados à minha disposição. De quebra, ainda tinha o proprietário dos discos, na volta para casa, como interlocutor qualificado a comentar comigo as obras que eu escutara antes dele chegar. Como todo bom iniciante, me amarrei em Vivaldi, não só nas Quatro Estações mas também nos *Concerti Grossi*, que eu logo trauteava com gosto e ardor de um velho conhecido. Inesquecível!

Eu já não estava tão ligado em cinema como no ano anterior. É bem verdade que agora tinha cinema à minha disposição – e sem sair de casa! Televisão? Não – algo muito melhor! É que meus tios moravam em uma rua estreita do bairro das Laranjeiras, General Glicério se não me falha a memória, e seu apartamento, em andar elevado, se situava numa muralha de edifícios que por sua vez ficava de frente (e de costas) para outras muralhas. Se você chegasse a uma janela qualquer, tinha visão imediata de algumas centenas de outras janelas, a partir de todos os ângulos do imóvel. E meu tio Roberto, militar reformado da FAB, era proprietário de um extraordinário binóculo. Assim...

Resumo da ópera, ou melhor, do filme: eu que nunca havia visto sequer uma dama de roupa íntima ao vivo, tinha agora à minha disposição dezenas delas, inclusive sem qualquer vestimenta, em total intimidade...

Se o Rio me marcou como um todo nessa primeira visita, as cenas paradisíacas que eu assisti marcaram mais ainda. Realmente não dá para esquecer.

Pequena história cubana

Era 1982 um brasileiro ir a Cuba era uma aventura arriscada. Mas mesmo assim fomos, eu e Eliane, numa viagem sinuosa, passando primeiro pelo México. O visto, então, era um procedimento totalmente clandestino para nós brasileiros. Nada de carimbos! As próprias marcas do grampeador usado para prender em nossos passaportes um papelucho eram vistas com suspeita pelos agentes da ditadura. Ouvi mesmo falar de gente que teve que se explicar à Polícia Federal, já no desembarque, por conta daqueles dois furinhos...

A experiência exótica já começava no avião da Cubana de Aviación, um Tupolev russo de velha cepa, com rodas que incluíam, além dos três trens de pouso habituais, mais um extra, traseiro, que só tocava o chão quando o avião já estava quase parando na decolagem. No banco da frente um escritor uruguaio famoso, creio que Mario Benedetti, comunista, perseguido em seu país e certamente bem acolhido em Cuba. Boa parte dos passageiros era formada por cubanos de Miami, beneficiários de uma medida de boa vontade do regime, visitando parentes que ficaram para trás. O almoço era carne de porco em arroz, com muita banha, bem no estilo do interior do Brasil. As aeromoças não depilavam as axilas, sem deixar de ser bastante simpáticas.

Mas tudo isso é folclore, e não tem nada a ver com tal pequena história prometida no título desta crônica...

Um dos passeios obrigatórios em Havana, pelo menos na visão dos agentes de turismo, era uma visita ao Parque Lênin, nos arredores da capital. Um belo espaço, sem dúvida, com mata tropical e lagos, além de prédios para eventos culturais. Bustos diversos por toda parte, de Marx e Engels, de Lenin, de Martí, de Ho Chi Minh e outros nomes da esquerda mundial. Mas um tanto abandonado, sem uma barraquinha, por exemplo, onde se pudesse tomar uma água mineral ou uma cerveja. Isso foi em 1982; as coisas devem ter melhorado desde então, no esforço de tornar Cuba em lugar mais atrativo para turistas.

Chegar ao Parque Lênin foi fácil, pois uma van da agência de turismo nos deixou lá. Voltar foi um pouco complicado, pois o pacote só oferecia transporte de ida, coisas de Cuba na ocasião.

Assim, nos conformamos em caminhar um pouco, em pleno sol de meio dia de Havana, até um ponto coberto onde a *guagua* (ônibus) passaria, sabe-se lá quando. Tudo deserto em volta, não só na pista da grande avenida como na calçada onde estávamos. Mas eis que surge, do nada, um homenzinho mulato, com uma sacolinha a tiracolo, bem no estilo daquela que os trabalhadores brasileiros usam para levar suas marmitas. Ele nos olha de alto a baixo e, à maneira habitual dos cubanos, sempre muito amistosos e “dados”, logo puxa conversa, querendo saber em que língua estávamos conversando.

Sem deixar de acolhê-lo, também, amistosamente, continuamos a falar em português, desafiando-o a descobrir qual seria nosso idioma, afinal tão próximo do dele. Com mais um pouco seu rosto se iluminou e ele: *portugués, lo he visto!* Aí, já estávamos amigos.

Contou-nos que era pedreiro, prestes a se aposentar, e que já havia trabalhado em *misiones internacionales* na África, em Moçambique e Angola, onde aprendera um pouco do português. Mas gostaria de

ter aprendido mais, para melhor conversar com estes dois brasileiros, que honravam o país com sua visita.

Tinha algumas informações sobre o Brasil, não sobre futebol, que não era a sua praia – e nem da maioria dos cubanos, diga-se de passagem. Mas em matéria de música, tinha boas informações: seus ídolos, confessados com entusiasmo, eram Roberto Carlos e Nelson Ned... Lembrava-se também daquela *guapa muchacha*, que usa saias aqui (apontando o meio das coxas) e tinha um longo cabelo *rojo* e encaracolado. Elba Ramalho! acudimos – e seus olhos brilharam mais uma vez. E nos brindou, num português até aceitável, cantarolando o refrão: *oi tum tum tum, bate coração...*

Falamos de tudo um pouco, menos de política, o que poderia não ser de bom tom. Falou dos filhos, da mulher e nós contamos das nossas crianças, cujo nome ele até quis saber. Falamos do tempo, do calor que fazia – antigamente não era assim – ele comentou. O capítulo das comidas, quase se transforma num tratado de gastronomia comparativa intercultural. Muito agradável o tal sujeito.

Lá pelas tantas, o pudor foi vencido e resolvemos arriscar: o que você acha de Fidel? Gosta dele?

Ele nos olhou sério, muito sério. Pensei: pronto, desandou a conversa... Antes que me arrependesse de vez de tal indagação, talvez capciosa, ele completou, ainda sério e já meio emocionado, em palavras que tentarei reproduzir em espanhol, por terem se fixado em minha memória, estando ainda presentes trinta e tantos anos depois.

- *Amigo, Yo vendia mi fuerza de trabajo em los cañaverales. Ahora, tengo empleo, comida, casa. Mis hijos van a la universidad. Y usted pregunta se me gusta Fidel?*

Pano rápido. A *guagua* já chegava e ele iria tomar outra direção.

EPÍLOGO: É O FIM DA HISTÓRIA?

Minha história acabou? Por certo que não. Até este final de maio de 2021 em que escrevo estas linhas, ela continua firme e forte. E pretendo que se prolongue.

Mas devo dizer que, por muito tempo, achei a chegada aos 70 anos suficiente para mim, dadas as minhas condições de diabético e pessoa pouco afeita aos esportes. Não levei em conta o fator genético, entretanto. Meu pai continua vivo aos 102 anos, relativamente bem e minha mãe, com 93, parece apetrechada, apesar de sua fragilidade, a ainda viver por um bom tempo. Mas esta história de eu aspirar chegar apenas aos 70 aconteceu antes de eu conhecer Flavinho e Sophia e também Francisco, Martim e Gonçalo – e isso veio a fazer toda diferença.

Hoje quero mais, bem mais. Mas também quero dignidade e autonomia, além de qualidade de vida, embora tenha dúvidas de que seja possível acumular tudo isso.

A esta altura dos acontecimentos, vivendo ou não mais uma década ou duas – não importa – algumas perguntas certamente se impõem a quem chega a tal etapa da vida: valeu a pena? Fez o que pôde? Não poderia ter feito mais? Deixou amigos verdadeiros? As pessoas terão de você mais as boas do que as más lembranças?

De certa forma, ter escrito tudo isso que aqui se encerra representa uma tentativa de me justificar perante um interrogatório em um suposto tribunal. Ou sendo menos dramático: um depoimento perante amigos. Mas antes há outra pergunta mais forte do que todas as que estão acima, impertinente esta: alguém vai se lembrar de mim? Pode ser que nem se reúna tal tribunal ou plateia para me ouvir.

Mas o certo é que vivi e confessei aqui as minhas vitórias e alegrias, não deixando de incluir alguns pecados menores também. Os grandes pecados certamente embarcarão comigo, secretamente, rumo ao incógnito.

Assim, fazendo um balanço de minha vida, vejo que posso valorizar alguns aspectos dela, os quais, se não respondem às perguntas que fiz acima, certamente ajudam a esclarecer respostas a estas e outras questões que nem consegui formular ainda. Que tal pensar então, nestas palavras finais, em quais foram as pessoas que mais tiveram significado para mim, os acontecimentos mais marcantes em minha vida e também aquilo que realmente tenha significado boas realizações para o coletivo que eu tenha feito ou participado?

A lista das pessoas marcantes começa, sem dúvida, por meu avô Altivo. Não sei se ele representa para os demais netos, os que o conheceram pelo menos, o mesmo que para mim. Afinal eu era o primeiro da linha e certamente fui beneficiário de carinho e atenção que não chegaram a ser distribuídos aos restantes. Natural, isso. Mas vovô Altivo foi para mim não só um membro da família presente e carinhoso, mas também uma pessoa que me despertava respeito e admiração, nos seus afazeres de chacareiro, botânico amador, intelectual, humanista, patriarca e isso ainda me acompanha, aliás.

Dentro da família a lista continua em meus tios Virgílio e Roberto. Como dizia este último, devo-lhes finezas. Para resumir em uma só ideia: me trataram como adultos e iguais desde que eu era pouco mais do que uma criança. Roberto foi presença marcante em minha vida até seu falecimento, em 2006.

Mas atenção, nos dois ramos das famílias de que faço parte, existem outras pessoas importantes e influentes sobre minha personalidade. Mas aqui cito apenas aquelas no topo da pirâmide.

Fora da família: José Garcia Brandão e sua filha, Maria Helena. Com o primeiro tive uma amizade de que sempre me orgulhei muito, tendo ele me dedicado não só atenção como compartilhado lições de vida, de uma forma que eu sinceramente gostaria de ter aproveitado mais. A segunda me ensinou coisas como ninguém, em termos de vida e de trabalho. Com ela estaria completando no presente mo-

mento, não fosse a indesejada das gentes tê-la roubado de mim, 41 anos de amizade.

Eliane. O fato de ele ser a pessoa mais citada no índice remissivo destas Memórias já diz bem da importância que ela teve e continua tendo em minha vida. Ela não é só a mãe de Daniela, Mauricio e Fernanda. É uma das pessoas mais inteligentes e perspicazes que já conheci. Seus defeitos são irrelevantes perto de suas qualidades.

Luiza de Paiva Silva. Com ela tive um ápice de vida amorosa que poucas pessoas no mundo talvez tenham experimentado. Infelizmente deixei perder. Precisava de um Goethe para narrar um amor como este. Luiza é a prova de que beleza, inteligência, cultura, sensibilidade podem andar juntas.

Mauro Márcio de Oliveira. Um cara que enche os baldios de sua fazenda com poemas impressos em posters imensos. Preciso dizer mais alguma coisa? Amigo desde e para sempre, não canso de ter insights e epifanias inspirados por ele.

Zaire Rezende, numa só palavra, não precisa fazer força para ser bom. Político fracassado? Jamais! Apenas derrotado por excesso de qualidades.

Flavinho, de repente deste meu filho mais novo mais velho me sai esta figura sagaz, inteligente, estudiosa, curiosa, sensível, acolhedora. Ele, junto com sua irmã Sophia, me protegem dia e noite! Agora estou me preparando para inverter papéis com eles: serei mais filho do que pai, tanto que eles me cuidam na velhice que avança.

Acontecimentos, não foram poucos, claro, afinal quase são 73 anos de vida. Mas importantes mesmo foram: meu comparecimento à inauguração de Brasília em 1960; minha opção para o Colégio Universitário em 1966, deixando para trás a verdadeira zona de conforto do Colégio Estadual; minha bolsa de estudos nos States, em 1970; minha opção, junto com Eliane, de deixarmos outra zona de conforto, em BH, para ir para o Oeste, para o interior, em 1974; ter sodo Secretário Municipal de Saúde em Uberlândia, em 1983 e depois em 2003; a opção por morar em Brasília, em 1991; minha

participação, hoje meio esquecida, no Movimento Municipalista de Saúde nos anos 80; a construção de minha casa “definitiva” nas Taboquinhas, 2010-11; além, é claro – e principalmente – do nascimento de cada um dos meus cinco filhos, Daniela (1974); Mauricio e Fernanda (1976); Flavinho (2003) e Sophia (2006).

Mas o que produzi de importante, em termos de, digamos, alcance social ao longo de minha vida? Não se trata de modéstia, foram poucas coisas mesmo. Mas em três delas ninguém me tira o orgulho de ter participado, diretamente, com muita crença e afinco. Primeiro, o tal movimento municipalista, no qual ajudei a fundar duas entidades hoje da maior relevância na política de saúde no Brasil, os Conselhos de Secretários Municipais de Saúde de MG e Nacional (Conasems). Tem também o estágio dos alunos de Medicina da UnB em Ceres, depois de três décadas de afastamento da Faculdade deste tipo de atividade, lá encontrando a pessoa certa para viabilizá-lo, meu amigo Vitor Machado (que também pode ser incluído entre aquelas pessoas notáveis citadas alguns parágrafos acima). Por último a criação e a operação do blog Saúde no DF, cujo slogan é A Saúde no Distrito Federal tem jeito! no qual, em três anos ininterruptos de funcionamento, já botei para circular quase 250 matérias, todas de minha autoria. Só não me perguntem pela real repercussão e influência disso na política de saúde desta cidade. Um dia, quem sabe...

E assim encerro. Obrigado a todos que trouxeram a leitura até aqui e mesmo aos que apenas leram este Epílogo, o que já me honra muito.

FIM?

Índice remissivo

Adib Jatene	Antonio Carlos Cezario
Adolfo Chorny	Antonio Carlos Miziara
Affonso Romano de Santana	Antonio Celso de Melo Chiari
Agenor Mafra	Arnaldo Cathoud
Agenor (Colégio Estadual)	Arnaldo Godoy de Sousa
Agnaldo Peres	Atheneia
Agnelo Goulart	Aucelia Goulart
Aida Portugal	Augusta Rosa Gonçalves
Ajax Ferreira	Aurea Goulart Veloso
Alceni Guerra	Aureslindo Machado
Alcides Alves Pimenta	Aymoré da Barroca
Alexandre Rezende	Benedito Guilherme de Macedo
Alexsander Azevedo	Betânia Queiroz Andrade
Alfredo Demétrio Jorge	Bogó da Barroca
Alfredo Froes (Pai)	Bruno Carlos Almeida Cunha
Alfredo Silva	Caio Moreira
Aloisio Pimenta	Calil Porto
Amaro Luiz Alves	Carlo Américo Fattini
Amaury Ferreira	Carlo Goretti Zanetti
Ana Lucia Magalhães Pinto	Carlos Catão Prates Loyola
Ana Maria Costa	Carlos de Paula Andrade
Ana Mazur Spira	Carlos Diniz
André Jacobina	Carlos Drummond de Andrade
André Mendonça	Carlos Gentile de Mello
Angelita Andrade Almeida Cunha	Carlos Vaz de Melo (Padre)
Antonio (Totô) Machado	Carmen Araujo
Antonio Candido de Melo Carvalho	Carmen Lavras

Carmen Lucia Soares Azevedo
 Célia Guerra
 Celio (Colega)
 Célio de Castro
 Cesar Augusto Barros Vieira
 Christiane Moreli Machado
 Cícida Andrade Froes
 Cid Veloso
 Cidinha Pimenta
 Clara Andrade Coscarelli
 Clara Grimaldi
 Claudia Andrade Goulart
 Claudia Lucia Carneiro de Matos
 Cristiano Andrade Teixeira
 Cristina Moorri Andrade
 Curuca
 Dalton Luiz Ferreira Alves
 Dalton Mario Hamilton
 Daniela Guimarães Goulart
 Danilo Coscarelli
 Dario Passos
 Davi Capistrano
 Debora Coscarelli
 Dilma Rouseff
 Dirce Goulart
 Dirceu Wagner Carvalho Souza
 Dolores Dutra de Moraes
 Dom Antonio Santos Cabral
 Dom Estêvão Cardoso Avelar

Dom Mauro Moreli
 Domingos Rade
 Dôra (São Gonçalo do Rio Preto)
 Duilio Oliveira Santos
 Durval Garcia
 Edgar Goulart
 Edipo Monteiro
 Edmilson Caminha
 Eduardo Azeredo
 Eduardo Costa
 Eduardo Levcovitz – Dadá
 Eduardo Pinheiro Guerra
 Eliane Machado Guimarães
 Eleonor Conill
 Elizabeth Borges Rodrigues
 Elke Maravilha
 Elmira Alfradique
 Ely da Conceição
 Eneas Faleiros
 Ennius Marcus Oliveira Santos
 Erix Curi Maфра
 Esther Alvarenga
 Eteoces Brandão Monteiro
 Eugenio Marcos de Andrade Goulart
 Eugenio Vilaça Mendes
 Evando Queiroz
 Evandro Guimarães de Souza
 Família Alves Do Valle

Família Barroca Marinho
 Família Castilho Santos
 Favita
 Fernanda Guimarães Goulart
 Fernando Figueiredo Goulart
 Fernando Pimentel
 Fernando Sabino
 Flavio Moreli Goulart
 Francelina Pires
 Francisco Assis Machado – Chicão
 Francisco Goulart Monteiro
 Gastão Wagner
 Geraldo Magela (Advogado)
 Geraldo Veloso (Pai)
 Germana Machado
 Getulio Morato
 Gigliola Mendes
 Gilberto da Nobrega
 Schwantes
 Gilles Dussault
 Gilson Carvalho
 Gladstone Rodrigues da Cunha
 Gladstone Rodrigues da Cunha Filho
 Glaucia Galante Buissa
 Glaucia Lanna
 Gonçalo Goulart Rezende
 Haroldo Ferreira
 Helcio Lins Werneck

Helenita Travaglia
 Helio Teixeira
 Henriqueta Camarotti
 Heraldo Santos Andrade
 Hésio Cordeiro
 Hilton Rocha
 Hiron de Oliveira Santos
 Homero Santos
 Humberto Werneck
 Ilvio Andrade
 Inés de Castro
 Iris Ferrari
 Ismael Ferreira de Rezende
 Israel Pinheiro
 Jamil Haddad
 Jansen Cunha Lima
 Jayme Araujo Oliveira
 Jayme Neves
 Jerônimo Fogueteiro
 João Amilcar Salgado
 João Batista Domingues
 João Carlos Pinto Dias
 João De Queiroz Andrade
 Joao Ferreira Goulart
 João Luiz Monteiro
 João Mauricio de Andrade Goulart
 João Pedro Gustin
 João Roberto Piass
 João Virgilino
 Joaquim Cardoso de Melo

Joaquim Carlos Machado
 Joaquim Fonseca Guimarães
 Joaquim Machado
 Jofran Frejat
 Jorge Machado Guimarães
 José Carlos (Secretário)
 José da Silva Guedes
 José de Oliveira Campos
 José Drummond de Andrade
 José Eri Medeiros
 José Eugênio Diniz Bastos
 José Eustáquio Bretas
 José Garcia Brandão
 José Gomes Temporão
 José Joaquim Goulart (Juca)
 José Marcos Dummond
 Andrade
 José Maria Borges
 José Maria Cançado
 José Maria Ribeiro Bastos
 Filho
 José Murilo R. Zeitune
 José Olympio Freitas Azevedo
 José Osmano – Zé Lapicho
 José Pereira de Rezende
 José Reinaldo
 José Saraiva Felipe
 José Teubner Ferreira – Zecão
 José Virgílio Mineiro
 Josué Irffi

Julieta Augusta Drummond
 Andrade
 Julio Muller Neto
 Juscelino Kubistcheck
 Karsten Montag
 Kleber Luiz da Silva
 Lauro Goulart
 Lecio Veloso
 Leonardo Diniz
 Leta Pimenta
 Lia Ribeiro Dias
 Ligia Santos Cathoud
 Lindioneza Adriano Ribeiro
 Lise Gravel
 Lourdinha Garcia
 Lucas Carvalho
 Lucia Figueiredo Horta
 Lucia Foscarini
 Lucineia Moreli Machado
 Lucy Moreli Machado
 Luiz Alberto Rodrigues
 Luiz Carlos Lemos Prata
 Luiz Otávio Savassi Rocha
 Luiz Siqueira Filho
 Luiza de Paiva Silva
 Lulu Bretas
 Macrino
 Maira Figueiredo Goulart
 Manoel Teixeira de Sousa
 Marcela Guedes
 Marcos de Oliveira Santos

Marcos Goulart
 Marcos Queiroz Andrade
 Marcus Mares Guia
 Maria Alves Ribeiro
 Maria Cecilia de Sousa
 Minayo
 Maria da Consolação Santos
 Maria Helena Brandão
 Oliveira
 Maria José
 Maria Machado (Maria do
 Juca)
 Maria Machado Guimarães
 Maria Nazaré Abreu Oliveira
 Marilena Moreli Machado
 Marina Narciso
 Marina Umbelina
 Mario Alves Coutinho
 Marita Guerra de Andrade
 Mariza Guerra de Andrade
 Martim Goulart Rezende
 Mateus Queiroz Andrade
 Mauricio Guimarães Goulart
 Mauro Marcio De Oliveira
 Melicégenes Ribeiro
 Ambrósio
 Messias da Barroca
 Michele Lessa Oliveira
 Miguel Tannus Jorge
 Miron de Menezes
 Monica Kaut

Mourad Ibrahim Belaciano
 Mozart de Abreu Lima
 Myriam Goulart Oliveira
 Narciso José de Melo Teixeira
 Neidinha Monteiro
 Nelson Rodrigues dos Santos –
 Nelsão
 Nilson Figueiredo Filho
 Nina Castilho Santos
 Nina Fonseca
 Niza Luz
 Olinto Travaglia
 Oscar Versiani Caldeira
 Oswaldo Costa
 Otto Kaut Teixeira
 Paracatu da Barroca
 Patricia Tavares
 Paulo Dantas
 Paulo Ernesto
 Paulo Kleber Avelar Araujo
 Paulus Cicero Horta Pessoa
 Pedro Augusto Drummond
 Graña
 Pedro Brandão Oliveira
 Pedro Donati do Prado
 Pedro Guerra (Tio)
 Pedro Luiz Tauil
 Pedro Sampaio Guerra
 Publio Oliveira Santos
 Raduan Nassar
 Ramon Cosenza

Raquel Assad	Sophia Moreli Goulart
Reginaldo Hollanda De Albuquerque	Sueli Nozela
Renato Patrão	Sylvia Montag
Renato Sologuren Achá	Tania Rosa
Ricardo Borges	Tavito de Melo Carvalho
Ricardo de Freitas Scotti	Teresa Julieta Santos Andrade
Ricardo Santos Andrade	Terezinha de Queiroz Andrade
Roberto Menezes de Oliveira	Tiago Veloso
Roberto Rezende	Uiles Rosa
Roberto Santos Andrade	Vanize Macedo
Rogério Ferreira	Vilmar Dias da Silva
Romulo Paes	Virgilio Santos Andrade
Ronan Tito de Almeida	Virgínia Bastos
Rosali Bezerra de Siqueira	Vitor Machado
Rosângela Guerra de Andrade	Vovô Altivo
Rosani Evangelista Cunha	Vovó Dodora
Roseli Muniz	Vovó Ermelinda
Roseni Chompré	Vovó Terezinha
Rosuita Fratari Bonito	Vovô Zezé
Rubens Galvão	Waldemar (Barbeiro)
Rubens Romanelli	Waldir Arcoverde
Salim Tannus	Waldir Goulart
Samoel de Castro	Walter Sidney da Matta Ribeiro
Sandra Pires	Willer Goulart
Sãozinha Guerra	Zaire Rezende
Saulo da Matta Viana Barbosa	Zezé Polessa
Sérgio Arouca	Zulmira Hartz
Sergio Machado Guimarães	
Simone Ardenghi Coelho	
Sonia Terra	

experiência pelos médicos. Quando
podem demonstrar sabedoria e,
principalmente, exibir uma tra-
dição profissional baseada pela
experiência, influem o peito e de-
monstram uma fase madura. A
minha conclusão...

Não nos deixemos enganar, vamos
refletir os dias. Neste Haver
por exemplo, sentença que este é
um termo que tem aplicação ve-
lhos de ética, de religião e
de teologia, o que nos faz sus-
tar que talvez os doutores a tenham
usado e tal palavra sem as de-
vidas licenças. Assim, vejo a seguir
definição por "sua expressão prin-
cipal" exame num uso de co-
mportamentos e ~~estados~~^{em} que se
apresentam alguns nomes, mas não
a contraposição entre ~~os~~ refos

Preciso pelo modo, quando
 me chamarem para trabalhar,
 eu apelo, estou me ha
 dando profissionalmente para
 experiência, estou a pedir a de
 melhorar uma fase importante
 minha carreira...